

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS (CECH)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGE)
DOUTORADO**

DOUGLAS TOMÁCIO LOPES MONTEIRO

DOCENTES SUICIDADOS: do professorar lúgubre à vida (im)possível

**SÃO CARLOS - SP
2025**

DOUGLAS TOMÁCIO LOPES MONTEIRO

DOCENTES SUICIDADOS: do professorar lúgubre à vida (im)possível

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), do Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH), da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), como requisito parcial para a obtenção de título de Doutor em Educação, sob a orientação do Prof. Dr. Eduardo Pinto e Silva.

**SÃO CARLOS – SP
2025**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Educação

Folha de Aprovação

Defesa de Tese de Doutorado do candidato Douglas Tomácio Lopes Monteiro, realizada em 12/12/2025.

Comissão Julgadora:

Prof. Dr. Eduardo Pinto e Silva (UFSCar)

Prof. Dr. José Roberto Montes Heloani (UNICAMP)

Prof. Dr. Thiago Bloss de Araújo (UNINOVE)

Profa. Dra. Taís Bleicher (UFSCar)

Profa. Dra. Lêda Gonçalves de Freitas (UCB)

Profa. Dra. Denise Silva Vilela (UFSCar)



Documento assinado digitalmente

EDUARDO PINTO E SILVA

Data: 03/02/2026 21:27:05-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

*Aos que professoram entre vidas
trabalhadoras (im)possíveis.*

SUSTENTOS

Há dez anos, aproximadamente, deparei-me com enredo singular. Ali, já adepto às escritas em literatos caminhos, disse da mochila que “xiava” e que, nisso, convidava a terras de encantos ancestrais e em quês mitológicos.

Hoje, sem perder o enredo que anos atrás descrevi (e que tanto ainda a mim descreve), opto pelo dizer em tentativa síntese precisa. Sinceramente, acredito mais na síntese que na precisão. Seja como for, assim como lá foi, o que aqui se tem é intento em honestidade e gratidão profundas. Amor de quem, em fortuna amor suportado, sabe-se alguma coisa em função desse “nós”.

Obrigado:

À mãe, sustento de sempre e razão maior.

À Sarah e Ramon, heróis de vida irmanada e sorrisos seguros.

Ao Preto, que, no empretecido suporte amor, abraçou companheira jornada.

Aos colegas todos da UEMG, lugar de crescimento e luta coletiva que tanto forja. Em especial, àqueles que nela assumem feição “panela” e “gourmet” enredos, cozendo amores em amizade fortuna inimaginada.

À Andrea, amiga de labutas professorais e que, atravessando-as, fez-se casa.

Ao Daniel, Érika e Jéssica, pelo afago da amizade em colo sustento.

Ao Cris, presente acontecimento que, também em “arte hoje”, ensinou que o amanhã será bonito.

...

Aos entrevistad@s nesta pesquisa, pela corajosa e solidária partilha de si e dos seus.

Ao Eduardo, mestre orientador que, inclusive a despeito de mim, em boniteza traçou e traça.

À banca, pela gentileza da acolhida e troca em aprendizagens.

Aos discentes e docentes, imprescindíveis nestas passadas professorais todas.

Em minha imprecisão, que fique ao menos a certeza da gratidão amorosa que move.

Obrigado.

RESUMO

É na coragem da resposta temida que nasce a vida. Mas a outra. Desta, fica o fazer desfeito em significado vital. Como abrigo, o seguir que de nós despede e assina o desfecho de sina sob a qual estiveram docências e, sim, seus docentes, agora abrigados, já mortos. E nisso, no horror que queremos afastar, está a pesquisa voltada aos sujeitos suicidados docentes que nas universidades públicas e privadas brasileiras construíram seu fazer, até que não mais o fizeram. Trata-se de um empreendimento que, tocando esses sujeitos em sua subjetividade, enseja dialogar com as condições de trabalho que os encerraram e que teriam sido estruturas ao fomento de autoextermínio. É pesquisa qualitativa que, atenta a um universo quantitativo crescente, pretendeu pensar as condições de trabalho docente, em múltiplas possibilidades. Para tanto, apoiando-se em pesquisa bibliográfica referencial, consigo trouxe a discussão a partir de uma suicidologia crítica, tendo em vista a mirada que oferta ela quanto ao suicídio, entendido como fenômeno histórico e fruto de uma totalidade social que calcada está na violência, fator primeiro de sua determinação. É aposta em que destacamos a dialética da relação entre saúde do indivíduo, sociedade e a dimensão ético-política do sofrimento desse humano professor padecente. Nesse caminhar, nos voltamos à pesquisa exploratória, de campo, com entrevistas semiestruturadas junto a familiares e/ou colegas de trabalho de docentes que se autoexterminaram. Enfim, é pesquisa que consigo traz mais uma mirada, talvez menos quista e habitual, dos significados de ser e estar docente no contexto educativo brasileiro. É morte que, abrigando, oferece a nós, desavisados, outros abrigos vitais, destes que se pode suportar.

Palavras-chave: Suicídio, Docência no Ensino Superior, Trabalho precarizado.

ABSTRACT

It is in the courage of the feared response that life is born. But the other. This leaves the doing undone in vital meaning. As a shelter, the following that bids us farewell and signs the outcome of the fate that teachings and, yes, their teachers were under, now sheltered, already dead. And in this, in the horror that we want to remove, is the research focused on suicidal teaching subjects who in Brazilian public and private universities built their work, until they no longer did so. This is an undertaking that, touching these subjects in their subjectivity, offers the opportunity to dialogue with the working conditions that confined them and that would have been structures for promoting self-extermination. It is qualitative research that, attentive to a growing quantitative universe, intended to think about teaching working conditions, in multiple possibilities. To this end, relying on referential bibliographical research, I bring the discussion from a critical suicidology, taking into account the view it offers regarding suicide, understood as a historical phenomenon and the result of a social totality that is based on violence, primary factor in its determination. It is a bet in which we highlight the dialectic of the relationship between individual health, society and the ethical-political dimension of the suffering of this human suffering teacher. Along this path, we turned to exploratory, field research, with semi-structured interviews with family members and/or co-workers of teachers who self-exterminated. Ultimately, this is research that brings yet another look, perhaps less popular and usual, at the meanings of being a teacher in the Brazilian educational context. It is death that, by providing shelter, offers us, the unsuspecting, other vital shelters, the kind that can be endured.

Keywords: Suicide, Teaching in Higher Education, Precarious work.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 Dos intentos: os objetivos que nos movem, a pesquisa em dor professoral que se reconhece	13
1.2 Suicídio: daquilo que não se nomina, diz e pesquisa - silêncios em torno de um conceito	15
1.2.1 As primeiras impressões são também as últimas.....	15
1.2.2 De um modo de morrer a um modo de matar: o erigir de um paradigma que a nós toma.....	21
1.2.3 Dos tempos nossos tão cheios de ontem.....	30
2 DA VIDA QUE NOS ESCAPA: trabalho como lugar de morte.....	44
2.1 No lúgubre professorar: docências em labor morte.....	62
2.2.1 No câmpus minado	72
3 SEGUINDO PARA ALÉM DAS PISTAS: um pouco mais dos caminhos aqui almejados	78
3.1 Anseios que faziam metodologias	81
4 E A MÁQUINA PAROU... FOI PARADA... MÁQUINA?	89
4.1 Na métrica 1.....	91
4.1.1 Um pouco antes e mais.....	93
4.2 Eu sou um tumor.....	95
4.2.1 O tumor, os sujeitos e as relações em metástase... ..	98
4.2.2 Amarelos sorrisos na putaria... ..	100
4.2.3 “Adoecências”... ..	104
4.2.4 Aromas, enredos e cambaleios... ..	107
4.2.4.1 Mas e ontem? A saída.....	111
4.3 Desconfio do verniz em meus dedos.....	114
5 TAEDIUM VITAE	121
5.1 Na métrica 2.....	121
5.2 Evoé.....	123
5.2.1 O venerado desconhecido e as mascaradas relações.....	124
5.2.2 A loucura escalonada, o buraco que engole	127
5.2.3 Sonho em teatralização.....	134
5.2.4 Correr-se, ler-se e escrever-se, abrir-se... ..	137
5.2.4.1 Correr-se.....	138
5.2.4.2 Ler-se e escrever-se.....	139
5.2.4.3 Abrir-se.....	144
5.2.5 Quebre a perna!.....	147
5.2.5.1 Se fecham as cortinas.....	147
5.2.6 Em espetáculo vida: o ator antes da máscara	152
6 A MÚSICA ACABOU	156
6.1 Na métrica 3.....	156
6.2 A mulher.....	158

6.2.1 Jogando no bosteiro, construindo quilombos.....	159
6.2.2 A Máquina de moer gente.....	163
6.2.3 Aquilombamentos e bagunças: docência e seus sentidos na máquina que continua a moer.....	169
6.2.3.1 Da Educação Distanciada.....	173
6.2.4 A fome de vida ordenada.....	178
6.2.4.1 Cama.....	182
7 OS TRÊS SÃO MUITOS: ziguezagueando coadjuvâncias em bosteiros.....	185
7.1 Na falsa terra de plástico, o gosto de coisa real: ele, ele e ela, nós, com a cornucópia em mãos.	218
8 CONSIDERAÇÕES EM QUÊS DE ANÁFORAS E APOSTOS MENOS: um pré à forma vindoura e que sempre tomou.....	224
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	231
REFERÊNCIAS	238

1 INTRODUÇÃO

...sabe onde “tá” a corda?

- No paiol.
- Pega lá pra mim... não, pode deixar. Eu pego.
- Tio, eu pego pra você (disse a prima do menino).
- Pode ir lá brincar, eu pego.
- Tá a gente vai nadar, então.

...

- Vamos chupar laranja?

...

Nunca chupamos. Nunca mais chupamos laranja naquele pé.

Às frutas, somava-se a imagem do corpo do tio querido. Aquele que, de algum modo querendo, buscou a corda, dela fez cordão envolto, e lançou-se no voo seu. A nós, um voo sob a compreensão infantil dos 08 e 09 anos de idade. O tio comunicava, ensinava algo que, até então, nunca nos havia sido mostrado.

... 1999 – Instituto Municipal de Administração e Ciências Contábeis (Colégio IMACO)

- O sinal vai bater, corre!
- A gente não pode atrasar, senão vou tomar ocorrência.
- Peraí...
- Nossa! Ai, meu deus!

A corda foi novamente a escolha. O corpo, pendurado, imóvel, a nós movia sob dor por compreender. Que história ali estava? Que outra haveria dali em diante?

A aula de educação física, que nas pistas do parque também ocorria, naquela quarta-feira não aconteceu. O silêncio absoluto (não dos estudantes entre si) tomou o dia e, como em qualquer outro, nos educamos “para aquilo que importava”, que não a vida.

Foram 4 anos depois, agora não mais em laranjeira, palmeira. Agora não mais 08, 12 anos. Da roça ao cartão postal das Minas ditas centrais: Parque Municipal Américo Renné

Gianneti¹, onde localizava-se o maior colégio da rede municipal de Belo Horizonte (IMACO), do qual eu e tantos mil contemporâneos fomos alunos.

E um dia na Andradas (avenida que margeia o parque). E outro na rodoviária. E outro na, no, em...e outro, outros. Esses outros tantos continuaram a proximamente aparecer, nos distintos contextos e enredos vários: da criança sobrinho; do estudante adolescente desconhecido; do sujeito que ouvia; do professor do educando amigo, em médios cenários: “os justos herdarão o reino dos céus”, dizia o bilhete, com quê de alguma esperança divinal e benevolente, nas mãos do já morto aluno. Moço franzino, crítico, singular pensador que sonhava os trilhos em filosofia para também mestre ser. As cartas suas permanecem.

No doloroso encontro de despedida daquele que singularmente pensava, nada se podia dizer. Especialmente em enredos de colégio cristão. A benevolência esperançosa do bilhete é, quando muito, possível apenas aos deuses (parece-me que nem todos). Aos fiéis cabe o papel mais comum: estigmatização, patologização, sepulcral silêncio condenador.

O professor do menino, continuava a professorar e, ainda sem tanto verdadeiramente perceber, atravessado era: outros vinham. Anúncios chegavam ao professor pesquisador surpreso; ao colega de trabalho que conforta a amiga professora a despedir-se do também docente marido; do professor em ditos superiores contextos: lá estava ela novamente, a corda envolta ao pescoço da aluna professora. A querida risonha, parece, sem rir partiu. E, partindo-nos, disse o que em vida não percebemos.

Partiu ela do mesmo modo que a professora colega de universidade, aquela de unidade outra, e da qual o sorriso não se esquece. Aquele não esquecido, entretanto, parecia demasiado espaçado para que pudesse ela permanecer. Meu lugar de sonho laboral, cada vez menos idílico, era para ela já realidade dura. E assim tem sido a nós.

Na verdade, nunca havia me dado conta de como o suicídio me atravessava. Atravessa. Não sei se tal desaviso, ainda que não intencionalmente, tenha se feito por relegá-lo ao lugar “socialmente devido”: tabu. Talvez o seja.

¹ Com área de 180.000 m², trata-se de importante parque localizado no centro da cidade de Belo Horizonte.

Fato é que, paulatinamente, a compaixão silenciosa que no máximo permite o tangenciar fez-se ação mais robusta. Ousou-se mirada, atenção, busca efetiva por tentar compreender. Tomou corpo, forjou-se pesquisa e, nela, estou cá como quem lança-se ao desafio inédito.

Um alguém que, enquanto escreve, melhor compreende atravessamentos, dos antigos aos novos e nesse movimento fica a perceber aqueles que, morrendo, consigo levaram também as razões, as histórias, os matizes das idas suas.

Mas, se muito levam, muito também deixam. Deixando-se, deixam-nos anúncios, dizeres, vida e visceralidade. Mais ou menos palpável, mais ou menos possível. Mas mais possível que as vidas suas na realidade que a eles “suicidam”. E, assim, o sujeito que “nada pôde”, pôde, enfim, tecer o dia, a hora, a forma. Saboreou, ainda que sob pinceladas finais e lúgubres, a vida. Brindou o ato de tecê-la como quem pode com ela dialogar na condição de construtor, significando-a, enchendo-a de um si que, em alguma medida, ele nunca antes foi.²

Mas se não foi, não o foi por alguma razão. Algumas muitas razões, talvez. Estas podem e devem ser analisadas, como que apontando para aquilo que muito deixaram ao ir; mesmo que tanto tenham levado (inclusive a si mesmos). O que teria sido essa vida? Ou essa não vida em vida? Que vida é essa apenas possível quando sonhada em vivida ser sob contextos e planos outros, ainda que sequer sabidos de fato? Por que esta não sabida desejada é, ao passo que a experienciada, em contraponto, de desejosa parece apenas ter o fim seu?

Em um rápido perscrutar da vida de um que aqui em exercício-escrita está, muitas outras vidas se apresentaram. Trazidas à cena, mostraram-se presentes e o fizeram também por e a partir de suas volitivas mortes. “Suicidadas”, denunciaram o viver nas fases tantas de

² Na busca de melhor fazer-me entender, importa assinalar: o dito aqui se faz na compreensão do ato como direito, como denúncia posta e desgostosa ao paladar furtivo que temos, tal qual propõe, por exemplo, Berenchein (2011). Trata-se do necessário reconhecimento do ato, em oposição ao seu escamoteamento, ao seu ignorar que apenas reforça o horror societário a que nos acostumamos. É dizer do sujeito em ato que fere quem machucado já está (a si), que faz da vítima algoz em ação. Esta, autodestrutiva, aponta também para a tentativa de vida, de liberdade da pessoa que “morta concreta ou existencialmente” faz a “denúncia de sofrimento” (Fukumitsu, 2018, p. 107).

quem ainda vivo escreve. Sob contextos variados, e feições que assumiam a multiplicidade, algo em comum pautaram: a vida pode não vida ser (se não em tempo todo, em proporção suficientemente forte para fazê-la findar). E, não sendo, é melhor que a morte vida me seja. E assim o foi.

Foram. São. Presentes, inúmeras, sob tantas feições de si e de um espaço-tempo. Se avolumam e pouco ou nada sabemos. Mas preciso é saber. Sabendo, aquilo que hoje nos escapa (por exemplo, a vida) pode assumir faceta outra. Redesenhando enredos e possibilidades, achando tons para além do também homicida tabu.

Redesenhemos, então. Façamos junto àqueles sujeitos que, não estando, nos aparecem e permanecem de modos outros. Por tantos serem, busquemos um primeiro universo tatear, em diálogo com boa parte da história precedente assinalada: o universo professoral. Docentes que em e por suas docências possam algo nos dizer, sobre o trabalho seu e sobre si mesmos; apontando para alguns sentidos, menos quistos que os habituais, de no Brasil professor ser.

1.1 Dos intentos: os objetivos que nos movem, a pesquisa em dor professoral que se reconhece

*Quero poder imaginar a vida
como ela nunca foi,
e assim vivê-la vívida e perdida,
num sonho que nem dói.
- Fernando Pessoa.*

Distantes do indolor sonho, movidos estamos por um doído professorar. A vida como ela foi.

A vida docente não tão vívida e sempre achada é por vezes clausura, até que não mais prende. A prisão é desfeita por aquele que se desfez. E que, desfazendo-se, disse-nos da feitura horror docência. Nisso, no estarrecedor reconhecer, indagamos: o que leva professores ao horizonte de possibilidade apenas na morte? Dito de outro modo: que determinações no âmbito do trabalho fazem desejosa pelos docentes a ação de suicidar-se?

Em seus variados matizes, níveis e modalidades, é o espaço universitário aquele que, propondo o formar, pode desformar a vida de seu ator/atriz empreiteiro. Sem forma e reconhecer vital, deixa ele o vazio por vezes em busca da vida, daquela transgressora onde respirar não é fardo. Vai-se.

É buscando isso tatear que propomos, como objetivo geral, investigar no labor docente universitário, e nas condições em que este se enquadra, elementos estressores, violentos e múltiplos que levam o professor ao autoextermínio. Para tanto, algumas passadas mais específicas nos são necessárias, quais sejam: examinar os discursos de familiares e/ou colegas de trabalho de professores que autoexterminaram-se; discutir as condições laborais do espaço em que professoravam; confrontar os elementos da prática profissional fomentadores do suicídio em seu caráter intersubjetivo.

Os anseios aqui descritos se estruturam no sentido de à tona trazer discussão ainda hoje bastante incipiente no âmbito da produção científica no campo da Educação. Esta, ainda que tenha em seu bojo analítico a relação entre trabalho, docência e precarização, não estabelece como foco investigativo a relação entre essas esferas e a morte de si, enquanto ato docente volitivo.

Nesse sentido, quando da abordagem das determinações sociais no âmbito do trabalho e sua relação com o suicídio de docentes no ensino superior – que cotidianamente experienciam contextos de intensificação, extensificação e precarização do trabalho (Silva, 2020) – chamamos atenção para mais um dos tantos sentidos da docência brasileira, qual seja: a morte. Morte que, “autoimposta”, mirada é sob destaque sociológico, em exercício de desconstrução e reconstrução de paradigmas quanto aos significados, percepções e interpretações sobre o suicídio e mesmo sobre o trabalho docente.

Assim, o trabalho docente, bem como o sofrimento e os modos mortificantes de sua realização e subjetivação, são, pois, postos em cena, preenchendo lacunas do conhecimento na referida área do saber com vistas à produção científica que possibilite elucidar contextos que, embora crescentes, inserem-se ainda no silenciamento e/ou na redução simplista, evidenciada em processos de medicalização e patologização do sujeito (Lima e Navasconi, 2022; Araújo, 2022; Almeida, 2021).

1.2 Suicídio: daquilo que não se nomina, diz e pesquisa - silêncios em torno de um conceito

Minha alma está cansada de minha vida
- Fernando Pessoa

Eu vi vidas terminarem antes do fim, como também vi aquelas que se mantiveram e mantêm-se após terem sido há muito terminadas. Terminadas não pelos sujeitos que, na coragem, a elas renunciavam em momento que lhes soa necessário, mas pelo dissabor que delas tudo toma, inclusive a vivacidade. A vida que sendo não é. Ou que é apenas no não ser.

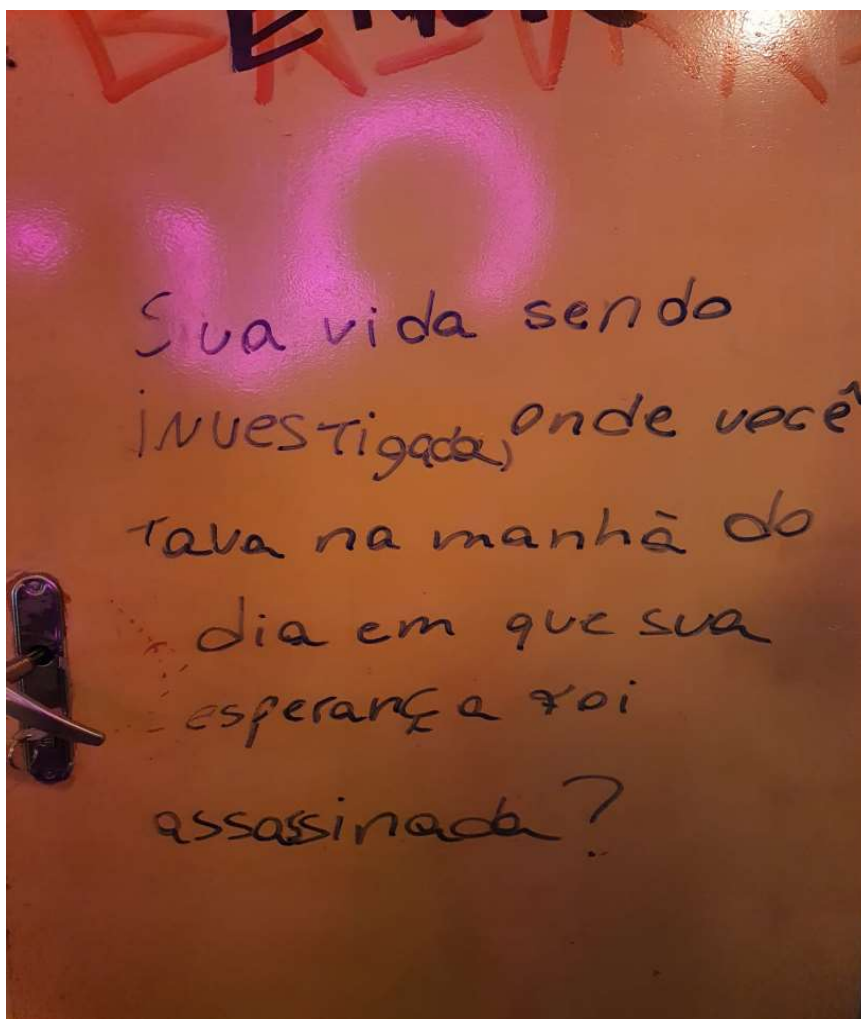
Longe de constituir-se singular, ainda que admita assinaturas da singularidade vivente, esse dissabor faz-se plural. Sob facetas várias, revela-se e mata e o faz há tempos. Parte dessa feitura, que será aqui mais adiante explorada, aponta para os dissabores laborais, quando trabalho se confunde (ou funde-se) em morte. Morte que professora e ensina; morte que, docente sendo, a docentes toma.

É nesse celeiro em que me encontro. Um alguém que tanto viu e vê e que, no desencontro vivido, acredita necessário ser falar dessa vida em sua face morte. Aquela que, retomando a epígrafe, sinaliza a alma já cansada da vida e que, portanto, parece sábio ser recusá-la. Falemos, pois, dela e nos atrevamos fazê-lo por meio do indizível: o suicídio.

Mas por que indizível? Se assim o tomamos³ (e se o fazemos com certa naturalidade), é porque compreensões acerca do suicídio estão já erigidas e internalizadas. Solidificaram-se a ponto de forjar nossas impressões primeiras, das quais, muitas vezes, jamais nos afastamos e com as quais, avidamente, miraremos aqueles que da vida, em ato volitivo, se desfizeram.

1.2.1 As primeiras impressões são também as últimas.

³ Importa destacar que o texto aqui construído, sempre em proposição de um diálogo com possível leitor, se dará no reconhecimento de uma primeira pessoa autoral que é também coletiva. Uma espécie de somatória de vozes e contribuições várias e que, por isso, se recusa ao singular, optando pela primeira pessoa mais bonita: aquela plural.



“A porta” (Foto acervo pessoal, 2023)

Era apenas uma ida ao banheiro. Nele, o dizer que a mim tomou e que aqui compartilho também em doses de pergunta: onde estávamos quando nossa esperança foi assassinada? Teria nossa esperança sido assassinada em algum momento? Em que grau? Qual a dimensão dessa morte e como ela nos teria tocado? Quanto da esperança vital nos restou após o mortal golpe? Estamos ainda vivos? E, se sim, de que vida falamos?

Para alguns, o supracitado grau atinge o âmago central vivente; de modo que a vida, tendo já ido, pouco ou nada representa. Neste caso, materializar o ocorrido parece ser uma demonstração daquilo que já se deu: o assassinato. Suicidados?

Na porta do banheiro público de um bar em Belo Horizonte, em dia que a esperança do professor confesso tinha sido especialmente golpeada, a pergunta parecia sinalizar algo: a esperança pode ser morta. E vida sem esperança pode não ser vida.

Alguns, ao suicidarem, nos dizem isso de modo bastante categórico, mas como recebemos tal comunicação? Como novos assassinos, prontos a novamente matar o já morto? Ou a problematizamos e fugimos das apressadas respostas, repletas de moralista discurso que no odioso também se forja?

Tais provocações são uma tentativa de sinalizar que vislumbrar o suicídio enquanto fenômeno requer investida acurada, sob revisita das percepções nossas tão cristalizadas, compreendendo-as e localizando-as ao largo da história. Exercício ao qual nos direcionaremos neste instante, sempre em diálogo com o tempo presente.

A proposição de investidura nos pretéritos tempos se dá, inclusive, como recusa ao lugar hegemônico hoje ofertado ao suicídio, dentre outras coisas, caracterizado por um discurso de avaliações individualistas, deterministas e psicopatologizantes; conforme destacam autores como Lima e Navasconi (2022), Barreto, Berenchtein Netto e Batista (2011), Marquetti (2018), Almeida (2021), dentre outros.

Nesse sentido, a mirada aqui em relevo, em consonância com esses e outros teóricos que posteriormente apresentados serão, estabelece uma compreensão que longe está de reduzir o suicídio, por exemplo, a reflexo de fracasso ou adoecimento individual. Antes o intenta compreender em sua faceta relacional, sob vias discursivas contra-hegemônicas, em que ganham destaque a perspectiva crítica.

Foi nessa relacional esfera que Marx (2006), dedicando-se ao suicídio, o apresenta como fenômeno a indicar uma sociedade doente, demonstrando-nos o sofrimento, antes de tudo, como algo político. Nesse sentido, o suicídio aparece como sintoma próprio de uma sociedade burguesa que, sendo de bestas selvagens (em alusão a Rosseau), se faz adoecedora, repleta de males que não poderão ser suprimidos “sem uma transformação radical da estrutura social e econômica” (Marx, 2006, p. 16). Afinal, como mostra o autor “(...) está na natureza de nossa sociedade gerar muitos suicídios” (Marx, 2006, p. 25).

Que tipo de sociedade é essa em que se encontra a mais profunda solidão no seio de tantos milhões; em que se pode ser tomado por um desejo implacável de matar a si mesmo, sem que ninguém possa prevê-lo? Tal sociedade não é uma sociedade; ela é, como diz Rosseau, uma selva habitada por feras selvagens (Marx, 2006, p. 28).

No mundo de bestial implacabilidade, em que a solidão se faz imperiosa em selva, o suicídio desponta como efetivo sintoma de uma “luta social geral” (Marx, 2006, p.29). Dela, já exauridos, muitos se retiraram porque, como mostra Marx, cansados estão de vítimas serem. Outros, também desafortunados, à selva negam para que não tenham de assumir o “honroso” lugar do carrasco que a outros submete.

Interessa notar que, diferentemente das leituras reducionistas que muitos tendem a fazer dos escritos de Marx (alocando-os estritamente ao aspecto econômico), na crítica à sociedade burguesa que engendrou a partir do suicídio, o autor detém-se à análise dos múltiplos aspectos opressivos capazes de desencadear o referido fenômeno. Movimento a partir do qual aponta para o suicídio em diálogo com a miséria advinda dos baixos salários, do desemprego, da reificação capitalista, mas também do machismo, das relações amorosas, da hipocrisia social, da ética reacionária e das leis burguesas.

Isso nos é especialmente importante à medida que o autor demonstra que as contradições e contrassensos daquele tempo são consideradas em um todo organizacional deficiente, que atravessa o sujeito suicidado de diferentes modos na sociedade capitalista do século XIX. De forma tal que “Embora a miséria seja a maior causa do suicídio, encontramos-lo em todas as classes tanto entre os ricos ociosos, como entre artistas e os políticos. A diversidade das suas causas parece escapar à censura uniforme e insensível dos moralistas” (Marx, 2006, p. 24).

Os insensíveis moralistas daquele tempo já avidamente condenavam, como se no insulto aos mortos encontrassem saídas ao ato que lhes soava controverso, embora cotidiano e frequente fosse, como destaca o próprio Marx. O suicídio, amplamente entendido como ato de covardia, criminoso em sua gênese quanto à lei, à sociedade e à honra, encontrava no “irreligioso” clero, não ao acaso, a mesma força condenatória que socialmente ecoava. Aos suicidas sequer a sepultura religiosa, diriam os santos viventes. Fica-nos evidente a relação que se retroalimenta.

E assim, sob reciprocidade relacional, demonstra Marx (2006), a organização social, as instituições que a formam e mantêm, dispõe do sangue e da vida dos povos. Algo possível pelo vilipendiar advindo da justiça que aprisiona, dos castigos e instrumentos de suplícios que subvencionam a estrutura social, capaz de abandonar os sujeitos na miséria, golpeando-os com desprezo brutal. Contexto este, como aponta Marx, em que se faz

impensável a exigência de que um sujeito preserve a si mesmo, afinal está imerso em uma existência “(...) espizinhada por nossos hábitos mais corriqueiros, nossos preconceitos, nossas leis e nossos costumes em geral” (Marx, 2006, p.27).

Tal existência das veias faz desesperadas, onde o sangue humano corre de modo distinto. Nelas há vida enquanto a alma consegue permanecer de pé, mesmo que o corpo esteja em ruínas (Marx, 2006). Até que um dia a alma também sucumbe, assinando o suicídio que soa por assassinato. Dos que ficam, muitas vezes, restam as “(,,) lamúrias covardes e porcas suposições” (Marx, 2006, p.42).

Dos porcos, o palavrório estéril. Da vida que se foi, o retrato do viver espezinhado em solos onde “os germes de dissolução” consomem a “(...) geração [que] cresce e perece como que corroída em uma erva daninha” (Marx, 2006, p.44). É nesse contexto de sociedade que “(...) na ausência de algo melhor, o suicídio é o último recurso contra os males da vida privada” (Marx, 2006, p.48).

O entendimento relacional destacado por Marx no século XIX é, em algum sentido, aquele expresso por Lima e Navasconi (2022) nestes enredos de 200 anos depois. Isso porque, como o pensador primeiro, estes autores apontam a necessidade de suplantarmos perspectivas que, restritas, tomem o suicídio puramente como reflexo de adoecimento e/ou conflitos individuais.

Segundo afirmam, precisamos a passos largos avançar no campo de estudo em suicídio, afinal “(...) é preciso superar a estratégia hegemônica da medicalização e dar conta de uma complexidade invisibilizada (...)” (Lima; Navasconi, 2022, p.8).

Interessante notar que há estratégias postas em curso e a partir das quais os fenômenos passam a ser compreendidos, ainda e inclusive que sob a insígnia da invisibilização, como o é o próprio suicídio. Mas os estratagemas somente ganham corpo à medida em que há fecundo solo para sua proliferação. Talvez nos seja, então, necessário revisitar os solos que tal arvorar de limitação possibilitam.

Como antes dissemos, as investidas nos tempos pretéritos se darão em diálogo com o que de hodierno há, esse lugar nosso de partida. Visitar, pois, os solos em que se enraizaram e frutificaram as danosas percepções, é também mirar o solo nosso, nele

compreendendo nuances, matizes e rachaduras várias que ao largo do tempo se impuseram, inclusive estrategicamente; como tão bem salientaram os supracitados autores.

Lima e Navasconi (2022), já na primeira consideração aqui parafraseada, trazem a ideia de invisibilização. Isto é, de uma ocultação que nos impede de melhor e devidamente perceber imbricações inúmeras que o sucídio envolvem. É, então, também sob um processo de desocultação que apontam para a recusa de resposta universalista, tal qual o discurso medicalizante.

Em oposição a esse cenário, o que precisamos, advogam os autores, é contextualizar o sofrimento que, político, compreendido será em sua interseccionalidade; de modo tal que nos sejam visíveis e melhor percebidas as opressões inúmeras, as discriminações, as relações de poder, em suma, a realidade na qual estão inseridos os variados grupos sociais e como essa mesma realidade de violência estrutural incide sobre o suicídio.

O suicídio, portanto, estatuto de um sofrimento político evidencia a “vinculação entre o fenômeno e a violência estrutural” (Lima; Navasconi, 2022, p.10). Tal compreensão assina, pois, um notório

(...) exercício de desconstrução e reconstrução de paradigmas, significados, percepções, interpretações e condições acerca do ato. Tendo em vista como os poderes, operações de violências e os modos mortificantes de viver constituem os processos de subjetivação, formas de socialização e determinações sociais da saúde (...) (ibid. p.10).

Mortificados, constituímos nosso *modus vivendi*, e o que chamamos de vida morte nos pode ser, como de fato tem sido a tantos. Entendimento este possível quando nos deslocamos das noções naturalizadas e reificadas acerca do suicídio.

*Não quero me preocupar com nada
(não quero me preocupar)
Mas isso me deixa com medo
Estar do outro lado
Quanto tempo antes de eu enlouquecer?
(Insano)*
- Música: “What a Life” – Scarlet
Pleasure⁴

⁴ Originalmente: Don't wanna worry 'bout a thing (don't wanna worry)/But it makes me terrified/To be on the other side/How long before I go insane? (Insane)

1.2.2 De um modo de morrer a um modo de matar: o erigir de um paradigma que a nós toma

Suicídio não é causa de morte [...] é um tipo de morte. A morte de si não pode ser a causa da morte de si (Reis, 2020, p. 247).

Se a morte de si não pode ser a causa da morte de si, por que nos parece tão evidente ser esse o caminho a constatar? Se é um tipo de morte, por que documentos oficiais (como aqueles produzidos pela Organização Mundial da Saúde⁵) que às políticas nossas também sustentam ecoam esse tipo de compreensão?

Quando nos deparamos com indagações dessa natureza, damo-nos conta de quão arraigadas são as percepções que temos acerca do suicídio, o que nos leva ao postulado exercício de desconstrução e reconstrução de paradigmas, ao qual se reportaram Lima e Navasconi (2022).

De fato, nos parecem ser necessários significados outros, percepções mais ampliadas e interpretações que, não simplistas, nos permitam melhor e mais abrangentemente compreender o fenômeno e para isso a caminhada histórica pode nos ser especialmente interessante. Uma caminhada, digamos, santa. De santos que julgam, condenam, trazem em seu humano dizer “o deus” seu e sua inquestionável sabedoria sobre-humana – talvez por isso tão incompreensível e horrorosa; somos humanos demais para “divinas admoestações”. Um processo, diriam Berenchtein Netto, Carvalho, Antunes (2022), denominado “deslaicização” do suicídio pelo cristianismo.

Conforme nos mostra Reis (2020), foi a aproximação feita por Agostinho de Hipona (Santo Agostinho) entre *mors voluntaria*⁶ e o *homicidium* o elemento a antecipar a ideia

⁵ Organizada em meados do século XX, quando do findar da Segunda Grande Guerra, a Organização Mundial da Saúde é uma agência especializada que, subordinada à Organização das Nações Unidas (ONU), direciona e coordena o trabalho internacional de saúde por meio da colaboração entre os 194 Estados-Membros que a constituem. Conta hoje com mais de 7.000 pessoas trabalhando em 150 escritórios nos distintos países, em seis escritórios regionais e na sede da Organização, localizada em Genebra, Suíça. Fonte: <https://www.who.int/pt/about#:~:text=A%20OMS%20come%C3%A7ou%20quando%20nossa,nos%20sede%20em%20Genebra%2C%20Su%C3%AD%C3%A7a>. Acesso em 28/11/2023.

⁶ Berenchtein Netto, Carvalho e Antunes (2022), reportando-se a Andrés (1998), apontam que, no Latim Antigo, tal expressão (encontrada nos escritos de Plauto e Cícero, ainda no século II) denota explicitamente um caráter voluntário e desejado do ato, feito sob plenitude consciente, firme e bem pensada, sem qualquer juízo de valor. Por sua irrevogabilidade, havia apenas indicação de que realizada fosse como resultado de

de “assassinato de si mesmo” na palavra suicídio⁷. Segundo afirma, temos então na homonímia *suicidium*⁸ e *homicidium* o transportar do peso do termo homicídio para o imaginário que ao suicídio envolve.

Trata-se, pois, de compreender o suicídio a partir de uma ideia já dotada de julgamento, qual seja: dar-se à morte é assassinar-se. Assim, todo o peso de assassinato é trazido ao suicídio. A associação até então inédita, sob a argumentação de Agostinho, será aquela que, a partir do século V da era comum, influenciará o julgamento de toda a cristandade e com ela do ocidente.

Tal argumentação é construída em sua obra “A cidade de Deus”, no capítulo XX do livro I, por meio do qual apresenta-nos a história de Lucrecia; mulher da nobreza romana que, alvo de macho-jogo, violentada foi por Sexto Tarquínio. Lucrecia foi tida como casta diante do horror dos estupradores homens e, portanto, uma não adúltera. Mas esta, vítima de circunstâncias não inéditas às mulheres de seu espaço-tempo, é à vista do santo uma assassina, à medida que matou uma mulher pura e pudica, isto é, a si mesma.

Nesse sentido, no supracitado capítulo em que a santa defesa é enredada é que Agostinho, indagando Lucrecia (se casta por que se matar?), aproxima a morte voluntária do mandamento bíblico sexto “não matarás”, presente no livro de Êxodo, capítulo 20, versículo 13. A morte de si é redimensionada e, pela retórica de Agostinho, compreendida como assassinato de si.

Se antes às virgens violadas eram destinados sermões elogiosos, tal qual se fazia aos mártires da religião cristã, agora a elas (sempre as malditas mulheres) cabia a condenação pelas mãos de seus estupradores, pelos dizeres santos, pelo fogo eterno de quem assassina a si.

reflexão profunda e vontade plena, e não como reflexo de improvisado ou momentâneo desejo. Tratava-se de um caminho livre, por meio do qual se poderia, por exemplo, “conquistar a liberdade” (Berenchtein Netto, Carvalho, Antunes, 2022, p. 33).

⁷ Um interessante percurso acerca da perspectiva histórico-epistemológica do suicídio pode ser vislumbrado no trabalho “Da morte voluntária ao suicídio, construção histórica e social de um conceito”; de Berenchtein Netto, Carvalho e Antunes (2022). Nele, somos apresentados ao conceito sob o complexo semântico que à morte toma enquanto necessidades objetivas “postas pela realidade extralinguística de uma formação social dada” (Berenchtein Netto, Carvalho, Antunes, 2022, p. 20).

⁸ O termo, cabe o destaque, somente encontrará registo sete séculos à frente, por volta do ano 1178, na obra “Le Contra Quatuor Labyrinthos Francieae, de Walter Saint-Victor, um notável cânone agostiniano (Berenchtein Netto, Carvalho, Antunes, 2022).

Por isso é que não há qualquer razão para se castigar a si mesma com a morte espontânea a mulher violentamente profanada e vítima de pecado alheio. Muito menos antes que isso aconteça. Por que havemos de consentir com um homicídio certo, quando a própria torpeza, além de alheia, é incerta? (Agostinho, *apud* Reis, 2020, p. 77).

Reinterpretando a história de Lucrecia, ainda que a defendendo ante ao injusto cenário de violência-estupro que a acomete e que requereria justiça, Agostinho a ataca e a condena. Nessa empreitada, nos diz Ayoub (2020), a perspectiva agostiniana faz dela homicida, uma mulher capaz de matar a si mesma e, portanto, de condenável ação. “Para Agostinho, Lucrecia também agiu como homicida ao ser motivada pelo apreço social e pelo prazer proveniente da honra pública, não obstante isso promovesse valores violentos e injustos” (Ayoub, 2020, p. 357-358).

Parece que o santo, ao tentar condenar a tragédia horror, traz consigo tragédia outra. Também horrorosa e, como o estupro, capaz de sê-lo ao longo de séculos. Vendo em Lucrecia a vaidosa mulher, em busca de apreço e honra, pouco viu do abismo em que foi lançada. Era ela mais uma que, na Roma invadida (em certa medida, retomada por povos que sua horrorosa e morticínica “expansão” experienciaram), tinha no estupro destino sedimentado pelas mãos dos conterrâneos e estrangeiros. A ela, como às tantas outras, restaria a morte infligida enquanto forma de afirmar sua dignidade moral. Mas também essa dignidade lhe seria retirada pela interpretação santíssima.

Importa destacar que também Lactâncio, retórico sistematizador da filosofia cristã, no século IV, estabelecia relação entre a morte de si com o homicídio; o que fez acompanhado pelo bispo Eusébio de Cesaréia, outro destacado historiador da tessitura do cristianismo primitivo. Acontece que, embora influentes, é Agostinho de Hipona “o mais expressivo sistematizador do cristianismo”, por meio do qual a supracitada relação “(...) se estabelecerá definitivamente e perdurará durante séculos” (Berenchtein Netto, Carvalho, Antunes, 2022, p. 37).

Ainda assim, dignas de se notar são as palavras daquele menos expressivo sistematizador, que, conforme nos ofertam estes mesmos autores (2022, p. 44), assinala: “Porque se o homicídio é um crime, é homicídio matar-se a si mesmo, e ainda mais enorme a punição que Deus reserva-se a ele”. O deus punitivo era mais ávido em fazê-lo quando do suicídio. Ao que parece, sorte dos algozes de Lucrecia e, por exemplo, dos patricidas de todas as partes.

Cabia mesmo aos algozes da nobre mulher maldita certo alívio, afinal, e agora diante estamos das palavras do mais expressivo sistematizador, “(...) sem dúvida que aquele que se mata a si mesmo também é homicida, tornando-se tanto mais culpado quando se deu a morte, quanto menos da razão teve para matar-se” (Agostinho, citado por Berenchtein Netto, Carvalho, Antunes, 2022, p. 37). Mais culpada é ela de matar-se. A fraca estuprada é uma condenada entregue aos braços do castigador deus, que lhe reserva condenação eterna. Mais tarde, saberemos em Concílios, era ela conduzida pelo mestre diabo seu.

(...) a influência do pensamento agostiniano, bem como de outros doutores da igreja de seu tempo, foi fundamental na construção dessa nova forma de conceber o fenômeno da morte voluntária, que perdurará as gerações que lhes sucedem [...] esse é o germen para o nascimento da palavra suicídio, com sua multiplicidade de significados” (Berenchtein Netto, Carvalho, Antunes, 2022, p. 38).

É pela apropriação do suicídio pelo discurso religioso, ato reprovável, condenado moral e religiosamente, que o significado hegemônico se popularizou e adentrou séculos à frente.

Por outro lado, a época pré-agostiniana, em toda a Antiguidade e atravessando de poetas a teólogos, tinha na morte de si compreensões muito distintas daquelas que, a partir de século V, se imporão. Se as expressões a ela destinadas eram carregadas de conotação de morte, o mesmo não podemos dizer da ideia de crime ou assassinato (Berenchtein Netto, Carvalho, Antunes, 2022).

Na verdade, mostra-nos Reis (2020), em boa parte dos casos, é sob a mirada elogiosa que a conceberemos: de ávidos e inspiradores mártires dispostos a renunciar suas vidas em nome da fé que professam; de lúcidos e sábios sujeitos que, sob dissabor extenuante em vida, têm na morte saída racional e digna (por vezes, sob autorização do governo local); de nobres mulheres e homens que, acompanhando seus amados e amores de teor lírico, anunciam elo que transpõe realidade terrena.

Tais cenários, louvados por poetas, trazidos por teólogos, anunciados por filósofos e historiadores, diziam de uma morte que, autoral, era antes de tudo uma forma de morrer. Se sob as mazelas do outono (queda) se está, após as primaveras de uma vida em riso, não há sentido na permanência.

Longe de distinto ser, esse argumento fazia-se presente entre aqueles que, como os egípcios, tinham nos deuses recôndito futuro; ou aqueles que, sendo filhos da Hélade, banhavam-se no discurso da imortalidade; nos dizeres epicuristas, para quem estivemos já mortos antes de nascer; ou, ainda, entre aqueles que, negando o caráter transcendental, assumiam as perspectivas dos materialistas estoicos. A vida é “(...) porta aberta pela qual se pode sair, caso se deseje” (REIS, 2020, p. 269). A morte voluntária é, portanto, saída dos sábios que da vida sabem apreender o verdadeiro sentido de mantê-la.

Nas palavras de Sêneca, conforme nos mostra de Reis (2020),

Pois a essa vida, como você sabe, nem sempre devemos nos apegar. Pois meramente o viver não é um bem, mas sim viver bem. Por conseguinte, o sábio viverá o tempo que for necessário, não tanto quanto puder. Ele vai lembrar em que lugar, com quem, e como deve conduzir sua existência, e o que está prestes a fazer. Ele sempre reflete sobre a qualidade, e não sobre a quantidade, de sua vida (Sêneca, *apud* Reis, 2020, p. 233).

Morrer bem era, em algum sentido, escapar do perigo do mal viver. A qualidade, como visto, sobrepunha-se à quantidade. Uma vida que, conforme excerto de Sêneca, não pode ser a qualquer preço comprada. A morte auto infligida é, assim, quando em contextos involuntariosos, um gesto último de liberdade a que se experimenta em escolha e coração abertos; momento em que a alma deve estar melhor disposta. Trata-se da grande liberdade, um último momento de liberdade e poder que “rompe os laços de escravidão e subserviência do destino” (Reis, 2020, p. 238).⁹

As construções culturais dos tempos pré-agostinianos, inclusive no discurso teológico cristão, destoam do lugar condenatório e assassino. Assim o é, por exemplo, no próprio discurso bíblico que, quando das narrações de morte auto imputadas, basicamente restringe-se ao narrar dos fatos, dizendo da forma como se sucederam e, em alguns casos, tendo-os em lugar de honrosa ação (caso, por exemplo, de Sansão, relatado no livro de Juízes, entre os capítulos 13 e 16). Notória nos fica a compreensão de uma escritura bíblica destoante da consciência cristã forjada ao longo da história. Esta que, na santa cristandade robustecendo-se, nos permite hoje dessas mesmas escrituras depreender sentidos tão avessos dos primitivos contextos cristãos.

⁹ Ao apresentar-nos as cartas de Sêneca, Reis (2020) nos brinda com a possibilidade de encontrar a defesa da morte de si sob vários ângulos: como alívio da dor, como forma de sair nobre e completa de um alguém sensível, corajoso, infeliz ou, ainda, simplesmente saciado. Ela nos pode ser, assim, banquete digno, gesto de sabor em vontade última. Se viver é para os fortes, o não viver também pode sê-lo e o é nas facetas tantas.

Tratava-se mesmo de tempos em que se teria “(...) construído uma sabedoria que envolve a ideia de coragem, empatia, miseri-córdia, de sofrer junto ao outro (no coração) sua miséria” (Reis, 2020, p. 341). A compreensão precedente, no entanto, pelas vias do cristianismo e dos santos seus dá-nos notícias outras, perde-se, afinal embrenhados estamos da “(...) mais severa religião quando pensamos na compreensão do fenômeno da morte voluntária” (Reis, 2020, p. 342).

Será essa a perspectiva santa de Agostinho que, apenas 22 anos após sua morte, fundamentará os Concílios Católicos dali em diante. Sem tanta miseri-córdia, estes, apresentando a posição da Igreja quanto ao suicídio, terão suas compreensões difundidas também no direito civil dos diferentes territórios de abrangência da mais expressiva instituição de poder daqueles tempos; algo que atravessa o Medieval, a Modernidade e alça os tempos contemporâneos, (Berenchein Netto, Carvalho, Antunes, 2022; Reis, 2020; Ayoub, 2020).

Nesse sentido se a Antiguidade, pré-agostiniana, contemplou a morte de si, por exemplo, sob o discurso poético que multiplicidade lírica dava signo do mártir honroso, da dignidade necessária, o mesmo não observaremos após o santo de dizer maldito, amaldiçoador.

Em Arles, no ano de 452, fica estabelecida a morte de si como fruto de inspiração diabólica. Proibida e demonizada essa forma de morrer, agora já entendida como forma de matar-se, é em 533, no Concílio de Orléans, posta como indigna de qualquer oblação ritualística. As influências canônicas a essa altura já homologam o direito Romano. E tomam toda Europa, tendo no suicídio crime e pecado concomitantemente (Reis, 2020; Berenchein Netto, Carvalho, Antunes, 2022).

Trinta anos mais tarde, em 563, no Concílio de Braga, universaliza-se a criminalização da morte voluntária; teor reforçado nos Concílios de Toledo e Auxerre, em 578, também destacados pelo reforço expresso a qualquer tipo de oblação e celebração religiosa ao diabolicamente inspirado e maldito suicida¹⁰. Um pecador criminoso, um criminoso pecador. Compreensão que, a partir de Braga, toma Código Penal do Ocidente.

¹⁰ Importa destacar que não era incomum que os Concílios, em revisita àqueles ocorridos nos tempos passados, reforçassem decisões pretéritas, atualizando-as sob teor ainda mais punitivo. É o caso por exemplo do Concílio de Troyes, que, tendo ocorrido no século XII, põe em cena a proibição da celebração

Todo crime só o é em relação à lei alguma que se estabelece. Seja ela dita lei dos homens, ou lei de deus (e, portanto, dos homens), ou a síntese destas (e, portanto, dos homens). Acontece que, mais que confundirem-se, estas em muitos aspectos se fundem; sendo, portanto, uma mesma.

E nessa mescla, às sombras de tábuas numericamente grafadas por aquele que seria um próprio deus dizendo de seus preceitos ao escolhido, forja-se o discurso que enredará o Direito estabelecido, com punições cada vez mais severas. Um crime de caráter desonroso invariável, compreensão partilhada entre teólogos e juristas, moralistas do direito canônico ao secular, acoplando já os idos do século XV. De fato, “A morte voluntária tronou-se suicídio antes mesmo que esta palavra entrasse no vocabulário das diversas línguas modernas” (Reis, 2020, p. 331). E

Estes juízos que vão sendo tecidos desde Agostinho formam o imaginário contemporâneo, de modo subjacente, de modo silencioso (...) É este mesmo sentimento moralista que está na base da medicina psiquiátrica que requisitará os corpos dos suicidas para seus estudos, nos séculos XIX (Reis, 2020, p. 333).

De fato, durante o Medievo, o direito civil dos costumes era quase que a reprodução daquilo que postulado estava no âmbito do Direito Canônico e dos Concílios¹¹, de modo tal que a condenação ao insolente suicida (antes herói, mártir, sábio etc) era já certa.

O império exigia para si a requisição da vida humana, devia ela estar a serviço da economia e da defesa. Despojar-se, portanto, de si era crime odioso. Até porque, nos tempos de Baixo Império Romano¹², interesses de deus são interesses dos senhores. A

de missa a pessoas que tivessem se matado; séculos antes já estabelecida e reforçada em Concílios precedentes.

¹¹ Como mostra Reis (2020), já no ano 325, com o Concílio de Nicéia, direito civil e canônico se convergiam. Isso se deve, em muito, às ações de Constantino, que, aproximando Igreja e Estado, tem neste os crimes e penas em conformidade com o prescrito pelo direito canônico. Nesse sentido, as prescrições religiosas destinadas aos suicidas espalhavam-se para o direito civil nos mais variados espaços de sua abrangência, tanto no Ocidente quanto no Oriente; as quais hoje profundamente ainda nos marcam.

¹² Tal compreensão é também assinalada por Berenchein Netto (2011). Segundo informa este autor, o Império, nos tempos de decadência que a ele sobrevieram, vivia sob forte tensão econômica e demográfica; contexto este responsável por fazer com que os sujeitos perdessem qualquer direito de disporem de si mesmos; algo especialmente potencializado sob a insígnia do suicídio como pecado. Assim, o sistema do colonato romano, protoforma do feudalismo que mais tarde se sobreporia, depositará nos tempos vindouros a ideia de que o sujeito pertence a tantos, nenhum deles, contudo, trata de si mesmo. É o que podemos compreender por meio de Minois (1998), em quem se sustenta Berenchein Netto (2011, p. 129), quando afirma que “A pressão da situação econômica, social e política impõe-se à própria moral para fazer do suicídio um crime contra Deus, contra a Natureza e contra a sociedade”.

morte de si é, então, usurpar ambos os senhorios, da autoridade civil à religiosa, do terreno ao celeste. O direito, afinal

(...) é antecipado pelo julgamento moral [...] Agostinho inventou propriamente o suicídio ao construir uma convincente argumentação que transformou a morte voluntária em uma forma de homicídio. [...] a clemência desapareceu do mundo cristão. Restou o Julgamento de Agostinho que influenciará toda a cristandade (REIS, 2020, p 334).

A cristandade soube evidenciar suas influências e o fez através das distintas formas e nos mais variados espaços, apropriando-se ainda das compreensões de seu tempo: se mulher, se nobre, se homem, se escravo, enfim, a todos os malditos pelo suicídio eram ofertados flagelos. Estes, pensados à medida da humanidade sua (diretamente compreendida e comprometida sob o desigual prisma da sociedade que os enredava), já mortos, tinham sua humanidade outra vez retirada.

As execrações, de fundamentos divino e civil concomitantes, sob traçado de mescla antes apontado, possibilitavam por boa parte do velho mundo o confisco de propriedades; a proibição de enterros, ou desenterro se tivesse já o enterro ocorrido; a tortura, enforcamento e apedrejamento públicos; a imolação e o arrastar pela cidade do desnudo corpo sem vida e com pés amarrados, caso este como se via na Bretanha, por meio do artigo 631 de seu código de costumes (Reis, 2020). Por vezes, esse arrastar se dava até que o corpo em ossos ficasse, para então, antecipando-se à condenação do fogo eterno, ser queimado publicamente; espetáculo digno a duas vezes indigna mulher, por ser mulher, por ser suicida mulher.

Como nos mostra o papa Nicolau I, através de Reis (2020), àquele que tem no diabo seu professor, ao pior dos assassinos – sim, ao assassino que não de si, o perdão era concedido e deus o poderia ter em sua glória –, cabe a vala, a absoluta condenação de quem pecou não apenas até a morte, mas teve a abjeta escolha de brindá-la ao destruir-se. A este não se faz orações, do imitador de Judas nada queremos, tão pouco o “*infligir [d]o cheiro incômodo ao doce cheiro dos vivos*”¹³.

¹³ NICOLAS. *Responses of Pope Nicolas I to Questions of the Bulgarians. Translated from Migne Patrologiae, Series Latina*. Disponível em: <https://sourcebooks.fordham.edu/basis/866nicholas-bulgar.asp>

Já no século XIII, reintroduzindo o pensamento aristotélico ao cenário reflexivo ocidental, Tomás de Aquino, o outro santo homem na caminhada de santidade a que nos referimos, alarga a compreensão acerca do suicídio e, por conseguinte, do suicida. Para além da covardia, o odioso ato assume ainda outra faceta: a injustiça que excede a si mesmo e diretamente atinge a cidade. Isto é, um sujeito que, indigno, não exerce sua função no corpo social (Reis, 2020).

É então na mescla que faz Tomás de Aquino entre o postulado por Aristóteles e Agostinho que temos, conforme Reis (2020), uma tripla condenação; expressa pelo entendimento de que matar-se é crime contra deus, ao violar o mandamento sexto; contra a natureza, que tem para cada um finalidade determinada; e, por fim, contra o Estado, à medida que o suicida fere o corpo social.

Essa compreensão, mesmo quando da Modernidade, sob ventos Renascentistas dos séculos XVI e XVII em que possibilidades semelhantes à perspectiva anterior a Agostinho se apresentaram, foi aquela que dominou. E o fez de modo tal que as execrações dos cadáveres suicidas tinham ainda considerável fulgor em fins do século XIX (Reis, 2020).

O irreparável pecado do suicídio, destacadamente sob viés monolítico religioso, vai ganhando novos contornos com o desenvolvimento da ciência, que, repensando-o, o localiza em lugar outro. Não sem lógicas preconceituosas, afinal o relegou à patologização, já que o contemplou como fruto de transtornos mentais que acometem o indivíduo.

Não seria a ciência isenta do julgar condenatório de quem morre por si. Tal julgamento, como que fruto de escolha descabida, aponta Reis (2020), é antes de tudo questão axiológica que nos faz facear o suicídio como espécie de latrocínio; quando nossa consciência é tomada em assalto e morta em indignação. Nesse processo, à semelhança dos ditos papais, hodiernamente nos voltamos ao suicida com maior indignação, acusação e estranhamento que aquele ofertado a quem assassina um terceiro e o fazemos, inclusive, como tradição e como tradição também científica.

Esta, subvencionada pelo conceito Pascalino de “máquina”, afirma-nos Reis (2020), aponta para o hábito de pensar a partir da repetição. Dito de outro modo, o autor nos

apresenta um cenário em que o suicídio como evento, sendo a nós antecedente em existência e pensamento, compreendido é pelo epicentro da moralidade condenatória. Moralidade antecessora de quaisquer conjuntos de prescrições jurídicas e sobre a qual se assentam as religiões e a ciência, como o é o próprio direito em sua positivação.

Nesse sentido, quanto ao suicídio (...) somos já levados, pela máquina, a não o dizer, a não o pensar, a não o discutir, a não o noticiar, a não o estudar, a condená-lo, a não empreender compreensão sob outros signos, sob outros valores” (Reis, p. 46).

Se hoje o temos nesse lugar é porque, como visto, aprendemos significação conceitual que diz do seu desenvolvimento ao longo do tempo, sob relações sociais determinadas entre os sujeitos, de modo que seu complexo semântico se torna em nós tradição. São marcas de um horizonte social de uma época, de grupos socialmente determinados (Bakhtin, 2010), aquela que experimentando certa polissemia, apresentou-se no viés de definição unilateral:

(...) a linguagem acerca da morte voluntária foi e ainda é uma expressão das relações sociomateriais entre os seres humanos em cada sociedade, cultura e momento histórico determinados, tendo passado por momentos em que havia uma diversidade, quase descritiva, de formas de se referir à morte de si e chegando à polissêmica, porém unilateral, definição de suicídio (Berenchtein Netto, Carvalho, Antunes, 2022, p. 61).

É fugindo do perigo da desistorização, a partir da qual um signo como suicídio pode tornar-se monovalente (Bakhtin, 2010), que adentramos à cena e, movendo-nos e movendo-o, ousamos discuti-lo, anunciá-lo, pesquisá-lo em busca de outros signos e valores que o possam comportar.

1.2.3 Dos tempos nossos tão cheios de ontem.

Em um hoje patologizado, ainda que tendo de muito se desprendido, o suicídio traz consigo as contradições do discurso científico que o medicalizou (Almeida, 2021). Sob o prisma condenatório apontado por Reis (2020), à sombra de uma moral que historicamente a ele se impôs, temos um discurso científico paradoxal, que, embora o compreenda como multifatorial, multicausal e multideterminado, insiste em nossos contemporâneos tempos a reduzi-lo ao transtorno mental; como que “reconduzindo-o ou reforçando seu pertencimento quase que exclusivo às áreas da medicalização e patologização” (Almeida, 2021, p. 12).

É sempre o sujeito aquele a quem podemos mais condenar. Brindamos de Lucrécias nossos elogiosos e científicos discursos. O antes endiabrado, quando ainda não o sendo (a condenação de moral religiosa no hoje se perpetua), é agora louco. O covarde frágil é, então, doente. Um alguém, como o ato em si, de quem não se deve falar; um interdito. Um tabu e, enquanto tal, um problema social e político ao qual, em recusa do posto, nos cabe o debruçar.

Mas o suicídio, espécie de morte das mais abjetas, requer de nós silêncio maior. A própria ira divina disso nos é sinal, nos disseram papas e santos. Mantê-lo em oculto, invisível e silenciado é caminho de aposta científica¹⁴, uma ciência, convenhamos, apta a reduzir o fenômeno ao desconsiderá-lo em sua faceta de responsabilização social e política, que demandam vida em condições mais dignas. Que seja, suicidas fracos!

Bons mesmos são os que ficam, os corajosos perpetuadores de estigmas, aqueles a quem, sob teor com que não se concorda, mas com o qual se provoca em furor de reflexão, Marx (2006, p. 27) diz, “se o suicídio culpa alguém, é antes de tudo as pessoas que ficam, já que, de toda essa grande massa de pessoas, nem sequer um indivíduo foi merecedor de que se permanecesse vivo por ele”. Somos mesmo os tais desprovidos de sentimentos, aqueles que, maldosamente, revelam sua capacidade de “(...) intrigar-se com, mas não de ver o que se passa na vida dos outros homens. Procura-se, de preferência, um culpado, em vez de uma explicação efetiva” (Marx, 2006, p. 56). Mais fácil é evocar a louca Lucrécia, assim soamos menos dogmáticos e mais científicos.

Às almas a quem a infelicidade domina, como também nos propôs Marx (2006), detidas em corpos lúgubres, detentores que são de veias já sabidamente desesperadas, recusamos acolher. Acontece que o recuo da morte é algo com o que, muitas vezes, não podem essas mesmas almas bailar, afinal é a morte já há algum tempo delas senhora. Senhorio iniciado pelos referidos gérmens consumidores, próprios dos solos lúgubres a que chamamos de sociedade (Marx, 2006). Menos que loucas, talvez sejam elas mais lúcidas, aquelas capazes de captar e recusar-se à violência dos tempos seus.

¹⁴ A mesma que, ainda hoje, apoia-se no discurso do efeito Werther, que, fundado em 1974 por David Phipps, advoga o não dizer sobre o suicídio, já que tal denúncia poderia resultar em gatilhos que despertariam comportamentos suicidas em outros. Discurso este já amplamente debatido e contestado no âmbito das discussões científicas da suicidologia crítica (Araújo, 2022; Berenchein Netto; 2011).

Dentre as violências forjadas no tempo da era científica está aquela que desqualifica progressivamente a morte, nos diria Almeida (2021), e o faz por meio do discurso médico. A este cabe o gerir da vida e sua institucionalização, sob inequívoca defesa de resguardar e mesmo determinar o momento mortal.

Em tal determinação cabe o lugar disciplinar, hospitalizado, adepto da vida e da boa saúde como imperativos. À morte, ao contrário, garantimos o escamotear, evitamos enquanto tema, relegamos ao não dito. Do espaço público ao oculto, do visto ao escondido e restrito. De fato,

Uma realidade política de desvalorização e institucionalização da morte deixa ver que os discursos sobre a morte e, conseqüentemente, sobre o suicídio, são discursos que se tornam menos frequentes, ou conforme dito – adquirem ares de angústia, de tema censurável moral e/ou religiosamente (Almeida, 2021, p. 62).

Quem somos nós, diante do médico validado em sua ciência como guardião da morte, aquele que a prevê e que definidor se faz do melhor momento em que deve ela ocorrer?! Somente um louco ousaria isso, como um louco suicida.

Há um enunciar clínico validador, um discurso¹⁵ médico, psiquiátrico, um papado da ciência a nos envolver. O suicídio, neste contexto, é afronta à dinâmica posta e consolidada (Almeida, 2021), pois diz da escolha insubmissa do sujeito quanto à vida, para ele, afrontoso, compreendida como sua. É ele quem a controla e isso grita ao transgredir o discurso silencioso da morte e, ainda mais intenso, da morte suicida.

Como mostra Almeida (2021), a medicina, desde o século XIX, ao medicalizar a vida e o suicídio, assume ares para além dos terapêuticos. Traz consigo a prática moral, o normatizar de condutas e o supervisionar da vida e das negligências que a esta podemos supostamente imputar (lembremo-nos da questão axiológica a que se referiu Reis, 2020). Medicalizando o suicídio, o patologizamos e nesse movimento compreendemos que a cura ao desejo de morrer está posta em todos os casos. Em outras palavras,

¹⁵ Embora não seja a perspectiva foucaultiana aquela que será aqui contemplada como principal via analítica, para melhor entendimento das ideias de Almeida (2021), cabe destacar a compreensão de Foucault acerca do discurso. Para este pensador, por discurso, podemos entender um conjunto de enunciados a compor um mesmo sistema de formação. Nesse sentido, por exemplo, falamos de um discurso médico, clínico, psiquiátrico, dentre outros, a partir dos quais percebemos um agrupamento em torno de um mesmo sistema. A este respeito, vale acessar a obra “A ordem do discurso”, aula que, traduzida por Sampaio (2011), foi por Foucault ministrada ainda nos anos da década de 1970, no *Collège de France*.

Medicalizar o suicídio é corroborar a possibilidade de que lhe basta um medicamento para que se acalmem os pensamentos suicidas que fazem ver, no querer morrer, que as condições de vida nem sempre são das mais desejáveis. Medicalizar e medicar, por consequência, o suicídio é disciplinarizar o ato e silenciar a discussão que ele pode fazer (Almeida, 2021, p. 88).

Deixemos que falem os estupradores, dignos de maior misericórdia. Calemos e, se for o caso, desenterremos Lucrecia e as mulheres tantas que, vaidosas, indignas são.

Calar é estratégia de rarear o discurso sobre o suicídio, nos informa Almeida (2021). É proibir a palavra que remete ao ato em dissonância com as formas de um imperativo viver, em que feliz se deve realizar e produzir. Ainda que a vida produza em nós a morte. O ato transgressivo não pode vir à tona, dele falar (apontariam alguns manuais médicos¹⁶) é incorrer no risco de maior incidência, de sugestionar a outros.

O tabu nasce da interdição. É necessário o não dizer, o esquecimento. Talvez seja essa a razão de tantas produções (presentes na mesma citada cartilha) alocarem 98%¹⁷ das ocorrências no âmbito do transtorno mental. O lugar próprio daquele que, infeliz, tem existência miserável, triste, frágil, inapta às vicissitudes da vida (Almeida, 2021). As vicissitudes, no entanto, não são trazidas à cena. Não há relação possível com a esfera política e social, ao menos não no medicalizado suicídio.

Foquemos, pois, no atribuir quase que em totalidade o suicídio ao transtorno, arranquemos a confissão doente (e doentia) do sujeito condenável, controlemos e delimitemos seus discursos com nossas limitadas campanhas hodiernas. O debate, afinal, não pode ser irrestrito, é controlado, medicalizado. Um universo, sabemos, incapaz de evitar o fenômeno que já nos é crescente (Almeida, 2021).

¹⁶ Caso, por exemplo, dos estudos disponibilizados pela Comissão de Estudos e Prevenção do Suicídio, da Associação Brasileira de Psiquiatria (CFM/ABP), que, em 2014, elabora o manual “Suicídio: informando para prevenir”. O documento pode ser acessado em: <https://www.hsaude.net.br/wp-content/uploads/2020/09/Cartilha-ABP-Preven%C3%A7%C3%A3o-Suic%C3%ADdio.pdf>.

¹⁷ Um outro interessante dado a este respeito, pode ser verificado em Araújo (2022). Segundo o autor, o paradigma da medicalização da vida, enquanto expressão de ideologia no campo da saúde, é responsável pela equivocada compreensão de que 90% dos casos de suicídio estão relacionados a transtornos mentais ou, ainda, de que 09 a cada 10 casos de suicídio poderiam ser evitados. Como mostra o autor, dados dessa natureza apontam para um campo de estudos metodologicamente equivocados, capazes de estabelecer direta relação entre suicídio e patologia. Campo que, dentre outras coisas, tendenciosamente relega à ideologização, politização, polêmica ou ausência de fundamento científico quaisquer estudos que busquem desconstruir a supracitada relação entre suicídio e doença mental.

A perspectiva de Almeida (2021), a partir do diálogo que tece com a abordagem foucaultiana, informa-nos acerca de como, no âmbito do discurso, são construídos estratégias para o impedimento da discussão do fenômeno do suicídio e sua patologização. Trata-se, dentre outras coisas, de compreender as raízes da enunciação de algo, indicando quem inclusive seria validado neste lugar de fala que se escuta, a partir de critérios previamente estabelecidos em um discurso de poder.

Um ritual se estabelece, qualifica-se, normas são postas à mesa, e a partir destas se criam codificações. Um determinado tipo de fala, advindo de também determinados assuntos e circunstâncias. É contexto específico, validado prévia e intencionalmente. É cenário altamente regulamentado, sob a ritualização dos saberes que indicam sofisticação e controle discursivo acerca do suicídio em que

Há como que um jogo de ocultar e revelar, interditar e invocar a inspeção. Ao mesmo tempo que é preciso e preconizado ocultar e interditar o tema no âmbito público é preciso rastrear a ocorrência desse tipo de fala e desse tipo de pensamento, desviando e capturando sua enunciação para que ocorra no ambiente e contexto ritualizado da saúde (Almeida, 2021, p. 109).

A compreensões de Almeida (2021), ainda que sob espectro analítico distinto daquele que será aqui destacadamente adotado¹⁸, são-nos importantes à medida que apresentam o discurso do suicídio nesse lugar reiterado do indizível e restrito ao sujeito. Apontar sua patologização nessa esfera ajuda-nos a compreender algo que nos parece especialmente caro: sua localização na realidade mais ampla, sob condições de vida degradantes.

Em outras palavras, se nos importa entendê-lo a partir de sua relação direta com o contexto histórico, político e social da macroestrutura, tal qual nos propõe Marx (2006), necessário nos é entender as dinâmicas sociais de sua individualização, aspecto este a que Almeida (2021) se dedica de modo amplo e que não foi aqui desconsiderado.

¹⁸ Neste fazer acadêmico-confesso e, receoso quanto à investida, percebo-me no que Kawahala (2014) poderia compreender como “encruzilhada epistemológica”, isto é, espécie de construção que se faz no cruzamento de epistemologias, ejaculando novas possibilidades. Subversivas, multifacetadas e polifônicas; sob mescla de campos e autores, em favor de um debate mais amplo. Sem querer negar a lógica da coerência acadêmica quanto às escolhas de perspectivas analíticas (que aqui serão assumidas em seu lugar de primazia e, portanto, não de exclusividade), pouco coerente parece ser a negação de debates que, em diálogo com a perspectiva adotada como primeira, possibilitam um olhar mais abrangente e dialógico sobre o fenômeno. Em outras palavras, repleto da fecundidade assinalada por Kawahala, se o cruzar permitir mirada mais ampla, que haja, pois, a ejaculação fecunda. Nisso apostando, “tomarei café com Marx, ao passo que pego das mãos de Almeida-Foucault a xícara com que me servirei”. E o faço mesmo sabendo que a academia gosta de produtos de uma marca só.

Dirimir a sociedade, sob individualização e patologização do suicida, é estratégia que oblitera a compreensão sócio-política que envolve o fenômeno, negando seus condicionantes mais amplos. Estes, inegavelmente, determinam sujeitos, dizem das formas de morrer que hoje (e não apenas) experimentamos e nestas, sim, há muito dito sobre a vida que se experiencia.

Retomando figura já muito explorada, mirar Lucrecia como a endiabrada e/ou louca – na santidade do discurso, ou na cientificidade deste – é, por exemplo, negá-la nas condições de vida que morte lhe foram: o patriarcado, o machismo, o joguete de homens que, superiores, apontam para as hierarquias sócio-políticas tecidas e que a todos enquanto sujeitos enreda. É pensar a moral que a envolve, inclusive, na faceta reificadora, que dela faz objeto, posse de propriedade privada, vendo-a como é: mulher, “(...) aquele ser que o legislador cerca com as menores garantias” (Marx, 2006, p. 40), e isso vale mesmo para o legislador santo.

Como nos mostra Marx (2006), compreender o suicídio e a classificação de suas causas perpassa por entendê-los como uma classificação dos males advindos da sociedade burguesa. Tal compreensão, diria Araújo (2022, p. 68), nos permite analisar o suicídio enquanto um fenômeno psicossocial por essência, afinal, “trata-se de expressão singular, na esfera íntima do indivíduo, de potentes forças sociais e históricas”.

Aproximando-se do que se pode compreender como suicidologia crítica¹⁹, este mesmo autor oferta-nos a compreensão de que os distintos tempos históricos e modos de produção engendram as também variadas determinações que, implicadas no sofrimento, resultam na morte de si. Para ele, o sofrimento e as escolhas assumidas para com ele lidarmos e/ou resolvermos estarão condicionados pela totalidade social.

Por sua vez, a totalidade, ancorada na compreensão que oferta Lukács (2023)²⁰ e através da qual Araújo (2022) propõe suas considerações, representa o conjunto de

¹⁹ Segundo este mesmo autor, perspectiva que preserva a análise do suicídio sob as lentes da relação dialética entre indivíduo e sociedade, compreendendo o comportamento suicida como sofrimento político e reflexo da totalidade, que, por sua vez, fundamenta as múltiplas determinações que implicam o fenômeno do suicídio. Sob esse prisma, em diálogo com a abordagem marxista, o conceito de determinação da saúde se apresenta, apontando para a vinculação profunda entre o comportamento suicida e a violência estrutural.

²⁰ Não nos parece demasiado destacar que as compreensões de Lukács (2023) acerca da totalidade podem ser compreendidas em suas considerações na obra “História e consciência de classe”, na qual apresenta essa totalidade como socialmente articulada e constituída, uma totalidade viva; ancorando-se naquilo que

determinações, das mais distintas ordens, que se realizam no interior da unidade de um processo histórico; tais quais o são o suicídio, a saúde e/ou o adoecimento, por exemplo. Nesse sentido, diante estamos de um complexo enredar de determinações sociais, econômicas, políticas e culturais que, entendidas como relativamente autônomas ao todo, são igualmente complexas. Tal complexidade, enquanto totalidade que é, se apresenta, então, dentro de um dado tempo histórico²¹.

Ao perscrutá-los, Araújo (2022) demonstra-nos que, embora distintos, os tempos históricos assinalam algo em comum: a violência como um dos principais fatores estruturantes do desenvolvimento das sociedades e culturas. Portanto, longe de ser algo distinto, a violência coloca-se como fenômeno estrutural, uma condição de existência nossa.

Se condição do existir, posta está ela (bem como as consequências que consigo traz) no lugar intersubjetivo, isto é, no entendimento de um sujeito que apenas se forja se a tiver como um de seus elementos constitutivos. O sujeito só o é, nas mais distintas eras, na condição de atravessado pela totalidade, portanto, um alguém eivado do social e do histórico que erigidos foram e são na violência.

Esta é a nós hoje apresentada, por exemplo, em nossa sociabilidade; a qual fundada está em um modelo desigual, caracterizado pela concentração de renda, bem como pela propriedade privada dos meios de produção. No referido modelo capitalista, afirma

proposto foi por Marx. É, pois, sob esse entendimento que analisa a sociedade capitalista criticando-a quanto ao seu caráter reificador e fragmentado do mundo. Segundo o autor, na relação de dominação que o capital estabelece sobre o trabalho, ocorre não apenas a reificação do trabalho em si, mas, com ela, a reificação da consciência proletária e das relações sociais que estabelece (sob forma de mercadoria); racionalmente reificadas e reprodutoras de processos de desumanização do sujeito. Trata-se do viver submetido à racionalidade capitalista, em que se perde a imagem da totalidade (dialética e capaz da apreensão cognitiva da realidade), tendo em vista seu despedaçamento pelos processos de trabalho engendrados na produção capitalista.

É, entretanto, na totalidade que o proletariado, enquanto resultado e expressando as determinações intrínsecas da realidade em seus multifacetados traços, tem em sua consciência a concreta possibilidade de apreender a totalidade da vida social; uma consciência revolucionária no histórico revolucionário espaço-tempo que o conforma e a partir do qual se pode dirigir contra seus destrutivos efeitos com vistas à libertação da servidão que o enreda (Lukács, 2003). Isso porque há reconciliação do sujeito antes cindido e que, agora identificando-se com o objeto e, portanto, fazendo desvanecer a ação desagregadora, reconstitui a totalidade na consciência proletária.

²¹ A título de ilustração, vale aqui o reproduzir de algumas de suas considerações: “(...) torna-se uma abstração, por exemplo, buscar um diagnóstico de ‘transtorno de personalidade borderline’ em um vassalo da Europa medieval ou uma ‘neurose depressiva’ nos negros africanos escravizados no Brasil desde o século XVI, cujo suicídio se tornou uma saída para a completa desumanização imposta pela escravidão” (ARAÚJO, 2022, p. 68).

Araújo (2022), desenvolvimento confunde-se com o princípio de dominar a si e o outro. Uma sociedade extremamente violenta que tem no suicídio um de seus resultados.

Nessa sociedade, os que mais se matam são aqueles que mais violência dela sofrem, no âmbito físico, simbólico, no mesclar de ambos, “o suicídio, desse modo, seria o resultado final, na esfera particular do indivíduo, de um processo histórico universal cuja essência é a violência, a qual impossibilita a efetiva realização desse indivíduo, de sua liberdade, autonomia, e espontaneidade” (Araújo, p. 69).

Tal qual, por exemplo, Almeida (2021) e Reis (2020), ainda que sob outros vieses analíticos, Araújo (2022) denuncia o caráter organicista e medicalizado ao qual atrelamos o suicídio; uma mirada que, fatorialista e restringindo-se à racionalidade médica, aloca o comportamento suicida no âmbito da anormalidade, doença que se deve prevenir e/ou extirpar do corpo biológico.

A vida humana, em todas suas esferas, é hoje capturada pela hegemonização da racionalidade médica, e esta desloca problemas coletivos para a esfera individual. Problemas sociais e políticos são, assim, tomados como médicos, revelando um ser humano quase que estritamente biológico, determinado por seus genes. Nesse sentido,

(...) a medicalização da vida, como expressão da ideologia no campo da saúde, reduz questões sociais, culturais, políticas e econômicas a questões relativas ao indivíduo, reduzido a pura natureza biológica. Ou então, essas questões são ‘adicionadas’ ao indivíduo tais como acessórios externos, passíveis de serem retirados conforme o interesse de estudo (Araújo, 2022, p. 71).

Como visto, o humano em sofrimento, o sofrimento humano, que se impõem em nossa realidade como diretos resultantes dela, são reduzidos à expressão desregulada da biologia. Na desregulação biológica, no âmbito de uma suicidologia tradicional e medicalizada, ainda que multifatorial o suicídio ecoe nos discursos daqueles a isso tido como aptos (Almeida, 2021), percebemos uma relação quase que unívoca entre o ato de suicidar-se e o transtorno mental. De fato, se suicida, um sujeito biologicamente desregulado. Talvez bem regulada seja a sociedade desigual nossa.

Essas determinações e naturalizações, bem sabemos, não soam novidade. Não nos faltam exemplos históricos a, por meio de discursos higienistas, racistas, misóginos etc, fundarem o arquétipo de “rigor científico” médico, inclusive em nossos contemporâneos

tempos. Violentamente e violentando-nos, meio pelo qual aprendemos a nos humanizar (Araújo, 2022), esses paradigmas fundaram nossa sociedade e com ela nossa ciência, nossos cientistas, nossos santos discursos e líderes santos. A moral (Reis, 2020) que a envolve, da filosofia ao direito, do canônico ao científico, fez-se e faz-se régua legisladora, aquela que imputa, assina estigmas, ao passo que também assassina estigmatizados.

O suicídio, hoje cooptado pelo tal “rigor” científico medicalizado, de régua moral forjada em totalidade violenta, é uma faceta mais dos discursos que encontram e bem definem suas vítimas na sociedade do capital. É o estigma como forma operacionalizante. Opera-se com a vida e com a morte, e, se necessário, se mata tantas vezes mais, inclusive após a louca morte na lúcida voz médica anunciada.

Tal forma de agir, informa Araújo (2022), é perpetrada pelo processo de desistoricização, isto é, retira-se a historicidade dos processos, inclusive da dominação, e os apresenta como fenômeno natural e imutável. As determinações sociais e históricas que estão na base do sofrimento humano são, portanto, deslocadas de sua relação com a realidade mais ampla, de modo que se possa justificar a redução do comportamento humano historicamente constituído ao que este mesmo autor chama de feixes de neurônios e reações químicas malsucedidas. “Os genes ganham vida própria enquanto o indivíduo concreto se torna cada vez mais abstrato” (Araújo, 2022, p. 72), função principal das ciências medicalizadas.

É por meio dessas naturalizações, conforme este mesmo autor, que, através da suicidologia tradicional, nos deparamos com pesquisas de teor organicistas, capazes de “curiosamente” identificar deficiências metabólicas e/ou cerebrais inatas na população pobre, periférica, preta, indígena, dissidente sexual^{22 23}... A régua bem traça a quem a

²² Em tempo, enquanto sujeito que gabarita todas as esferas até então assinaladas, essa “curiosidade” me acerta em cheio. Uma vida-estigma, ou, mais assertivamente dizendo, um estigma-vida alvo ideal. Talvez isso explique meu discurso tão desregulado. Deixemos uma voz sã, de dizer doutoral (e digo de doutor de fato: médico), determinar a verdade a respeito da vida minha e da desordem dela.

²³ Interessante ainda notar que o autor, subvencionado por pensadores como Sawaia (2017) e Gonçalves-Filho (1998), aponta esses mesmos grupos como aqueles que vivenciam uma espécie de política do e no sofrimento; estas entendidas como formas de sofrimento que estão sob maior grau nos segmentos oprimidos. Tal constatação é aqui especialmente importante ao denotar que o sofrimento individual e subjetivo desses sujeitos está diretamente relacionado às profundas determinações históricas, as quais estabeleceram uma sociedade marcada por relações de domínio (como o de classe, de gênero, raça, sexualidade etc). Nesse sentido, os sofrimentos ético-político e psicossocial mesclam-se à compreensão da humilhação social, todos conceitos a estabelecerem a referida política do e no sofrimento que

curiosa constatação se aplica. O flerte com o século XIX, quando das pesquisas da degenerescência, não é acaso. É construção histórica.

Historicamente, pois, estamos diante de uma suicidologia tradicional, assentada em perspectiva que, medicalizada, assina a compreensão epidemiológica de um paradigma linear-causal (quando muito aprofundada, em base ecológica). Acontece que, ainda servas de tempos de ciência positivista, são perspectivas que avidamente separam indivíduos de suas condições materiais de existência, comprometendo a elaboração, inclusive, de políticas de saúde pública (Araújo, 2022).

É nesse contexto que Araújo (2022) defende a ideia de uma suicidologia compreendida como crítica, afinal é ela a responsável por à tona trazer o suicídio enquanto fenômeno histórico e fruto de uma totalidade social que calcada está na violência, sendo esta sua principal determinação. Se assim o é, há, pois, que se considerar a determinação social da saúde²⁴, sob uma compreensão dialética da relação entre indivíduo e sociedade e da dimensão ético-política do sofrimento desse humano que padece. Isso, em contexto de medicalizado discurso, diz de disputas políticas sobre o campo da saúde e, por conseguinte, da discussão acerca do suicídio.

O sujeito, a despeito de sua carga biológica (que não se desconsidera, tão pouco se sobrepõe), é um ser essencialmente social, produto das relações que estabelece com os sujeitos outros que, como ele, inseridos estão em uma dada sociedade. Sujeitos que têm o seu eu fundado em sua vida real (Marx; Engels, 2007), mediados por condições históricas específicas de um espaço-tempo.

Condições estas em que as relações sociais humanas, como nos propõe Marx em sua vasta obra, são os constructos da história (Marx, 2003; Marx, Engels, 2007). São relações por meio das quais podemos depreender os tantos determinantes econômicos, sociais, históricos e culturais que as atravessam, inclusive quando da análise do suicídio.

historicamente determinada foi – negando a humanidade a alguns grupos de indivíduos, expressando a máxima impossibilidade de alguns serem e existirem.

²⁴ Como mostra o autor, “as condições orgânicas ou psicológicas são pressupostas pelas condições objetivas, de onde se desenvolvem de maneira relativamente autônoma. Compreender que a estrutura social não é um fator ‘externo’ e dispensável, mas constitui justamente a determinação interna dos demais fatores, torna-se premissa básica para o verdadeiro entendimento da categoria determinação social da saúde nos estudos de suicidologia” (Araújo, 2022, p.80).

Suicídio a apontar para sujeitos que fazem sua própria história não necessariamente como desejam, mas sob as circunstâncias com as quais têm de se defrontar (Marx; Engels, 2007). Com elas se defrontando, nelas agem, modificando-as e, sob reciprocidade relacional, são por elas modificados. Tais determinações, como também evidencia Marx, têm no hoje o legado do passado, das tradições de gerações mortas que seguem a oprimir os ainda vivos nesta lógica de desumanização. Nesse sentido, pensamos a morte de si como parte da totalidade, historicizada, sobredeterminando as absolutizações de primeira instância; algo que, por meio de Marx (2003) e Marx e Engels (2007), podemos acessar.

É, então, partindo de um mesmo prisma referencial (sem negar-se a diálogos outros), e em acordo com a proposta de Araújo (2022), Barreto, Berenchtein Netto e Batista (2011), Berenchtein Netto (2015), dentre outros, que a aposta aqui assinalada, sem prescindir do sujeito, intenta mirá-lo em diálogo com a totalidade que o abarca. Trata-se de uma escolha que, neste exercício de aproximação e aprofundamento de um campo que nos soa de complexa compreensão e requer cuidadoso caminhar, estrutura-se na proposição teórico-metodológica do materialismo histórico dialético. Proposição a partir da qual intentamos, sob constantes diálogos, um olhar possível ao fenômeno do suicídio, uma vez que entender o indivíduo é entendê-lo como ser social.

Um sujeito que precisa ser pensado com a mediação do outro “(...) com as relações de conhecimento dadas pela socialização, que formará o indivíduo particular enquanto tal. Sua singularidade tem por pressuposto as relações concretas que estruturam sua existência na sociedade” (Araújo, 2022, p.77). Sob essa perspectiva, mais que pensar em fatores que levam ao suicídio, em voga está o compreender de múltiplas determinações, as quais “(...) formam uma complexa unidade com a totalidade e que se situam em níveis específicos de maior ou menor grau” (Araújo, 2022, p.77). A totalidade (estruturada na violência do capital, por exemplo) é ponto de partida para que pensemos as determinações tantas, como a psicológica.

Esse ponto de partida do qual nos valemos, como bem afirma este mesmo autor, considera as instâncias de determinações orgânicas, psicológicas, existenciais etc. A questão é que, ao considerá-las, o faz em diálogo com a estrutura social e histórica em que se inserem, sem, portanto, descontextualizá-las.

Trata-se de compreender uma relação tensa, que expressa uma dialética do não equilíbrio entre pares; seja no interno da relação que medeia o ser e o pensar que o estrutura, o sujeito e o objeto, bem como o particular e o universal. Relação hoje estruturada no contexto do capital que, sob forças objetivas cada vez mais impessoais, muito antes de formar o sujeito, o mutilam. O sofrimento humano que resulta no suicídio, diz assim de um sujeito que não é resultado de “(...) falta de ‘adaptação’ e de ‘resiliência’ do indivíduo ao meio social, mas justamente o resultado de um excesso de adaptação do indivíduo às frias e enrijecidas relações sociais, que o impedem de *ser e existir* tal como deseja, que mutilam a sua espontaneidade” (Araújo, 2022, p. 90).

O suicídio, em alguma medida, é, assim, um ato político. Se o sofrimento político é, o suicídio como resultado direto deste não poderia deixar de sê-lo. Trata-se de compreendermos que, em sua manifestação, junto à morte, grita ele a vivacidade da violência, a denúncia das desigualdades que fundam e que fizeram do viver uma impossibilidade. É justamente por se viver demais que se morre. Por entender e sentir a vida que louca é, é que do sujeito louco fazemos. Precisamos fazê-lo, medicalizando-o. Os contextos adoecedores de sua então vida se contrapõem ao necessário viver em enredos de sociedade justa e não violenta.

Se a sociedade parece ganhar vida própria, com realidade objetiva que a todos toma, esses mesmos todos, enquanto sujeitos, parecem reduzir-se à quase inanimada vida. Há uma expressa divergência entre sociedade e indivíduos. Divergência construída socialmente e perpetuada ao largo do espaço-tempo. Como que suporte da maquinaria social do capital, nesse todo, o indivíduo experimenta os distintos graus de autonomia e singularidade (Araújo, 2022). Todos eles, contudo, cindidos são pelo assassino reificar da “inanimada” vida.

Nas éticas da vida nossa, diria Lima (2022), construímos os enredos de morte que a nós soa aproximada nos contextos diversos. Nesse lugar onde vida em qualidade aparece como horizonte utópico, dando-nos signo certo de morte, o suicídio pode estabelecer-se como espécie de *ethos*. Um *ethos* advindo do neoliberalismo.

Este, informa autora, enquanto reflexo de transmutação do sistema capitalista, aposta na desigualdade como base fundamental ao desenvolvimento, estabelecendo as guerras e

batalhas cotidianas que tomam aqueles que, como a classe trabalhadora, não se constituem enquanto donos do capital.

Dessa forma, a vida trabalhadora na sociedade democrática por nós constituída (vida esta à qual nos ateremos de forma melhor aprofundada mais adiante), sob suas interseções tantas, se organiza pela morte, através das gramáticas várias de opressão que assina, da reificação que dilacera e despedaça o humano. Tal viver dá-nos, como nos fizeram os autores antes aventados e o faz a própria Lima (2022), a compreensão da dimensão sociopolítica do sofrimento e dos condicionantes sociais que à saúde implicam, inclusive quando do aumentado risco da morte e, mais especificamente, da morte de si.

Compreender tais dimensões e seus condicionantes enquanto bojo da vida que experienciamos é, pois, em algum sentido perceber a morte como fenômeno a instaurar-se processualmente. Desse modo, também a partir das operações que realiza ao subvencionar-se em Han (2021), muito antes de significar o fim da vida biológica, a morte se estabelece como processo cotidianamente vivenciado. É, enfim, morte que antes da morte começa.

O suicídio desponta então como resultado da morte já há muito começada; alinha-se à convergência dos condicionantes da saúde e às estruturas sociais. A violência, enquanto processo de subjetivação, habitando o sujeito, toma-o pela dor, pela raiva cotidianamente sentida, pelo desespero. Vivencia ele a desesperança, uma espécie de esvaziamento radical que o angustia, frustra e, por vezes, o leva à autoculpabilização; que, tal qual a desesperança, é devidamente orquestrada na sociabilidade capitalista nossa. Seu corpo, em mal-estar e desamparo que não se conta, padece (Lima, 2022).

O sofrimento por ele experimentado, aponta-nos ainda a autora, ao ser medicalizado e assim atrelado ao universo dos fármacos, assina a estratégia de uma engenharia social neoliberal. Despolitizando-o, perdemos de vista seu lugar social mais amplo, a denúncia de um sujeito que não está em conformidade com o danoso meio. É, portanto, debate político, que precisa opor-se à normatizada referência médica patologizante, solipsista e criminalizante.

Nesse sentido, sem desconsiderar as tramas subjetivas, é necessário o reivindicar do suicídio (bem como seu debate e sua prevenção) como categoria política que, capaz de

reconhecer as tantas dinâmicas de mortificação que ao sujeito envolvem, “(...) pressupõe o entendimento do suicídio em uma dimensão relacional, entrelaçado a pessoas projetos, condições circunstâncias” (Lima, 2022, p. 113-114).

“Enquanto os violinos tocam, é bom que
dancem todos” (Marx, 2011, p.11).

“*O mundo acaba hoje e eu estarei dançando*”
- Música “Dançando”, Pitty.

2 DA VIDA QUE NOS ESCAPA: trabalho como lugar de morte

“O trabalhador tem de entender que através de se exaurir de trabalhar, eles exaurem sua própria força e aquela de seus filhos. Eles são consumidos muito antes do seu tempo chegar, de estarem inaptos ao trabalho. E que, absortos e brutalizados por este vício, deixam de ser homens e tornam-se pedaços de homens. Que eles matam em si todas as suas belas faculdades e não deixam nada florescer além da loucura furiosa por mais trabalho”.

- Paul Lafargue - O direito à preguiça

Furiosamente, vivemos a morte que começa antes morte. No florescer loucura, dançamos o exaurir que nos consome em brutalização absorta, esta que, tomando também a filhos nossos, nos faz pedaços de um pretense alguém. O belo é morto e, naquilo que soa horror, prosseguimos o existir nomeado trabalho.

Nesse processo de sanha-miséria humana, o direito ao trabalho é, então, quase que o não direito de existir. Ou de, quando muito, existir no lúgubre, em processos constantes de combinação frágil: *“Eu combinei comigo de não morrer este ano. Mas nem sempre minhas palavras se sustentam. Faço o agora para chegar a um lugar que ainda não sei.”*²⁵. Escreveu-me o amigo professor já farto. Em angústia que não mais grita, que não bem sabe, mas que prossegue na beleza de face superficial, aquela que cobre a *“absurda hipocrisia”* e que nos faz adoecer, afinal *“minha profissão adoecer”*.

Nas palavras do amigo que não sabe, no trabalho que o adoecer, a finitude absoluta está sempre à espreita. Nada ali parece mais importar, informa ele. A dor solapa o importar-se, não há sentido. Nem mesmo culpa resta (ao menos assim dela nos livramos!) por estar *“aqui desperdiçando minha vida”* – falava ao passo que batia com vacilante força o dedo na mesa da sala dos professores. Enquanto trabalha, desaparece ele. Nunca inteiramente presente, vive o cotidiano de imperativo teor-pedaços, brutalizado.

Nesse lugar de brutal cotidiano, a violência dá o tom e *“enquanto os violinos tocam, é bom que dancem todos”* (Marx, 2011, p.11). Dancem porque precisam dançar. Porque

²⁵ Ao longo deste texto, ainda antes das coletas em campo e análises destas, você se deparará com recortes de dizeres de docentes adoecidos. Alguns destes permanecem, outros não mais. Para que não haja confusão quanto à fala desses professores e possíveis recortes de referenciais autorias, suas falas estarão indicadas em itálico.

comem. Uma dança que vida morte é, em partituras de orquestra-violência. Bailarinos sentem, pois, a violência histórica; a qual enreda os entendimentos de trabalho que nos tomam em ritmo de cada vez menos belo florescer.

Voltando-se à compreensão de enredos dessa natureza, Teles (2011) oferta-nos suas análises acerca da violência enquanto feitura histórica. Processo a partir do qual pode ser ela entendida como algo estrategicamente pré-estabelecido e que se implementa por meio da conjunção e articulação dos fatores estruturais de uma sociedade e, em específico, da sociedade capitalista, dentre outras coisas, caracterizada pela imbricação das relações de poder, dominação e exploração.

(...) as desigualdades econômicas e sociais são criadas por meio de processos históricos, encabeçadas por pessoas e grupos que transformam as relações sociais, conforme seus interesses políticos e econômicos, em prejuízo da maioria, colocando as pessoas na condição de ‘massa’ homogeneizada, sem rosto, sem voz e sem vontade. (Teles, 2011, p. 48).

Estrutural, esta violência reflete, pois, estrita vinculação à forma própria de nossa organização política e socioeconômica; que, por sua vez, constitui-se por meio de um sistema marcadamente desigual. Nele, a negação de direitos e de cidadania para ampla maioria de sua população está posta, situando-a em posições de menor poder político, econômico e social.

Tal configuração, adverte-nos a autora, estabelece-se enquanto ordenação estratégica, uma vez que se configura como conjunto de “práticas de determinados grupos ou segmentos que forçam outros à submissão com o fim de explorar, oprimir, dominar e controlar a ponto de impedir a manifestação da vontade e da autonomia por parte dos que estão sendo dominados” (Teles, 2011, p. 45). A violência, voltemos ao baile, seria então ação perpetrada por aqueles sujeitos (grupos/segmentos) que detêm os violinos (Marx, 2011) e que ditam os ritmos, a fim de que dancem os outros de exaustos pés. Estes, ao contrário, não ditam ritmo, composição ou mesmo partitura. Dançam e dançando esvaem-se, em um desaparecer “sem rosto, sem voz e sem vontade”.

Esses de pés exaustos, a exemplo daquele de dedo que vacilantemente bate, são aqueles que nos enredos de violentos trabalhos, como mostra Teles (2011), têm sua capacidade tolhida enquanto sujeitos de direitos; aqueles a quem a possibilidade de manifestar desejos e construir perspectivas são constantemente negadas.

Negados em si e de si, sofrem o impedimento de serem protagonistas de suas próprias trajetórias, de experienciarem os traçados de cidadania plena e digna. A violência que os captura e impede, de face implícita e explícita, direta ou indireta, é elemento fundante da estrutura social e econômica em que o trabalho também se forja. É mais um elemento a assegurar o violino nas mãos de quem há séculos o toca. Ou, dito de outro modo, a “assegurar o *status quo* do polo dominante” (Teles, 2011, p. 46).

Enquanto flagrante manifestação de poder, mostra-nos a autora, a violência é estruturante, faz parte do exercício do poder político. Espraia-se no âmbito do trabalho e das subjetividades das pessoas que nele se inserem e que por meio dele tentam o viver. Movimento que se dá ao passo que morrem sob suas marcas físicas e/ou psicológicas, e em diálogo com as esferas que se interpenetram e que precisam ser socialmente contempladas.

Trata-se, assim, de elemento que, atravessando a história da humanidade (o vimos nos enredos pretéritos quando da discussão do suicídio), aponta para a necessidade de enfrentamento na agenda política; afinal diz da estrutura do próprio Estado, da sociedade nossa, das instituições sociais que as forjam e as repetem, apontando para fenômeno que, de tão arraigado no cotidiano nosso, tende a concebido ser como próprio à natureza das coisas²⁶. De modo tal que chegamos ao ponto de “não reconhecer práticas violentas e de não percebê-las como atos de força, usadas como instrumento de cominação, exploração e opressão” (Teles, 2011, p. 49).

A repetição contínua fomenta a cultura da violência e da impotência (Teles, 2011) assinalando o círculo vicioso, por meio do qual nos constituímos. Se a violência social naturalizada é, o mesmo se dará com as ações violentas construídas no bojo das relações individuais em que, por exemplo, nossos trabalhos se dão. Fato que, em última análise, afirma esta mesma autora, nos educa e disciplina. Introjetamos tais comportamentos e, embora vítimas destes sejamos, defendemos pessoas e instituições e mesmo processos históricos que nos violentam.

²⁶ Processo que pode ser lido sob a ótica de Marx quando, na sexta tese de Feurbach, aponta para a inversão ideológica em que as instituições sociais são dotadas discursivamente de naturalidade. Ou seja, compreendidas fora de seus processos sociais e historicamente determinados erigidos na interação entre indivíduos.

Nesse contexto, não nos adoecemos, somos adoecidos. O problema é que, socializados que somos na cultura da violência e impotência já viciosa, tendemos a ser expostos a risco aqui já assinalado por meio de outros autores, qual seja: acatar como patologias individuais nossos infortúnios que refletem o sofrimento como algo político. Dessa forma, “diluem-se as responsabilidades, e mais nebulosas se tornam as estratégias para enfrentar o problema; imobiliza-se a sociedade afastando-a de ações de identificação e erradicação da violência” (Teles, 2011, p. 49); e o fazemos de modo bastante estratégico, palatável, talvez até colorido, já nos diria o amarelo setembro.

Nesse lugar, informa-nos Teles (2011) por meio de Pellegrino (1985), vivenciamos a tortura que nosso corpo captura. Capturado, é ele nosso inimigo. Contra nós se volta, avolumando a tortura já existente. De nosso corpo alienados, somos a ele estrangeiros e ele, sob estertor violento, faz-se inimigo de morte. Mas não da morte. Há em cena, e talvez sina, uma espécie de tortura posta como projeto que implica em negação total e totalitária do nós encarnado.

Dancemos, caso os pés ainda aguentem.

A materialização da violência de formas diversas se manifesta, globalizamos as mazelas, as misérias e a perversão imposta pelo capitalismo hodierno. Trabalhando, vivemos a engrenagem das exigências, metas, jornadas, a intensificação do já intenso ritmo do trabalho (Pereira, 2011). Adoecer é horizonte de demissão. Impensável. Mas como não se “*minha profissão adoecer*”? Combinemos de não morrer, mesmo que não saibamos para onde e como seguir, certo professor? Como sabê-lo? Fui capturado e tenho em mim, que eu não sou, inimigo de morte e não da morte. Afinal, meu inimigo de morte (Teles, 2011).

Confusão-confissão ao leitor... Pausa para atualizar o Lattes²⁷...pausa aqui para seguir para lá sem pausar. Pausa para colocar as sapatilhas novas e prosseguir em dança orquestrada, enquanto choro a ausência de sentido e celebro os pontos do recomendado programa ao som daquele violino. Os ruídos vibrantes não param. Vibra o celular: vibra trabalho, avisos, punições, desesperança. Fico cá sem vibrar coisa qualquer.

²⁷ Currículo virtual criado e mantido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, por meio do qual estudantes, professores e pesquisadores narram suas trajetórias acadêmicas, destacadamente aquelas circunscritas às experiências científicas e de pesquisa.

Certa vez, ouvi que uma tese tem doses de acertos consigo mesmo, quase que uma incursão que assina também confissões de si. Parece muito real... Será que devo justificar este parágrafo pela “escrevivência”, em uma ação quase que vulgarizante da autora Evaristo? Talvez soe mais conveniente à academia...

A verdade é que dela bem gosto (não se engane, da primeira; bem mais da primeira) e, nela me encontrando, recuso a vulgar conveniência e rememoro a sabedoria do combinado coletivo que conta em conto – tenho forças ainda para ele –, no qual anuncia: “A gente combinamos de não morrer”. Contando, a mulher de olhos d’água, nele ecoa as palavras sábias de quem, doída, olhava as feridas suas e recordava o ouvido verso: “escrever é uma forma de sangrar’ e de muito sangrar, muito e muito” (Evaristo, 2016, p. 99).

Muito.

“Bola pra frente, voltei”.



“O aviso” (UFSCar - Foto acervo pessoal, 2023)²⁸

²⁸ Os avisos assumem as paredes em públicos prédios-campus. A universidade parece cada vez melhor adaptada à lógica do trabalho violento.

Na volta em aviso, retomo o intenso ritmo a que se refere Pereira (2011), o qual apresenta-se na obrigatória face do que o autor chama de “política da saúde perfeita”. Esta, conforme assinala, do trabalhador requer o constante *status* de aptidão para o trabalho. Tal *status*, em desenhos de *status quo*, “significa não faltar, não adoecer, dar a vida e suar a camisa pela empresa” (Pereira, 2011, p. 69).

Como efeito dessa política, um desumanizador fenômeno se instaura: o “presenteísmo”. Ele, mostra-nos Pereira (2011, p. 69), assinala o movimento de trabalhadores que, por medo de perderem o emprego, trabalham “(...) com o atestado no bolso e evitam ausentar-se ou faltar [...] independentemente de sentirem dores, estarem ou não se sentindo bem para trabalhar”; o que, segundo informa, é elemento inclusive responsável pela queda estatística do absenteísmo em contextos empresariais.

Também dedicada a essa discussão está a autora Paschoalino (2007), educadora que, por meio de Aronsson, Gustafsson, & Dallner (2000), aponta o presenteísmo associando-o a um problema visceral quando da discussão acerca do trabalho e, mais especificamente, do trabalho docente.

Segundo Paschoalino (2007), por presenteísmo poderíamos compreender um fenômeno de continuidade no espaço de trabalho e, portanto, de suas atribuições, a despeito das tantas reclamações e doenças que tornariam plausível e, mais que isso, necessário o afastamento do profissional. Em suas próprias palavras, trata-se de um fenômeno a refletir profissionais que “(...) em suas condutas colocam o trabalho em primeiro lugar, esquecendo-se, inclusive, de sua saúde” (Paschoalino, 2007, p. 83). “Assim, o presenteísmo significa estar sempre presente ao trabalho, porém doente” (p. 83).

Não há doença que impeça a regra mor do otimismo. No trabalho, o estar bem é saber sempre bem trabalhar, produzir a despeito de todo e qualquer cansaço. No discursivo “fazer-acontecer”, faz-se tudo, exceto vida válida, ou que valide bela existência. O mundo do trabalho e suas constantes reorganizações requer o novo trabalhador, aquele de saúde perfeita, possuidor de excelência; o competitivo que, disciplinado, motivado e criativo é – ainda que não haja motivação efetiva. Seu talento é abundante, suas habilidades infinitas. Fugazmente aliançado com sua empresa, é dela refém, inclusive quando das ameaças que a ele se voltam, (Pereira, 2011). Um faz tudo que tudo faz, à medida que desfaz-se.

Os trabalhadores, mostra este mesmo autor, são aqueles sob a incumbência de conquistar a medalha diária, um hercúleo esforço que se faz também na ávida busca de produzir mais que os colegas com quem partilham o espaço profissional. É competição “saudável, contínua e crescente”, forjada à ilusão do discurso familiar, no espaço onde as relações são gerenciadas pelo precário e desumanizador trabalho. Mundo em que são “frequentes os relatos de trabalhadores que sofrem agressões verbais, exposição ao ridículo, constrangimentos e desqualificações, enquanto trabalham, suam a camisa e dão o melhor de si” (Pereira, 2011, p. 74).

Em um universo de mandos e desmandos, sob imposição disciplinar aos corpos trabalhadores, as injustiças predominam. Nesse contexto, informa-nos (Pereira, 2011), os criativos corredores ávidos à medalha experimentam a “paz” enquanto se produz. Tão logo adoeça o produtor e seja ele incapaz do otimismo que à paz sustenta, “a ideologia da culpabilização sobressai para aqueles que adoeceram” (p. 76).

Uma espécie de classificação acerca do trabalhador, então, se forja: sadio-apto-produtivo X doente-inapto-improdutivo. Neste segundo perfil classificatório, diz-nos Pereira (2011), há apenas uma aptidão assinalada para o mundo trabalho: a de ser desvalido, senão, demitido. Tal tensão, como se pode supor, reverbera e espraia-se às esferas íntimas desse trabalhador, vê-se ele atingindo em suas relações, honra, na vitalidade que o sustenta, sofre a dor imposta com a qual precisa operar.

Por vezes, em sua operação é o suicídio o caminho (Pereira, 2011). Mas talvez não haja nisso mal efetivo, afinal falamos daquele trabalhador pertencente ao segundo grupo, aquele de uma aptidão apenas e, como tal, incapaz à política da saúde perfeita. Não podemos sustentar um ambiente de trabalho em que não há “paz”, em que não há colaboração presenteísta em talento abundante, inclusive aquele exposto no negar a si em prol do coletivo familiar do trabalho. De fato, “se os trabalhadores são usados ao máximo de suas forças e energias para aumentar a lucratividade, a diminuição de sua capacidade produtiva os transforma em descartáveis” (Pereira, 2011, p. 76).

A saúde, como condição ao trabalho e, mais que isso, à vida concreta de realização individual e coletiva que sob reflexos de bem-estar se manifesta, precisa ser encarada como premissa nos espaços laborais tantos; do contrário, haverá o impedimento do viver, sob cotidianas imposições de morte em maior ou menor grau.

Nesse sentido, informa Barreto (2000) com quem dialoga Pereira (2011), se o trabalho é lugar de repetitivas e distintas desqualificações, de tensão desestabilizadora, padecerá o trabalhador e o organismo em que se insere. Afinal, é todo ele desequilibrado em sequelas que, mutilando a alma do trabalhador e interferindo em seu comportamento, se estendem à comunidade. Em suma, são vínculos que “se estabelecem ou se rompem, trazem o colorido de classe, expressando a natureza social do adoecer e morrer” (Pereira, 2011, p. 76).

Tais vínculos e contexto, que têm o suicídio no trabalho como resultado horror, diz-nos Cohen (2011), apontam para um mundo capitalista globalizado que extremou as condições de exploração, sendo, portanto, a morte de si uma consequência direta deste sistema. Nesse sentido, dizendo estamos de um fenômeno que precisa ser analisado em um espaço-tempo, sob diálogo estrito com as condições sócio-históricas determinantes, a fim de que nos seja inteligível.

É partindo dessa premissa que a autora nos interpela quanto à necessidade de historicização do suicídio, movimento em que propõe a discussão acerca do entendimento sobre “natureza humana” e a apropriação dessa compreensão no âmbito da sociedade capitalista, com vistas à legitimação do poder político laico e burguês.

Calcada na perspectiva hobbesiana, perscrutar que a autora apresenta através da obra “O Leviatã”, a natureza humana é entendida como primariamente individualista, competitiva e naturalmente voltada ao instinto de conservação. Tal natureza faz do humano potencialmente depredador, sob inclinação inata à guerra.

É esse entendimento que, segundo Cohen (2011), se estabelece enquanto fundamento do modo de produção capitalista, “essa forma de entender aos homens abriu um caminho fecundo para a visão de mundo que representa os interesses do poder de classe burguesa, ou seja, dos donos dos meios de produção e da terra” (Cohen, 2011, p. 82).

Se esse é o fundamento, dizendo estamos de uma forma de dominar, acumular e de organizar o trabalho a partir da competição individual, o que, ao fim, resulta em maior produtividade e, ao capitalista, maior ganância. E que, em essência, atrela-se ao entendimento de Hobbes quanto à natural inclinação à guerra baseada na competição, desconfiança e ânsia de glória.

Tal entendimento, estrategicamente pensado, subvenciona a propalada ideia de que o capitalismo é o sistema que melhor se atrela à natureza humana, já que estaríamos a ele inatamente inclinados. Nesse sentido, aponta Cohen (2011, p. 82), diante estamos de uma falácia argumentativa a partir da qual “elimina-se a determinação sociopolítica dos conceitos, onde começa o processo de naturalização de todos e cada um dos conceitos que se referem aos sujeitos”.

Descolados de suas determinações sociopolíticas, resta aos sujeitos a compreensão farsante acerca de si e do contexto laboral que os enreda. Na falácia inatista e justificadora da exploração extremada dos tempos contemporâneos, é ele reduzido ao lugar individual, sob responsabilização das misérias que o acomete, estas “certamente” fruto de esforço minorado. E, se em miséria, é bom que otimista seja, afinal o tempo perdido no lamentar-se ou nas vãs lamúrias é subtraído da necessária corrida premiada, aquela que o pode colocar na melhor das classificações: sadio-apto-produtivo (Pereira, 2011).

Se quer ele a “paz” para si (Pereira, 2011), que paz ao capitalista é, é bom que sorria e dance (Marx, 2011). Dance, dance. Dance como se fosse o mundo acabar, e o mundo, neste caso, é o externo. O seu, não raro, há muito se foi, é um alguém já capturado pelo inimigo de morte (Teles, 2011). Um sujeito presenteistamente posto (Paschoalino, 2017), sob vida odiosa e impossível de se levar (Cohen, 2011).

Como mostra esta autora, a atual organização do mundo do trabalho, em seus processos de inclusão e exclusão do trabalhador (tal qual o é o sistema classificatório proposto por Pereira, 2011), induz ao suicídio do trabalhador. Nesse sentido, em consonância com os teóricos aqui já referenciados, a morte de si precisa ser contemplada a partir de um prisma que a afaste de horizonte estritamente psicológico; em favor de uma mirada que se paute na compreensão sócio-histórico-política do fenômeno.

Na atual configuração do sistema de trabalho

Apresentam-se estratégias de desapropriação do sentido da vida, humilhação, isolamento, traição, que vulnerabilizam a dignidade do sujeito trabalhador [...] é parte da lógica do sistema e está perfeitamente fundamentado na noção de competitividade, individualismo, existismo. Se a vida se esvaziou de sentido, já não se trata de melancolia somente, mas das condições econômicas configuradas no e pelo modo de produção capitalista (Cohen, 2011, p. 85).

É neste lugar que precisamos entender, conforme assinala a autora, que, se enquanto sociedade não somos capazes de prover o bem-estar dos cidadãos, perdemos todo e qualquer direito sobre eles. Essa é dor que a nós se imputa à medida que também negamos a necessidade de uma vida comunitária, como que aceitando o humano no lugar de não gregário (noção fundante ao sistema capitalista), compreensão fortalecida nos espaços de trabalhos nossos que penduram retratos dos melhores competidores (a propósito, “esqueci-me” de deixar no *Lattes* meus prêmios de curricularização da afeição: “professor homenageado, paraninfo, patrono”). O suicídio no trabalho é, pois, patologia provocada também pela ruptura do laço social.

Tal ruptura, nos proporia Marx (2006), diz dos contextos de isolamento dos sujeitos. Nisso estando, fazemo-nos estúpidos, depravados quanto à compreensão do suicídio, afinal cada um de nós é estranho de si e estranho entre si. Trata-se de lugar profícuo às rasas compreensões, até porque sequer somos capazes de suspeitar que nós mesmos, diariamente e a cada hora, como aponta o teórico, pouco a pouco nos assassinamos em nossa humanidade.

Na natureza nossa, tão voraz e abjetamente capturada pelo capital, aprendemos a “propagada tendência de minimizar ou negligenciar nos outros os sinais do mais extremo desespero. Nossa incredulidade diante da inclinação das outras pessoas ao suicídio corresponde, de um lado, ao isolamento social e, de outro, à moral então dominante” (Marx, 2006, p. 55). Um moral suicida que forja em nós o existismo.

O trabalho forja, assim, as subjetividades do seu trabalhador, sempre dependentes das circunstâncias sócio-históricas. As coerções que se impõem à divisão social do trabalho expropriam os corpos e mentes trabalhadores, apontando para o capital em sua dimensão relacional, sob normas e relações de produção especificamente capitalistas. A vida nossa é exposta ao capital e a subjetividade trabalhadora, histórica, assume suas marcas. E como não sê-lo, afinal “(...) trabalho e vida são indissociáveis para o entendimento do ser humano, ainda que eivado de contradições como o sofrimento e a criação, a dignidade e a opressão” (Paschoalino, 2009, p. 27).

Berenchtein Netto (2011), em consonância com a perspectiva assinalada por Cohen, destaca a necessidade de pensarmos o suicídio a partir da relação que hegemonicamente o fenômeno estabelece com a sociedade em que se insere. Nesse sentido, em certa

similitude com o que nos apresentou Reis (2020), propõe uma caminhada pela história da morte de si.

Historicizando-a, o autor apresenta a percepção que envolveu o fenômeno nas distintas eras, até que adentrássemos a contemporaneidade, para assim pensá-lo em sua imbricada relação com o espaço do trabalho. Nesse movimento, Berenchtein Netto (2011) ressalta as hegemônicas formas que historicamente se impuseram no sentido de ideologizar o suicídio sob carga negativa, a qual, hoje fortemente perpetrada, consigo traz heranças de todos os tempos precedentes.

Tal carga negativa, estrategicamente tecida, dá-nos a dimensão de um caráter que, atribuído ao suicídio, não pode ser eternizado como se sempre tivesse existido de um único modo; o que nos permite analisar a relação entre suicídio e trabalho em luta ideológica direta com o passado, de modo a superar cristalizações hoje tão presentes em nossos discursos.

Estas são lutas, informa-nos, travadas na tridimensionalidade da história, isto é, história que, não restrita ao presente, estende-se ao passado e ao futuro, explicitando “(...) lutas ideológicas não se dão apenas no próprio momento histórico, no presente, mas também na forma como se compreende e reproduz a história passada e em como se produz, nesse presente, nosso próprio futuro” (Berenchtein Netto, 2011, p. 124).

Nesse sentido, sob a perspectiva material, histórica e compreendendo a dialética que entre elas se estabelece, o autor propõe a desideologização do suicídio, de forma que novas relações se possam estabelecer entre os homens e, por conseguinte, com a morte voluntária. Esta que, compreendida em suas esferas tantas, é mais especificamente mirada a partir de seu assinalar no bojo da vivência trabalhadora.

É então a partir dessa vivência que Berenchtein Netto (2011) demonstra-nos a construção do discurso acerca do suicídio como ato irracional, algo, informa o autor, atrelado à aura da loucura que o acomete no âmbito da Modernidade. Nesse sentido, ao ato mortal pecaminoso e crime capital, ideias fortalecidas, por exemplo, em tempos medievais e mesmo antigos, soma-se a aura louca que, nos séculos XX e XXI, constituirá um dos mais nefastos e perniciosos argumentos ideológicos a enredar o suicídio.

Tal loucura, forjada nos braços da doutrina liberal do capitalismo, sistema produtivo da modernidade a destacar nova forma de sociabilidade, se atrela e fortalece em diálogo com os mitos de mobilidade social, igualdade de direitos e oportunidades, abstratamente posta nos entendimentos de um trabalhador que senhor é de sua força de trabalho e de sua possibilidade de vendê-la. Louca e estrategicamente, dissemina-se o engodo, ao passo que concomitantemente se mantém os *status quo*.

A realidade, cientificizada aos ventos da ideologia burguesa, tal qual expressou Cohen (2011), na concorrência aposta. Individualismo e competitividade são pilares do trabalho, esferas estas pelas quais os sujeitos, “livres”, conduzem e responsabilizam-se por seu viver; assumindo, já nos diria Engels (2010), a concorrência como expressão mais completa da instaurada guerra que contra todos se volta na sociedade burguesa.

Nessa guerra de batalha-labor, de todos contra todos, esvai-se a fraternidade entre trabalhadores, laços solidários são rompidos, substituídos pela cada vez mais forte lógica da solidão individualista (Berenchtein Netto, 2011). O suicídio ganha terreno, possui os despossuídos trabalhadores. Miseráveis que são, privados da sobrevivência, tem na morte de si a saída possível. Uma saída advinda da opressão social que, tomando-os violentamente, a eles destinará resposta de louca responsabilidade.

Nesse percurso, um ideal de morte se estabelece e o faz a partir da apreensão que dela tem a burguesia: uma morte natural – tal qual nos informaram, por exemplo, Lima (2022) e Almeida (2021). A morte idealizada, essencialmente oportuna, avança na contemporaneidade sob os cuidados dos discursos clínicos, medicalizados. Compreensão esta que, como novo ideal burguês, se alastra por toda sociedade e ratifica o *ethos* industrial que a descreve; algo que, conforme pontua Berenchtein Netto (2011, p. 150), a partir de Illich (1975) faz da morte “irrevogavelmente a do consumidor-tipo de cuidados médicos”.

Assim como em Lima (2022), percebemos no autor a defesa do suicídio como espécie de *ethos* neoliberal. Nesse contexto, a vida precisa ser mantida a qualquer custo. Obviamente, referimo-nos aqui a qualquer custo do trabalhador. Do patrão, nada se precisa pedir, afinal a culpa de uma morte autoimposta só pode exclusivamente do sujeito ser; nos informam as relações de trabalho desta contemporaneidade nossa.

Dessa forma, abandonar de modo intencional a vida é algo despropositado e sem sentido. Uma injustificável ação que somente poderá lida ser sob a égide da loucura, sob discurso de medicalização que patologiza o sujeito; circunscrevendo o ato à esfera estritamente individual. Tal compreensão, afirma Berenchtein Netto (2011), ao fim, impõe obscurecimento, ou, sob terminologia de apreço médico, o obnubilar da possível denúncia quanto à organização social nossa, quanto às formas que assume o trabalho nesta organização.

O obnubilar alcança as cartilhas médicas de alçada mundial, garante a veiculação do véu ideológico a partir do qual se mira o fenômeno; impede que contribuições efetivas cheguem aos sujeitos no sentido de que reflitamos e construamos horizontes de existência possível. Posta está a culpabilização do indivíduo,

seja pela utilização de argumentos organicistas (que apontam para os transtornos mentais e adição de substâncias), de caráter psicologizante, assumindo como característica elementos que de fato são sociais, culturais e históricos, e com isso desresponsabilizar toda a organização social que nisso está envolvida (Berenchtein Netto, 2011, p.152).

O sujeito trabalhador, cada vez mais solitário, culpabilizado, não pode muitas vezes compreender o porquê de desejar a morte. Sua compreensão, neste caso, é algo que tangenciando as razões se dá no nível sufocante da dor. Uma denúncia que precisa ser reconhecida e não ignorada, sob passadas de organização e solidariedade trabalhadora nossa.

Há, de fato, “uma enorme implicação das condições de trabalho nos desejos de vida e morte dos trabalhadores” (Berenchtein Netto, 2011, p. 156). O trabalho é central na formação do humano no homem. Nesse sentido, é importante que seja compreendido como tal, afinal, fazê-lo é perceber as configurações que assume ele dentro dos modos de produção capitalistas na contemporaneidade.

Modos que, coadunando com as faces de desumanização e bestialização, fazem do suicídio no trabalho espécie de morte imposta, no entendimento de sujeitos que, segundo Berenchtein Netto (2011, p. 157), “não se mataram, mas foram mortos, não se suicidaram, mas foram suicidados pela sociedade”, como peças “descartáveis e facilmente substituíveis”.

Diante de tal contexto, uma pergunta nos parece especialmente oportuna, ainda que dolorosamente incômoda: por que a relação do sujeito com o trabalho produz padecimento? O questionamento, apresentado por Sauaya e Cohen (2011), leva-nos a outro: afinal de contas, por que o trabalho, enquanto lugar de pertença, parece configurar-se como espaço de impossibilidade do desejo, do estranhamento e perda de si?

São indagações que, em diálogo com que propõem as referidas autoras, conduzem-nos às considerações suas acerca de um fenômeno perturbador: a distorção discursiva que, no capitalismo, reduz o trabalho a emprego²⁹ e a obra à mercadoria; ocasionando a desapropriação do trabalhador quanto ao ato de reconhecer-se como sujeito desejante em seu saber.

Este trabalhador, despojado de si e da possibilidade do desejar, é então apropriado pelo capital como corpo político. Um corpo nu, sem legitimidade de permanência em sua humanidade. É corpo que, a despeito de trabalhador ser, na lógica do mundo capital, não existe como pessoa. Antes, ascende-se como fragmentação de um tempo de atividade qualquer que no fluxo contínuo da rede produtiva se apresenta (Sauaya e Cohen, 2011).

A partir de um sistema normativo, ações e condutas inúmeras regulam o reificado trabalhador. Sem desejo e humanidade, é ele controlado e vigiado. Processo em que precisará, devidamente admoestado, servir às duas exigências disciplinares, quais sejam: acatar e submeter-se ao poder que vigora, e identificar-se com a empresa, com o espaço de trabalho que o comporta; ainda que isso fazer signifique “desidentificar-se” consigo mesmo.

O trabalhador nesse contexto é, então, um ser pelo emprego capturado no corpo e na inteligência sua. Um alguém a ter seu potencial criativo reduzido à esfera do lucro; refém da brutal violência psíquica que ao suicídio cotidianamente também conduz.

²⁹ A fim de que melhor se possa compreender a referida distorção, importa destacar o que consideram as autoras por trabalho. Segundo informam, “o trabalho é a forma na qual o sujeito se inscreve no coletivo do qual recebe um nome próprio, que o nomeia, segundo a inscrição de sua tarefa na cultura e história de sua época, lhe dá um lugar de pertença, no que estabelece laços com outros, lhe brinda condições de possibilidades de realização do desejo enquanto Sujeito de um Saber Socialmente Produtivo (SSSP)” (Sauaya e Cohen, 2011, p. 163).

É a partir desse cenário que as autoras, em acurada análise do capitalismo contemporâneo e atravessadas pelo diálogo com as postulações de Toni Negri (1991), advogam a “fábrica difusa”, espécie de fábrica que, ampliada quanto ao seu alcance e exploração nestes tempos de tecnologia comunicativa e informacional avançadas, faz da vida laboral algo espreado à vida inteira do trabalhador; não reconhecendo limite de horário, dia, ou tempo qualquer. Tudo está no circuito do emprego, sua vida está capturada pelo capital.

Em um subsumir vital ao capital, toda sua vida se encontra à produção de mais-valia. Computador, celular e materialidades outras o conectam à disponibilidade infundável, nos alertas de avisos, urgências e necessidades já naturalizadas em sua desumanização constante. Apenas mais trabalhador.



Douglas Tomácio <dtlmeduc@gmail.com>

sex., 1 de dez., 02:12 (há 13 dias)

para Marcelo, douglastomacio, [redacted]

Olá, professor Marcelo. Espero que esteja tudo bem com você.

Agradeço o cuidado desse retorno e a zelosa explanação acerca daquilo que o contexto de nós requer.

“Somos teoria” (foto acervo pessoal, 2023)



Marcelo [redacted]
para mim, douglastomacio, [redacted]

sex., 1 de dez., 02:24 (há 13 dias)

Oi, Douglas!

“Estado da arte – respostas teóricas” (Foto acervo pessoal, 2023)

11 de novembro de 2023

Vamo combinar q, enquanto vc estiver falando, eu durmo... E vice-versa 😊💧

04:14 ✓✓

“Combinações para bancas” (Foto acervo pessoal, 2023)³⁰

³⁰ Nas imagens teoria-corpo, temos: as duas primeiras, via *e-mail*. A terceira, e última, via aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas. Dispositivos a dispor da disponibilidade infundável, ao passo que nos despojam de nós mesmos, *(In)dispostos*.

Nesse fábrica que a nós fabrica em integral tempo, o corpo trabalhador sofre, se bate e enferma. Na precariedade extensiva, racionalizamos ao timbrar dos ruídos motores do sistema produtivo e nisso assinalamos a “cultura do aguento”, expressa pela “necessária e conveniente a permanência no posto de trabalho, apesar do sofrimento e mal-estar” (Sauaya e Cohen, 2011, p. 165). Parece que diante estamos do “presenteísmo” sob nominação outra e horror mesmo.

Nesse contexto cultural, o “aguento”, até que não se aguento mais, assume manifestações sintomáticas, “o sentido da vida é desapropriado pela organização do trabalho, produz-se o que chamamos de suicídio laboral ou indução do suicídio” (Sauaya e Cohen, 2011, p. 165).

Afetado pelo discurso de morte, no decurso mortal que experiencia, o corpo trabalhador vê-se imerso em degradação, estigmatização, desvalorização. Em assédio moral constante é desqualificado, humilhado, culpabilizado, quando não fisicamente violentado (Sauaya e Cohen, 2011). Sabendo-se em não vida, lançado é à classificação de aptidão indigesta: aptidão para ser demitido; afinal não passa de um doente-inapto-improdutivo (Pereira, 2011).

Um doente em doentio e adoecedor contexto onde se rompem os laços sociais, estabelecem-se fraternidades afeitas à competitividade, quebram-se referentes protetores e reivindicatórios, enfim, se desfaz fundamentalmente a apropriação da vida enquanto bem viver. E se vida não há, caminha-se a passos largos à morte já sob ares de volição.

Nesse desumanizador e lúgubre contexto, a ruidosa respiração dos moribundos alça a cotidianidade. A agonia musica a dança dos cansados pés, que saltitam à morte enquanto giram em tentativas do viver. Mas qual? Um viver de vulneração do eu, em que o ser algo é nada ser, um desprezo sobre si repleto de resultantes-fadiga e desmedido cansaço, diriam Sauaya e Cohen (2011).

Nesses enredos, informam estas mesmas autoras, a fenomenologia do assédio se instaura e o faz em suas dimensões basilares: no medo de perder o emprego, sustentando o pânico, o terror e angústia que ao trabalhador toma; na competitividade, que instaura na relação com o outro a dimensão do confronto, da rivalidade e mesmo da destruição; e, por fim, na responsabilidade, caracterizada pela autoimagem induzida acerca de nós como sempre

em falta, incapazes de lograr com o que requer o posto ocupado, marginando-nos e conduzindo-nos a horizontes de expulsão e de não possibilidade ao mercado de trabalho.

O assédio moral como violência psíquica apresenta uma expressão multifacética: exigências desmesuradas, tensões, perseguições, falta de reconhecimento, falta de mobilidade na cadeia de promoção, imposições, abuso de poder, controle persecutório, entre outras estratégias. Fobia, temor, medo e pânico vão colorindo e imprimindo magnitude à submissão e magnitude de acatamento (Sauaya e Cohen, 2011, p. 168).

Notemos que, conforme pontuam, diante estamos de estratégias. Portanto, de contextos pensados e elaborados para que assim sejam, em nome da produtividade que lucro ofereça; ainda que ao custo de mortes. Mas isto, sabemos, representa apenas o descarte acelerado (Pereira, 2011), do qual nos impregnamos nesses contextos de obscena precarização do trabalhador. É o consumir nosso que se dá antes mesmo que acabe o tempo (Lafargue, 1883/1999). Somos pedaços de gente. O humano, brutalizado, se foi.

Vivemos a loucura que de nós, operários, se apossou a reinante civilização capitalista. Esta que “arrasta consigo misérias individuais e sociais que há dois séculos torturam a triste humanidade. Esta loucura é o amor ao trabalho, a paixão moribunda do trabalho, levado até ao esgotamento das forças vitais do indivíduo e da sua progenitora” (Lafargue, 1883/1999, p. 63).

Trata-se de inoculação venenosa, perversa. O trabalho desenfreado, aponta nos idos do século XX este mesmo pensador, é flagelo que assola a humanidade, e não flagelo qualquer, o mais terrível. Deste que assola, mata e nada deixa florescer, se não a morte que nos toma em indevido tempo.

Morremos vítimas da “faca que se pendura sobre a cabeça do trabalhador” (Sauaya e Cohen, 2011, p. 169). Legitimamos o castigo que, em torsão discursiva, nos faz de vítimas a vitimários. Vivemos, no território das relações laborais, o assédio moral que, arvorando-se do econômico, ao social e jurídico, nos imputa as possibilidades de suicidados sermos (Berenchtein Netto, 2011). Assédio de fenomenologia tríplice, postulam as pensadoras.

A fenomenologia social, pautada nos enredos de aflição e tormento vulneradores, provoca o trabalhador sob estratagemas do medo. Acutilado em sua ética, o eu trabalhador tomado

está de seus ideais e dignidade. A vida nossa é, então, devastada por ter de si retirada o sentido; forjando caminho de saída no suicídio induzido.

Na fenomenologia econômica, o assédio estabelece o imperativo da produtividade e do lucro, apostando na seleção do trabalhador via rendimentos que oferta. O trabalhador, prescindível, sob medo de ocupação outra, brinda a empresa com ganância maior; competitivo processo construído na interrupção da solidariedade, do companheirismo, das relações fraternais laborais.

Findando da tríade, a fenomenologia jurídica produtora da moral do acosso. Nessa esfera, o significante responsabilidade é o algoz, a faca que se coloca sobre a cabeça daquele que trabalha. A responsabilidade sobressai-se assim como maior opressora nossa. Nos culpamos por não rendermos o esperado, mesmo quando de atribuições que ao nosso trabalho não correspondem. Indefesos, por nossas mãos imputam-nos castigo.

Nesses contextos de corrupção dominante, dizem Sauaya e Cohen (2011), estamos presos à “Lei Áurea do capital”, por meio da qual nos comprometemos com o lucro. Se não acatarmos a tal mandado, a faca nos perfurará. Somos afetados em nossas tarefas, desprezados, resumidos ao processo de nadificação. Nada somos. Apenas um rasteiro nada. O Assédio de tríplice teor se perpetrou e vulnerou o eu, fez a pendurada faca cair e assumir o destino pelo qual foi sobre as cabeças nossas postas.

Como propõem Sauaya e Cohen (2011, p. 166), preciso é “(...) dimensionar o conhecimento do suicídio laboral sem clausulá-lo como um significado congelado”, de modo que possamos compreendê-lo a partir da problemática de sua indução em diálogo com “as causas vinculadas com as novas formas de organização do trabalho e seus efeitos sociopolíticos”. Movimento este, posicionam-se, em oposição à já destacada psicopatologização preexistente, à imitação, ao contágio, aos antecedentes familiares propiciatórios, dentre outros discursos reducionistas que abundam na bibliografia referencial.

Trata, segundo Sauaya e Cohen (2011, p. 169), de compreendermos a denúncia acerca de um desgaste emocional (e não apenas) que se reflete “em angústia, depressão, estranhamento”, por meio do qual “a resistência corporal se vai quebrando e as ideias de pôr fim a essa opressão vão ocupando espaços”, até que dominantes sejam.

Quebrados.

O ato suicida é assim investida que, apontando para dimensões sociopolíticas de um espaço-tempo, assinala o político sofrer. Um ato de tentativa, e última, de resgate da vida; antes da liberdade de se matar. É “desaparição física como solução à saída do suplício, forma alternativa de recuperar a liberdade, a autonomia [...] O acosso produz a morte em vida de um sujeito, podendo levá-lo à segunda morte. Entanto, é ente vivo sem sentido” (Sauaya e Cohen, 2011, p. 169).

Mirá-lo desse modo, importa destacar, é retirá-lo de um aprisionador contexto de condenação moral-religiosa, ainda hoje tão perpetrado às Lucrécias já nadificadas. Trata-se de compreendermos os sentidos éticos de sua realização, a denúncia que sustenta, os imperativos que requerem ação coletiva de enfrentamento nosso quanto às configurações do mundo do trabalho.

Lembre-mo-nos de que “A determinação de um homem de pôr ponto final à sua vida, pretendendo com essa atitude apertar de novo o significado de uma história, tal suicídio é uma estrutura de agir” (Sauaya e Cohen, 2011, p. 170). São combatentes que, já cansados, se retiram e o fazem porque não desejam ser vítimas ou carrascos honrados (Marx, 2006).

2.1 No lúgubre professorar: docências em labor morte

*Considerem, rapazes
Esta língua roída pelo câncer:
Sou professor de um colégio obscuro
E perdi a voz de tanto dar aulas.
(Depois de tudo ou nada
Faço 40 horas semanais)
Que tal minha cara esbofeteada?
Verdade que dá pena só de olhar!
O que acham desse nariz apodrecido
Pela cal de um giz tão degradante?
Em matéria de olhos, a três metros
Não reconheço minha própria mãe.
O que aconteceu? - Nada!
Acabei com eles de tanto dar aulas:
A luz ruim, o sol,
A venenosa lua miserável.
E tudo isso para quê?
Para ganhar o pão imperdoável
Duro como a cara do burguês*

*Com sabor e cheio de sangue.
 Para que nascemos como homens
 Se nos dão uma morte como animais?
 Às vezes, pelo excesso de trabalho,
 Vejo formas estranhas pelo ar,
 Ouço corridas insanas,
 Risadas e conversas criminais.
 Vejam só estas mãos,
 Estas bochechas brancas de cadáver,
 Estes poucos cabelos que me restam
 E estas rugas infernais!
 No entanto, eu fui assim como vocês,
 Jovem, cheio de belos ideais,
 Sonhei que fundia o cobre
 E limava as faces do diamante:
 E hoje aqui estou eu
 Atrás dessa mesa desconfortável
 Embrutecido pelo lenga lenga
 Das quinhentas horas semanais”*
 “Autoretrato” - Nicanor Parra, chileno,
 professor de matemática, irmão de Violeta
 Parra.

“Foi no fundo do poço que a melhor saída me veio...”

Assim... simplesmente sair de cena. Sair como quem, voando, no fundo encontrou o céu seu. Alado lúgubre que, sob o estertor no poço, ensaia quem sabe a vida outra não sabida. Mas de saber já basta esta: com quê de sina, de dor que não se suporta e não se desenha em tons vitais.

Educação. Professorar que não raro confunde-se com as violações, infortúnios e horizontes construídos à sombra da precarização, do descaso. É nesse contexto, como abraço abrigo, que a morte pode então ser o recôndito descanso, ou, nas palavras daquele professor, “a melhor saída”. E assim saiu ele, saiu ela, saíram. Saídas que do repente nada têm, mas que, por nós não habitualmente miradas, chegam ao sabor de surpresa horrorosa. De fato, um horror tão pouco ou nada sabermos.

Dividimos cotidianos, planejamos intervenções, abraçamos pautas e, nesses mesmos movimentos, exasperamos o viver desses alados do poço. Como pensar esses sujeitos que habitualmente não vemos? Como dizer de suas angústias e dores no exercício de seu educar, se a escuta parece não ter sido suficiente? Diremos, horrorizados, nossas palavras vazias. Ecoando o horror sem ineditismo.

E cá estou, docente não inédito, a fazer pesquisa no tempo que “cavuco” entre as incontáveis madrugadas de exaustivo trabalho; apenas mais um. Olhando a mim, aos meus colegas, reportando-me à fala deles e delas, posso narrar sem fins de circunstâncias de choro. Perdoe-me, há muitos fins, sim. E são estes que, não ditos, movem esta passada confessa pesquisa. “*Ele me disse que faria isso. Tentei tantas vezes, implorei, meu amigo, mas não deu. Meu Deus, não deu*”; chorando, contava-me a companheira ao lado do corpo do marido professor que, exaurido, buscou abrigo no autoextermínio.

Um docente mineiro que, como aquele rondoniense que se enforcou em maio de 2020, em Ouro Preto do Oeste (GAZETA CENTRAL, 2020), soma-se aos sete professores baianos de universidades públicas (UESB e Uneb), em 2017; como denunciou a Associação dos Docentes da Universidade do Estado da Bahia (Aduneb-SSind) à Associação dos Professores da Universidade Federal do Paraná, APUFPR (2017). Ou que, ainda, avoluma-se ao horror constatado: aumento de 15 vezes no contingente de suicídio docente no Paraná, entre 2014 e 2018 – conforme a Secretaria de Saúde daquele estado (Sesa), sob seu Sistema de Informação de Mortalidade (SIM), ofereceu ao Sindicato dos professores da educação pública do Paraná (APPSINDICATO, 2019).

Paranaenses, mineiros, rondonienses, baianos, brasileiros. Estes que, segundo Santos *et al.* (2019), apoiados em dados da Organização Mundial da Saúde, compõem a 8ª posição de *ranking* do autoextermínio. Rol em que, a cada 40 segundos, um se vitima.

Dentre as vítimas tantas, há aquelas, de modo crescente, que assinam labor docente. Algo não tão estranho, já que compomos a segunda profissão com a maior probabilidade a desenvolver doenças, Santos *et al.* (2019). Estranha mesmo é a força de silêncio que nos toma, sob tabu moral em teor descaso. A despeito do vertiginoso crescimento, as pesquisas buscam “objetos outros”, talvez mais palatáveis, como demonstram ANDES-SN (2017) e Santos *et al.* (2019).

O autoextermínio, vimos, é temática ainda tabu, cooptada por preconceitos de diferentes ordens e por isso já desafiadora. Nesse contexto, há vidas que esquecidas, refêns de reduções medicalizantes (Almeida, 2021), laboram docências e o fazem na faceta de adoecimento horror.

Esquecidas, são vidas que, invisíveis na vivência, parecem também sê-lo quando da morte. Ao menos para nossos olhos caprichosos que insistem em negá-la. É cenário que, negado, cresce e o faz sob contextos diversos, dentre os quais aqueles públicos e privados, ditos superiores. É realidade brasileira que, certamente sob suas especificidades, dialogam com uma profissão adoecedora em todo o território nacional.

“Estarei OFF LINE (sem internet, e-mails, celular, watsap) no período de 21/07/15 (terça) a 26/07/15 (domingo). Não se trata de férias, mas sim de imersão no interior de mim mesmo. Abraço. Meu Lema em 2015: ‘Mudanças são feitas através de atitudes, não de lamentações!’”
(O professor coordenador).

“Ele não estava bem há muito tempo. Tinha dias que chorava sem parar na sala” (Uma discente).

“Professores, com muita, muita dor e tristeza, comunico o falecimento do meu querido amigo e colega de trabalho (...)” (A Diretora geral de ensino, 03/10/15).

Não há tempo para tantas coisas. Nem mesmo para o direito de lamentar acerca de sua sub-existência. É choro público, mas silencioso. Mudanças são feitas de atitudes, não de lamentações! E haja também Lattes! Trabalho. Produtividade. Resultados. Docentes. Lemas. Morte.

Antes desta, no entanto, os subterfúgios; como aqueles tão comuns ecos de lamento e angústia profundos na sala dos professores, a que se referiu Paschoalino (2004). Embora não nos sejam eles desconhecidos, nem tão pouco isolados, quase nada podem. Afinal, quando existentes, são desconsiderados também pelos pares, acostumados ao exaurir-se em contextos presenteístas (Paschoalino, 2007) que expressam a “cultura do aguento” (Sauaya e Cohen, 2011).

No caso das condições do trabalho docente, para além das habituais coações do mundo do trabalho em nosso contexto social, dizendo estamos de um profissional sob a pressão das implicações de si na formação do outro. Conforme também postula a Paschoalino (2007), as incertezas quanto à aprendizagem discente funcionariam como entrelaçar de culpa, cobrança e, em função destas, da manutenção do estar doente no trabalho. É presença que, em verdade, aponta a ausência do ser. Aquele que estando, em tudo, não está. Até que um dia, talvez, não esteja mais inclusive em si.

Em 2017, o Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (ANDES-SN) alertava: “Produtivismo docente pode adoecer, matar e até levar ao

suicídio”. Segundo informavam, por meio de pesquisa realizada em 2014, as condições de trabalho adversas, inclusive aquelas advindas do produtivismo acadêmico, levam docentes ao adoecimento e o fazem sob tantas formas, dadas as condições multifatoriais que, por vezes, desencadeiam também o autoextermínio. Ainda que “a questão traga incômodo à sociedade e ao universo acadêmico, casos mais graves de adoecimento docente e depressão podem levar o professor ao suicídio. A questão, embora seja tabu, segundo os especialistas, precisa ser discutida para que possa ser prevenida” (ANDES-SN, 2017).

Corroborando a esse cenário está o que nos trouxe Albuquerque *et.al* (2018), quando, em pesquisa junto ao professorado da rede pública paranaense, constatou que 75,27% dos docentes participantes apresentaram transtornos psíquicos relacionados à carga de trabalho. Em exaustão emocional, estão professores que cotidianamente experimentam um fazer sob “(...) aumento da carga de trabalho, a criação de critérios que punem os (as) que se ausentam da sala de aula para tratar da saúde e o congelamento dos salários (...)” (APPSINDICATO, 2019).

Efetivamente punidos ao trabalhar, quando tanto violam-se, e por medo das possíveis punições referentes às ausências suas, o presenteísmo se instaura. A fenomenologia do assédio toma os corpos ensinantes, sob a tríade opressora e mortificante (Sauaya e Cohen, 2011). Nas vielas de tanto estertor, o não-lugar escolar a que se referiu Schefer (2017), subvencionando-se em Augè (1994): espaços de trabalho que, quando muito, ofertam-nos a comunicação estranha. Esta que nos põe em contato com outra imagem de nós mesmos.

Irreconhecíveis. Se outra imagem, se não o nós, por que estar?

Suicídio. Estada livre.

Vida assim é vida que se deixa talvez em busca de possível outra, aquela não bem sabida. No reflexo do que, como apontam Berenchtein Netto e Carvalho (2018), apresenta-se como alternativa volitiva e objetivamente possível frente aos dramas que conformam sujeitos concretos (Marx; Engels, 2007). É transgressão que nos soa horrorosa, mas, àqueles, transgressão de “única” possibilidade vivente, ou única do ainda professor vivente que assim mira um horizonte de estada possível. Uma saída que, perversa, desenha-se em dignidade (Marx, 2006).

Em suas investigações, tecidas por meio de pesquisa exploratória junto a familiares de suicidas, Marquetti (2013) demonstra-nos o olhar à complexidade que envolve o fenômeno do suicídio. Segundo afirma, é no caráter intersubjetivo, estabelecido pelo controverso diálogo entre público e privado, que ele se instaura. E o faz como forma de comunicação que transgride as prescrições rígidas da morte em nossa sociedade.

Professor transgressor. Comunicador em vida, irá, comunicando transgressão, desta clausura vivente partir para, então, a liberdade experimentar. É ensinança mórbida, talvez a mais viva entre as tantas que acreditávamos viventes, que se faz “(...) contrariando o estilo de morte ocidental e estabelecendo um diálogo com outras formas de morte da sociedade atual” (Marquetti, 2014, p.237). E assim o suicídio deixa de ser algo

(...) incompreensível, anormal para mostrar uma articulação extremada de conflito que não encontra outra resolução exceto a morte. Podemos pensar o suicídio como um evento que se produz dentro de um conflito social maior e que pressiona as formas culturais usuais referentes ao padrão de morte ocidental (...) Marquetti, 2013, p.27).

É também Marquetti (2013), apoiada em Sennet (1995), que apontará o chamado “vírus da intimidade”. Este que, estruturante, conclama de nós o recolhimento das práticas sociais, dentre as quais a própria dimensão da morte, ao âmbito privado; como que sendo o espaço adequado ao sentir íntimo, escamoteando-a. Não há espaço para lamentações, já diria aquele que “não mais diz”.

O mesmo que, “não dizendo antes”, tanto nos disse ao transgredir o lugar de adequação, de assepsia em caráter hospitalar, de imposição da discricção dos afetos na contemporaneidade (Marquetti, 2014). Exacerbando suas emoções, rompeu, concomitantemente, a clausura vital e a interdita morte. E, assim, desorganizou padrões, pôs em xeque o controle, assinou o remodelar. Indagando e rompendo, engendrou sua vida possível a descobrir. Enfim, expôs sua contestação aos “(...) dois dogmas solidamente erigidos na sociedade ocidental: o tabu da morte e o código de conveniências entre espaço público-privado” (Marquetti, 2014, p.242-243).

Lembro bem dele com aquela expressão perdida. Depois que foi afastado, foi pra secretaria. Abandonou o mestrado, que era um sonho antigo. O resto já você sabe (conta a ex-colega do professor de química).

Igualmente dedicados à questão do suicídio, estão Santos *et al.* (2019). Docentes que, adentrando o contexto universitário, como também aventaram Marquetti (2013) e a ANDES-SN (2017), destacam que o tema suicídio é ainda tabu, permanecendo restrito e silenciado. O que se torna um problema a mais em um país que, segundo apregoam, é homicida, frente ao descaso assinalado na efetivação de políticas públicas em favor de uma população crescente (segunda maior causa de morte no país) que nele autoextermine-se. A maior do mundo em números absolutos.

Para essa população, o suicídio pode apresentar-se enquanto saída aceitável e desejada. Não suportando o ajustamento, e estando sob elementos estressores que fomentam a vida em frustração, suicidam-se. E o fazem a despeito da condenação ética e moral hodierna (Santos *et al.*, 2019), que fruto é também da quebra de expectativas acerca do próprio corpo social; agora desfigurado em sua compreensão de vida e morte. Afrontam, nos dizeres de Marquetti (2013), fundamentada em Sennet (1995), a virulência que tão vorazmente nos funda e expressa.

Assim, como indicam Santos *et al.* (2019), embora o seja problema público e de natureza incremental, bem como reflexo de causas multifatoriais e multidimensionais inclusive no âmbito do trabalho, o suicídio é mal que não se deve tocar, dizer, pesquisar. É injustificável fraqueza!

Espanta a fraqueza por sua força. Ou melhor, a força que expressa nossa fraqueza, inclusive como sociedade a organizar-se. Construimos espaços, dentre os quais a universidade, adoecedores, acostumamo-nos a eles, trabalhamos e tecemos ali a vitalidade que, por vezes presenteísta (Paschoalino, 2007), nos envergonha. Precisamos escapar.

Alguns, disso cientes antes de nós, o fizeram. Assumindo para si como escape a “(...) prática de resistência em uma zona de aprisionamento inescapável em um fundo do poço (...)” (Santos *et al.*, 2019, posição 1357). Suicídio. Este é “Prática circunscrita a uma posição de liberdades totalmente reduzidas sobre um corpo e uma vida. Ao mesmo tempo rota de fuga é a única e última fuga” (Santos *et al.*, 2019, posição 1365-1366), mas é de algum modo “liberdade”. Mais vale os dois voando que o um na mão aprisionado.

Houve gente que não se deixou domar e professorou a comunicação transgressora (Marquetti, 2013). Professorando, ensinou formas de morrer. Comunicou a morte que, concomitantemente, diz da vida em uma sociedade, afinal “a forma como se morre é marcada pela forma como se vive socialmente” (Berenchtein Netto e Carvalho, 2018, p. 43) e isso, afirmam, nos permite problematizar a sociedade em que seus atores buscam a própria morte.

“Não estou nem aí se você tem mestrado, doutorado, ou o caramba a quatro. Se não estiver satisfeito, tem um monte de gente pedindo pelo amor de Deus pra trabalhar aqui. E tem uma coisa que eu adoro na instituição privada: a gente manda embora quando quer, é só pagar a multa e está tudo resolvido” (Falas da diretora de ensino aos professores, na reunião de “boas-vindas ao semestre letivo da faculdade”).

E cá estamos ilhados. Nessa “ilha de sociabilidade” chamada universidade, capaz de tantas configurações, inclusive destas de boas-vindas do caramba a quatro. A tal ilha de sociabilidade, como destacou Marquetti (2013) ao subvencionar-se em Prost e Vincent (2009), é local com o qual dialogamos, onde tecemos nossas docentes vivências em processos de aceitação e/ou negação. Às vezes, por tanto aceitá-lo, nos recusamos a nós mesmos. Até que um dia se irrompe a aceitação nossa e isso sob as formas inúmeras, inclusive nos desatentos reflexos de nossa chorosa imagem.

“De repente, indo pro trabalho, me olhei no espelho do elevador, e chorei desesperada. Cai no chão. Com 20 quilos a mais, um casamento falido, sem fins de semana, cheia de problemas familiares e financeiros... Foi me deparando com a minha imagem, e não me reconhecendo, que parei. Minha saúde me parou”. (Disse a amiga professora que, sem recuperar-se de um contexto de extrema precarização e abordando sua depressão, ainda hoje trabalha 16 horas por dia e assinala “Ontem tive uma crise de ansiedade. Havia 85 e-mails pra ler. Não conseguia nem abrir. Mas eu tenho que trabalhar”).

Tenho que trabalhar!

Trabalho. Feitura que, sendo nossa, nos é alheia. Não determinamos ritmo de produção, ou mesmo quanto e como (Berenchtein Netto e Carvalho, 2018). Alienados em relação à atividade do trabalho, somos concomitantemente alienados de nós mesmos. Um caminho penoso de quem produz a si enquanto trabalhador e, claro, enquanto trabalhador docente.

Tardif e Lessard (2005), dedicando-se ao trabalho docente, destacam que este configura-se por ter a si atrelado “objeto que não é constituído de matéria inerte ou símbolos, mas, sim, de relações humanas com pessoas capazes de iniciativa e dotadas de uma certa

capacidade de resistir ou de participar da ação dos professores” (Tardif e Lessard, 2005, p.35). É docência, em seus saberes e profissionalização, que se constrói no articulado estabelecimento entre aspectos sociais e individuais que mutuamente se interpenetram e que não pode ser considerada fora do contexto em que se insere, como também apontaria Tardif (2014).

Conosco, outros participam ou não, a nós recusam ou aceitam. E nesses processos vamos nos compondo, ilhando, percebendo e sentindo a força daquilo em nós. Vigorosamente, ensaiamos, tentamos, legitimamente persistimos, ainda que tenhamos de fazê-lo sob tantas (re)significações.

Mas há (re)significações a que não se pode tolerar. Há assujeitamentos impostos, diriam Santos *et al.* (2019), violentos em demasia. E, assim, mercantiliza-se a educação, esgota-se o profissional, tenciona-se o ambiente de trabalho, e faz-se do estresse a companhia crônica. De fato, “(...) vale considerar o papel da escola na construção dos dispositivos de dor” (Santos *et al.*, 2019, posição 2048).

Também atento à docência, e ao cuidado de que esta não seja beco sem saída, está Nóvoa (2010). Apontando-a como rio ora fluido, ora denso, demonstra-nos o caráter de sentido que deve ela ter para seu trabalhador; a fim de que possa inclusive constituir-se como espaço vívido de construção, sob seus tempos de acomodação, assimilação e compreensão acerca de si. Para tanto, necessário é, enquanto educadores, “(...) exercermos com autonomia a nossa atividade, pelo sentimento de que controlamos o nosso trabalho” (Nóvoa, 1992, p. 17).

Beco. Descontrole.

No espaço dos dispositivos de dor, percebemos o doloroso descontrolar. É futuro com quê de hoje, de já, de agora. E, não raro, de partida. E como não sê-lo, afinal, como antes posto, trabalho e vida são indissociáveis para o entendimento do ser humano, inclusive nas contradições que expressa, em que sofrimento e criação, dignidade e opressão se fundem (Paschoalino, 2009).

É tríade (trabalho, trabalho docente e sujeito), como mostra esta mesma autora, que requer constantes ajustes e incumbências, tecidas também nas entrelinhas, sob a ordem do não dito, mas sentido pelo coletivo como imperativos. Império em dor. Local que desumaniza.

E nesse espaço de desumanização vamos nos desconhecendo. Perdendo-nos em secretarias. Sofregamente chorando as aulas longe de serem nossas. Experiência de estertor em beco que nos ala e leva à fuga última. Ilhados, intersubjetivamente comunicamos a transgressão.

É algo que não cabe no discurso, não no asséptico de costume. São essas as nossas mórbidas experiências. Recusadas. Escondidas. Tão nossas que soam apenas íntimas. Acostumamo-nos ao lamento de sala professoral. Este, apenas mais um giz/pincel. Instrumento já nosso, com o qual bailamos e ostentamos nosso fazer.

Em nós, o toque mórbido. Nos passa e nos acontece o poço. O que se passa é a feitura de estranheza que, a cada dia, avoluma-se. Padecentes e interpelados, tentamos a ignorância anestésica, como quem anestesia a vida. Mas nem sempre o remédio é certo. Docência é caminho de câmbio. Afastemo-nos dos lemas.

Às vezes, sinto que estou na beira [do precipício]... vivo no limite. Tenho medo do que posso fazer (Confessou o colega ao apresentar o poema “Escritos da beira”).

E no interregno da clausura ao voo de poço, os sintomas mórbidos do professorar às beiras. Estes, que alimentados são pelos solavancos do beco descontrolado, estão a assinalar as facetas do ato suicida, requerendo de nós a proteção de natureza estrutural e procedimental. Aquela, conforme sinalizam Santos *et al.* (2019), de abordagem multidisciplinar e que exigiria esforços de igual ordem para sua discussão e, por conseguinte, para a prevenção do autoextermínio.

Alguns estão já à beira.

E isso requer, como apontado pelas associações e sindicatos, autores e autoras aqui trazidos, o debate, a discussão que se coloca também como forma de prevenção. Aponta para a urgência de novas investigações, Santos *et al.* (2019). Coloca-se como possibilidade de esperar frente à ausência de pesquisas específicas sobre o suicídio de docentes, ANDES-SN (2017), Santos *et al.* (2019). É desorganizar o ambiente virulento, trazer à cena pública, colocar em xeque o contexto que silencia inclusive pesquisas,

Marquetti (2013). É pensar a morte de si como parte da totalidade, historicizada, sobredeterminando as absolutizações de primeira instância, Berenchtein Netto e Carvalho (2018).

2.2.1 No câmpus minado

*Este é o fim
Segure a respiração e conte até dez
Sinta a Terra se mexer e então
Ouça meu coração explodir novamente
Pois este é o fim
Eu me afoguei e sonhei com este momento
Música: Skyfall, Adelle³¹*

No entendimento das clivagens e dos heterogêneos do contraditório processo homogêneo, Silva (2013) apresenta a reflexão acerca do sujeito docente universitário enquanto trabalhador; movimento a partir do qual se volta à discussão acerca da intrínseca relação entre subjetividade e sociabilidade no âmbito do trabalho na academia experienciado.

Tal movimento, tendo a saúde professoral como foco analítico, estruturado é em uma propositura freudo-marxista. É a partir dela que o autor, abarcando o docente como sujeito ontológico e desejoso, reflete sobre as relações tecidas no bojo do trabalho universitário, que, segundo informa-nos, tece subjetividades a partir de sociabilidades demarcadamente produtivas, as quais formam e desformam o docente que nele professora.

Nesse contexto, como aponta Silva (2013), o sujeito docente, experienciando um ambiente adoecido e adoecedor, tomado é por relações de competitividade entre pares, exigências institucionais extenuantes, estresse e sofrimento; que, descapitalizando-o subjetivamente, o reifica e aliena aos moldes da sociabilidade que inundada é no produtivismo advindo de uma lógica capitalista/empresarial; à qual a universidade tem se amoldado.

Sob a racionalidade instrumental da universidade, que se afasta do social para alocar-se no espaço produtivo, o então trabalho imaterial educativo recalcitrante passa a ser instrumental. Trata-se de um *ethos* universitário que, acoplado-se ao valor mercantil,

³¹ Originalmente: *This is the end/Hold your breath and count to ten/Feel the Earth move and then/Hear my heart burst again/For this is the end/I've drowned and dreamt this moment.*

aproxima-se do mercado, do empresarial, do privado e, como tal, o faz também à medida que afasta o trabalhador professor de seu caráter omnilateral. Mitigado, é ele pautado pela produção e reprodução do capital. Conjuntura esta, conforme aponta o autor, a partir da qual podemos depreender que a precarização social do trabalho consigo traz a faceta de precarização subjetiva.

Nesse sentido, imersos nos enredos que se dão também aos ecos da insidiosa quantofrenia, e a eles respondendo, os sociabilizados professores trabalhadores defendem-se, não raro, sob o timbrar da normopatía ou do adoecimento. Fica-nos cada vez mais evidente que, mais que assédio moral, erige-se a moral do assédio; espécie de cultura cotidiana que gera patologias de diversas ordens.

Refratado de seu ideal ético e político, o trabalho do professor é esvaziado dessas dimensões. Alguns, deprimindo-se, negam-se ao vil. Outros encontram na cisão psíquica suas respostas. Em ambos, é vitalidade que se esvai, adoecimento que se impõe em facetas tantas e que destacam a indissociabilidade entre subjetividade e sociabilidade, como propõe Silva (2013) amparado em Lukács (2010).

A partir do postulado por Silva (2013), podemos compreender que, quando destes contextos (tão nossos!) em que problemas de base estrutural são tomados como oriundos dos indivíduos, necessária nos é a compreensão de que o desgaste biopsíquico e socioinstitucional que nos tomam são muito mais amplos, são ao fim históricos.

Nesse sentido, diante (e imersos) estamos da historicidade que aponta para a configuração de um Estado que, sendo máximo para o capital e mínimo para o trabalho, se coloca vigorosamente enquanto desmantelamento de um sólido sistema de direitos; problemática que diretamente afeta a universidade, deste concreto contexto produto e produtora.

Nela, o desgaste socioinstitucional eivado por um sistema de manipulações, que se fundamenta na crise do próprio capital, espraia-se. Essa perspectiva de encomia política recai então sobre a sociabilidade produtiva e, por conseguinte, sobre a saúde dos trabalhadores. Como aposta, resta-nos a dialetização do conflito, afinal nisso reside o espaço de possibilidades que se dão à feição de nossas ações e reações mais ou menos recalitrantes; sob doses de reinvenções do prescrito, como nos traz Silva (2013), por meio de Dejours (2004).

Fica-nos então, como enredo de possibilidades, a compreensão de um fazer e contexto que, embora sejam adoecedores, não retira de nós, trabalhadores, a possibilidade de uma “(...) prática ativa do sujeito histórico-desejante”, a qual “mobiliza práxis alternativas e potencialidades políticas (...)” (Silva, 2013, p. 22). Compreensão esta que, remetendo-nos a Marx; Engels (2007), aponta para a nossa imortal ciência, enquanto proletários que somos: a capacidade de imaginar algo melhor.

“O opressor mais eficiente é aquele que persuade seus subalternos a amar, a desejar e a identificarem-se com o seu poder. E qualquer prática de emancipação, de libertação política, envolve, portanto, a mais difícil de todas as formas de libertação, o libertarmo-nos de nós mesmos”.

- Ideologia, uma introdução - Terry Eagleton (1997, p. 13).

É também Silva (2020) que, ao abordar trabalho e subjetividade na universidade, proporrá uma compreensão global e multifacetada dos processos de sofrimento e adoecimento. Tessitura por meio da qual informa-nos das relações de trabalho no espaço acadêmico que tomadas são por um crescente processo de intensificação, extensificação e precarização; impactando diretamente na saúde de seus trabalhadores e também dos estudantes que nesse espaço intentam formar-se.

Silva (2020) apresenta-nos os sôfregos e adoecidos sujeitos universitários: docentes, representantes do corpo técnico administrativo, tutores, estudantes, enfim, um contingente expressivo de trabalhadores e aprendizes que, no espaço universitário estando, sentem as implicações de um contexto pautado pelo exacerbar de demandas que os violam, desgastam, degradam e, por vezes, os conduzem à ideação suicida.

À semelhança do que propuseram, por exemplo, Sauaya e Cohen (2011) e Cohen (2011), quando de suas considerações sobre a relação trabalho e suicídio, Silva (2020) apresenta um contexto universitário que para os sujeitos expressa-se sem sentido que os mantenha de modo vívido. Experienciando, pois, o desalento e desesperança, esses profissionais e estudantes compreendem os significados da universidade hodierna: aquela capaz de, insistente e paulatinamente, “retirar-lhes” a condição de sujeito político, histórico e desejante; visto o enredo reificador que a expressa.

Nesse sentido, em nova mirada, Silva (2020) assinala a possibilidade de compreendermos como as subjetividades desses tantos atores e atrizes afetadas são pelas condições de sociabilidade do espaço de trabalho/formação em que se encontram. Os quais, como também já aventado, precisam ser analisados à luz das condições históricas em que se dão; o que justifica a opção do autor pela abordagem que centrada está na interlocução entre o materialismo histórico-dialético, a psicossociologia e psicodinâmica do trabalho.

Conforme nos mostra Silva (2020), muito embora estejam os sujeitos sob danosos contextos que tanto os vilipendiam ao passo que também os pode cooptar, há de se compreender que a subjetividade destes profissionais e estudantes nunca será solapada pela refração que sobre ela se recai. Ainda que refratada – por exemplo pelos contextos do gerencialismo que tanto expressam a universidade contemporânea –, ela refratária é, visto escapar dos determinismos.

Nesse sentido, nas palavras de Ruy Braga (2012), ainda que expressando o precariado, nos contextos de requisição de uma hiperqualificação, existirão sempre contrapontos e/ou saídas sublimatórias às quais esses sujeitos da academia se apegarão como vistas à compensação que lhes possa ofertar algum conforto.

Há, contudo, de se considerar que a universidade, aos moldes das demais organizações capitalistas na atualidade, coloca-se a partir de uma imagem deificada, à qual compete ao indivíduo vincular-se, buscando à altura dela estar. Desse modo, sob certo ideal narcísico de onipotência, passa a sofrer violações dos interesses organizacionais; que encontram no enlace entre indivíduo e instituição o espaço de redução da identidade dos trabalhadores/estudantes, como que em sequestro adoecedor de suas subjetividades. Forjadas nesse enlace, o vínculo indivíduo e instituição parece inseparável. O que nos permite compreender as nuances de uma subjetividade refratária e refratada concomitantemente; como também nos mostra Silva (2020).

Enlaçamo-nos em morte.

Tal cenário acaba por ainda expressar os ciclos históricos de alienação. Estes, longe de serem absolutos, frente a possíveis revezes de estranhamento por parte do trabalhador, precisam reestruturar-se, alterar-se, apresentando um sistema de poder distinto e ainda mais envolvente, seduzindo o trabalhador ao passo que o adestra mais estrategicamente

ao capital. Trata-se, pois, de um processo contraditório da subjetividade face ao trabalho e sociedade produtiva, e este historicizável é.

Analisando-a dessa forma, ficam-nos evidenciados os processos que, na atualidade, apontam para a mercantilização máxima e precarização do trabalho, contexto este em que a subjetividade do ser humano é (re)forjada diariamente, a fim de não ter ele tempo de produzir racionalidade crítica – no máximo uma racionalidade acadêmico-qualis... quem sabe, quando doutor, uma “qualis pedigree A”. O capital, ressaltamos, precisa do ser "ontologicamente alienado" e o sujeito, trabalhador, tenta nesse contexto se adaptar e o faz a partir das e nas mudanças mercantis do trabalho que também à universidade forja.

Importa lembrar que, enquanto sujeito, o ser humano é ser que responde. Contudo, informa Silva (2020), sob tais condições de sociabilidade do capital, não poucas vezes essa resposta se dá sob uma condição de consciência cindida, como que já moldada ao exasperar da reificação. Nesse contexto, frequente é a autointensificação do trabalho, quando esse sujeito, cindido e normalizando o vilipendiar, alienadamente a si volta em caráter hostil; fazemo-nos vitimários (Sauaya e Cohen, 2011), aptos a sermos suicidados (Berenchtein Netto, 2011), de capturado corpo que inimigo de morte é (Teles, 2011).

“*Medalha, medalha, medalha*”, dizia o colega professor (Historiador e doutor em história, revelava, em sorriso capturado, suas conquistas sob a imitação de Mutley³²).

Nos horizontes de cerceamento da inscrição do desejo e robustecer do adoecimento e da morte, está a universidade onde o valor de troca, a subjetividade refratada, e o instituído reificador dão o tom (Silva, 2020).

Nesse cenário, fica-nos evidente a condição da subjetividade enquanto algo que longe está de reduzir-se a si mesma, mas, antes, como elemento que se constitui num processo social mais amplo, como o é o espaço universitário e, de modo ainda mais abrangente, a sociedade. Não sendo existência autônoma do universo social, a subjetividade constitui-

³² Mutely: Personagem fictício de desenho animado representado por um cão que, em todo tempo, requeria medalha às realizações suas. O cão, em similaridade a tantos de nós, somente se movia se medalha houvesse. A diferença aqui, no entanto, talvez se dê pela insistência em demonstrar a medalha-morte-captura publicamente ao conjunto de colegas, para assumir seu destaque. Algo que faz ao passo que, cindidamente, sorri sua categorização: sadio-apto-produtivo (Pereira, 2011).

3 SEGUINDO PARA ALÉM DAS PISTAS: um pouco mais dos caminhos aqui almejados.

- Não quero mais fazer mestrado.
 - Por quê?
 - Tenho medo de ficar igual você (Disse a ex-companheira, também professora)
 ...
 Estou com saudade de você, Preto.
 É horrível estar aqui e me sentir tão sozinho.
 (Em choro, disse e tem dito o companheiro atual, professor da docência já desistente)
 Escrevo, conto e me (des)encontro...

Em similitude aos referenciais aqui trazidos – tais como Marx (2006), Araújo (2022), Pereira (2011), Sauaya e Cohen (2011), Berenchtein Netto e Carvalho (2018), dentre outros –, nos enveredamos a partir do campo da suicidologia crítica, tendo em vista a mirada que oferta ela quanto ao suicídio, entendido como fenômeno histórico e fruto de uma totalidade social que calcada está na violência, fator primeiro de sua determinação.

De igual modo, abordamos a saúde. Investida em que, mirando-a, destacamos a dialética da relação entre saúde do indivíduo, sociedade e a dimensão ético-política do sofrimento desse humano padecente. Nessa propositura, como postula Araújo (2022), entendemos a pressuposição das condições orgânicas e/ou psicológicas da saúde pelas condições objetivas em que estas se desenvolvem sob relativa autonomia. A estrutura social, portanto, assume a condição sua de determinante; apontando para a já destacada compreensão acerca dos sujeitos enquanto detentores de um eu fundado em sua vida real (Marx, 2007), mediados por condições históricas específicas de um espaço-tempo que em sua saúde (e não apenas) diretamente impactam.

Tomando, pois, desse prisma a saúde e suas múltiplas determinações (orgânicas, psicológicas, existenciais etc), enredamos o suicídio laboral (Cohen, 2011). Forma a partir da qual é ele contemplado em sua complexa unidade com a totalidade que, historicizada, no âmbito do capital se forma em contextos de violência e desumanização; reforçando a dimensão sociopolítica do sofrimento e de seus condicionantes, em oposição à normatizada referência médica patologizante, solipsista e criminalizante, como nos aponta Lima (2022).

É nesse lugar que o trabalho docente no âmbito universitário, que por vezes deságua no supracitado suicídio, é também compreendido; em um notório reconhecimento da alienação em relação à atividade sua e a si mesmo (Silva, 2013/2020; Berenchtein Netto e Carvalho, 2018). Na totalidade social regida pelo capital, compreendemos o reverberar direto e inegável nas relações de trabalho, na gestão deste, e na própria compreensão que tem o docente universitário acerca de si (Silva, 2020). Ali, identificamos os contextos de precarização, intensificação e defesa inequívoca do produtivismo que efetiva o trabalho e, em sentido oposto, desefetiva o próprio sujeito trabalhador.

O trabalho docente, então, encarado é em atrelamento à perspectiva de trabalho por Marx (2011) assinalada. Este, dimensão elementar na vida humana, é fundante ontológico a ela. Por meio dele se cria o sujeito na realidade, podendo fazê-lo de modo consciente; movimento em que assinala uma existência para além daquela circunscrita à esfera orgânica, arvorando-se à sociabilidade.

Tal compreensão, contudo, precisa também pensada ser (como propõe Marx) em diálogo com a realidade estrutural em que o trabalho se estabelece e a partir da qual cinde o sujeito trabalhador. Nessa perspectiva, em voga trouxemos a relação existente entre trabalho e trabalhador, por meio da qual podemos depreender um sujeito que, no âmago da sociedade capitalista, vivencia o trabalho alienado da sociedade burguesa. Nesta é ele despossuído do controle desse trabalho e do resultado dele advindo.

Inversamente, as coisas (meios de produção), que como capital funcionam, usam o trabalhador; expressando, ao fim, o capital enquanto relação social (e não coisa) por meio da qual o sujeito está sob mandos e exploração contínuos. O vivo trabalho medeia o trabalho morto. Resta, enfim, a fantasmagórica objetividade, o espectro a representar a gelatina de trabalho humano indiferenciado; conforme propõe o filósofo.

Também em diálogo com o que postula Marx (2011), acreditamos oportunas serem as reflexões tecidas por Sauaya e Cohen (2011), que, já ao texto trazidas, preconizam neste contexto hodierno de investigação nossa a transformação do trabalho em emprego, ao apontarem a desapropriação do trabalhador quanto ao ato de reconhecer-se como sujeito desejante em seu saber.

Um trabalhador que, despojado de si e do desejo como possibilidade, apropriado está pelo capital e a lógica sua; contexto em que assume assinatura de um corpo político nu, ilegítimo quanto à pretensa humanidade e, portanto, inexistente como pessoa. Em resumo, uma fragmentação de um tempo de atividade qualquer estabelecida no fluxo da rede produtiva.

Por fim, tendo em vista o destaque para o trabalhador docente, oportuno nos parece a discussão quanto à subjetividade desse professor que, na docência hodierna, assume traçados que nos cabe destacar, algo construído a partir das considerações de Mancebo (2010).

Conforme assinala esta autora, sob amparo da perspectiva marxista, a subjetividade docente expressa aspectos que vão desde o pensamento, vontade, valores, emoções, até os aspectos desejantes e práticas comportamentais do professor que no diálogo com a objetividade, que é material e social, se constitui. Trata-se, assim, de esfera do subjetivo-intersubjetivo, delimitado e produzido pela objetividade histórica.

Nesse sentido, informa a autora, mirar a subjetividade docente diz de abordagem que extrapola perspectivas individualizantes, aptas em extraí-los de seus contextos, por consequência, responsabilizando-os individualmente. Ela é antes totalidade, conjunto de fenômenos que se relacionam e que, na análise sistêmica e estrutural, não prescindem da determinação historicamente particular em jogo contraditório de múltiplas relações e que, em última instância, calcado está na contradição capital-trabalho:

No capitalismo, o processo de alienação carrega implicações para a subjetividade na direção da consciência fragmentada, reificada e de afetividade amortecida (...) para uma análise consistente da subjetividade deve-se considerar a noção de uma unidade dialética e contraditória entre sujeito alienado e sujeito da própria história (Mancebo, 2010, p.2-3).

Modos de existência/subjetivação estão, assim, articulados e dependentes de dimensões institucionais, organizacionais e culturais que medeiam processos de objetivação e apropriação. São processuais e inscrevem-se na pluralidade de configurações que uma conjuntura carrega, a qual, sem esgotar as possibilidades de organização sociosubjetiva apresenta possibilidades que vão desde submissão alienada em opressão e disciplinamento até a expressão de criação, potente quanto à suspensão da vida cotidiana sob apropriação crítica da realidade objetiva.

As inflexões da reformulação do sistema produtivo requerem um novo trabalhador, este, tão mais apto quanto mais adaptado se faz, é reacomodado no campo sócio-subjetivo, aderindo às novas *performances* que reorganizam sua dinâmica interpessoal, posto que espaço-temporalmente adaptado está de modo ativo. É nesse enredo que se localiza o professor universitário que, ao sofrer as intensificações dos processos de seu trabalho docente, vê-se involucrado em acelerado binômio desqualificação-requalificação que, dentre outras coisas, consigo traz convocação irrestrita de sua subjetividade “para o centro dos processos de trabalho, não raramente com aumento do sofrimento subjetivo, neutralização da mobilização coletiva e aprofundamento do individualismo” (Mancebo, 2010, p. 3).

Vive-se no espaço de seu trabalho a “sociedade da urgência” (Mancebo, 2010). Aquela que, também forçando incremento das tarefas e aceleração no desempenho, afeta em cheio a produção docente, sua subjetividade e saúde. Mas é também nesse espaço, informa-nos a autora, que a referida solidez pode se desmanchar, afinal há sempre o caminho em contramão, quando dos sujeitos que se unem em ação coletiva, nas brechas e possibilidades de escape que em direção à crítica ao prescrito, ao crescimento subjetivo e ao prazer e solidariedade caminham.

3.1 Anseios que faceiam metodologias.

Gonzalez Rey (2002, p. 28) diz-nos que (...) a ciência não é só racionalidade, é subjetividade em tudo o que o termo implica, é emoção, individualização, contradição, enfim, é expressão íntegra do fluxo da vida humana (...). Nesse fluxo me achando, revisitando vivências, pude perceber o encontro de vitalidade que também pela morte se fez e faz e se (re)elabora por meio deste dizer científico. É jornada de quem, mirando a outros colegas em que inescapavelmente se encontra ao professorar, compreende a necessidade investigativa. E sabido nos é que

Esta vivência é importante na escolha do tema: “[...] a temática deve ser realmente uma problemática vivenciada pelo pesquisador, ela deve lhe dizer respeito. Não, obviamente, num nível puramente sentimental, mas no nível da avaliação da relevância e de significação dos problemas abordados pelo próprio pesquisador em vista de sua relação com o universo que o envolve. [...]” (Severino, 2007 p. 214).

Envolvido em universo de relevância, busquei, conforme também destacado por Severino (2007), usar a experiência que a mim subvenciona, as pesquisas que realizo e a

imaginação, em possibilidades de um fazer que ousa dizer o ainda não dito, para a estruturação deste trabalho.

Arrisquei-me na tentativa de avançar em “(...) ideias novas, eventualmente nascidas de intuições pessoais” (p.146). E o fiz rompendo com a, cautelosa em demasia, autocensura – tentação das maiores em tempos de incertezas, especialmente quando postas à frente da alteridade orientadora, examinadora, e à leitora futura –, conforme também aponta este autor. Foi preciso “soltar, criar, avançar e não ficar apenas num eterno repetir de ideias e descobertas já feitas” (Severino, 2007, p. 146). Foi preciso propor esta ciência sob quê de também sonho.

E propondo-a, busquei tecê-la sob abordagem qualitativa, em pesquisa exploratória quanto aos seus objetivos. A qual, desenvolvida por meio de trabalho de campo, no que tange ao procedimento técnico, apostou ainda na entrevista semiestruturada como fonte de coleta de dados.

Como postula Minayo (2015), a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, com foco em realidades que não podem ser quantificadas. Ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, elementos que correspondem a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos, os quais não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Corroborando desse entendimento, encontra-se André (2005), autora para quem a pesquisa qualitativa pauta-se em uma abordagem que privilegia a descrição e análise da complexidade dos fatos, buscando uma compreensão particular e profunda do problema estudado. Reconhecendo que “A pesquisa qualitativa [...] enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes” (Bogdan e Biklen, 1982 citado por Lüdke e André, 1986, p.47).

Na profundidade das significações que não se quantifica, a perspectiva daqueles que, aqui estando, disseram também dos universos de outros que, sendo dos seus e de si, se refugiaram na fuga última do professorar. Nos processos, as passadas que apontam os valores e crenças, estas mesmas que permitiram os sujeitos desta pesquisa dizerem, colocar em perspectiva, realçar os matizes das vivências em educação; atentando-nos por sua historicidade no bojo da vivência trabalhadora.

Como pesquisa que ousa o dizer, assinando passadas ainda não tão vigorosas e/ou inexistentes na esfera que publiciza, esteve a necessidade de um fazer exploratório. Objetivo que se colocou no intuito de, cautelosamente, conjecturar aberturas, propor campos, tatear um universo de quem, também conhecendo ao passo que constrói, fomentou o ensejo de contatar outro tema. Desafio novo que se desenhou na busca de possibilidades para o diálogo que, negado, ressoa o ineditismo que dói, mas que, ao mesmo tempo, fomenta e robustece a necessidade da investida de novidade necessária.

Gil (2002), pondera que

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições (p.42).

Dantas e Franco (2017), em sentido similar, apontam a pesquisa exploratória como aquela que visa validar instrumentos e proporcionar familiaridade com o campo de estudo. É espécie de primeira etapa de uma investigação mais ampla, comumente utilizada em pesquisas

(...) cujo tema foi pouco explorado podendo ser aplicada em estudos iniciais para se obter uma visão geral acerca de determinados fatos. Os resultados são esclarecedores tendo em vista que a iniciativa é válida para a pesquisa e para o pesquisador por oportunizar o ajuste dos instrumentos, bem como dialogar com campo epistemológico (...) (Dantas e Franco, 2017, p. 1484-1485).

Para elas, esse tipo de investida se faz “(...) validando por antecipação, os instrumentos, os objetivos e o caminho teórico-metodológico delimitado” (Dantas; Franco, 2017, p. 1485).

Por sua vez, a pesquisa de campo foi aqui proposta no intuito de reunir informações sobre o tema a partir do contexto. Nesta investigação, destacamos, a partir do contexto daqueles sujeitos de pesquisa³⁴ que conosco compartilharam as histórias suas que, em profundidade, são de outros e também por isso nossas. E assim tecemos a abertura que

³⁴ Importa destacar que, ao todo, temos ao menos 9 sujeitos de pesquisa. Desse universo, 6 são respondentes vivos (colegas de trabalho e familiares), que, a partir de si e sobre aqueles que lhes significavam, disseram dos sujeitos de pesquisa docentes suicidados; os quais conheceremos através desses 6 sujeitos em seus generosos dizeres.

explora, ao passo que buscamos entendê-la no contexto de sua visceralidade, âmago do qual faz parte.

“O trabalho de campo se apresenta como uma possibilidade de conseguirmos não só aproximação com aquilo que desejamos conhecer e estudar, mas também de criar um conhecimento, partindo da realidade presente no campo” (Minayo, 2015, p. 51). É por meio do campo que podemos criar novas questões, sob processos de incorporação e superação referente ao que já foi produzido. É prática científica que se estabelece sob “(...) suas interconexões sistemáticas com o contexto e com a realidade (Minayo, 2015, p.17).

Por fim, as entrevistas. Estas que, semiestruturadas, adentraram o universo daqueles que não mais estão. Os aventados livres que por sua força nos espantam e, claro, rechaçamos enquanto os “fracos exibicionistas”. Aqueles que, sob professorar lúgubre, ousaram alar-se em poço. Lá estando, coube melhor compreender sua ousadia por meio daqueles de cá: os familiares e/ou colegas de trabalho de docentes suicidados.

A exemplo de Marquetti (2013), foi empreitada que se fez sob solo rigidamente instável, mas que necessitou ser trilhado, afinal intuitos havia de tornar possíveis os voos para além poço. E é nesse sentido que o sensível fazer se atreveu buscando o imaginativo, comprometido, disruptivo. Ousadia que intentou a liberdade, esta que aposta no esperar e o faz em profundo zelo respeitoso. Foi tendo isso em vista que empreendemos a busca por informações em seu caráter de maior concretude e elaboração, nos dizeres que a nós ofertam o panorama que não mais podemos preterir.

Importa entender que muitas vezes é por meio do relato dos entrevistados que pesquisadores têm acesso de maneira mais detalhada sobre o que pretendem investigar. Segundo Manzini (1990/1991, p. 150), a entrevista semiestruturada “além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações”,

[...] está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista [...] esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas (Manzini, 1990/1991, p.150).

E, em alguma medida, emergiram, sobrevieram tonalidades do professorar a que ainda nos recusamos. Que possam, essas assinaturas de vitalidade não afeita a padrões que engessam, destacar o empreendimento ciência afeta. Esta que, afetada e afetando, afeta a todos nós, empreiteiros da educação, trabalhadores. Que persistem, insistem e, também por isso, devem viver.

Todos esses passos, evidentemente, foram suportados por bibliografia especializada, ao menos daquelas que dispusermos tendo em vista os intuitos aqui assinalados. Assumindo formas diversas, ajudaram elas na edificação do caminho metodológico, que, conforme Minayo (2015), é percurso do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade; investida em que, simultaneamente, apontam-se método, técnicas, e a criatividade do pesquisador – ainda que seja ele apenas mais um de tantos. Apenas mais um.

Sem problemas, afinal é por tantos que se move, pesquisa, e empreende a ousadia que não mais se fechou à cautelosa autocensura (Severino, 2007). Foi rompendo-a que os caminharas, não sem muitas surpresas, no supracitado solo rigidamente instável se deu. Nesse movimento, contatamos familiares e/ou colegas docentes de professores que, cientes dos intuitos aqui assumidos, assinalaram concordância em conosco dialogar.

Como antes apontado, no intuito de compreender as vivências laborais de docentes suicidados, foram-nos especialmente importantes os relatos de colegas de trabalho que com estes professores que se autoexterminaram tivessem compartilhado vivência laboral em espaço-tempo (isto é, docências contemporâneas em mesma instituição de ensino superior).

Boa parte destes contatos diz de movimento estruturado ainda antes da pesquisa em curso, quando em pretensa investigação a ser submetida em movimentos de doutoramento; dizendo-nos de caminhos de pesquisa que, muito antes iniciada, ganha corpo à medida que corpo também dá à coragem pesquisadora e à ação de formalizá-la, ocorrida aproximadamente 5 anos depois.

Tal contexto de busca assumiu natureza diversa (rede social, encontros presencias, telefonemas, dentre outros) e, posteriormente, já em caminhada oficial, ganhou volume e contornos via mediação de algum colega que, ciente da investigação, ofereceu-se como ponte entre entrevistador e possíveis entrevistados. Como antes, após esse movimento em

ponte, se deram os contatos em naturezas várias, os quais possibilitaram maior aproximação entre mim e os sujeitos dispostos à colaboração.

Para tal movimento, assinalamos como preocupação necessária (e critério à entrevista) a indicação por parte do respondente familiar de vivência terapêutica/acolhimento profissional especializada em escuta de posvenção³⁵. Para além disso, importou-nos que a perda tivesse se dado há, pelo menos, um ano; embora saibamos ser o limite temporal um recorte bastante restrito/limitado³⁶.

De todo modo, foram passadas mínimas que acreditamos eticamente válidas quando do contato com sujeitos que tiveram suas vidas tingidas por perdas que lhes soam tão expressivas e/ou representativas.

A dimensão ética aqui aventada foi também posta em cena à medida que alçamos como necessária passada escuta afinada às pessoas entrevistadas, às quais, sob efetivo aceite de participação e tendo sido esclarecidas quanto às formas e propósitos desta investigação, foi evidenciada a possibilidade de, em qualquer tempo, recusarem-se à participação e/ou mesmo demandar exclusão de sua contribuição com este trabalho. Algo que, tendo ocorrido, redesenhou o universo primeiro de entrevistas almejado.

As entrevistas assumiram distintos formatos: presencial e remoto. Esta segunda foi possibilidade admitida em função do interesse do entrevistado, bem como quando de localização geográfica especialmente desafiadora (o que, principalmente financeiramente, me impossibilitava de realizá-las de forma presencial). Houve respondentes da região nordeste do país e mesmo outros que, na região sudeste estando, optaram pelo formato remoto.

Foram realizadas 13 entrevistas, das quais 6 foram aproveitadas e que, sob os termos antes dispostos, apresentaram-nos, portanto, seis distintos universos acerca dos docentes

³⁵ Tal termo, proposto por Edwin Shneidman (1993), aponta para um conjunto de ações destinadas a dedicar-se aos enlutados em função de suicídio de pessoa querida. O termo, originalmente descrito como *Postvention*, não encontra ainda abrigo em dicionários de língua portuguesa

³⁶ Como assinala (Fukumitsu, 2014), mais que o tempo em si, o maior conforto talvez se dê no sentido das vivências tantas que têm os sujeitos com as pessoas que morreram.

suicidados. O não aproveitamento em totalidade das entrevistas se deu a pedido de entrevistados; ainda que tivessem assinalado concordância anterior.

Tocando universos familiares, foi comum o fato de um integrante da família do respondente apontar descontentamento ao saber da referida partilha. Por ética, nesse cenário, assinalamos então a opção de não trazer/considerar a entrevista para fins deste estudo. Em similar movimento de respeito, nesses casos, optamos por descartar as entrevistas de colegas de trabalho quando de qualquer restrição advinda do universo familiar. Tal fato fez das investidas em campo um constante movimento de ação também em luta contra o tempo.

As entrevistas realizadas foram transcritas. Lidas e relidas, passaram por processo analítico quanto ao seu conteúdo, a partir do qual, em diálogo com os objetivos neste estudo propostos, estabelecemos algumas categorias analíticas. Através delas, esse profissional suicidado foi especialmente compreendido, quais sejam: relações interpessoais no âmbito do trabalho; a instituição de ensino em seu caráter organizacional/laboral; a docência, quanto aos significados e estranhamentos; as saídas, entendidas como possibilidades de enfrentamento ao contexto vivenciado.

A título de reforço, importa destacar que tais categorizações informam sobre um todo e aqui assim dispostas foram para uma melhor apreensão do universo que a nós importa: o contexto laboral de docentes universitários, de modo que nos seja possível dele apreender os elementos estressores, violentos e múltiplos que do autoextermínio docente poderia fazer ação volitiva.

A operação aqui tecida, somando-se às contribuições já antes aventados, foi exercício que assumiu sua subjetividade e, faceando-a, compreendeu não se tratar ela de algo marginal, mas, ao contrário, de ser intrínseca à análise qualquer, sob os reflexos que tem de suas instâncias também sociais.

Foi passada que, a exemplo do que postula Gonzáles Rey (2001), assumiu o qualitativo em seu lugar epistemológico, sob as assinaturas do caráter dialógico construtivo-interpretativo do conhecimento, inclusive quando dos estudos de casos singulares, como os aqui trazidos por meio das entrevistas. Esses mesmos que, assim o sendo, apontam para a totalidade em que se enredam docências.

Uma mirada, pois, a conscientemente aproximar-se de parte da realidade, umas das tantas possíveis aproximações. Apontando para o conhecimento que, humano, produzido é não como apropriação linear de realidade que se estuda e intenta comunicar.

São os espaços do inteligível, advindos da pesquisa científica que não anseia qualquer esgotamento, mas, ao contrário, coloca-se como abertura a interpretações vindouras, aprofundamentos que historicamente nos desafiam; dando-nos informações das zonas de sentido a que se referiu González Rey (2005) e a partir das quais se percebe a pesquisa em seu lugar de incompletude, abertura e continuidade.

Um fazer transversalizado por distintos momentos do próprio ato de investigar. Ato concomitantemente subjetivo, coletivo, singular e social, produto e produtor de configurações e processos de sentido. É fazer que se coloca ao também criativo, inventivo que na criticidade se pode estruturar; ainda que as tantas amarras, em todo tempo, insistam por sinalizar a ciência pretensamente dita devida.

Sigamos caminhando...

*Estou cansado de lutar e lutar, galopar contra
o vento como dizia Don Ata.
Eu não posso mudar.
Não foi uma decisão, mas foi considerada.
Não fale de fraqueza ou de coragem (...)
Com ela [morte] eu ando de mãos dadas
- René Favaloro - A Última Carta do Dr.
Favaloro (2000)³⁷*

³⁷ Originalmente: *Estoy cansado de luchar y luchar, galopando contra el viento como decía Don Ata. No puedo cambiar. No ha sido una decisión pero sí meditada. No se hable de debilidad o valentía (...)* Con ella me voy de la mano.

4 E A MÁQUINA PAROU... FOI PARADA... MÁQUINA?



“*Can't Help Myself*”/Não consigo me ajudar (Obra de Sun Yuan e Peng Yu, 2016)³⁸

³⁸ Na obra, a proposição: um braço robótico tem de conter vazamento constante do fluido hidráulico que o mantém. O vazamento, aumentando paulatinamente, requer esforço cada vez maior e incessante. Um dia, sem mais recurso de contenção efetiva, o fluido todo se esvai. A máquina para, pois “não consegue se ajudar”. Em suas múltiplas possibilidades interpretativas, a arte ganhou significados diversos do público.

Adentrando os universos deles, que nossos em grande medida são, intentaremos agora uma prosa. Difícil, estranha, com feições de descabida, pois o interlocutor primeiro não pode estar. Não mais. Falaremos com os seus e, em alguma medida, com ele (e conosco). Buscaremos entender suas nuances, seus apelos...

“Aí ele ficou me olhando e disse, *‘Só fica comigo. Não me deixa sozinho*³⁹” (E1⁴⁰, dados da entrevista, 03/2024).

... seus risos honestos e aqueles timbrados ao disfarce. Nas fugas suas, tentaremos uma captura, ainda que em ébrio mover, “(...) mas ele tinha um consolo, a bebida, sabe? (...) ele conseguia viver melhor com o álcool. Então, ele falava, *‘pelo menos assim, eu sou feliz, mãe*” (E2, dados da entrevista, 07/2024).

Talvez, como confesso escritor já influenciado, sinta aqui a necessidade de em alguma medida consolar-me, também fugir como busca de encontro de felicidade, ainda que seja uma “pelo menos assim”. Mas essa fuga parece certo senso de proteção em primeiro grau. Por que doer? Busque o sorriso, o conforto do fugir. Racionalizada, entretanto, a necessidade se revela: se ainda aguenta, não fugir é buscar uma estada sólida, possível, de sobriedade prolongada em que o viver seja factível a você, a eles, àqueles que não conhece e que, como seu interlocutor ausente, cavam ainda fugas. Ainda.

Então, não fuja. Mergulhe. Exponha-se, proteja-se menos agora, como feitura de sonhos em proteção vindoura. Pois bem, mergulho. Vamos à prosa de interlocuções terceiras

Entre eles, aquele que metaforiza vida humana sob insistente tentativa de manter-se. A dança antes possível não mais é, como robô, limita-se ao básico: garantir a subsistência, ante o derramamento constante, forçado e desesperançoso da vida. Um dia o sangue todo se esvai. A vida para. Não consigo me ajudar.

³⁹ Em conformidade com o assinalado, as falas de docentes aqui trazidas, estando eles presentes ou não, serão destacadas (em itálico) de modo que não se confundam com falas outras, como a dos autores reportados e mesmo de entrevistados. Estes, reforçamos, serão aqui assinalados por meio das aspas, mesmo quando de citação longa.

⁴⁰ Por razões éticas, optamos por preservar as identidades das/os entrevistadas/os, bem como dos professores aos quais estas/estes se vinculam e a que se referem. Nesse sentido, propusemos como nomeação a letra E, para entrevistada/o, seguida de um numeral. Este foi definido em razão da ordem das entrevistas realizadas. Desse modo, por exemplo, ao deparar-se com a nomenclatura “E2”, dizendo estamos “entrevistada/o dois”. De forma similar, operamos com os professores sujeitos desta pesquisa. Assim, ao deparar-se com “P1”, estamos indicando tratar-se do “Professor 1”, primeiro sujeito de pesquisa a que acessamos em nossas investidas. Por fim, cabe assinalar que nomes próprios existentes em meio às entrevistas foram substituídos por termos substantivos, equivalentes à compreensão. Desse modo, se a entrevistada cita, por exemplo, “Antônia” e ela é namorada, utilizaremos “NAMORADA”, mantemos o sentido e preservamos os sujeitos. O mesmo se dá em relação às instituições citadas.

possíveis. Destas ao teor tão torto meu, também em pinceladas do instável e do adoecido, afinal quem pode estar são?

“É insustentável... é um Godzilla... Não há qualquer saúde mental, estamos hiper precarizados. E que tempo existe pra lutar? Estou às 3 da manhã preparando aula e sequer posso me sustentar financeiramente” (Em dose de indignação-angústia, indagou-me a colega substituta de universidade pública outra).

Na exposição, portanto, no dizer de vísceras que intenta em todo tempo deter a mente no sentido disto, a prosa se dá, e o fará no exame das falas; estas que embebidas foram de consciência (re)tecida, galopes do respirar, olhos em riso molhado e às vezes sem riso algum, flexões temporais e sensitivas várias. Ditos dos/nos poros, no amor resignificado, nas memórias, no falar com “ele que me ouviu” e que ainda é... “E sou mãe do P1⁴¹. Eu ainda sou mãe dele e sei que ele sabe disso lá do céu. Ele está escutando a gente. Então, eu me sinto mãe dele” (E2, dados da entrevista, 07/2024).

Nuances e mais nuances que, como o interlocutor primeiro, não se pode capturar e, que bom, ensina-nos a dosar as pretensões.

Dosadas, assumirão as possibilidades de mirada mais direcionada acerca dos sujeitos, pares/colegas, superiores (gestores em distintos graus), discentes; da instituição, em seu caráter organizacional/burocrático/laboral; da docência, quanto aos seus significados/estranhamentos; das saídas, entendidas como cogitados caminhos em busca da possibilidade do estar; sabendo serem essas apenas estruturas de um mesmo todo; como antes destacado.

Em todas elas, ou nesse todo, a intenção comum de compreender e discutir os enredos da docência, o labor professoral e as condições em que este se enquadrava, mirando os elementos seus, inclusive e principalmente aqueles que, violentos e múltiplos, poderiam funcionar como estressores capazes de levar o docente à fuga última (Santos *et al.*, 2019), ao último recurso (Marx, 2006).

4.1 Na métrica 1

⁴¹ Como antes destacado, P1 foi terminologia eticamente adotada para referir-se a Professor 1. Primeiro caso acerca do qual lançaremos nossas reflexões. Primeiro companheiro que acessamos por meio das entrevistas.

Aqui apresento o que seria uma espécie de síntese das entrevistas acerca do professor 1⁴², ambas realizadas no primeiro semestre de 2024. Trata-se de uma composição que aponta para as percepções de uma mãe (E2) e de uma colega de trabalho (E1) acerca desse professor suicidado.

O professor 1 caracteriza-se como homem cisgênero, heterossexual, branco e de classe média. Entendido como curioso e inteligente, ao longo de sua vida, parece ter se destacado pela incomum perspicácia, criatividade e criticidade. A isso soma-se um caráter extrovertido que, fazendo-o popular, garantiu acessos importantes na esfera profissional; inclusive naquela circunscrita à educação, pela qual trilhou ao longo de seis anos.

A despeito dessas características, foi também apresentado como alguém de demasiada rigidez e apego à verdade, impactando suas relações sociais diversas, uma vez que a ele pouco produtor parecia aquilo que descrito foi como “verniz social”. Isso, no entanto, não impedia que alvo fosse de marcante dualidade, que, concomitantemente, dele fazia pessoa percebida como destacada por sua doçura – algo especialmente valorado pelos discentes a quem professorava.

Combativo, era também por isso alguém imerso em conflitos de diferentes ordens, muito embora se apresentasse frágil para com eles emocionalmente lidar; o que acabou relegando-o a um frequente lugar de introspecção e tormento. Não raro, desestabilizava-se e, nesse contexto estando, buscava fugas que o pudessem amparar. Assim, um sensível atormentado, encontrou em algumas ideias fixas/preocupações contínuas lugares de tentativas e retomadas para o viver, inclusive e especialmente no âmbito do trabalho, já tido como espaço adoecedor e sôfrego.

Este, que antes teria sido lugar de encontro consigo e com propósitos que sentido davam ao seu viver, pelas incongruências nele percebidas, bem como pelos crescentes contextos de precarização, intensificação, extensificação, assédio e exclusão, tornou-se espaço de tormento expressivo; espraçando-se às esferas outras de sua vida. O trabalho violento e adoecedor, violentou e adoeceu o sujeito que, nesse lugar estando, buscava ainda mais vorazmente as rotas de fuga.

⁴² Tal ação de síntese se dará ao longo da explanação acerca dos demais professores suicidados sujeitos desta pesquisa. Nesse sentido, a cada início de seção que os envolva, haverá uma introdução em caráter sintético acerca das percepções que colhidas foram nas entrevistas.

Nelas, vivenciou crescente desgaste de suas relações pessoais (familiares, amigadas, amorosas) e profissionais (nos distintos contextos educativos em que atuava), as quais tiveram também respostas em sucessivos afastamentos, como tentativas de preservação de todos que nessas relações estavam.

Tais afastamentos, experienciados em distintos lugares e esferas, fortaleciam uma espécie de ciclo de fixações, corroborando com contextos de fugas ainda mais intensos e nocivos; cenário em que drasticamente também se deterioravam suas possibilidades profissionais e, com elas, sua capacidade de perceber a vida como algo válido e possível.

Em um ciclo ininterrupto, tal qual as violências no trabalho sofridas que a esse mesmo ciclo fortalecia, as fugas eram retroalimentadas; fazendo-se especialmente danosas quando da utilização do álcool. Como consequência, essas rotas geravam mais distanciamento, violência laboral e perda de sentido. Esta, algumas verbalizada, apontou para o ceifar da vida como alternativa livre.

À alternativa verbalizada, soma-se também o verbalizar do socorro pedido e das dores sofridas; as quais a ele sentidas em lugar demasiado e desumanizador, materializaram-se em tentativas expressas do ceifar da vida. Aprendendo o método, livrou-se da dor. Em uma madrugada, enforcou-se no banheiro de seu quarto.

O anúncio que ao ato precedeu, transformou-se em silêncio e tabu quando de sua efetivação, fosse através de seus pares, amigos e/ou familiares. Contudo, uma vez experienciado e resignificado, assume outra dimensão. Às entrevistadas, por exemplo, tem sido utilizado como lugar de reflexão, de partilha, de possibilidades de enfrentamento ao suicídio enquanto alternativa.

4.1.1 Um pouco antes e mais...

Mineiro, nascido em Belo Horizonte, o professor 1 era o primeiro de um total de 4 filhos. Primogênito atencioso, já durante sua tenra infância, destacava-se pela relação atenta e cuidadosa que estabelecia com seus irmãos, mãe e pai.

Duas semanas após completar 11 anos de idade, perde seu pai; golpe este sentido ao longo de toda sua vida e, por reiteradas vezes, trazido à tona como angústia que o acompanhava.

Carente, tinha em suas relações lugar de demandas e requisições exacerbadas, algo intensificado pelo histórico de depressão que o acompanhou desde sua juventude. Tais elementos somavam-se aos traços de crítica e rigor que tanto o descreviam e que, em alguma medida, teriam a ele sido barreiras no âmbito relacional; fossem na esfera íntima, fossem aquelas tecidas no decurso de sua vida profissional.

De notória inteligência e também por isso tido como sedutor, já aos 17 anos, após completar o ensino médio, estabelece como desejo profissional trajeto atrelado à pesquisa científica; fator que teria impactado sua escolha pelo curso de História, o qual realizou na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), instituição e unidade que abrigos foram também aos seus estudos no âmbito da pós-graduação na mesma área de conhecimento.

Essa vivência, não incomum em uma família composta por pesquisadores, tal qual sua mãe, o teria possibilitado assumir a direção de documentação de um dos mais importantes museus históricos de Belo Horizonte; cargo comissionado que ocupou por 4 anos e do qual foi dispensado quando da alteração de governança do estado.

Dispensado, e vivendo aquele que teria sido angustiante lugar de desemprego e disparador de contexto depressivo, viu-se fragilizado; cenário do qual saiu pela também imprescindível ajuda de sua então namorada, professora (e entrevistada 1), que a ele teria apresentado a carreira docente como possibilidade. Carreira esta que, agora iniciada, experimentada foi na condição de contratado no âmbito da esfera estadual de ensino.

Tal experiência, significada em lugar de realização, o impulsionou ao magistério na condição de professor efetivo, razão pela qual, novamente pela influência da namorada, realizou concurso estadual. Tendo sido aprovado, nesse labor permanece por 6 anos, 1 ano a mais que o tempo a que se dedicou ao ensino universitário privado, realizado concomitantemente à atuação na educação básica pública.

O professorar, experienciado em ambas esferas, apresentou-lhe desafios por vezes demasiados, sendo motivos expressos de descontentamento e perda de sentido, ainda que nesse universo encontrasse especial amparo na relação tecida com os estudantes (pelos quais foi inúmeras vezes homenageado). Além destes, é de se considerar a relação

estabelecida com uma colega em específico e, de modo mais proeminente, com a namorada que, em algumas circunstâncias, com ele trabalhou na universidade e na escola.

Em tais ambientes vivenciou relações demarcadas por conflitos que, de distintas ordens, apontavam para a crítica quanto à gestão; à natureza do trabalho que, de modo crescente, lhe soava desprovido de sentido e excessivo quanto às demandas; aos colegas e à forma com a qual construíam seu percurso profissional.

Buscando estratégias para com esses desafios lidar, para além do isolamento a que também se impôs, constituiu aquilo que para alguns lhe teria servido como rotas de fuga. Estas configuraram-se em movimentos que, constantemente alterados (ainda que por vezes concomitantes), reverberaram danosamente nos espaços de trabalho que atuava, nas relações que estabelecia e que, em diferentes momentos, tornaram-se publicizados e, também por isso, razão sofrimento, dano e infortúnio ainda maiores a alguém já bastante fragilizado e insone.

Frustrado, expressou incomum apatia e, já nesse cenário, apontava o não desejo de mais viver; que também expresso foi pelas repetidas (e ocultas aos familiares) ausências ao trabalho e pela recusa de sair de casa. Nesse contexto, sob esforço conjunto de familiares e colegas de trabalho, é conduzido sem consentimento à clínica de reabilitação para alcoolistas. A aposta, revelando-se frustrada, desencadeia ainda mais danos nas já desgastadas relações, bem como na percepção que tinha o professor 1 sobre si e sobre a vida sua.

Com a saúde mental visivelmente deteriorada, experienciou ainda rupturas de significância profunda, como: perda de trabalho no espaço privado; um processo judicial envolvendo a comunidade escolar do trabalho na esfera pública; a impossibilidade de assumir cargo no âmbito da pesquisa em história, para o qual considerava-se especialmente apto; e o término de sua relação amorosa com a namorada, ainda que permanecesse a parceira como amiga auxiliadora nos contextos que à esfera privada tocava a ele e sua família, esta também desgastada e fragilizada pelos desafios que atravessava.

Frustrado, intensificam-se os movimentos de questionamento de si, da vida sua, bem como o comunicar dos anseios de colocar fim a tudo por meio do autoextermínio. Tais

comunicações, ainda que assombrosas, não soavam inéditas, tendo em vista o fato de tê-las antes algumas vezes feito, inclusive quando de sua juventude; caso em que aos 15 anos já teria dito nisso pensar.

Em algumas vezes, colocou o intento em prática, mas o fez, talvez como desejante de vida que fosse, em circunstâncias controladas; como, por exemplo, sob certeza de socorro da namorada que a caminho de sua casa estava e que poderia interromper o processo por ele pensado. Fato este que de ciência foi da família como um todo.

O cenário preocupante fazia com que a casa organizada fosse pela família de maneira estratégica, permitindo certa vigilância ou mesmo facilidade em casos de socorro necessário. Esses cuidados, entretanto, ainda que sob enredos desafiadores, vez ou outra pareciam menos necessários, como o foi quando de seu retorno com a namorada; circunstância partilhada com a mãe sob ares de felicidade e de amenidade frente ao contexto desafiador que no âmbito do trabalho vivenciava e que tanto o impactava – especialmente quanto à batalha judicial que o teria afastado também da esfera pública.

Tal retomada e anunciada felicidade, no entanto, fez-se junto à despedida não notada. Naquela mesma noite, entraria em seu quarto e daria, aos 43 anos de idade, fim ao que parecia dissabor sem sentido maior: a vida sua, eliminada por tantas vezes e de tantas formas nos enredos que experienciou em lugar de dor excruciante.

4.2 Eu sou um tumor⁴³

*Estou doente, perfeitamente doente
Você me privou de todas as minhas músicas
Você esvaziou as minhas palavras
- Música: Je Suis Malade, Alice Dona/Serge
Lama⁴⁴.*

“Uma vez, ele tinha sido... ele tinha... ele escreveu uma vez uma carta de quatro páginas, intitulado de tumor. ‘*Eu sou tumor. Eu sou um*

⁴³ Entre a regra e o significado, opto pelo último. A subseção não se faz em itálico, mas o significado seu sim: é fala docente e deste que não mais está.

⁴⁴ Originalmente: *Je suis malade parfaitement malade/Tu m'as privé de tous mes chants/Tu m'as vidé de tous mes mots.*

tumor’. Foi muito difícil encontrar aquela carta”
(E2, dados da entrevista, 07/2024).

O tumor, era pessoa; para nós, ao menos. Com remédios e uma corda, em casa, interrompeu a vida não mais possível. O fez aos 43 anos de idade. Docente mineiro, homem branco, cisgênero e heterossexual, formou-se historiador. Era professor/pesquisador em ensino superior privado (não apenas), que, reduzido à selvageria bestial (Marx, 2006) cotidiana, viu-se inumano, tumor a metastasear desgraça, inclusive a quem tanto amava.

O tumor era dessas pessoas que, conforme a E1 (03/2024), “Tinha muita sensibilidade para a vida, para as coisas, para as pessoas”. Algo que, lindo, para a realidade nossa acabava “atormentando demais também” (E1, dados da entrevista, 03/2024); afinal, onde já se viu, em terra de germes de dissolução que nos espizinha a existência nos hábitos mais corriqueiros (Marx, 2006), ter na ternura intento de humanidade?!

Alguém assim, de fato, é um descabido. Um tumor. Ou, quem sabe, apenas

“Uma pessoa maravilhosa, crítica. Era uma pessoa sedutora, inteligente, muito inteligente. Desde muito novinho, ele nos surpreendia com as observações dele, com tudo que ele via da gente e a forma que ele também tratava os irmãos. Ajudava os irmãos, muito crítico, mas sempre contribuiu muito” (E2, dados da entrevista, 07/2024)⁴⁵.

“Inteligente”⁴⁶, era um “sensível” “atormentado”. Inclusive por seus intentos conscientes. “Contraditório”, se via demasiadamente perdido em sua notada doçura, a despeito da ausência de “verniz social”. Parecia encantar e o fazia especialmente aos discentes, por ser hábil em adentrar no mundo que lhes interessava. Ao que tudo indica, as ganas por contribuir seguiram acompanhando-o e foram por ele estendidas em suas ensinanças.

⁴⁵ Com vistas a facilitar ao leitor a identificação dos relatos, após o recuo de 4cm, optamos por iniciá-los com aspas; diferenciando-os mais facilmente de citações relativas ao referencial teórico.

⁴⁶ Ao longo desta análise, você se deparará com algumas expressões/palavras entre aspas, muitas das quais apontando para juízos de valor. Tais expressões são percepções das pessoas entrevistadas e aqui, estilisticamente, adotadas como paráfrase. Como forma de permitir a fluidez textual e de não descaracterizar o texto sob interrupções normativas, optarei por não abrir parênteses quando dessas pequenas expressões/valorações; tendo nas aspas a indicação de tratar-se de fala terceira. Acredito ser esse um cuidado que, embora signifique uma arriscada opção, tem mais a contribuir com o texto que a alternativa de o entrecortar com os tantos parênteses que seriam requeridos.

O mestre “quando ele estava bem, era uma pessoa encantadora, maravilhosa, um parceiro e tanto” (E1, dados da entrevista, 03/2024). Um conflitivo docente – como boa parte dos ateus que têm de em territórios educativos, inclusive públicos, relembrar a laicidade necessária –, “indignado” (justa ira?), “reclamador” atormentado. O “alto astral” que sabia, quando recolhido, vivenciar a introspecção que especialmente aos seus mais chegados muito afligia.

Por tanto ver, sentir, desencontrou-se. Estava “perdido”. E perdido, sôfrego na consciência sua, buscou ser feliz “ao menos assim”. O “atenado”, “criativo” e “crítico”, oscilando, viu-se “frágil”, “depressivo”. O “palhaço” “empolgado”, divertido, sentiu o medo. Este, avolumando-se nas insones horas, atormentava e, como tal, fez dele atormentado.

“Então [ele era] emocionalmente muito frágil, qualquer coisa abalava, essas questões todas, mas era uma pessoa super alto astral, pra cima, alegre, mas à medida em que ele não foi dando conta de várias coisas no trabalho, ele foi se enveredando muito da questão do alcoolismo e aí isso foi um dos aspectos que eu acho que mais detonou com ele” (E1, dados da entrevista, 03/2024).

“Um dos aspectos que mais detonou com ele” é um em meio a outros mais, um como resposta a tantos. Quantos? Sejam quantos forem, vemos alguém que foi detonado. Paulatinamente fragilizando-se (sendo fragilizado), chega ao ponto em que “qualquer coisa abalava”, “qualquer”. Um alguém que “não foi dando conta”. Conta do tanto, do tudo, do sempre. É melhor darmos. Após às 3h00min, tendo faceado o “*Godzilla*”, ainda que sem sustento, é melhor darmos conta; que alguém nos sustente!

Foi detonado.

4.2.1 O tumor, os sujeitos e as relações em metástase

De súbito, como que em tributo ao agridoce “sem filtros”, sinto a sedução de um dizer mais chegado ao perfil P1. É espécie de tentação que, sabendo almejar honra tola, apega-se mais ao substantivo que a este adjetivo que o acompanha e, assim, abraça a honestidade “sem verniz social”.

Verniz que, sabidos do jogo que somos, nos distancia da pessoa “muito autêntica [essa] que não trocava de roupa para dizer o que ele precisava” (E1, dados da entrevista,

03/2024). Importa destacar, não o que queria, mas o que precisava. Outro destaque: isso não se confunde com deseducação, não nos esqueçamos de que é de “doce” que falamos.

Desabituaados que somos, no entanto, à honesta postura (ainda que doce e sedutora), nela por vezes identificamos hostilidade, incômodo, ausência de verniz. “Verniz”, requisito básico à aceitação, à mirada que não se incomoda já quando do primeiro olhar. Afinal, é desgastante ser mais do que raso:

“Então, eu acho que ele queria dizer assim: Quem me conhece de verdade, quem se permite me conhecer, gosta muito de mim. Mas quem só me vê na superfície, me detesta. Porque quem me vê só na superfície, eu devo ser insuportável mesmo. Ele tinha essa consciência” (E1, dados da entrevista, 03/2024).

Insuportável no raso, detestado na superfície, era consciente de si e, mais que isso, da vista que lhes tinham aqueles que com ele compartilhavam os dias. Mas há muitos modos de ver. Há muitos que veem. Às vezes, entretanto, os que veem são também vistos por aquele que, nos mesmos contextos de trabalho, indaga de seu anti-verniz.

“Então, professores que talvez maltratassem um aluno e ele presenciasse isso, ou que falasse mal de alguém, ele falava ‘*cara, você trabalha com ela, tá falando mal dela comigo? Fala com ela direto: aqui ó fulano, tá falando que você...*’. Era mais ou menos assim, né? E aí, óbvio, incomodava” (E1, dados da entrevista, 03/2024).

Incomodava, “óbvio”. Imagine ter de me deparar com alguém que, de algum modo, me diz “fale direto com ela, pare de falar mal dela pelas costas, isso não é ético”. Pessoa descabida. Talvez seja típico de alguém que preze pela verdade “E tinha muita aquela coisa, ‘*eu não minto*’. Ele não mentia mesmo, não”. (E1, dados da entrevista, 03/2024).

Sem mentir, então, vivenciou o doloroso habitar em contextos de trabalho em que a verdade estampada pode significar, inclusive, “desentendimento”, “perseguição” e “brigas”, até porque ele “era muito autêntico, ele era incisivo, uma pessoa assim não passa ileso” (E1, dados da entrevista, 03/2024). Algo que pode ser especialmente danoso quando o perigo espreita, “falou do coordenador do curso lá, parecia uma pessoa perigosa” (E2, dados da entrevista, 07/2024).

Perigosamente, foi tecendo seu possível entre pares e superiores. Ao que parece, não ao acaso ele “reclamava da relação com os superiores, né?! Isso eram coisas que permeavam

aquele universo de trabalho dele” (E1, dados da entrevista, 03/2024). O “desentendimento com os professores”, a “perseguição do coordenador”, no entanto, não impediam certa face do reconhecimento, até porque “eles sabiam que ele fazia um trabalho bem feito, tava satisfeito com o que ele tava fazendo” (E1, dados da entrevista, 03/2024). Eles sabiam.

E não apenas eles. Havia aqueles outros que, ao incômodo, conferiam lugar de honra, um alguém que “adoravam”. Na verdade, “Direto era homenageado, paraninfo [...] Os alunos o convidavam pra tudo. Mas era só elogios” (E1, dados da entrevista, 03/2024). Muitas vezes, bem sabemos, são eles nossa força motora maior, “ele só segurou lá porque gostava muito dos alunos” (E2, dados da entrevista, 07/2024). Para ele, em alguns momentos, parece ter sido aquela força que o segurava lá, o segurava em si.

Segurando, mesmo que inseguro, ele diz do “orgulho de ser professor”, do “luxo” que era ocupar esse lugar. Havia sentido, houve. Nesse lugar, muitos sangues se mesclam. Por vezes, o mecânico braço pode recolher fluido de outro, aquele que sangue sendo faz-se também amparo, e torna-se a “*única que confio*” (E1, dados da entrevista, 03/2024). O lugar de honra pode ter feição par.

No entanto, disseram-me que andorinha só não faz verão. Assim “mesmo sendo muito querido, ele foi ficando cada vez mais isolado, foi se sentindo mais sozinho também, sabe? Não foi só os aliados que afastaram, ele também forçou esse afastamento” (E2, dados da entrevista, 07/2024). Quando a doçura se afasta, resta o não doce.

Metastaseando talvez a resistência consolo, o etilicamente possível “E ele consciente disso, às vezes tentando se segurar, mas...nem sempre era possível” (E2, dados da entrevista, 07/2024). Tentando segurar, segurar-se. Mas ali não lhe era seguro.

4.2.2 Amarelos sorrisos na putaria

O sorriso sabidamente amarelo e constrangido não me foi dado, pensa o chefe habituado a dono ser, ainda que sob pseudônimo de diretor. Sê-lo, evidentemente, é sê-lo mais que da força de trabalho, que pretensamente imagina ele ser também domínio seu. Sorriam os dentes todos e que sejam na feição ‘gratiliz, repleta de empatia pelo dono que o emprega e garante o sustento de sua família’, afinal ninguém quer ser o “indignado”, “reclamador”,

o “ficha suja”. A esse tipo de gente cabe a “reprimenda, da chamada de atenção, de presta atenção. Onde você está? Você vai perder seu emprego” (E1, dados da entrevista, 03/2024).

E se o dono é bom, não há dúvidas de que deseja o melhor de si ofertar aos seus queridos funcionários:

“Teve uma vez que a gente participou de uma palestra que foi dada pela esposa do dono da faculdade. Não fazia o menor sentido, eu mesma não ia, mas aí minha amiga na faculdade falou, ENTREVISTADA 1, não dá tiro no pé não... Aí faz foto, finge que tá gostando, posta no *site* da faculdade. O P1 claro não foi, falou que não ia e pronto, ainda mais que era sábado de manhã [...] pediram uma explicação porque que ele não foi, mandaram *e-mail* pedindo justificativa, e nem era dia de trabalho dele, enfim, você sabe como é” (E1, dados da entrevista, 03/2024).

Mas há quem não saiba ser grato, há indigestos tumores que levam “isso muito a sério, ele tentava muito, só que ficava muito chateado com as vezes que ele batia com a cara na parede, e vivia batendo, né?!” (E1, dados da entrevista, 03/2024). Vivia batendo e batendo e batendo. Talvez por isso não sorrisse, imagine apresentar ao dono uma cara sem dentes?!

Um bater banguelo de quem insiste, resiste, de quem do jeito possível seu recusou a sublimação, a aceitação do inaceitável. Parece que ele sempre “vinha, e falava das condições do trabalho, falava, reclamava do salário e tal, reclamava da relação com os superiores (...) eram coisas que permeavam aquele universo de trabalho dele” (E1, dados da entrevista, 03/2024).

Que fazer com um reclamão? Todos sabemos que uma maçã podre estraga as demais (tão sãs quanto o cesto que as comporta). É o tipo de coisa (coisa?) que deve ser reprimida: “Onde você está? Você vai perder seu emprego” (E1, dados da entrevista, 03/2024). Ou, talvez, sejamos razoáveis, tenha sido apenas o toque amoroso e sem assédio do chefe preocupado com o sustento do empregado, já em cara sangue e sem dente, dizendo algo como ‘preze por seu emprego’.

Um alguém que acompanha, que sabe que são uma família e que, como tal, insere-se nos espaços todos que pode. E não o faz sozinho, pois, como família, tem a colaboração dos demais entes, todos em prol da maçã que precisa ser resgatada, “até controle de rede social que a diretora de ensino fazia. Era assim mesmo, sabe, ela falava que tinha que seguir a

faculdade em REDE SOCIAL, e perguntava porque que não seguia e tal, falava até em reunião geral que isso era observado” (E1, dados da entrevista, 03/2024).

Convenhamos, é o tipo de coisa que temos de curtir. Alguém que se preocupa, que deixa sua mensagem amiga, que se faz sempre presente e deixa ali, na rede de apoio toda, o coração de quem atento quer ver sorrisos.

Fato é que “Era muito complicado, dava pra ver assim que ele amava o que ele fazia, era empolgado. Mas tava sempre reclamando do trabalho, vivia falando que era imposto, sabe, que não conseguia um monte de coisas” (E1, dados da entrevista, 03/2024). Mas havia outros tantos montes possíveis, por exemplo, “aquele monte de atividades sem sentido [junto a] um sistema péssimo que faculdade usava pras postagens de professor, que travava sempre” (E1, dados da entrevista, 03/2024). Ou ainda um mundo todo para chamar de seu (nosso), ele “(...) ficava agarrado num mundo de prova, atividade, de definição de como tinha que dar pontos e era assim e pronto” (E1, dados da entrevista, 03/2024).

Um alguém que “tinha calhamaços de trabalho, de prova que ele levava para casa, para o quarto dele. Tinha pilhas e mais pilhas de coisas, de provas” (E2, dados da entrevista, 07/2024). Mas também pudera, como não ser calhamaço quando diante estamos do estádio, de calhamaços de estudantes? Uma plateia vigorosa.

Tinha uma que a gente chamada de ESTÁDIO DE FUTEBOL. Parecia coisa de cursinho, sabe?! Mais de cem alunos no auditório, a gente, professor, com aquele microfone na cabeça e uma caixa de som. Tava lá ensinando várias turmas, e de cursos diferentes, tudo ao mesmo tempo, pra faculdade economizar, pra pagar menos o professor, aquela putaria (E1, dados da entrevista, 03/2024).

Tudo ao mesmo tempo.

Aquela putaria nada consensual, ou, quando muito, sob doses de consenso constrangedor, de teor assédio, a putaria que se avoluma em alguns contextos, como aqueles que aponta a colega (E1, dados da entrevista, 03/2024) ao falar de “fechamento de bimestres e de semestre”. Momentos estes em que a intensificação se faz ainda mais sentida e o obriga, por exemplo, “a fazer aquele serviço burocrático que ele detestava, odiava fazer (...) então

essas cobranças diárias, dessas coisas...Os finais de cada ciclo tornavam isso muito mais pesado”.

E, como se pode supor, “isso ficava mais ressaltado quando vinha as cobranças”. E, sim, elas sempre vêm: “E aí vinha as cobranças. Você não fez isso, você não fez aquilo e tal” (E1, dados da entrevista, 03/2024). Talvez viessem ainda por *e-mail*, por meio de uma curtida em rede.

Curtidos ou sem querer o tiro no pé (com arma e munição que não é nossa, mas o pé seguramente sim), corremos para “fechar a nota”. “*Me ajuda aqui*”, ainda insistindo, pede ele. Sim, “era uma loucura porque tinha turma com mais de 60 alunos, várias eram assim. Aí você imagina isso no fim de semestre, né, trabalho, correção, prova, prova final, prova de recuperação, lançar nota num sistema horroroso?!” (E1, dados da entrevista, 2024). Uma parte burocrática “muito cansativa”. Uma burocracia, no entanto, que nos faz constatar “*nossa, hoje não vai dar pra fazer nada, hoje eu tenho que fechar a nota*” (E1, dados da entrevista, 03/2024). Nada. Difícil sorrir...

Interessante notar que “Ele não tinha problema de ficar uma noite inteira pensando em uma aula. *Vou dar essa aula, vou falar sobre, sei lá, História da Educação. Então, vou dar essa aula aqui*” (E1, dados da entrevista, 03/2024). O sorrir difícil não era impossível. Havia ele na força motora advinda dos sujeitos-razão sua, aqueles para quem era um “luxo” ser professor. Aqueles ainda hoje lembrados pelos enredos que compunham sob tessitura de possibilidade, de estada a ele, “o que eu lembro, com muito mais força, é da relação com os alunos, que parecia ser muito boa” (E1, dados da entrevista, 03/2024). Mesmo quando muito se podia perder em função de uma “*faculdade [que] tava vendendo diploma*” (E1, dados da entrevista, 03/2024), era um luxo professor. Luxo professor, oposto ao lixo sem ganas de putaria.

Nesta há de tudo, de pequenos prazeres, a dores que rondam. De sujeitos que espreitam, ao gozo vazio, em espécie de jogo sem vencedores de fato, “Mas ele sempre citava professores que não gostavam dele, e essa relação com o diretor, que era o dono” (E1, dados da entrevista, 03/2024). Aos poucos, “(...) foram colocando ele de lado, tirando horários, sacaneando daquele jeito que a gente sabe que acontece [sei]” (E1, dados da entrevista, 03/2024). Ainda que certa complacência fosse percebida: “estão sendo complacentes porque você é homem, um cara bonitinho, arrumadinho, a cara da direita

limpinha, então você está tendo essa colher de chá, vai eu não entregar!” (E1, dados da entrevista, 03/2024).

Uma complacência com grau de peso algum em alguma consciência? Um revelar de putas (mesmo quando danosas) preferidas? Há combos e combos. As interseccionalidades não se apagam, ao contrário, são também definidoras de quem receberá a tal colher de chá ou não. Nos combos todos, sorrir parece bem complexo, inclusive (e mais) para essas sem colher de chá. Contudo, ainda que umas adoeçam mais intensa e rapidamente, importa perceber que o adoecer à disposição de todas está: “Eu conheci um P1 adoecido e seu ambiente de trabalho era adoecedor. A gente adoeceu muito lá, mas eu também acho que esse espaço o resgatou de alguma forma” (E1, dados da entrevista, 03/2024).

Resgatados em alguma forma, adoecemos. Adoecemos no ambiente adoecedor e que, portanto, cumpre a adjetivação que lhe cabe. E o faz não de um modo qualquer, afinal “adoecemos muito”. Muito. Não no singular, plural. Adoecemos. No entanto, não seja o “indignado”, “reclamador”, sorria, bata a cara, ensanguente-se, fique banguelo.

Se necessário, latta seu Lattes, use suas letras e números, afunde-se em editais, ostente para a plateia do estádio (ah, com microfone, pois é sempre bom cuidar da voz, quem sabe assim a plateia não aumenta?). Ao fim, não se preocupe, obviamente, são apenas dicas. Ninguém é obrigado a nada, como não foi ele, afinal “(...) se achasse ruim era rua” (E1, dados da entrevista, 03/2024). Rua... aí, se essa rua fosse minha...

*Vida de operário, vida de operário
Vida de operário, braços na máquina operando
a situação
Crescimento da produção e o lucro é do patrão
Semana é do patrão, ganância é do patrão e o
lucro é do patrão
- Música: Vida de Operário, Pato Fu*

4.2.3 “Adoecências”...

Quanta força tem um espaço para tornar lixo aquilo que luxo era? Qual será o ponto em que o contexto educativo se torna putaria, a coordenação cafetina e docentes putas? Como algo que “nos resgata” se torna “lugar de adoecimento”?

“Então, primeiro houve esse resgate, foi quando ele, ‘*nossa, o meu mundo aqui se descortinou, estou vendo esperança, possibilidades*’ e tal. Ele tinha orgulho de ser professor (...) É onde ele se encontrava, no sentido assim, ‘*eu dei conta de fazer isso, eu conquistei essas coisas*’”. (E1, dados da entrevista, 03/2024).

Ele tinha orgulho. Havia sentido, havia propósito, havia possibilidade. Havia. Foi um espaço de resgate e de adoecimento, “ao mesmo tempo”. Quando de resgate, um mundo se descortinava, o horizonte era, então, feitura do possível. Ainda que um possível de início ingênuo, ou, talvez, com menos amargor das dores que já nos soam típicas e às quais nos adaptamos, “porque é super importante você entender que ele era um professor de início de carreira, muito empolgado com tudo” (E1, dados da entrevista, 03/2024).

Empolgar-se é coisa de principiante, aquele que tem o péssimo hábito de orgulhar-se e sonhar, como que nutrindo certa “alienação em relação ao que é esse fazer docente” (E1, dados da entrevista, 03/2024). Afinal, o que é esse fazer docente? Em lugares sob tom bordel, talvez possamos dizer que seja sinônimo de “sofrimento”, ainda que o tenha antes enganado brincando de “resgate”.

Um resgate cheio de sentido, de planos, de sonhos coletivos. Lugar onde “‘*nossa, eles me chamam de professor e tal*’”. É lugar que “‘*tem que dar certo*’ (...) Acho que ele pensava assim”. Acontece que o ter, embora tenha de, nem sempre se cumpre e, às vezes, “aquilo ali era a última chance dele”. A última. “À medida que isso foi posto em xeque, que ele ia perder aquilo, aí desencadeou...” (E1, dados da entrevista, 03/2024). Perder a última chance, por vezes, pode ser perder-se. Perder a chance de ser em si.

“Ele adorava dar aula, e aquilo ficou em xeque” (E1, dados da entrevista, 03/2024). Mas aquilo, em alguma medida, era também ele. Lugar da possibilidade da qual se orgulhava, em que via sentido e em que se viu resgatado. A docência estava como âmbito de “possibilidades que eu tenho de vislumbrar uma vida mais à frente” (E1, dados da entrevista, 03/2024). O ver mais à frente se foi. Não havia vislumbre, nem mesmo daquele que, zigzagueando, fazia da mirada etilicamente nublada uma possibilidade da vida adiante.

O nublar como estratégia do prosseguir pode ter custos altos. Seja como for, desnublarse talvez fosse ruptura ainda mais abrupta. Prosseguir requer estrada e pés para caminhá-la. Desnublado não se tem pés cambaleantes, mas tão pouco havia estrada a apresentar-se. Posto em xeque, em xeque mate.

O orgulhoso empolgado, o principiante cheio de possibilidades foi “sendo colocado de lado”, e por que não? Que interesses teríamos de defender aquele que, por exemplo, tem a ousadia de dizer-nos verdades? Escutá-las pode ser demasiado desconcertante. Talvez nos caiba consertar a situação nossa tentando captar o desconcerto dele, o teor ético não nos deixa dúvidas.

Ao que tudo indica, verdades ébrias deixam de ser verdades. Mais, ganham amplitude a ponto de fazer com que mesmo as sóbrias deixem de sê-las. Não é oportunidade que se pode deixar escapar “um absurdo um cara alcoolizado no trabalho, onde já se viu isso e tal?!” (E1, dados da entrevista, 03/2024). Ótimo, afinal para que gastar tempo com a maçã podre? Podem pensar as ditas sãs. Melhor fecharmos os programas.

Na verdade, “a faca tava no pescoço sempre e era de todo mundo, imagina então de um professor que não entregasse qualquer coisa ou que tivesse algum desentendimento?” (E1, dados da entrevista, 03/2024). A faca estava no pescoço. Sempre. E de todo mundo.

Nesses contextos, é melhor que o todo mundo mais indicado seja ele e não eu. E não percamos tempo com o papinho de “nós”, até porque nada se ganha ao lado de sensíveis em demasia e com ilusões típicas de principiantes que não sabem jogar o jogo. Ser docente é estar com a jugular à prova, o tempo todo.

Nesses contextos, as dúvidas se dão em tons mais taxativos

“Bom, se eu fiz isso e aconteceu isso tudo e caminhou para isso, então, para que eu sirvo, né? Vou fazer o quê? (...) Nossa, eu não consigo nem dar [aula]’...Naquele momento que ele disse que era a última alternativa. ‘A relação no trabalho vai tornar inexistente qualquer porta minha de saída’. Então, isso pra mim foi definidor para ele decidir” (E1, dados da entrevista, 03/2024).

O “processo sendo construído ao longo de uma vida” passa por “esse momento final, ele foi definidor”. O momento em que “uma pessoa que se sentiu extremamente exposta, humilhada, envergonhada”. “*Pra onde que eu vou voltar agora?*”. Ao fim, “ele já não se interessava mais (...) Sentia que não fazia muito sentido” (E2, dados da entrevista, 07/2024).

O amado era notoriamente odiado. Um encantador detestado a níveis tais que, atormentado estando, viu-se detestado em um cenário sem sentido de estada qualquer. Conflitivo ali, era ele e as ações suas também reflexos dos contextos que o tomavam. Uma puta desprogramada, “reclamadora”. O luxo fez-se lixo, como fruto da degradação, da desvalorização, do estigma que cotidianamente se voltava àquele agora tido como inapto.

O contexto de trabalho, a docência sem sentido, colocada e colocando-o em xeque adoeciam. “Ele falava (...) Então, saúde mental dele, nossa, ele não era isso (...) Isso [batendo o dedo sobre a cabeça] que afetou de maneira mais profunda. Não adianta, se a cabeça não está bem, nada fica bem. E isso acabou com ele, sabe? Afetou mesmo” (E2, dados da entrevista, 07/2024).

O lugar e fazer em que “ele ainda se realizava” se tornaram espaço onde “ele não queria nem mais ir, ele deixou, inclusive, de ir, né? O trabalho perdeu significado, ficou sem sentido, né?” (E2, dados da entrevista, 07/2024). A validade não existia e junto a essa inexistência outra paulatinamente se assinalava, ainda que, também entre soluços e cambaleios, o socorro fosse pedido. “Ele perdeu o porquê de tá ali, né, no fim das contas” (E2, dados da entrevista, 07/2024).

Ele perdeu o porquê, enquanto perdia a si. No querer às vezes expresso, a verdade “Não quero dar aula, não quero mais nada (...) Eu não queria continuar com isso” (E2, dados da entrevista, 07/2024). Um isso cheio de nuances, cheio do trabalho, cheio do tudo que se tem, o tudo que nada é e que não mais pode ser continuado.

Ficou insustentável e “a partir dali”. “A faculdade também já tinha ido pro buraco” (E1, dados da entrevista, 03/2024). Também. O buraco parece tomar o todo, o tudo que se é e tem. Nele cabe a faculdade, a escola, as relações, a família, o tentar, o querer, o desejo, a vida. E desse modo, “ele não deu conta mais (...) E aquilo acho que foi todo o estopim” (E1, dados da entrevista, 03/2024). O estopim chega. Chegando, “detonou tudo”, foi o “empurrãozinho” em quem no precipício estava. O buraco é grande. Grande como foram os subterfúgios para dele sair.

4.2.4 Aromas, enredos e cambaleios...

Em meio ao horror que sufoca, vamos buscando os espaços que ainda restam. Neles, intentando sentidos, cozemos saídas; às vezes, no entanto, a proteína devorada é o corpo nosso. Este que, de tanto batido, pode fazer-se maciez. O segredo, ao que parece, é saber bater a proteína. Quanto mais macia, dizem, melhor.

Há carnes mais resistentes, em que se tem de bater muito para que se consiga o resultado desejado. Há outras, com as fibras já bem desgastadas por exemplo, em que os golpes de martelo não precisam ser tantos. Há carnes que, batidas cotidianamente, cozinham.

“A vida dele era uma fuga toda” (E1, dados da entrevista, 03/2024). Fugindo, almejamos encontros, talvez até aquele que mais caro nos seja: o encontro conosco, o encontro de si: “*eu quero cozinhar*” (E1, dados da entrevista, 03/2024). Um querer que podia ser querer outro, ou um “desquerer” daquilo que não quisto tinha ares de posto. “Começou a cozinhar. Então, ele comprava várias coisas e tal, e cozinhava super bem. Aprendeu, aí ficava assistindo aqueles programas de TV, de ensinar a cozinhar” (E1, dados da entrevista, 03/2024).

Mas não há pratos para tanto martelo que na proteína bate. É preciso fuga outra: ‘*meu mundo agora é... eu tô nas séries, né?!*’ Então, ele ficava ali, concentrado. ‘*Não, enquanto eu não assistir esses 20 mil capítulos, eu não saio daqui*’. Então, ele ficava ali. (E1, dados da entrevista, 03/2024). O porquê disso? “Porque [ele] tentava criar estratégias para fugir daqueles contextos todos. A série... compulsão sabe?” (E1, dados da entrevista, 03/2024). Parece que a compulsão seria uma saída mais aceitável aos olhos daquele que, cansado, afirmava “*eu sou uma pessoa que pensa 24 horas por dia, não consigo me desligar mais*” (E1, dados da entrevista, 03/2024).

Não desligava. Não conseguia desligar mais.

Que enredos apreciar? Talvez, até aqueles mais afáveis das 20 mil séries não fossem mais suficientes. Era preciso passo outro. Passo de quem, insistente, almeja um querer a si, para si, um lugar de sentido que lhe valha. “Então, ele tentou várias rotas, tentou várias rotas, e não conseguia dar continuidade àquilo que ele, às vezes, planejava, né, tentava fazer (...) ele escolhia determinados tipos de compulsão. O álcool foi um” (E1, dados da entrevista, 03/2024).

O martelo batia 24 horas. Não se limitava apenas naquelas horas de contato direto com ele. Afinal, a proteína não mais desligava. Eram 24 horas e 24 horas, sabemos, também naqueles montes mundo calhamaço.

“Três, dois, um, para tudo”, é hora da avaliação dos jurados que julgam nosso destino. Precisamos sorrir ainda que em amarelo? “*To be continued*”, agora é necessária a chegada da temporada 21 mil. Mas e até lá? Como desligar aquilo que não para? Como parar aquilo que me faz não desligar?

“Se entregou ao álcool como possível refúgio. Principalmente no alcoolismo, né? Aí é onde era o refúgio” (E1, dados da entrevista, 03/2024). Mas nem todo refúgio é tão seguro, ou secreto. Alguns alardeiam localização: “Apesar de ter comentário de cheiro de álcool nele uma vez ou outra (...) Então aí já começou situações de ir bêbado pra sala de aula, né?!” (E1, dados da entrevista, 03/2024).

Aquele que não desligava “(...) foi meio que afundando também em relação à questão do alcoolismo, que no fim foi o que pesou mais (...) aí, mesmo sendo muito querido, ele foi ficando cada vez mais isolado, foi se sentindo mais sozinho também, sabe? Aí juntou tudo e tal” (E1, dados da entrevista, 03/2024). E o tal querido tornou-se “Ficha suja”. A maçã podre, que tinha a ousadia de não sorrir e reclamar por ter de comparecer no sábado em dia e horário de trabalho que não seus, não podia caber entre as demais.

Talvez não fosse carne tenra o suficiente, talvez tivesse ares de tumor a desequilibrar o resto. O martelo continua a bater, os *likes* continuam demandados, a torcida continua a gritar, os montes seguem aumentando, as esposas palestram poder dos maridos donos seus... 24 horas que não param, não desligam mais. Não conseguem.

Entre aromas, enredos e cambaleios, se deram os refúgios-série, cozinha e álcool. A tríade, parece, era demanda de intento vida. De carne batida que, sentindo, nas fugas traçava o ainda suportável. Acontece que, em alguns casos, as linhas de fuga podem ser também a fuga da vida. Mas como não fugir quando tudo vai “criando, dando um peso muito grande, muito grande?” (E1, dados da entrevista, 03/2024).

Nesses contextos, tentamos de tudo. Inclusive um tudo medicalizado que pareça estar todo focado e restrito em nós, ao sujeito compulsivo, depressivo e alcoolista, “ele já estava

tomando os antidepressivos por causa do alcoolismo, por causa da compulsão” (E1, dados da entrevista, 03/2024). Mas nem sempre os remédios parecem ser solução, afinal sintoma não se confunde com problema.

Ao que parece, peso nunca é de uma coisa só, mas uma coisa só ajudando a pesar mais pode significar a perda das pernas que sustentam. Elas, já fartas e cambaleantes pelo álcool que (por mais contraditório que soe) as ajudou manterem-se de pé, ainda que num movimento zigue-zigueante, não mais suportaram a dança de quem anda como pode. Era necessário fazer o quatro, sob equilíbrio em miradas de policiamento. Não deram conta.

Ter de dar conta? Sempre? Sem pernas e sem estradas, não parece fazer tanto sentido... Sem ele, as saídas, ou tentativas delas, se avolumam: “Ele já tinha tentado com, foram várias tentativas” (E2, dados da entrevista, 07/2024). Uma vez feito, o aprimorar se dá, vamos aprendendo, revendo passadas, tecendo sob cuidado acurado e talvez menos perceptível, ainda que vez ou outra nos escape o controle também disso e confessemos os desejos mais livres, “Ele falou assim, *‘agora eu já sei como que faz’*” (E1, dados da entrevista, 03/2024).

Esconder não mais importa, tão visceral e gritante quanto o horror vivido, que seja então a possibilidade minha de rechaço a esse mesmo horror, que seja o meu saber aprendido a dolorosas penas. Como docente, é saber que talvez valha compartilhar, espécie de ensinância confissão: “ele falava o tempo todo compulsivamente” (E1, dados da entrevista, 03/2024). Adolescente, adoecido. Resistente que queria sentir e viver no sentido, mas do válido.

Vão-se os sentidos e com eles o que em senso vida nos sustenta. As miradas, esvaziadas de nós, ressoam o sôfrego, a estada na bamba corda, até que o equilíbrio automático desfasasse e caíamos de vez.

Enquanto uns caem, aos montes, outros seguem. E assim, no fazer limite corda, equilibram um viver, quiçá sonhando com um andar sem tensão tanta. Andar como quem pode apenas caminhar sem precipício qualquer sentir. Caminhar, no tempo digno, na calma que permite o viver que sente, sorri e inventa... um viver docente, decente.

Talvez seja pertinente reforçar que nada é coisa só, ou caminho único. Ou, ainda, tríade de rotas fechadas. Isso porque, ainda que não tenham sido assim trazidas pelas entrevistadas, junto às rotas de tentativas sôfregas, havia aquelas em lugar de amparo ameno, que, expressando feição amores, foram lugares de encontro promissor contra um viver de batalha inglória.

Rotas amores e afetos em que se podia caminhar nas passadas de sorridente esperança, como aquela do promissor encontro paraninfo; reflexo da estada querida de quem, acessando mundos por vezes intocados, professor faz-se também no lugar afeição que sentido dá, conforta e mantém. Um nós celebrado e reconhecido por aqueles que razão da docência são. Uma rota discência.

A rota que, abordada nas relações entre sujeitos foi diretamente por P1 expressa como lugar de gozo, de prazer, de sentido. Um lugar pelo qual lutava e permanecia, uma estada que fazia das frequentes e desgastantes madrugadas insones espaço de possibilidade em riso, sonho, docência e viver implicado.

E como não pensar, por exemplo, no encontro da mão amada, da companheira em que se acredita e a quem se pede em ato de confiança para que sempre esteja perto, mesmo quando diante do assombro. Aquela mão que, dada, é presença que insiste e que se faz amparo, segurança que abraça, transformando as rotas outras um enredo mais distanciado ou menos intenso.

Se as rotas de sôfrego viver fizeram-se lugar de captura, pelo indicado, certamente o foram em um grau mais tardio e/ou menos violento. Isso porque se deparavam com importantes contrapontos, como as rotas de significado amor, de permanência, de escuta e tentativa daqueles que viam muito além do tumor.

4.2.4.1 Mas e ontem? A saída...

“Ele tava me avisando há muito tempo que ia se suicidar. Muito tempo (...) naquela semana, ele tinha dito que, *‘oh, agora você não vai me ver mais não, você... não vou te dar trabalho mais não, que eu vou suicidar, eu vou morrer’* (...) aí de repente, *‘ai, eu não queria te contar não, mas eu voltei com a NAMORADA, mas todo feliz’, todo apaixonado*” (E2, dados da entrevista, 07/2024).

“É muito sem sentido. Porque eu tinha conversado com ele na noite anterior, tava tudo bem” (E1, dados da entrevista, 03/2024).

Mesmo que há muito sendo avisado, parecia estar tudo bem. A voz terna ao telefone dava conta de coisas habituais, das frivolidades que deixam escapar sorrisos, das perguntas que destacam interesse, “*e sua mãe?*” (E1, dados da entrevista, 03/2024). Um ontem como dia qualquer que anuncia dia outro. Entre este e aquele, no entanto, a ruptura, “Aí a porta de saída, você já sabe qual foi”. “Ele se enforcou, ele preparou tudo, tomou os remédios e se enforcou” (E1, dados da entrevista, 03/2024).

Entre o ontem e o hoje, há uma corda, remédios e intentos. Lição aprendida se faz com maestria de mestre que bom aprendente, antes de tudo, é. E, de fato, foi. A música habitual, a luz do computador de trabalho, os montes sobre a cama, mesa e todo o quarto. O mesmo de sempre visto, seria visto como natural em vez última.

A janela daquele banheiro, sabidamente forte, requereria corda que não frágil desta vez. Também ela teve força. “Ele já tinha tentado (...) foram várias tentativas. E aí, a derradeira (...) aí ele conseguiu (...) a polícia calcula que foi três horas da manhã” (E2, dados da entrevista, 07/2024). A madrugada horror revelou-se no amanhecer.

Após as horas de prece na noite anterior (E2, dados da entrevista, 07/2024), o retorno à casa: “Eu, eu tinha ido, fazia parte de um grupo de oração. A gente foi, rezou, rezou, rezou”. O filho, sob notória “angústia” e já “tomando os antidepressivos”, nas várias “fugas dele”, era parte importante das investidas de amor oração.

A mãe zelosa (E2, dados da entrevista, 07/2024), nas preces seu filho tendo, capturava-o também sob terrenos cuidados, “Deixava lá a janela aberta pra lá de cima, eu ficar meio que vigiando ele, que dava pra ver ele na cama. Isso eu fiz de propósito”. Ávida, via tudo, sabia que “tava tranquilo”, até porque “Ele não tinha bebido. Eu tava tranquila, porque não bebeu, não tava... se ele tivesse bebido, tudo bem, mas não. Tava bem” (E2, dados da entrevista, 07/2024).

Partilhou a alegria amor, a namorada que o fazia rir. E o fez mirando-a de modo único. Talvez por sê-lo, a não compreensão, segundo diz: “a hora que eu cheguei em casa, tava

na cozinha tomando um copo de leite. Ele chegou assim, olhou pra mim. Despedindo, mas eu não entendi. Despedida” (E2, dados da entrevista, 07/2024).

Pela manhã, a indagação a si mesma: “Ué, o P1 foi trabalhar? Deixa eu ir lá ver” (E2, dados da entrevista, 07/2024). Vendo, compreendeu a mirada pela noite não tão entendida:

“Quando eu cheguei no quarto dele, televisão ligada, computador aberto, em cima da cama, a luz do banheiro do quarto dele acesa. Entrei lá e ele tava já...Quer dizer, ele tinha morrido há muitas horas (...) E aí, o que você pode fazer numa situação dessa? Tem ninguém que tem receita pra isso não” (E2, dados da entrevista, 07/2024).

Pela polícia, as palavras finais deixadas em bilhete foram reveladas: “*Me desculpa*”. Foi “Só isso” (E2, dados da entrevista, 07/2024). A carta, agora sucinta, de algum modo refletia o dizer já mais escasso, mais cansado, o revelar de alguém que “não queria mais estar ali”. O mesmo que mostrou “relação das vivências do trabalho com o suicídio”, na verdade “Várias”, diz a mãe.

A mesma manhã espria-se a contextos outros:

“Eu tava trabalhando, tava dando aula de manhã, e aí era tipo umas oito horas da manhã, tinha vários telefones da irmã dele, do irmão dele, todo mundo me ligando. Eu pensei, que coisa estranha, esse povo todo me ligando, por que esse povo tá me ligando? Aí eu consegui, aí o telefone tocou e eu pensei, bom, vou ver o que que é. Aí era, ainda esperei, assim, ah vou ligar na hora do intervalo. Mas acho que já era alguma coisa, né, porque a situação é muito estranha. Aí, essas várias ligações, bom, aconteceu alguma merda, né?” (E1, dados da entrevista, 03/2024).

Havia acontecido. “O IRMÃO DO P1 me liga (...) aí ele falou assim, ENTREVISTADA 1, o P1 conseguiu. Aí eu, conseguiu o quê? Ele falou assim, aquilo que ele sempre ameaçava de fazer e a gente nunca acreditou” (E1, dados da entrevista, 03/2024). Desacreditado, foi-se.

Incrédulos, tiveram de então crer. E “Aí passa um mundo, né?”. Assim como por vezes nos passam os pedidos “para conversar sobre essas questões, meio que pedindo socorro”. Mas eu conversei com ele ontem!” (E1, dados da entrevista, 03/2024). Acontece que a lição foi aprendida e as formas de tecê-la podem assumir feições que nos são inéditas. E, assim, fica um aprendizado possível de que, afinal, “Quando a pessoa ameaça suicídio,

não é brincadeira, não, viu? Ela vai mesmo. A hora que ela der conta, ela morre” (E2, dados da entrevista, 07/2024). Ele deu conta. Ou o contrário, conseguiu por não ter dado conta (e quem tem de dar?)

O falado ao telefone parece ter seguido outro tom depois:

“Mas dali pra frente foi tudo muito tumultuado, porque em torno do suicídio há toda uma áurea, assim, de pavor, né? E aí parece que é uma doença que ninguém quer chegar perto, nem de quem era próximo dessa pessoa, né? E é algo que há um tabu muito grande, você não pode falar a respeito. Então, no início, ninguém falava de suicídio. Todo mundo sabia, ninguém falava nada” (E1, dados da entrevista, 03/2024).

Ninguém falava nada. Nada. Mas o ciclo que tão comum nos parece tem sido rompido, afinal o nada era “no início”. Que o silêncio fique por lá, no início e que a partir dele possamos iniciar meios, fins, reinícios de muitos ditos.

4.3 Desconfio do verniz em meus dedos...

Desumanizados, experienciamos a vulneração, sob as gratificações lúgubres. Adoecidos, cozinhamos, vemos séries aos montes, bebemos o insuportável. Um brinde! Na vida daquele, tão nossa em alguma medida, havia mais jornada que pés para caminhá-la. Fadigado, em cansaço extremo, sem pés e sem “eu”, “nadificou-se” (Sauaya e Cohen, 2011).

Ao lado, ocupados e sem tempo (o mineirão grita!), havia outros nada, ou quase nada colegas. Alguns (talvez uma única) dignos de confiança são. Outros, no entanto, recolhendo o sangue, são despossuídos do tempo. O lamento exaurido tumor, ao que parece, ecoou sua angústia a ouvidos exauridos, acostumados (Paschoalino, 2014). Aguentavam mais a cultura (Sauaya e Cohen, 2011). Que aguentasse ele, ainda que fosse em ébrio desespero.

Aguentando, batendo a cara, e batendo muito e todas as vezes que parede lhe viesse. É assim que vamos fazendo, é para isso que trabalhamos e produzimos, em prol de nossa necessária (des)gratificação, de uma renda que nos permita comprar os ansiolíticos mais caros, por exemplo. Temos refêns (Pereira, 2011), docências e docentes refêns, sujeitos felizes “ao menos assim”.

Nadificados e estranhados, amalgamados estamos pela miséria, inclusive aquela da competição. Rompem-se laços sociais solidários, de modo que o outro, quando visto, é opositor a ser eliminado (Silva, 2013); nas fraternidades que competem, os referenciais que reivindicatórios e protetores se foram, ainda que sob pedido expresso “*só fica comigo. Não me deixa sozinho*”.

Entramos no jogo da ética em enredo morte (Lima, 2022), em que a qualidade é utopia já esquecida, ao menos àqueles que não cozinham, maratonam séries, ou mesmo cambaleiam. Que morram sós! Da vida, fica a devastação. Tendo sido dela retirado o sentido (Sauaya e Cohen, 2011), vivemos o violento processo de matança. A duras contagotas, vamos morrendo, à medida que morre a possibilidade do florescer (Lafargue, 1999). Matam-nos o ideal, a ilusão que sustenta a mirada futura, deixam-nos, como ética do mundo trabalho, o esgotamento das forças vitais (Lafargue, 1999).

O suicídio como *ethos* do neoliberalismo (Lima, 2022) ganha as curtidas, é o mundo do trabalho reorganizado, este onde o sentido se perde e coloca-nos em xeque, xeque-mate. E mata. Ainda assim, sejamos perfeitos, aliançados com a putaria; ou melhor, a empresa; outra vez, a instituição educativa.


A apropriação da vida como bem viver então a ele (nós) não existe (pode não existir), agora é caminhar enquanto se aguenta, pode, até que a morte assuma seus ares volição. Degradado, “humilhado e exposto”, sob o assédio moral constante (Sauaya e Cohen, 2011), isso quando não assumindo ele feições esposa de patrão, é ele o culpado. A culpa é sabidamente do “íngrato”, do “ficha suja” “reclamador”. Apta está a maçã podre (podre à putaria, forcemos): aptidão para demissão, apenas um doente-inapto-improdutivo (Pereira, 2011).

O corpo sente, a indagação se dá, o medo toma: “ele sentia a sua posição ali ameaçada. ‘E se eu tiver que sair do trabalho? E se ninguém me quiser mais?’. Isso impactava” (E1, dados da entrevista, 03/2024). De fato, ele não se matou, foi morto. Suicidado. Um descartável que foi facilmente substituído (Berenchtein Netto, 2017). Não sem antes, evidentemente, uma linda homenagem de alguns dias no *site* do bordel, faculdade, e uma coroa de flores pomposa; talvez maior das honrarias que lhe tenham dado. A “família bordel” toda em rede curtiu e compartilhou o amor.


A patologia provocada é. Assim podemos compreender os passos ébrios, após tantos cozeres e enredos, por exemplo. Mais, assim podemos perceber o suicídio laboral (Cohen, 2011). A cara batida, banguela e sem riso de gozo comprado vai-se como também traço da ruptura do laço social necessário. Ele viu-se isolado, estranho de si e entre si. Incompreendido, ou lido nos modos mais rasos (ricos em porcas elucubrações), gritamos nossa estupidez, assinamos nossa depravação, dizemos do tanto que pouco sabemos sobre o suicídio, pois assassinamos nossa humanidade (Marx, 2006).

Acontece que nossa relação docente no capital se dá nos entranhamentos que fazem do sangue óleo e, como tal, engendram as roldanas necessárias ao funcionamento da máquina, neste caso, da universidade e do trabalho que é feitura dela nestes tempos nossos. Mas não é óleo, é sangue. E não é máquina, é instituição de ensino. O que se ensina? Coisas muitas, inclusive que o não viver é vida em desgosto cotidiano. Estamos às pressas tentando recolher nosso sangue, como “máquinas” que também somos. Mas não raras vezes o fazemos no movimento que, matando-nos, à máquina mortificante faculdade revigora, fortalece, vida dá.

A desgraça, metastaseada, cria os afetos desfeitos de afeição. O colega, o par, faz-se ímpar, aquele que não singular é acostumado à competição; dela requerendo as carícias em tons destaque e por quaisquer que sejam os caminhos. Inclusive os das insidiosas gratificações. Gratifica-se!


 Universidade de Minas Gerais

Fixa critérios para a concessão de gratificação a docentes pela publicação de artigos Qualis-Capes A1 e A2:

1. O(a) docente a ser beneficiado(a) deverá integrar a Carreira Docente da 
2. O(a) docente poderá estar ou não inserido(a) em Programas de Pós-Graduação.
3. Somente os artigos A1 e A2 com data de publicação entre 01/01/2024 e 31/12/2024, devidamente lançados no currículo Lattes do(a) docente, serão considerados.
4. O enquadramento dos artigos será realizado com base no Qualis vigente da CAPES da área de conhecimento do Departamento ou do Programa de Pós-graduação ao qual o(a) docente solicitante esteja vinculado(a).
5. A gratificação obedecerá ao seguinte escalonamento:
 - R\$ 1.000,00 (hum mil reais) por artigo A1;
 - R\$ 500,00 (quinhentos reais) por artigo A2.
6. Sempre que houver a participação de um ou mais pesquisadores vinculados a instituições estrangeiras no artigo, serão acrescentados R\$ 200,00 (duzentos reais) por publicação.

Comunicado institucional de gratificação à produção docente para o ano 2024

Não nos enganemos, brindemos as tantas e quantificadas vezes que somos citados, falemos dos níveis A, B, C, D... Z (sem esquecer dos números que às letras acompanham) de pesquisadores que somos. A plataforma não mente, tão pouco os pontos que nos descrevem e credibilizam. Há tanto sentido na falta de sentido que vivemos. Espanta.

A vida de trabalho nesse lugar, tal qual hotel sem estrela, ecoa infortúnio. Fortuna têm aqueles estrelados, ao menos até que não reflitam detidamente sobre as estrelas suas. Talvez sejam felizes “ao menos assim”, dada resposta possível sob condição de cindida consciência (Silva, 2020). Até porque, para uma reflexão ou outra mais detida, carecemos de tempo.

“De 8 da manhã até às 22 horas eu trabalho na universidade. Cheguei para substituir um e acabei substituindo 4. Estamos sublimando. É fazer aceitável o inaceitável...” (Temerosa, confessava sua condição laboral a professora substituta em instituição pública, isso enquanto se preparava para avaliação do curso).

E, convenhamos, encontrar o tempo na madrugada para tal reflexão não é das coisas mais prazerosas, especialmente se insones. É melhor aceitar o inaceitável, lembremo-nos do lema sobre mudanças que não fazemos em lamentações. Aceitemos e sigamos fazendo.

“Sempre fazemos, mas não chegamos a nada. Temos página de internet incrível, com fotos, mas é falácia... Não há prazer, a ideia é fugir do mal-estar. A autoconsciência se perde”
(Constatação de docente efetiva que ainda está sobre os alcances dos fazeres professorais em enredos de putaria).

Sem prazer, e sob consciência cindida, festejamos o cenário de não mal-estar. Afinal, que horror seria a verdade estampada: ela é banguela, ensanguentada, ficha suja. Prazer seria demais. Na verdade, é melhor que não sejamos tão sensíveis, sabemos bem onde isso pode dar. Culpa nossa se não sabemos dançar a música. Sublimemos.

“Se a instituição não apoia o nosso bem estar, nossas necessidades psicológicas básicas e não cuida suficientemente bem das circunstâncias que nos permitam oferecer uma educação sustentadora de bem-estar, como desenvolver uma ação em nível contextual que permita promover a saúde mental dos estudantes? Heróis?” (Preocupada com os estudantes, disse uma colega professora em partilha coletiva sobre o que sentia enquanto docente).

Heróis (des)gratificados.

No fim das contas, vivemos em um sistema, em uma universidade, que se nega a relações qualitativas de abrigo e, assim, sofremos as constantes atualizações de suas estratégias de opressão, de sua hiper precarização.

Chegamos e aqui sentimos. Sentindo, por vezes, temos no medo lugar de estada. Este, ao se converter em elemento real e fundante no cotidiano (Lima, 2022; Lima e Navasconi, 2022), acaba por impedir a vida, a projeção, a possibilidade de mirá-la sob contextos em que o amanhã se faça palpável. Ou melhor, o seu amanhã; impede que o amanhã de si (que não parece ser para si) se faça possível. O sistema que opera protege-se, fortalece as ranhuras suas, estratégica e cuidadosamente feitas a encaixe planejado. Protegendo a si, protege a morte, desprotege a vida e, assim, o humano.

O corpo grita o assédio (Silva, 2013; Sauaya e Cohen, 2011), a precarização, o às vezes dito e quase sempre não ouvido. Os custos são altos: “ele tinha morrido há muitas horas (...) Tem ninguém que tem receita pra isso não” (E2, dados da entrevista, 07/2024).

Habitados a habitar esses espaços, por vezes, deles fazemos estruturas nossas. Assombro que toma nossas compreensões e sangue e, nele estando, aprendemos a “descaminhar”. Não caminhamos com quem nele habita, ficamos como que pergaminhos andantes, com histórias sem sentido de grafadas serem. Nossas histórias desaparecem e, se isso ocorre, quer dizer que desaparecemos nós, resta apenas o “*Tumor*”: “‘*um dia eu não vou te dar mais trabalho. Você não vai me ver mais*’, ele falava” (E2, dados da entrevista, 07/2024).

Sob violência subjetivada, foi ele tomado pela dor. Habitando-a, fez-se ela também desespero (Lima, 2022). Um humano despedaçado, dilacerado que, reificado, viveu a solidão individualista (Berenchtein Netto, 2011). Um professor.

A gramática de opressão, afinal, é regra (Lima, 2022), e muitos sequer conseguiram percebê-la e, assim, tão pouco a podem denunciar em sua dimensão social. E não nos esqueçamos de que somos sujeitos de história e, como tais, filhos da violência como parte de sua estrutura a nos forjar. Ela é trabalho, subjetividade nossa, é inimiga de morte, mas não da morte, tão pouco da nossa morte (Teles, 2011). A dele foi em um setembro... tem havido setembros muitos.

A perversão do capital se impôs e impõe e muitas vezes sem reconhecer as violências, trabalharam viveram a engrenagem, jornadas, metas, exigências intensificadas (Pereira, 2011), até que máquina parou, foi parada. Máquina?

A tensão desestabilizadora fez padecer. A desapropriação da vida foi estratégia que vulnerabilizou a dignidade, ao passo que descolava os sujeitos das determinações sociopolíticas, ficaram eles sob a farsante compreensão de si e dos contextos que os tomava (Cohen, 2011). E, assim, a instituição se manteve como lugar onde muitas vezes não há desejo e pertença, um lugar faculdade afeita a um mundo capitalista globalizado extremado em suas condições de exploração.

Despojado de si, o corpo docente nu, sem legitimidade de permanência em sua humanidade (Cohen, 2011), despede na mirada incompreendida. Aquele que, muitas e violentas vezes, não pessoa sendo em vida, desta se vai como talvez menos: um louco, sem deus, doente, ingrato desequilibrado, culpado.

Não falemos sobre. Tabu que se preza se mantém. Na próxima semana, o substituto ali já estará. Quanto ao outro, o que não aguentou por ser demasiadamente frágil, fica a história de sua saída. Importa dizer, não uma saída qualquer, mas uma saída do suplício, percebida (se assim ousarem) como a experimentação da liberdade e autonomia (Cohen, 2011), algo a denotar seus traços de humanidade inegociável: equilibrou-se na corda. Saiu para a segunda morte.

Há muitas saídas que do repente nada têm. São ditas, às vezes, “compulsivamente”. Importa percebê-las, mesmo e principalmente que sob a instaurada Lei Áurea do capital (Cohen, 2011). Se não a acatamos como mando, a faca nos perfura e esta, sabemos, “tava no pescoço sempre e era de todo mundo” (E1, dados da entrevista, 03/2024). É Suicídio laboral com ares de todo dia, de “sempre” e para “todo mundo”. Mas se a faca foi posta, ela pode ser retirada. Precisamos de pares.

5 TAEDIUM VITAE

5.1 Na métrica 2

O professor 2 caracteriza-se como homem cisgênero, homossexual, branco, ateu e de classe média, esta alcançada na fase adulta de sua vida. Filho mais novo de um segundo casamento de seus pais, era o caçula de 11 rebentos, advindo de família empobrecida. Nesse numeroso núcleo familiar, compreendia-se como aquele que teria sido fruto de acidente descuidado qualquer, afinal “já não tinha mais cômodos na casa, já tava tudo resolvido” (E3, dados da entrevista, 05/2025).

Sentindo-se criança não querida, apegava-se muito às coisas, mirando-as a partir do “copo meio vazio, assim de tudo”, ainda que fosse “amado” e “querido” pela família e por aqueles que habitualmente o cercavam, inclusive nos espaços de trabalho.

Desde cedo, percebido como “menino genial”, destacou-se pela erudição e inteligência incomuns, era “aquela pessoa que entendia de tudo, sabia de tudo” e que “ninguém conseguia entender como estava sempre atualizado sobre as coisas” (E3, dados da entrevista, 05/2025).

Alagoano, foi ao longo de sua vida uma figura “muito particular”, “amado”, “idolatrado” por alunos e pacientes, um profissional que entre as regiões sudeste e sul construiu suas vivências, após a conclusão, ainda em sua terra natal, do curso de Medicina. A residência o teria levado a seguir para terras mineiras, lugar mais acessível de todos os demais nos quais foi aprovado nas diferentes regiões do Brasil e que o teria habilitado à cirurgia geral.

O sonho seu, entretanto, revelou-se frustração profunda ao então jovem médico, em razão do ambiente machista com o qual deparou-se nesse percurso. Dele afastando-se, resolve cursar “artes cênicas”, na universidade federal do estado em que vivia, onde teria conhecido os “pais postiços” e experienciado aquela que “foi a época mais feliz da vida dele” (E3, dados da entrevista, 05/2025).

Encarando a dureza de não conseguir sustentar-se pela arte, vive a necessidade de retomar a carreira inicial. Sob novos rumos de profissionalização e de estudos no âmbito da pós-graduação, encontra-se naquela que entendia ser a possível esfera mais humanizada da

medicina: a psiquiatria. Por meio dela, estrutura-se financeira e profissionalmente, assumindo jornadas duplas, às vezes triplas, entre hospitais, clínica e docência.

Profissional nas tantas esferas exitoso, “sem agenda” e muito querido, vivia intensa jornada de trabalho em distintos ambientes, nos quais estruturou relações amistosas e de admiração, ainda que sob o afastamento pessoal por ele imposto. Tais enredos, eram o lugar de possibilidade, resposta ao sonho arte deixado que, inclusive, teria a ele garantido a destreza de apresentar-se como não se era e de suportar o ambiente professoral que “não tinha condição de trabalho” e que minava a ele e aos colegas que nele se encontravam. Um lugar “onde não existia vida” e que o teria levado a “quadros depressivos”, impactando-o em sua vida privada.

Tomado (ainda que sem transparecer) pelo que descrevia como “*taedium vitae*”, destacava-se também pela autoestima baixa, muito embora fosse reconhecidamente entendido como “um cara bonito, inteligente e bem sucedido”. A “figura estranha”, até os 42 anos, não havia dado espaço a ninguém, namorado ninguém, porque “ninguém merecia o infortúnio”, conforme em vida confessava. Tinha uma imagem distorcida de si mesmo, ainda que fosse percebido como sujeito “tão inteligente, tão bom coração, um homem tão bonito” (E3, dados da entrevista, 05/2025).

Autossuficiente, era um alguém que não se permitia intimamente conhecer. Negando-se a pedir ajuda ou a demandar qualquer rede de apoio, cercava-se de relações pouco aprofundadas. Decidido, descrevia-se por sua assertividade e generosidade, um cuidador. Leitor fecundo e autodidata, tinha a disciplina como uma de suas marcas, assim como a morbidade e pessimismo, traços esses revelados na convivência familiar mais íntima.

Decidida e serenamente, vez ou outra, ao amado verbalizou o intento de ceifar a vida, processo a ele entendido como direito legítimo frente ao dissaboroso viver. Esse ato acerca do qual tanto leu e estudou, contumaz conhecedor que era, parecia não mais ter impeditivo de efetivação. Construído sob a rigidez metódica que lhe expressava, garantiu-lhe a construção e execução planejadas: aos 49 anos, em uma tarde, seu corpo foi encontrado no local em que residia, após ingestão expressiva de medicamentos.

O ato, incompreendido e doloroso para os seus, aparecia em sua face horror. Aos poucos, inclusive pelas cartas por ele deixadas, toma novas significações, muitas das quais

timbradas pelo “gênio”, “cuidadoso”, “homem de tão bom coração” e “pessoa mais sensível” que se poderia conhecer.

5.2 Evoé



“Auto Erxterminio 1” – Eliseo Mijangos, 2024
(Museo e San Miguel de Allande – México)

Desconheço o que sejam as coisas, ignoro todo o estado humano, nada no mundo se volta para mim, dá voltas em mim. Tolero terrivelmente mal a vida. Não existe estado que eu possa atingir. E certamente já morri faz tempo, já me suicidei. Me suicidaram (...).
- Antonin Artaud -

Experimentando morte de tempo muito, necessário era teatralizar a vida. Aqui, um outro revelado traçado: a gentileza sua. Sabedor que era, não se arriscava pôr à vista o tédio que o tomava, a vida que a ele não se voltava, mas voltas sobre ele fazia.

No teatro seu, abrigava a dor que à vista alheia soaria insuportável, como o foi em alguns vislumbres, dado o cansaço do ator; ou à humanidade em paroxismo do professor: “*eu só quero sentir que existe sentido*” (E4, dados da entrevista, 05/2025), disse em monólogo para espectador único. Ele queria.

Sentindo a ausência de sentido, cansou-se dos dias em que “tentava enganar a angústia”. Não havia mais estado a atingir, nem mesmo a saudade do futuro imaginado, ao lado daquele que, como marido, acessou como poucos o “menino genial, a pessoa mais culta, erudita, inteligente, que eu já conheci na vida assim. E por isso eu me apaixonei por ele” (E3, dados da entrevista, 05/2025).

5.2.1 O venerado desconhecido e as mascaradas relações

O mestre, querido por seus estudantes, era um alguém “amado”, “idolatrado”, “uma figura muito particular”. A esses, assim como também aos colegas, conquistava por ser “aquela pessoa com quem você entendia de tudo, sabia de tudo e ninguém conseguia entender como que ele conseguia ter tanta informação, né?! Tá tão atualizado sobre as coisas. E isso era o mais marcado nele pros amigos dele também” (E3, dados da entrevista, 05/2025).

O querido, na maior parte do tempo e também para a maior parte das pessoas, era o sorridente, de fácil acesso: a maioria das pessoas conhecia o PROFESSOR 2 feliz. Poucas eram as vezes em que “chegava em casa sem um presentinho (...) Às vezes no mesmo dia, com várias coisinhas assim, a gente via que ele era muito querido” (E3, dados da entrevista, 05/2025). Em alguns momentos, pareceu até “veneração por ele”.

Nas relações de trabalho, havia uma em especial que suporte lhe parecia ser, o “irmão no trabalho”: “O AMIGO era o mais próximo dele. Mas é como o AMIGO mesmo me fala, ‘a gente era muito próximos, muito irmãos no trabalho’” (E3, dados da entrevista, 05/2025).

A proximidade, a irmandade era aquela que, em alguma medida, dizia das apostas didáticas, de ações docentes em partilha laboral, de um fazer que pudesse ser realizado a duas mãos; especialmente quando das investidas na extensão que o professor tanto gostava. Uma irmandade produtiva e muito necessária, entretanto, com suas notórias limitações: “O PROFESSOR 2 nunca me deu acesso à intimidade dele. Intimidade no sentido assim do íntimo dele” (E4, dados da entrevista, 05/2025).

Ainda que a intimidade não fosse espaço de possível acesso, na irmandade trabalho, houve aqueles dizeres não tão habituais e que tanto revelam em íntimo dizer um pouco, ou um tanto do professor: “ele me falou com todas as letras, *‘Esse PROFESSOR 2 que os alunos amam e veneram é um PROFESSOR 2 que não existe no meu sentimento’*” (E4, dados da entrevista, 05/2025).

“Ele era muito sorridente, muito positivo, muito acessível. Os alunos amavam ele e não tinha como não amar mesmo” (E4, dados da entrevista, 05/2025). Era ator querido, que bem sabia posicionar-se no palco trabalho seu. Era acessível! O venerado e amado inexistente professor, era existente ator, capaz de fazer à vista existir o que em si sequer existia, como em verdade professoral com o colega partilhou. Ali, rompendo a quarta parede, disse-se à plateia especializada (plateia professora e não atriz): “*não existe no meu sentimento*”.

A despeito dos sentimentos que sobre si tinha, outra coisa era também notável: o sentimento que tinha ele pelos outros e o que esses mesmos outros por ele alimentavam. “Eu sinceramente acho que ele amava os alunos. Eles mantinham ele naquela loucura que era a faculdade” (E4, dados da entrevista, 05/2025). Em meio à loucura de nome “faculdade”, há os pontos de sustentação em sanidade afável. Aquela que, “apesar desse caos, desse buraco, dessa dor”, mostra que “ele foi feliz na profissão dele. Teve uma época de encanto” (E4, dados da entrevista, 05/2025).

Havia encanto e felicidade. Havia amor, e amor mútuo. Era espaço que, antes do caos, da dor, do buraco que tudo engoliu (inclusive aquele que amava), foi lugar de sonho, de realização que em curso intentava por outros enredos, como aqueles do ainda não professor acerca de uma medicina menos machista e homofóbica.

Foi lugar de sonho e feliz encanto nas e pelas relações que ali se estruturaram, essas tão avessas aos moldes organizacionais que, embora tudo parecesse tentar reificar, não capazes foram (e não são) da totalidade inumana avassaladora. Era nesse humano insistente que pulsava a vida do “amado”, “venerado”, que também amava.

Era, então, mirando os amantes no fazer diário que o dia se fazia em lugar de, quem sabe, suspensão do tédio. A vida faceava o amor impossível de não sentido ser, o mesmo amor que “sinceramente” o mantinha. Um amor que, se não sentido entre pares, espaço deu à admiração, apreço e respeito ao professor advindos dos colegas: “ele era muito respeitado, reconhecido mesmo. Inteligentíssimo. Era alguém simpático, sempre disposto, sempre muito agradável com todo mundo” (E4, dados da entrevista, 05/2025).

Notório em seu saber, era também na sabida simpatia que bem transitava. O “inteligentíssimo”, “sempre disposto” e “muito agradável” era desses profissionais que, ao que parece, oferta confortos de amabilidade ao contexto que desconfortável com todos não se isenta de ser. Era ali figura reconhecida.

Ainda assim, “a gente não tinha tanto contato aprofundado. Era mais de trabalho. Foi aí que a gente se aproximou mais. Ele era muito criterioso, trabalhava bem. Aí, no que dava, a gente tava junto. Mas só no que dava” (E4, dados da entrevista, 05/2025).

O que dava entre os turnos e horários de desencontro, o que dava no tempo que por todo tempo atropelava. O que dava e que, dando, não permitia o “aprofundado contato”. Era assim que, por vezes, a partilha profissional se dava entre as trocas acerca dos materiais que seriam ali trabalhados junto aos discentes e aos intentos formativos que tinham: “ele lia os livros, dava um parecer, criticava. Eu vejo que ele era um professor muito competente” (E4, dados da entrevista, 05/2025).

E não só como professor, ele “conseguia muito sucesso com os quadros dele, com os pacientes dele” (E3, dados da entrevista, 05/2025). As razões de querido ser eram muitas, e geralmente estavam atreladas à competência do profissional que, exitoso em seu fazer, era ainda pessoa simpática, de fácil riso e notória amabilidade.

Era, pois, nas relações e a elas mirando que seguia, vivia, suspendia o tédio, até que não mais possível teria sido suspendê-lo. O buraco o teria engolido.

5.2.2 A loucura escalonada, o buraco que engole

Consciente do tédio que o tomava, olhava para si em lugar preciso “*eu não sou a régua do mundo, eu sou uma exceção*” (E3, dados da entrevista, 05/2025). Ainda que sem nada querer regradar, talvez nos seja pertinente considerar que a exceção que acreditava ser, que parte do “tédio vital” que o tomava e minava, se dê em razão daquilo que raro não é: os contextos de violação que, minando-nos, fazem do tédio algo que se avizinha e, algumas vezes, toma corpo vida, corpos: “Não tinha como estar ali e ficar bem, sabe? A gente tinha que fingir que não via muita coisa e passar por cima” (E4, dados da entrevista, 05/2025). É necessário fingir e passar por cima de muita coisa, acontece que, às vezes, são as coisas que passam por cima. E, passando, não há mais fingimento que ileso passe.

Os sinais vão se compondo: no exercício de correr desmedido, nos livros que não serão lidos, nos presentes que se compra em caráter quase diário, nas noites de crises depressivas em que não se dorme e que, aos poucos, se tornam lugares de debates dopados e sonos induzidos, “nos nossos últimos dias juntos [do professor e de seu marido], ele só dormia com o REMÉDIO. E eu também”. Paulatinamente, constata-se o doloroso: “*Eu sou um homem sem vida. Isso não é o que eu deveria ser*” (E3, dados da entrevista, 05/2025).

“No final ele nunca punha dedicatória. Eu comecei a falar ‘não, já que você tá me dando essa enxurrada de livro, coloca pelo menos, a cada 10, coloca dedicatória pra mim’ (...) ele nunca colocava. Aquilo tava muito fora de contexto, sabe? **Não tinha nada a ver como sempre foi.** E chegou uma hora que eu comecei a ficar, tipo assim, ficar doido. ‘Como assim já tem livro aqui pra eu ler pra anos?’ Ele literalmente, quase todo dia, trazia um livro. Ele passou a me dar quase que um livro por dia” (E3, dados da entrevista, 05/2025).

Não tinha nada a ver com o que sempre foi. Literalmente. Não era o que ele “*deveria ser*”, era “*um homem sem vida*”.

“*Eu acho que o trabalho tem que trazer vida*”, e vida que não passa por cima, que não atropela “*no atropelo do tempo, porque o tempo atropela o tempo todo*” (E3, dados da entrevista, 05/2025). Importante pensar que a vida ali não vista e ou sentida não dizia da incapacidade de percebê-la em lugares outros, do desejo de projetá-la, de compreendê-la como lugar de realização efetiva, afinal, “Ele começou a projetar um monte de sonhos. Ele tinha muitos planos de trabalho para mim, mas nunca para si, entende?” (E3, dados

da entrevista, 05/2025). Planos e não planos quaisquer, planos de trabalho, talvez destes trabalhos em que o tempo não atropela o tempo todo, “não sei te explicar, mas ele admirava isso e projetava isso. E eu acho que ele achava isso lindo” (E3, dados da entrevista, 05/2025).

O lindo ao outro visto, ao que parece, não era tão possível de visto ser quando no olhar a si e aos contextos que o tomava. Estes, bem analisados, foram repensados. Há que se lutar por aquilo que lindo é, de modo a habitá-lo, admirá-lo, projetar bonitezas mais. E assim a rotina foi repensada, revista quanto à forma que assumia; até que reduzida fosse à docência e a alguns pacientes, que atendia voluntariamente em seu consultório. O hospital psiquiátrico, onde conheceu um dos colegas com aos quais trabalhou na faculdade, foi deixado.

A ideia inicial era “largar essa rotina que era muito difícil, puxada. Eu apoiei ele a deixar, inclusive. Não ia ter mais hospital e nem preencher a manhã dele com consultas” (E3, dados da entrevista, 05/2025). Isso, inclusive, para que pudesse

“acordar um pouco mais tarde, ir na academia e fazer as coisas que ele gostava. Ele era um leitor, um filósofo autodidata e era muito disciplinado com as coisas. Então ia ter a hora dele estudar, era a hora dele ir na academia, dele descansar mais, porque ele descansava assim” (E3, dados da entrevista, 05/2025).

Os planos, entretanto, duraram pouco, pois a rotina docente acadêmica, cada vez maior, tomou o espaço daquilo que conjuntamente haviam arquitetado. Em pouco tempo, tinha ela assumido os três turnos. Ainda que tenha sido também ela fator de peso na decisão quanto aos demais enredos profissionais, não havia no horizonte ideia de que as atribuições se avolumassem tanto.

Mesmo nessas condições, fez questão de manter-se com endereço de consultório fixo, afinal “sempre teve muita preocupação em ter um trabalho acessível. Ele não era um médico elitista” (E3, dados da entrevista, 05/2025). Ao trabalho docente, almejado como lugar de formação humanizada, somava-se, pois, a ação profissional médica individual. Era também ali espaço de significado, de possibilidade do objetivo declarado seu de cuidar. Espaço que, concomitantemente à docência e a ela também alimentando, sentido dava ao intento de humanização em seu professorar.

Nesse lugar clínico estando, pôde viver as bonitezas das conquistas profissionais, aquelas que com profunda alegria partilhava: da mãe que finalmente engravida, das pessoas que ajudou quanto à ideação de morte, dos quadros de ansiedade crônica superados, e tantas outras coisas referentes ao seu universo profissional acerca do qual sempre “compartilhou de uma forma muito ética e sem nunca mencionar nomes nem nada. Mas ele compartilhava muito. Ele esgotava os casos bem-sucedidos, assim, de pessoas que tinham ficado bem. Então havia muito compartilhamento nesse sentido” (E3, dados da entrevista, 05/2025).

Com o tempo, entretanto, esse trabalho teve cada vez menos espaço em sua rotina, dada a intensificação que o trabalho docente alcançava. Nele mais presente, dedicou-se ao cuidado professoral que também tanto o descrevia e pelo qual reconhecido era, até porque “Ele era uma pessoa muito assertiva em todas as questões” (E4, dados da entrevista, 05/2025).

Talvez fosse essa mesma assertividade que o fizesse ser, a descontento de alguns, “uma pessoa que se apegava muito às coisas da faculdade. A um copo meio vazio, assim de tudo, da vida geral” (E3, dados da entrevista, 05/2025). Até pela assertividade que caracterizava o professor, ver o copo meio vazio parece longe estar de turva visão. Talvez mais dissesse da habilidade de percebê-lo na inteireza que o descreve, em que há muito por ser feito, assim como há muito já realizado. O vazio poderia, antes, sinal ser de caminho a construir, de utopia a guiar, de passadas que, mirando o futuro de lá, quer partejá-lo (Cortella, 2019) nesse agora, sob os inéditos viáveis (Freire, 2000).

Algo especialmente necessário em seu fazer, já que “na faculdade, a gente não tinha mesmo condições boas de trabalho, sabe?! Então, ele também não tinha. Além da gente não discutir nada, decidir nada, de só obedecer, era muito trabalho que varava fim de semana todo” (E4, dados da entrevista, 05/2025).

Nesses contextos que varam nossas casas, nossos fins de semana, que nos chegam sem possibilidades reais de discussão, obedientes seguimos. É necessidade que se impõe ao precarizado trabalhador. Os mandos e desmandos, sob formatos de trabalhos mais, para além da faculdade chegam. Ali, despossuídos da vida em desejo nosso, cansados, tentamos dar conta do trabalho, ao passo que de nós vamos abrindo mão.

É aí que, honestamente, dizemos do alívio. Este, bem antes de força de expressão ser, revela o doído dizer. Mais, revela o contexto que oprime e do qual, momentaneamente desvinculados, buscamos nos recuperar. Em casa, lugar em que a máscara não mais precisava pesar sobre o rosto, ressoava a expressão alívio, “ele falava, ‘*ai, meu Deus, ai! Mais uma semana que acaba né? Ai, eu dei conta*’” (E3, dados da entrevista, 05/2025).

Ai, ele deu conta! Chegou ao quase último segundo do fim da semana em questão para, pouco tempo depois (algo nem sempre possível), adentrar a outra. Estava aliviado, haveria algumas horas de descanso da noite de domingo. Importa lembrar que, mesmo nos contextos de violências avolumadas e ampliadas, o trabalhador precisa de algum tempo que garanta a força para expropriado ser no seguinte dia. Ai, ali viria a segunda-feira. Talvez tão varada quanto o foi o final de semana.

Dando conta, as partilhas continuaram presentes, as de êxito e aquelas que apontavam para o dissabor inclusive vindouro: “Às vezes, era chato porque ele sempre falava do pior cenário possível. Eu falava que ele tava exagerando e aí, quando menos esperava, acontecia o que ele falou. Mesmo assim, eu tentava fazer ele olhar de outro jeito, porque ele era essa pessoa mórbida, pessimista” (E3, dados da entrevista, 05/2025).

Interessante pontuar que a morbidade, antes talvez que na mirada, estivesse no cenário que aos olhos se apresentava. Olhos que, como dito, viam o copo na inteireza, sem se recusar inclusive à parte que vazia estava. A presença do vazio era tão forte que o antever, menos que morbidade pessimista, parecia mesmo algo que “aconteciasse” e acontecia do jeito “que ele falou”.

Talvez aquilo que menos esperamos seja visto em espera certa por aqueles que no cenário estando o viam como de fato se apresentava, ainda que inacreditável fosse: “Eles sabotavam nosso trabalho. Acontecia coisa que não dava pra acreditar mesmo, e ele às vezes dava o toque. Ele via as coisas que eu nem sempre percebia” (E4, dados da entrevista, 05/2025). É doloroso perceber, até porque isso pode nos fazer anunciador do inacreditável ou mórbido pessimista.

A despeito desse olhar, uma coisa parecia certa: os discentes eram “intocados”. Espécie de presentes que com zelo tratava e que tanto dizia das relações de afeição comprometida tecidas. A quem o conhecia de fato, também certa era a indagação: “Às vezes eu

questionava ele, como é que você consegue ser tão querido, um professor tão querido?” (E3, dados da entrevista, 05/2025). A essa, outras indagações se somavam: Como é que dá certo você ser essa pessoa tão pessimista com esse seu tédio aí da vida? Como é que você consegue? E aí ele sempre virava para mim, falava, ‘*você esquece que eu sou ator? Você esquece que eu sou ator?*’ (E3, dados da entrevista, 05/2025). Evoé! Muita merda!

“Era horrível. Às vezes ele chegava em casa mais mórbido. E eu falava, poxa, você saiu sorrindo, me deu um beijo e chega assim? Tentando sabe? Ele olhava, pedia desculpa e falava que tava muito cansado e ia pro quarto trabalhar mais. Sempre tinha que trabalhar mais e depois potencializou à escala de milhares. Eu achava aquilo muito triste, muito triste, me doía e me mostrava um pouco dessa impotência, incompetência. E aí eu perguntava pra ele ‘como é que você consegue trabalhar assim? Ou como é que você volta do trabalho assim?’” (E3, dados da entrevista, 05/2025).

“Potencializou à escala de milhares”. Como “trabalhar assim”? Como “volta do trabalho assim?”. Como voltar do trabalho que, em verdade, não se vai e que, ficando, quase tudo tira? Escalonou-se o trabalho e também a chegada mórbida, a ausência do beijo e riso, o cansaço que ao quarto mais trabalho direcionava. Como “consegue trabalhar”? Escalonou-se a impotência, a incompetência, a tristeza muito sentida e doída. À escala de milhares, subtrai-se a vida de um e, sem ele, a vida a dois. “Era horrível”!

Até que um dia, escalonando o descontrole, a parada que vida é se dá. Ainda que o seja em máscara que se rompe e, então, faz-se a falha como espaço de intervalo. O corpo responde na “não resposta”: imobiliza-se na sala professoral, aquela dos lamentos a que Paschoalino (2004) se refere. Aos solavancos e correndo, é muitas vezes apenas na queda que o sujeito carne, desmascarado e ao chão lançado, pode com mais precisão e menos teatralizado automatismo olhar para si.

Em grito silencioso, uma recusa visceral é nascida sob dolorosos ecos de paralisia “uma vez, a gente viu ele sem reação. Estava parado na cadeira... paralisado, mas com lágrimas caindo. Aquele dia, ele ficou quase o turno todo na cadeira” (E4, dados da entrevista, 05/2025).

Ele não parou, foi parado. Os colegas, vendo o horror não tão distante, talvez em uma dose de lucidez da dor advinda, pudessem nele enxergar seus vindouros tempos. Ele não havia sido o primeiro e, ao que parece, não seria certamente o último.

A reflexão de lucidez dolorosa, entretanto, é aquela de possíveis 10 minutos, o tempo mesmo que resta antes da entrada em sala e, muitas vezes, saída de si. Quem sabe uma inesperada queda, mesmo que anunciada em corpo avizinhado, não permita reflexão chorosa, imóvel de turno quase inteiro; 10 minutos vencidos.

Ao que parece, não havia ali possibilidade real de abrir espaço para relações que suportassem a verdade sua. Olhar para a verdade descortinada dura no máximo 10 minutos, e, conforme Pascholino (2004), faz já parte do repertório docente costumeiro. É só uma forma mais de lamento, talvez em uma outra face. Ou mesmo na face mesma, o que a faz ainda menos inédita e quem sabe menos digna de atenção. Estamos acostumados, fartos, torcendo para não ser o próximo que na cadeira se assenta.

Nesses contextos, a incongruência entre quem somos e quem mostramos se associa a níveis cada vez mais altos de estresse, de dor acumulada, de depressão a ser medicada; e talvez não para que se resolva esperançosamente algo enfim, mas, ao menos, para que se suporte em algum grau de anestesia, deixando o corpo ainda mais disponível às violências que não cessam.

Afinal, enquanto da cadeira se levanta, ou nela se assenta, as exigências do mundo trabalho se amontoam. A vida em caos nos empurra para fora de nós mesmos, e fora estando vamos nos deslocando para precipícios. Não que seja a vida isenta do caos, contudo, tão pouco pode ser ele a tônica do existir, o lugar de habitação constante, esteja ele sobre o nome que se queira dar: trabalho, responsabilidade, planejamentos, aula, provas, sistema. Retomado o controle, a máscara, entretanto, posta é. E retirá-la é método aprendido.

“A forma dele tirar essa máscara nem sempre era reclamar, ele reclamava também. Mas o olhar dele pra vida. O tédio não era muitas vezes reclamando. Era um tédio pela vida mesmo entendeu? Às vezes ele tava lá horas, corrigindo as coisas, aí ele olhava pro nada, respirava bem fundo e falava baixinho: ‘*não faz sentido*’” (E3, dados da entrevista, 05/2025).

O dito baixo, por vezes precedido pelo distante olhar, alcançou verbalização forte e direta “ele disse que já tinha desistido de algum futuro” (E3, dados da entrevista, 05/2025). Não havia mais enredo a tentar, futuro por ser sonhado, sentido que se buscasse, ou acerca do qual valesse a parada para negado ser. Não se nega o que não se existe. Desistiu.

Desistiu, porque sentido não fazia. Desistiu porque, sem apoio, até a irmandade do trabalho será comprometida diante das horas de turnos cheios de vazio, de mandos e obediências que desumanizam, de colega que não se encontra. Estava ali e “ali era um pouco complicado, porque não tinha uma rede de apoio mesmo não. Era até bom ele ser autossuficiente. Porque, assim, ele era uma pessoa muito autossuficiente. Nunca buscou rede de apoio. Mas isso pra mim é qualidade” (E4, dados da entrevista, 05/2025).

Ao que parece, a “qualidade” soa mesmo como alternativa única possível ao trabalhador que, sem rede de apoio que possa mirar, tem na autossuficiência – sempre propalada e tão valorada no mercado mundo – a resposta possível. Essa autossuficiência mesma que, para além da solidude, dize-nos dos cenários não solidários, do deliberadamente provocado enfraquecimento da classe trabalhadora de nossos tempos, da resistência organizada, como horizonte ainda mais distante, e, também, por isso necessária.

Não há “qualidade” que, estando só, se possa manter. Em enredos sem máscaras, as durezas se impõem e se fazem ao passo que nem tempo há para chorá-las, dados os prazos que ao quarto logo mandam. Chegamos tristes, carecidos de ajuda. A escalada, lembremos, é não raro aos milhares: “Eu não aguento mais te ver chegando tão triste. Você precisa de ajuda. Você sabe muita coisa, mas não sabe tudo. Você precisa de ajuda” (E3, dados da entrevista, 05/2025).

Na escalada sentida, escalam-se, as estratégias alheias; essas de quem, amando e juntamente sofrendo o exacerbado trabalho da “loucura” que a casa chega e mesmo o que ela se torna, refletem tentativas: “uma vez eu dei um livro para ele, NOME DO LIVRO. É um livro de, digamos, de prevenção ao suicídio. Minha tentativa” (E3, dados da entrevista, 05/2025).

A tentativa foi recebida em jocoso tom. Era ele alguém sabido, afinal, “leu todos os livros sobre suicídio que você puder imaginar. A biblioteca dele tinha de tudo. Ele tinha lido tudo sobre, além de depressão e coisas da área da psiquiatria, sobre suicídio” (E3, dados da entrevista, 05/2025). A obra dada, ao que parece, tinha apenas a força em amor intento. O conteúdo, por mais promissor que fosse, pouco efeito teria. Estava já em planejada decisão: Ele estava planejando isso há mais ou menos um ano de antecedência, sabe? Ele nunca teve um contador. Naquele ano, pela primeira vez, ele escolheu um contador” (E3, dados da entrevista, 05/2025).

O contador não ao acaso escolhido somou-se ao contexto em que havia ele deixado “tudo pronto, ele deixou tudo pronto” (E3, dados da entrevista, 05/2025). É o caso, por exemplo, das poucas consultas em que ainda algum valor simbólico requisitado era. Também elas se foram: “ele já não cobrava pelas consultas dele. Já não fazia mais sentido pra ele também ter dinheiro ou guardar dinheiro” (E3, dados da entrevista, 05/2025).

Assim, como não fazia sentido qualquer manter a quem e aquilo que sabia não mais poder acompanhar. Neste ano, havia “encaminhado muitos pacientes nesse processo de não ficarem mais com ele” (E3, dados da entrevista, 05/2025). Algo apenas posteriormente compreendido, “e aí eu só fiquei sabendo disso depois” (E3, dados da entrevista, 05/2025), fazia parte de seu planejamento.

O colega, dos tempos de hospital e que com ele partilhava enredos de docência, um dos pacientes recebeu: “*“confio em você nesse caso. Tô reorganizando as coisas’*. Eu achei que era agenda apertada, com mais as coisas da faculdade e ele fez tudo de forma tão ética que, assim, não passou nada pela minha cabeça, nada mesmo” (E4, dados da entrevista, 05/2025). E por que passaria, afinal “a gente encaminha quando sente que pode ajudar o paciente, quando percebe que não tá evoluindo” (E4, dados da entrevista, 05/2025).

Era apenas um encaminhamento. Um encaminhar que, como tudo que encaminhado estava, refletia o processo pensado, arquitetado com o cuidado e destreza zelosa que lhe eram peculiares.

5.2.3 *Sonho em teatralização*

Ainda que não fosse desejo cultivado quando de sua formação inicial, ou mesmo antes, foi a docência lugar de importante encontro seu. A alternativa àqueles contornos de exclusão, homofobia e machismo sufocantes da atuação na medicina. Foi o lugar crível, passível de construir o cuidado e as reflexões críticas também sobre a realidade médica, estes, sim, intentos cultivados desde a juventude.

“O objetivo da vida dele sempre foi cuidar das pessoas da melhor forma que ele podia e ele levou isso pra carreira de professor. Ele falava que cuidava da formação deles e que era bonito ver eles crescendo. Ele se emocionava (...) ele sabia que ele tinha feito isso. Ele sabia que ele foi o melhor professor” (E3, dados da entrevista, 05/2025).

Docente forjando-se, nesse fazer estruturou encontros vários, inclusive aqueles que, bons e afetos, permitiram significá-lo em também teor realização. Formando colegas de profissão (e não apenas), foi por algumas vezes “professor homenageado, paraninfo, patrono, essas coisas. Nem era novidade, porque todo semestre tinha uma coisa assim” (E4, dados da entrevista, 05/2025).

E coisas assim eram aquelas com as quais “ele ficava muito feliz, feliz com as turmas, com ‘os meninos’, como ele falava (...)”, afinal era “*sinal de que tá dando certo, de que é importante*” (E3, dados da entrevista, 05/2025). Os sinais certos e importantes o eram também ao docente que, apaixonado pelo bonito crescimento, nisso encontrava sentido e fôlego.

Implicado, ainda que sob resistência, chefiou projetos na instituição e levou a cabo ações de extensão, estas em que acreditava haver “um sentido ainda maior”. Uma forma de “os meninos entenderem a realidade distante” e por meio dela vivenciarem uma formação engajada, atenta ao público a que se volta e por meio do qual tanto significa.

A docência era o universo crível em que a aposta se dava e a partir da qual a vida se podia tecer, algo não mais tão possível nos médicos contextos, “era a menina dos olhos dele” (E3, dados da entrevista, 05/2025). Ali era lugar do sonho, da retomada em rota outra, apontando para o mundo de possível e necessária transformação.

Na sala de aula, junto àqueles que de vitalidade o muniam, instigava reflexões. Era professor vivente a promover o debate que, sem descolar-se da ampla e crua realidade que além dos muros se fazia, também em chamada extensão tinha a assinatura do implicado professorar.

No curioso olhar discente, o sentido de que “estava dando certo”, reforçado pelos bilhetes, presentinhos, homenagens, pela “veneração”. Coletivamente, professor e estudantes, moldavam os desejados mundos, ainda que, em velocidade perceptível, sentissem ser o mundo ali lugar de contraponto em vilipêndio. Era “loucura” e loucura “sem rede de apoio”.

O sonho, diante da realidade, então apresentou as fissuras. Não havia idealização capaz de a ela sobrepor-se, a não ser pela recusa da crítica lúcida que tão cara lhe era e razão

pela qual à docência se voltou. Inegociável. Em fissuras várias, a docência assume feição de desgaste e desgaste que se acelera, avoluma.

Avoluma no contingente “impensável de estudantes”; no trefismo que não formativo é; na “pressão constante”, que faz da sala de aula espaço de cumprimento dos “mandos” aos quais se deve obedecer, sem a liberdade criativa, reflexiva, a cátedra que pressuposto ao docente é, ou deveria ser. Avoluma-se a docência em submissão desmedida e, tal qual o espaço em que professorava, uma também “loucura” em ritmo de frenético desgaste.

Os planejamentos a ela atrelados, cada vez mais, tornam-se árdua obrigação; assim como as avaliações que nada mais parecem que peso ao professor e ranqueamento discente. Os relatórios e reuniões constantes fazem com que a docência em partilha anseio seja lugar último, sem possibilidades de sobre ela efetivamente refletir. Professorar se faz em espaço de cansaço e, refletindo o cansado professor, sob tons de exaustão se dá e acaba por ser.

“A rotina era sufocante” (E4, dados da entrevista, 05/2025). Aquele professor em sonho forjado desaparecendo vai. Desmotivado, tem ele ainda os discentes, mesmo que pesados estejam em demasia os olhos para a eles em profundidade mirar, “ele rolava de um lado pro outro e não dormia” (E3, dados da entrevista, 05/2025).

Nesses contextos, a salutar e sempre quista troca vai dando lugar à docência que contra o enfado luta, afinal é ela tentativa em contexto precarização. Sonho, tentativa, cansaço, frustração, os sentidos que assume vão se ampliando, ao passo que diminuído é o professor que nela se vê e que a partir dela sobre o professorar no contexto seu reflete.

Ainda que reconhecido entre discentes e pares, não há como negar a desvalorização que, à docência atingindo como lugar, aos professores todos abarca, isso em proporções cada vez mais aviltantes. Não havia corrida que bastasse, tão pouco tempo para que pudesse ela em quilômetros necessários existir. Não havia leitura, escrita, sono e sonho. Talvez não mais houvesse docência, ao menos não em sentido que validasse: “*não faz sentido*”. A docência era teatralização.

Cheia foi-se fazendo de vazio. O vazio existencial faz-se dor constante, a prisão que máscara exige. A docência é “desespero” cotidiano, carga pesada e difícil, que esmaga e

deságua em choroso viver. As pequenas vitórias, por mais relevantes que sejam, pouco parecem em contextos de cumprimento mecânico. Falta ar.

O professor, visto como não se é, sente o esgotamento, o estresse, a vida que adocece. Sem suporte, afasta o tanto quanto possível o sucumbir anunciado, e o faz no sorriso que, apenas internamente e ao amado seu, é honesta opacidade. O encantamento que orientava as passadas foi consumido pelas insustentáveis condições de trabalho; aquelas que varam casas e fins de semana que o fim anunciam.

Corroída, fez-se sonho desfeito. As “cobranças constantes”, o “assédio moral”, o suporte não dado revelavam a indiferença àqueles que professores eram. Esses, apenas um meio ao funcionamento da engrenagem que engessa fazeres e feitores, sobrecarregando-os indignamente, “eles sabotavam nosso trabalho” (E4, dados da entrevista, 05/2025) e, na sabotagem, a percepção acerca da descartabilidade de si ganha fortes contornos.

O refúgio de intentos transformadores é campo de batalha e deixá-lo é, em alguma medida, deixar-se. Um deixar-se que longe está de confundir-se com o perder-se em absoluto. A saída é ética, é fazer digno de quem professora a coerência, sonha vida válida e por ela tenta formar.

Às vezes, será o ontem o lugar mais confortável para do presente escapar. Nele, havia o sonho, inclusive sobre este hoje, naqueles dias lido como futuro, mas não futuro qualquer: futuro de riso realizado, de ciência em partilha, de forjar-se em formação sentido, ao passo que a outros também forjaria. O ontem de guinada imaginação, sustentado era apenas lá, por mais que no hoje se tentasse fazê-lo sonho habitado. Foi na tentativa de um hoje que beleza ontem possa ofertar que muitas saídas de sustento forjou.

5.2.4 Correr-se, ler-se e escrever-se, abrir-se

“Algumas vezes, com os olhos cheios d’água, ele me parava, me olhava e pedia um abraço forte e um beijo. Sempre achei que fosse um pedido de socorro” (E3, dados da entrevista, 05/2025).

No abraço, talvez, houvesse o pedido; o dizer que pouco ofertava, autossuficiente que aprendeu a ser. No mundo sem sentidos mais, o horror parecia certeza avolumada e

sentida, (re)umentada pelo cansaço dos ritmos em trabalho que o fazia em casa chegar sem quaisquer ganas de mirada, fardo. Ali, sem máscara e descanso necessário, o ator se preparava para o espetáculo do dia seguinte, sem a merda que lhe seria tão desejada. Era a figuração nos hostis enredos: “Ele sempre falava *‘eu passo a semana toda, eu passo o dia todo no trabalho mostrando algo que eu não sou. Como é que eu vou chegar em casa e... eu preciso tirar essa máscara e você é a pessoa que eu tenho pra fazer isso acontecer’*” (E3, dados da entrevista, 05/2025).

Ator professor.

Era preciso tirar a máscara, necessário fuga tecer, construir saídas, seguir nas tentativas.

5.2.4.1 *Correr-se*

Ele entrou em uma rotina insana de exercícios.

Atlético, sempre foi alguém dedicado à atividade física. Antes, como hábito saudável; depois, como forma de gritar seus fantasmas. Ou, segundo falava, como forma de *“expulsar meus demônios”* (E3, dados da entrevista, 05/2025). A endorfina, no entanto, não produzia doses capazes de suplantá-los. Estavam lá, presentes, quase que fazendo eterno “convite”. Seria necessário correr mais, ainda mais.

Corrida, sua atividade diária, a favorita. Aquela aprendida e realizada para além da confortável academia, afinal não havia alguma na cidade que pudesse acolher a rotina que, durante algum tempo, se descrevia pela exaustão vivida em 3 turnos de trabalho.

Era um correr de quem, correndo do que estava em volta de si, intentava o alívio. Uma corrida de distintas rotas e rumos em busca do silêncio em paz, aquele capaz de interromper os ecos e gritos incessantes que pareciam em dor tomá-lo, colocando-o na fuga de movimento expulsão diabólica.

Peito, costas, pernas (pra que te quero?). Pernas, para corrida. Correndo também daquilo que em si corria e, em alguma medida, de quem com ele tentou correr: “A gente chegou a correr juntos, eu queria estar com ele. Mas depois eu vi que o que ele queria mesmo era

correr sozinho. Não era sobre a corrida, sabe?! (...) E eu não aguentava mais o ritmo, eu estava correndo só pra estar com ele” (E3, dados da entrevista, 05/2025).

“Ele chegava pingando. Tinha dias que chegava com cara de choro. Tomava um banho e tentava deitar. Ficava horas acordado, rolando na cama de um lado pro outro, até que levantava e ia fazer qualquer coisa. Ele não conseguia dormir” (E3, dados da entrevista, 05/2025). Também na cama os demônios insistiam. Dopá-los medicamentosamente foi uma das saídas.

Despropositado, tendo o propósito e a crença nele sido “tomados” de si, perdeu a reserva que o mantinha, que o fazia insistir com alguma destreza em sentido. O pulsar em aspirações parecia limitar-se ao seu possível, à sôfrega corrida, impensada, automática, avolumando-se em tempo, e um tempo choroso, algo doído e não só a ele: “doía, porque às vezes, parecia que não tinha mais o que fazer (...) era só esperar o pior” (E3, dados da entrevista, 05/2025).

Acontece que, por vezes, o pior a nós não é o pior a quem no pior parece e sente já estar e dele intenta saídas. O pior era rotina, uma rotina em distâncias aumentadas em percursos e em pessoas: dos outros e de si. O correr em choro neste também se findava, espraiando-se nos incessantes movimentos de quem, de um lado para o outro, rolava em busca da calma não alcançada. Faz-se, então, qualquer coisa.

Qualquer coisa de um desfeito buscando feitura qualquer, um alguém que na insone “madrugada ficava lá corrigindo, lendo, falando que tinha que lançar nota” (E3, dados da entrevista, 05/2025). Qualquer coisa que trabalho seja, ainda que tanto destoe do que vida possa ser.

5.2.4.2 Ler-se e escrever-se

“Muito sensível”, era um alguém poético, afeito à arte e nela intentava os respiros. Nela, inclusive, propôs-se saídas de alternativa vida. Livros e mais livros, para si e, principalmente, para o amado. Lia de modo contumaz, começou a comprá-los e presenteá-los de forma desmedida. Livros tomaram estantes, cadeiras, cômodos. Em alguma medida, era (in)cômoda e necessária fuga. O mundo das letras era um dos alívios que encontrava, o lugar de estada certa de si.

O que começou como literatura específica, geralmente abordando assuntos de trabalho e/ou obras literárias brasileiras, foi abrangendo cada vez mais universos temáticos. Não mais se tratava de tema de interesse, tão pouco da certeza de que seriam lidos, esta, cada vez mais escassa dado o volume de compras. Havia sempre livros abertos, espalhados pelos distintos cantos da casa. Lidos, não lidos, em rabiscos vários, ou ainda embalados. Livros.

Na desconstruída e abrangente biblioteca sua, algo, entretanto, era certo: as obras sobre o suicídio, muitas em verdade. Era tema investigado, como âmbito de profissão e, ao que parece, como lugar de encontro. Como dizia “uma forma legítima de se findar”, até porque

ele sempre pontuou o suicídio como uma coisa, um livre arbítrio, como algo normal. E eu lembro de, assim, foram muitas vezes. Não foi 1 ou 2, foram muitas vezes, em conversas assim de um casal tomando café. Ele, acho que também pelo trabalho dele, pela profissão dele, ele sempre pontuava (...) ele sempre pontuou o suicídio como algo natural, como uma decisão que a pessoa deveria ter o direito de ter. E eu sempre pontuei como uma coisa que eu não conseguia entender (E3, dados da entrevista, 05/2025).

Os livros foram tomando dimensão do café, de casa, do abraço antes pedido em olhos chorosos. Dos livros, talvez embalados pelas viagens reflexivas deles advindas, seguia aos fortuitos momentos em silêncio, eram horas. Horas de poucos ou nenhum dizer, horas de pouca ou nenhuma escuta, “mesmo que eu chamasse”.

Seu mundo, cada vez mais restrito, parecia ali ainda mais desmascarado, ainda mais solo, ainda mais seu, um seu composto de tantos não ditos; nem mesmo a incômoda escrita ali estava.

Incômoda porque, antes desta que teria sido sua fuga em livros, houve aquela na condição de escritor. “Às vezes, ele chegava, me dava um beijo e seguia direto pro quarto. Só ia escrever” (E3, dados da entrevista, 05/2025). Ao que parece, muito escreveu: “vários, vários rascunhos”, “cadernos”, “folhas avulsas”, “um monte de coisa” em que parecia sedar-se, deixando-se ali.

O movimento, antes prazeroso e partilhado, tornou-se ação solitária. Fazer em reflexo abatido, insistente, interrompido de quando em vez apenas pelo sono, já advindo dos remédios que tomava. E foram alguns, “eu lembro assim de alguns *flashes* de memória

nos nossos últimos dias juntos. Ele só dormia com o MEDICAMENTO. E eu também. (E3, dados da entrevista, 05/2025).

A escrita, algo em que se detinha e parecia prazer encontrar, escasseou-se. Certa vez, quando indagado a respeito, disse-se paralisado. Antes, houve sempre sentido em escrever, ainda que não houvesse desejo e/ou expectativa qualquer em ser lido. Ainda assim escrevia, para si, para ninguém, mas escrevia. Escrevia-se. Parou.

Talvez a mesma parada que ofertava ao não a nós sabido horizonte em que, por vezes, imóvel se detinha. Com a paciência e descompromisso de quem nada mais tem a fazer, nesse horizonte seu, faceava o tudo que o tomava, ainda que fosse ele o nada: “ficava parado olhando o nada. Muitas vezes, muitas e muito tempo. Acordei e vi ele lá assim várias vezes” (E3, dados da entrevista, 05/2025). Os olhos agora melhor liam coisas que não as obras postas sobre a cadeira. Liam o vazio, o tudo que em tempo o detinha. Deteve-se à observação, algo que sempre fez, de modo outro.

A escrita, assim como a leitura, foi lugar de refúgio quando das angústias da cotidiana vida. No hábito produzia, ou ao menos tentava, a diluição de seus dilemas; como que em busca de necessário alívio, fosse ele mais ou menos sutil.

O fazer, entretanto, escasseou-se. Era prática que dizia de um lugar de parada, de respirada em arte e, ainda que em cansaço, do tentar criativo. Não era, contudo, mais possível fazê-lo. A válvula de escape nada mais se tornou que uma nostálgica e distante parceira de si, um já contuso escritor-leitor, um professor.

“Acho que isso machucou ele muito. Ele gostava de ler literatura, fazer umas coisas, poesias, assim, sabe?! A arte salvava ele” (E3, dados da entrevista, 05/2025). Machucado, tentava lidar com a intensidade da vida, com a complexidade das relações que em máscara autossuficiente precisava traçar. Era necessário escrever e não como arte de lirismo, por mais apaixonada que fosse, mas como arte que salva, que diz da urgência por ser gritada, da desordem que intenta em palavras algo limitar e dar alguma dimensão do controle, expelindo as dores daquele tão açoitado eu.

Sensível que era, daquela dita “pessoa mais sensível que eu já conheci” (E3, dados da entrevista, 05/2025), precisava de espaço para o redor processar, sentir e dele fazer

prumo; intuito postulado quando da rotina em trabalho a dois repensada. A intensidade da vida antes, entretanto, fez-se intensidade também de seu agora, sob roupagem professoral não imaginada.

No presente, quando muito, estaria apenas a lembrança daquilo que, tendo existido, era agora irreal fazer na loucura escalonada. Não havia tempo, escape, exorcismo possível. Os demônios eram muitos, preciso seria mais que correr.

Sem desejar e violentamente, distanciou-se então do ato de escrever que, assim como o de ler, foi algo a que se habituou ainda muito jovem. Era abrigo que encontrava já naquela que, sendo casa de tantos rebentos, pouca coisa podia em exclusividade oferecer. Na escrita, estava no mundo seu e, a partir dele, poderia então com o mundo de tantos atravessamentos lidar. Era ajuste, “ele meio que organizava o caos mental” (E3, dados da entrevista, 05/2025).

Era necessário o caos domar, ao menos enquanto domado pudesse ser. Expelir as frustrações, as dores, os pensamentos que em desordem aparecem e que não têm premissa que os prenda à lógica de linear escrita. Era arte que salvava o sensível homem, no e do mundo de insensibilidades que desumaniza aquilo que visceralmente artístico e humano é.

Pelo ato, buscava entender o mundo, e nele, sob intentos de real trânsito, entendia também a si, seu lugar, o papel que lhe cabia inclusive como professor, o futuro pelo qual lutava em sentido. O ato trazia a leveza necessária, o fluir a partir do qual, se esvaziando, escutava os sons seus, menos diabólicos e menos caóticos.

Os sons externos, entretanto, se avolumaram em frequência e altura, sob os ritmos mesmo daquele lugar que “era uma loucura”, um “buraco”, a faculdade em sua rotina de habitual trabalho. Tomado em tempo, energia, em vitalidade, a escrita foi também tomada. A prática com quê de sacralidade quase diária foi suplantada pelas urgências laborais, inclusive daquelas muitas sem sentido qualquer.

As horas, assim como o escritor, estavam consumidas por “reuniões intermináveis”, “provas e correções”, “lançamentos” e “mensagens de coordenação” (E4, dados da entrevista, 05/2025). A isso teve de chamar rotina. Ocupado para escrever, imerso em

afazeres que o desfazia, viu sua respirada se tornar luxo. Viver seria luxo. Em rarefeito estar, cabe o desespero e aquele que sequer grito possui, seria necessário ar em demasia para soltá-lo.

Enquanto pôde insistir, o fez. O que antes era escrita que fazia o tempo parar, no tempo parou. O necessário prazer de alívio em tentativa foi tomado pelo oposto, pelo trabalho que domava tempos e pessoas, distanciando-o de si. Das reflexões em arte viver, foi-se na lista infindável de tarefas em sequências mil.

Assemelhando-se à vida sua, a escrita ausentou-se. Afastada, era ela reflexo silencioso do escritor. Sem mais poder abraçá-la e ser por ela abraçado, sofregamente sentia o aproximar daquilo que demasiado trabalho era. Os 3 turnos eram com a vida incompatíveis. Pareciam há muito insuficientes para “dar conta”. Junto ao desmedido trabalho, a “ansiedade” dolorosa, as insones horas, os remédios prescritos; tudo sem espaço de escape qualquer.

Sob o peso do muito, sentia o vazio. A incompletude da vida que, cada vez mais sem portos a que se pudesse ancorar, fazia o implacável sem sentido. O feito de descabido significado, de ausente desejo, era desconexão de si, uma gelatina humana (Berenchtein Netto e Batista, 2011).

Se a escrita era saída, não mais tê-la significava sufocante prisão. A prisão de frenesi trabalho, o qual, à medida que os dias toma, faz crescente a densidade da exaustão. O quarto de escrita arte era agora abismo de si, e nele prazer é distante utopia. O ritmo de acelerada morta vida se faz à mercê das exigências externas, dos “mandos” e “desmandos” sobre os quais não se opina, mas se obedece.

Em contextos de imposição avassaladora, a retomada em tentativa é esmagada. O cruel e extenuante sufoca, o futuro promissor soa como promessa vaga e sem fundante horizonte. De real, cada vez mais real, havia o ciclo de precarização, aquele que o adoecia: “ele não tinha positividade. Acho que ele virou era essa pessoa também doente, sabe? A vida adoeceu ele” (E3, dados da entrevista, 05/2025).

O ciclo toma a arte, a reflexão, a criatividade; o artista, o reflexivo, o criativo. Exaurido e atordoado, resta o doente, o adoecido. A leveza é relíquia de tempos outros, aqueles em

que se parecia possível salvar-se, distantes do gritado caos paralisante. Os dias se arrastavam, e neles havia a esperança de um dito alívio, quando nem tudo “varado” fosse.

Sem perspectivas mais, esvazia-se a capacidade da expressão e com ela a do sonho, da vida que sonha e que neste se faz. Engolido, restava o sufocamento de si, dos seus, do viver que em dois se faz partilha companheira: “nossa relação ficou muito abalada” (E3, dados da entrevista, 05/2025). Eram tempos em que a palavra, lida e escrita, parecia intangível, lembrança dolorosa.

Não há escrita e leitura. Os livros são, quando muito, memórias. Não raro, transformaram-se em consumo de esperança ledora futura. Aquela que, apontando para desesperado e resistente ato, assume cadeiras, dedicatórias por escrever, endereçamento a outro que, não sendo ele, talvez a eles pudesse em arte acessar. Afinal, abalados ou não, amor havia e nele caminhos de humana insistente tentativa.

5.2.4.3 Abrir-se

Sabido que era também do amor que lhe direcionado estava, a despeito das crises existentes, construiu enredos ao som daquilo que a ele dito foi: “a minha vida é com você. Eu não imagino minha vida sem você” (E3, dados da entrevista, 05/2025). Dedicou-se a cuidar de cenários em imaginação possível, em possibilidade amorosa criativa. E o fez porque de fato também o amava, “a gente se amava profundamente, a gente se amava de verdade” (E3, dados da entrevista, 05/2025).

Em meio às saídas suas, procurou a saída de outrem, a quem amava e de quem ao seu modo tanto também cuidou. Abrir a relação poderia, de alguma forma, ser abrir-se. Dizer sob os contornos possíveis, sujeito não dado às audíveis palavras que era. E nisso tecia mais uma forma do viver, sem o fardo de preocupar-se em exercer força qualquer que, embora desejasse, não mais detinha. Era, ainda, possível garantia de contorno afável a partir de outro lugar, o lugar que ao amado acolheria, quiçá sendo enredo de um futuro que, já ali, ele sabia não ser possível ofertar.

A fuga sua era, portanto, também gentileza. E nela, sabendo-se solidário fugitivo, ao encontro do amado seguia; ainda que, para isso, o convite fosse justamente que ele

pudesse seguir. Seguir rumo a quem pudesse abraço ser, não necessariamente como companheiro de vida, mas como companheiro aprazível, de sorrisos e partilha frívola, de beleza em libido que não tem nisso posse de sujeito qualquer.

Em zeloso lugar, a relação fez-se aberta. O espaço de cuidado ao parceiro que, amado sendo, a seu ver, não poderia neste lugar e condição continuar: um cenário em que ele não mais estava, ou em que a estada era aquela de quem apenas prepara a despedida.

Ele ficou sem libido nenhum, libido nenhum, e eu nunca deixei de ter (...) onde ele falou, *‘a gente precisa abrir uma relação. Abre a relação. Você é um homem bonito, você vai ficar com quem você quiser’* (...) a minha visão é que esse fato de abrir a relação e todo esse empurrão que ele estava me dando, era um processo também de desapegar dele...É lógico que eu só tenho essa, essas peças, tipo assim, a visão desse quebra-cabeça, digamos, agora. Quando tudo tava acontecendo, quem me dera (E3, dados da entrevista, 05/2025).

O quebra-cabeça, sem tempo certo de montagem, aos poucos, revela a amorosidade indubitavelmente presente daquele que, ainda que sob infortúnio, não deixou findar a doçura que sempre lhe descreveu.

Era ainda ele capaz de ofertá-la, fosse na honestidade tímida do sorriso aos próximos deixado, como no café de casal em difíceis dizeres; fosse no modo teatralizado, de aprendizagens cênicas somente possíveis de serem vividas para mascarar o horror. Um sorridente outro na “putaria” em endereço professoral distinto, mas de modo igual.

Nesses contextos, o possível talvez fosse garantir algum voo àquele a quem bem se quer, e, se for o caso, que seja em ninho alheio. Sob cuidados de quem ainda pode ofertar o abraço, a mirada em troca, a libido; essa que, mesmo desejada, paralisa-se na dor que tudo toma e nos medicamentos que não tão bons amigos são.

O “empurrão” foi dado.

Outros corpos, no entanto, não são o corpo em desejo maior, aquele pelo qual se chora e pelo qual se luta em insistente esperançar. Aquele que, embora ausentando-se, é de nós próximo, com o qual se sonha conjecturas e assina a certeza do amor marido mútuo; mesmo quando do sôfrego e indesejado distanciar.

Aquele corpo amado que, também humano, vê-se atravessado pela inumanidade avolumada das demandas. Elas, ali e sempre, fortalecendo-se, tomaram pactos, acordos, a vida em que a partilha parecia cada vez mais fragilizada: “a gente tinha estabelecido um dia para gente. Nem era um dia, era a noite da quinta. Isso só aconteceu duas vezes... Lembro que, na terceira, ele só olhou pra mim, e apontou um bloco de folhas no escritório” (E3, dados da entrevista, 05/2025).

“Chorei muitas vezes, falei com ele. Ele chorava também, sabe? Me abraçava, pedia desculpas, mas ‘tinha’ que voltar, e voltava” (E3, dados da entrevista, 05/2025). E voltando, ia-se. Ia-se daquele que amava, e com quem queria estar; de ambos, e dos laços pactuados; de si, como alguém que, triste, vivia a casa trabalho: “lembro do dia que olhei com ódio pro computador, mas muito ódio mesmo, e quis jogar ele no chão... até eu já sabia do sistema” (E3, dados da entrevista, 05/2025).

Chorando as quintas não possíveis, tentou fazer dos dias outros lugar de sorriso a quem amava, ainda que no abraço e possibilidade alheias. Era necessário o “desapegar dele”, a fim de que outro/outros, em sorte desmedida, desejo e libido latentes, talvez pudessem fazê-lo, trazendo novamente o já espaçado sorriso.

Atravessados pela desumanidade em descontrole demanda, restava o mútuo desejo: aquele em que os dias pudessem outra forma ter. Neles, sim, o desejo amante revigorado se daria. Mais um ato de criação e arte, descrito pelo trilhar que junto se dá e que, sendo o caso, a outros também convida, mas o faz em contextos em que todos sorriem, em corrida vida, em escrita sonho e não em fuga que, mesmo na doçura reflexo, à dor remete e nela habita. Não era escolha.

Esta vilipendiada estava pelo mundo do trabalho, aquele que, sem suficiente afago, cotidianamente o minava, os minava. Minava o cotidiano. Estendia-se às folhas já não tão mais organizadas, ao computador de sistema ódio, ao quarto de despedida choro. Em tudo o maciço trabalho se indicava. Era presença além da faculdade, a “loucura” tomava a casa (Leite, 2017; Maia, 2024). A faca (Sauaya e Cohen, 2011) se inclinava ao pescoço, naquele conhecido movimento que não se restringe a eleitos específicos: é *modus operandi*, a despeito da cozinha a partir da qual ela é usada. A dinâmica do *ethos* suicida (Lima, 2022) toma conjunturas e, com elas, os cotidianos, os sujeitos e a vida que intencionam tecer em riso.

O “algum futuro” era peça a ser descoberta por quem do quebra-cabeça ainda pouco sabia.

5.2.5 *Quebre a perna!*

A merda (merda pra você!) estava feita. O ator, assumidamente mascarado, performava a vida possível a outros, a expressão assertiva por meio da qual poderia ser lido, compreendido, palatavelmente encarado.

Era estratégia sua, talvez a única forma de viver o roteiro que parecia tão longe de ser seu. Ainda que, como artista resistente, pincelasse suas improvisações e nelas fosse ganhando fôlego. O final, seu em alguma medida, pareceu o toque do ator-diretor, aquele que, cansado, assume inclusive o roteiro e nele, finalmente, se encontra “*Eu disse que seria assim*” (E3, dados da entrevista, 05/2025).

De precisão reconhecida, sabia que processos levavam tempo, este que, avolumando-se e açoitando-o, era encarado também em doses de domínio doutor: naquele ano, o primeiro de tantos, não tinha feito seu imposto de renda, terceirizou-o. O agir precisava ser cirúrgico. E foi...

5.2.5.1 *Se fecham as cortinas*

“Você não merece chegar em casa um dia e me encontrar morto”.

Eu nunca, nunca, até acontecer, nunca achei que fosse acontecer (...) perder uma pessoa por suicídio, eu acho que é o pior luto que existe, porque ele é um luto carregado de muita culpa. São feridas que não saram, sabe?

“Eu te avisei que isso ia acontecer”

(E3, dados da entrevista, 05/2025).

“Eu acho que ele não era uma pessoa de encantamento pela vida. Eu acho não, ele não era” (E4, dados da entrevista, 05/2025). Encantar-se pela vida talvez seja movimento de reciprocidade. Quando a vida encanto nos pode ser, por ela encantados somos. Em sentido contrário, no entanto, a relação de encantamento quando muito pode ser forçoso ato, peso

a mais para quem, sob o infortúnio da vida em dissabor, vê-se ainda obrigado a ela voltar-se em gratidão sob ares de toxicidade feliz.

A vida, portanto, sentida e compreendida na crueza da visceralidade em que se apresenta, assume aquilo que também pode ser: lugar de constatação do efetivo desencanto e, mais, lugar de finitude como possibilidade de quem à dor resiste, especialmente quando não se tem sobre si os pesos que habitualmente recaem sobre boa parte das pessoas: “Ele era ateu. Um ateu certo de um ponto final e pronto. De não tem, sei lá, consequências, enfim, espirituais ou coisas pra quem tem crenças (...) O próprio fato dele ter feito psiquiatria talvez tenha fortalecido ele contexto de entender ele mesmo e a escolha dele” (E3, dados da entrevista, 05/2025).

Entendido que era, colocava pontos finais antes mesmo dos inícios “vésperas, antes da gente ir morar junto de fato, ele meio que tinha posto um ponto final” (E3, dados da entrevista, 05/2025). Era o hábito do “alguém estranho”, aquele que “não deu esse espaço [amor conjugal] para ninguém, afinal *“Ninguém merece”*”.

Havia um marco de segurança, uma espécie de solidez a mantê-lo, um lugar de filho que traçou o tempo: “*fica tranquilo que nunca vai acontecer nada antes da minha mãe morrer*”. Ele falou isso algumas vezes” (E3, dados da entrevista, 05/2025).

O tempo, entretanto, passou e com ele, talvez, aquilo que seria a alguma solidez de permanência: “Semanas antes da pandemia deflagrar, assim, quando ela ia começar, a mãe dele morre. Depois que a mãe dele morre, ele vira uma outra pessoa. E aí eu acho que deu início a um processo mais fundo de uma depressão e foi agravando muito o quadro dele” (E3, dados da entrevista, 05/2025).

Era uma outra pessoa, talvez ainda menos apegada à arte do teatralizar. Talvez ainda mais despossuída de sentido. Um alguém de sentido que, mãe também sendo, se foi, e com ele o filho paulatinamente seguiu. Era notório, “Eu falava pra ele, ‘isso não é normal, você não tá bem’”. Entretanto, “Ele meio que não aceitava” (E3, dados da entrevista, 05/2025). O aceite, ao que apreze, havia sido já outro, o mesmo que fora antes comunicado e agora posto em curso.

O cuidado meticuloso, estratégico e sempre disciplinado, foi ofertado em todos os espaços e com os diferentes sujeitos que povoavam seu arredor, “ele já vinha preparando os pacientes há quase um ano (...) tinha pacientes que estavam com ele há mais de 10 anos” (E3, dados da entrevista, 05/2025). Ele falava que era preciso os “pacientes se desapegarem dele e ele falava, mas eu não entendia”. “Inclusive ele deixa isso nas cartas, de que vinha arquitetando isso [suicídio] por muito tempo” (E3, dados da entrevista, 05/2025).

A preparação não era apenas para o ato, mas para os contornos que este deveria assumir após sua concretização “ele deixa isso inclusive numa carta, que as pessoas não precisavam saber, mais por causa dos pacientes, porque muitos pacientes dele não poderiam ter essa notícia de que poderia ser. A sugestão dele é que falasse que fosse um infarto” (E3, dados da entrevista, 05/2025). Como muitos, “enfartou”. E “todo mundo era unânime disso. Não pode falar, não pode falar” (E3, dados da entrevista, 05/2025).

O ato, ainda que sob quê de inesperado, não soou realidade de tudo inimaginada. Era tema discutido e, em alguma medida, conduzido na tranquilidade profissional de quem a ele compreendia como “um livre arbítrio, como algo normal”. Algo a que se detiveram por “muitas vezes, não foi 1 ou 2, foram muitas vezes, em conversas assim de um casal tomando café”, lembremos:

Ele sempre pontuou o suicídio como algo natural, como uma decisão que a pessoa deveria ter o direito de ter. E eu sempre pontuei como uma coisa que eu não conseguia entender. Se dependesse de mim, eu pegava a vida dessas pessoas, quando ele trazia alguns casos, e vivia, porque toda vida merece ser vivida.

“A questão é nunca acreditar, é nunca entender que aquilo... aquilo nunca faria sentido na minha cabeça, como não faz, nunca vai fazer. Até hoje nunca vai fazer, entende?” (E3, dados da entrevista, 05/2025). Até porque “toda vida merece ser vivida”. A questão, entretanto, é que toda vida merece (e precisa) ser bem vivida. Toda vida merece ser vida.

A dele, ao (que) parece, não mais era.

Então, aproveitando-se da estadia do companheiro na casa de sua mãe, ele se organizou. Escreveu as cartas, endereçou-as devidamente, comprou os remédios todos e deixou para terça a despedida; o dia em que sabia que o companheiro voltaria. “Foi quando eu

encontrei. Ele medicou, medicou, medicou. Não quis saber. Tinha uma lata cheia de coisas de remédio” (E3, dados da entrevista, 05/2025).

“A minha ferida foi muito no sentido de que ele nunca ameaçou, vou fazer, vou fazer, mas ele deu tantas pistas. Não tem como decidir pela vida do outro... Eu não sei te dizer. Eu ainda não entendo, eu nunca vou entender. Eu aprendi a conviver com essa sensação onde frustração, dor, culpa é um atravessamento” (E3, dados da entrevista, 05/2025).

Antes de partir, deixou 4 distintas cartas: ao marido; ao casal que conheceu ainda quando estudante de artes cênicas e que como pais teve; ao melhor amigo; e à família. Nas 4, um dizer comum: “(...) em todas elas, ele fala que ele não era uma pessoa que todo mundo conhecia intimamente”. Afinal, “a maioria das pessoas conhecia o PROFESSOR 2 feliz” (E3, dados da entrevista, 05/2025).

A felicidade cênica era necessária. Talvez, como fechamento, coubesse à tona trazer o que em vida a plateia não daria conta: a face sem máscara. Aquela que, por poucos conhecida, caso do marido, revelava o angustiante “tédio dele pela vida” que sem sentido lhe parecia e na qual, por muitos anos, insistiu; inclusive como fruto de cuidado alheio, o objetivo a que se voltou e em inteireza dedicou-se também profissionalmente: “Ele tinha uma questão que ele chamava de *tedium vitae*, e ele deixa isso em todas as cartas, porque ele deixa cartas direcionadas para algumas pessoas, cartas que ele já vinha escrevendo há algum tempo” (E3, dados da entrevista, 05/2025).

Cuidando também do amado, ele “fez aquilo sem recair nenhuma suspeita na minha cabeça (...) eu passei uma semana na casa da minha mãe e ele sabia que eu ia voltar lá na terça-feira” (E3, dados da entrevista, 05/2025). Tendo a terça chegado, cabia a volta à casa, para o amado ver,

“O carro dele tava lá (...) eu pensei ‘que bom, ele tá aqui, ele ficou pra me ver’. Entrei no apartamento todo feliz, todo feliz (...) foi o momento mais bizarro e triste na minha vida. Uma coisa indescritível! Quando eu chego, ele caído na cama. Eu lembro da coisa de urrar assim. Coisa de urrar mesmo. Na hora é tudo muito desesperador” (E3, dados da entrevista, 05/2025).

“É lógico que quem comete um suicídio não tá bem, tá doente e tudo mais” (E3, dados da entrevista, 05/2025). Talvez não seja de lógica tão fechada. Talvez nos seja possível pensar que o doente adoecido foi. Talvez possamos dizer que, lucidamente cansado de

adoecido ser, escolhe resposta que lhe parece sã, indicando o quão doentes e/ou adoecidos estamos nós. Mas, ressalto, apenas um talvez. Um talvez que se soma a tantos outros “talvez” que professoram em condições de “tudo mais”, tudo demais.

Um demais que não nos permite estar bem. Ou, apenas, um bem ansioliticamente mascarado. Há muitas possíveis máscaras. É universo tão grande quanto aquele de máscaras mercado que sobre o trabalhador joga a sina, a responsabilização, ao passo que toma a vida para dela produto fazer. É um *ethos*, já disseram alguns tantos. É *ethos* de muitos alcances, alcances todos, a ponto de nos fazer restringir ao orgânico.

“Pecia algo meio que orgânico mesmo, porque aquilo era uma coisa tão, tão assim característico do cenário dele, da... não sei te explicar. Talvez eu fale isso hoje também. Ou entendo dessa forma para me despir um pouco da culpa, que é algo muito doído” (E3, dados da entrevista, 05/2025). Nas respostas que se tenta buscar, algo chama especial atenção: o “orgânico mesmo”. O orgânico que, ainda que atravessado pelas contradições que consigo modelam também jogo de culpa, abre-se à constatação que se coloca no “cenário dele”. O cenário, pois, onde estava posto e que, portanto, aponta para organicidade não restrita ao sujeito, mas aberta a contexto que a este engloba. Um cenário de cenas choro, escalonado a milhares.

Um cenário que, aberto e partilhado, trouxe o ator e o enredo seu. Um enredo inteiro, tal qual o ator-professor, ainda que nos despedaços se revelasse cotidianamente. Abriu-se e ali vida houve: *“Eu evitei me abrir pra esse sentimento e que bom que você insistiu. Graças a sua insistência, eu pude viver um amor, saber o que é amar, saber o que é ser amado”* (E3, dados da entrevista, 05/2025).

Tendo sido amado e nisso encontrando possível saída e/ou enredos mais de estada, amorosamente, informa sobre como vai; ofertando o acalento possível àquele de quem sob formas outras também buscou zelar. Em sua inteireza honesta, “ele termina a carta pra mim falando isso, que ele morria com a consciência tranquila, que ele tava indo em paz” (E3, dados da entrevista, 05/2025). Tranquilo e em paz foi, algo que, ainda que nos escape, talvez o tenha embalado em terno conforto na partida sua, quando a vida a ele de fato se fez.

Sabido quanto a ida e “de uma forma muito planejada”, aos moldes das aulas que professorou, indicou desejos, desafios e caminhos: “*“eu sei que vai ser muito difícil vocês conseguirem me cremar pela forma como eu vou morrer, mas eu queria que vocês tentassem”*. Ele já sabia quando ele fazia, fica claro que ele já sabia” (E3, dados da entrevista, 05/2025). Tentando, conseguiram “por causa das cartas muito evidentes”. As cinzas acolhidas foram pelo desejo também partilhado: lançado junto a monumento em mar de terra natal, lugar de recôndito infância. E assim partiu “a pessoa mais sensível” já conhecida, a pessoa “da sua vida por afinidade de valores, de princípios (...) Ele me amava, eu amava ele e muito” (E3, dados da entrevista, 05/2025). Amando e amado professorando foi.

“Eles ligaram lá pra casa no dia seguinte perguntando se ele não ia dar aula” (E3, dados da entrevista, 05/2025). Ele não foi. A lição estava encerrada. As cortinas se fecharam.

5.2.6 Em espetáculo vida: o ator antes da máscara

Havia um tempo em que tempo havia. Um haver de sonho, de desejo inspirado por aquele que, trabalho sendo, era também lugar de vida, de aspirações, dos intentos de formação que a outros em dialogicidade se daria: “*eu quis ser o professor*”. Não o professor qualquer, mas “*o professor*”, aquele que, também em suas palavras, trabalharia para “*transformar*” (E3, dados da entrevista, 05/2025).

Um sonho, acredito, partilhado por tantos docentes: dos que estão ainda por vir, dos que estão no exercício de formação seu, formando e formando-se. Fazer-se professor é, no constante processo, assumir a implicada e política luta a que a docência nos coloca.

Colocados, entretanto, no campo da batalha diária, por vezes, bailamos com inesperada música, aquela que não se soma ao sonho, que não parece em si caber timbre de desejo e/ou satisfação, deste com pausas e ritmos em que a vida cabe.

E ali, de quando em vez, respiramos qualquer ar, de qualquer tipo. Há restolhos apenas. O fazer soturno se faz em contextos que assumidamente chamamos de cotidiano, e neles vamos nos deixando; como que em movimento de sucção da vida. Isso, obviamente, não é docência, mas tão pouco deixa de sê-la, ou de refleti-la em magnitude que toma toda uma categoria profissional.

Tudo se acelera, se avoluma, toma inclusive o ar, o fôlego necessário à já destemperada corrida. Apenas corremos e, correndo, corremos mais, enquanto o ar se faz rarefeito e demanda de nós ainda mais tempo de recuperação, a parada que significa o prosseguir. “Perde-se o sujeito que engendra o gesto. Resta o sujeito autor na condição de depositário: causa e consequência de sua própria ação” (Campos *et.al*, 2016, p. 83).

Acontece que quem para atropelado é, doente parece, pouco pontua em barema. Corramos, ainda que o façamos sem vida ou na certeza de movimento movido a estertor, à medicalização que espanta apenas o “eu”, fazendo de nós um corpo de limite estendido, distendendo-nos.

Não se trata de contexto mudar, mas de colocá-lo e fazê-lo produtivo ainda nesse contexto. O mesmo que, reinventado em requisições mais, exigirão aumento das doses medicamentosas para que suportemos, ao passo que suporte deixemos de ser, inclusive para o sem grandes desafios cafés com aqueles que esperanças nossa inteireza como parceiros de jornada.

Aumenta-se o silêncio, a distância, o choro escondido e mesmo aquele visto, aumenta-se o ritmo, talvez as corridas, os livros comprados, os avulsos parceiros, quiçá as produções que, nos vilipendiando, nos mantém no jogo. Em sentido oposto, parece diminuir-se o eu, o desejo, a vitalidade que foi antes sonho, a docência enquanto sentido e campo de vida. Resta-nos a cadeira em que, imóveis, a máscara irrompe; tal qual o desmedido choro e o espanto (já não inédito) dos colegas.

Assentados, vivemos a vida que em nós não se assenta. Ali, sem mais correr, os demônios reinam, gritam, indicam o horário a ser em excelência preenchido, aquela excelência que não raras vezes descreve o professorar longe do razoável, “eram 7 disciplinas diferentes, em 5 cursos diferentes. Depois ainda acrescentou o EaD” (E4, dados da entrevista, 05/2025). Nem professor, nem pesquisador, talvez nem humano. Corra enquanto nada de diabólico se expulsa! Quem sabe, talvez seja o “diabólico” a expulsá-lo?!

O passado era composto dos tempos em que a esperança se dava e a vida valia a pena, mesmo que no imaginado amanhã. Acontece que o valia ganha corpo e implica aqui o não mais valer, a conclusão a que se chega e que faz com que a todo o resto sobre apenas o vivo que, talvez mais vivo que nunca, soa morto. Este com o qual se deita, café se toma,

se aprende em distinta vida. Porque ele, ainda que em morte soe, gentil é e, na vida sem pena que valha, oferta as ensinanças, os amores, a música de ritmo outro que desafia a dança por tantos aceita.

Não há vida quando essa resumida está à correspondência daquilo que nem mesmo vivo efetivamente lhe quer, coisificando-o; este era, pois, o presente. Recusar-se ao jogo, em contrapartida, pode ser o lugar da recusa de distanciar-se de si, do vazio de adequação que em nada sonha, mesmo que puerilmente. Difíceis são os enredos de vida quando até mesmo das pretensões mais tolas a vitalidade se retira. É necessário vivo estar para isso compreender, e talvez seja a denúncia vida que tanto assombra.

Em um mundo em que sentir pode significar a "perda do controle", a doentia e dramática pesada forma a que cabe medicamento anestésico, é importante mascarar-se. A máscara garante o emprego, o sustento; ainda que sob enredos de implosão interna e de colapso em beira cada vez mais aproximada. O "caos" louco do "buraco que engole" não para.

A repressão de si, muitas vezes fruto da opressão imposta em todo o dia e dias todos, não desaparece, muda-se de lugar. O escamoteio, contudo, seu preço cobra. Há que se lidar com o equilíbrio de corda bamba, em depressão, ansiedade, insônia, fadiga, enfim, sob sentido que não existe e o fato de ser um "ser humano sem vida", a vida adoece. Mas, importante, nada de perder o controle; não se desafina o coro dos contentes! Utilizemo-nos de doses medicamentosas mais, a anestesia mantém. Talvez mantenha apenas o trabalho e não o trabalhador, mas é agradável tê-lo em sorriso cênico, o espetáculo tem de continuar.

Até que um dia o ator atrase, liguem para sua casa e descubram que novo *casting* precisa ser feito. Sabemos, há atores aos montes, estão "pedindo pelo amor de deus pra trabalhar aqui" (já nos disse a diretora de ensino de caramba a 4).



“Auto Erxterminio 2” – Eliseo Mijangos, 2024
(Museo e San Miguel de Allande – México)

6 A MÚSICA ACABOU

6.1 Na métrica 3

A professora 3 era mulher cisgênero, heterossexual, preta, evangélica e de classe média. Casada e mãe de 3 filhos (entre 18 e 30 anos), era filha em casa de 10 irmãos, sendo ela a quinta. Tal contexto, somado à realidade empobrecida, a fez ainda muito jovem ter de trabalhar para garantir seu sustento e, posteriormente, o de sua família; realidade vivenciada pelos demais filhos.

Desde a mais tenra infância, destacou-se por sua inteligência, esforço e ação desinibida, muito embora fossem seus momentos de silêncio introspectivo algo marcante. Carismática, com facilidade, fazia-se amiga de todos, aos quais era também figura compreendida como suporte. A amiga, entretanto, não sabia suportada ser, demanda que por tantas vezes escutou dos mais próximos e que revelava seu forte traço de “autossuficiência”; algo que parece ter aprendido “nos tempos difíceis”.

Tais tempos, fazendo-se vigorosos, foram responsáveis pelo afastamento de boa parte da infância e da adolescência da casa de seus pais, lugar em que espaçadamente ia, quando das épocas de recesso ou mesmo da visita dos então “patrões” por ela responsáveis. Em troca de alimento e da possibilidade de estudos, viu-se empregada e babá em diferentes cidades, casas e famílias.

Em que pese a rotina de vida construída sob enredos de trabalhos extenuantes e majoritariamente não remunerados no interior do Espírito Santo, a menina capixaba, destoando-se de boa parte das figuras de sua família, consegue concluir, não sem interrupções, os estudos escolares.

Matriculada no turno da noite, encerra sua jornada pela educação básica e, junto àquele que viria a ser seu marido, muda-se para a capital, Vitória. Lá, casa-se, assume posto de trabalho regulamentado e, perseguindo o sonho de professora ser, inicia alguns anos depois o curso de Letras, fase em que já era mãe de sua primeira filha.

Deixando-o em meados do segundo ano, matricula-se naquela que viria a ser a formação a partir da qual construiu sua carreira: Psicologia. Formando-se psicóloga, especializou-

se em Psicologia Social, mesmo campo em que posteriormente deu prosseguimento no âmbito dos estudos de mestrado e doutorado, este interrompido. Discente destacada, é convidada pela mesma instituição em que se graduou para nela assumir a função docente, realizando-se naquele que seria o maior sonho seu. O sonho iniciado em moderado convite se estende a disciplinas e cursos mais, fazendo dela proeminente figura na instituição durante o tempo em que nela atuou.

A docência, assumida integralmente apenas anos após uma jornada dividida entre consultórios e faculdades privadas, parece ter lhe sido espaço de sonho que aos poucos, e por diferentes razões, se foi perdendo. Como professora, percorreu distintos espaços de ensino, em alguns casos, deles se retirou após os problemas vivenciados impactarem em suas rotinas laborais.

Por algumas vezes, teve de afastar-se mais prolongadamente em função de demandas de saúde, o que, em uma circunstância, significou seu desligamento pouco tempo após o retorno. Dali, não mais retornou. Entre espaços de atuação públicos e privados, professorou por 20 anos no âmbito da graduação e da pós-graduação, em nível de especialização.

Na última instituição em que professorou, a contragosto, assumiu também a docência em disciplinas e cursos ofertados na modalidade a distância. O trabalho, somado à docência nos 4 outros cursos presenciais em que lecionava, avolumou-se de modo considerado, afetando-a nas diferentes instâncias de sua vida. Adoecida, foi afastada e, pouco tempo depois, despedida.

De “sorriso cativante”, era uma mulher “forte”, “sempre ocupada com mil coisas”, e, ao que parece, ainda assim, “muito prestativa”. “Sensível”, fazia-se “inabalável”, até que não mais fosse possível, como quando da vez em que, cansada, chorou em frente ao professor amigo, “*estou cansada de estar cansada*” (E5, dados da entrevista, 07/2025).

Acostumada a ser “guerreira”, algo aprendido desde muito jovem, pouco confortável lhe parecia o lugar daquela a ser cuidada. Cuidando de todos, seguia, e nisso encontrava também sentido. A figura “risonha”, “faladeira”, era notadamente inteligente, “professora muito respeitada” por pares e destacadamente pelos discentes, que nela e em sua história viam exemplo a seguir.

Ainda assim, uma mulher preta que, no trabalho, viu-se solitária, talvez porque fosse “política demais”, por insistir em sentido, em formação, em algo que pudesse ser crível, como a universidade que em seus sonhos projetou. Não era ali.

Aos 56 anos, faminta de vida, vai-se.

6.2 A mulher

Não sendo distintas de tantas, era ela professora, mãe, mulher preta. A preta mulher que, ao longo da vida e enquanto sustentava o mundo, aprendeu a cantar e cantou. Cantou como saída, cantou como sorriso, cantou como felicidade e como refúgio, até que a música também de si pareceu fugir; ou talvez tenha sido retirada.

Filha de mulher como ela, foi a mãe que pôde. Aquela que, lutando e sob os dilemas que a vida não cessou de lhe ofertar, construiu enredos de luta, de abrigo aos outros e, ainda que tanto os ofertasse, sem estes aprendeu “a se virar”. É preto viver.

Era “vibrante”! “Profissional querida”, a “inspiradora” a quem em corredor se para, em quem se percebe, e com a qual se quer “aquilombar”. Aquela que, saltando em meio as “cobras” que veneno inoculam, precisa cair em pés firmes para não tombar na rolagem de “esteira” que “mói gente”.

Ainda que na engrenagem, nega-se ela dela parte fazer e assim convida à navegação, enquanto há mãos e horizontes, enquanto se pode não ficar à deriva, tentando a vida que de todo tomada não foi.

Faminta de vida, comeu saídas. Era alguém em busca do “sentir que existe sentido” e assim percebeu as muitas formas de se viver dentro da tragédia. Negando-se à obsessão por produtividade constante, ainda que sob a sedutora “vitrine”, experienciou “estresse extremo”, “sobrecarga de trabalho”, “depressão profunda”, o “poço” em seu fundo e mesmo a morte, “morreu ali”, no ali trabalho, mesmo que em vida. É coisa possível na esteira em que “cabeças rolam”; com tanto movimento, as feridas se curam mal. E doentes pouco interessam, cabe agradecer o “tempo de colaboração”.

A música acabou.

6.2.1 Jogando no bosteiro, construindo quilombos

As relações de trabalho, tão caras e necessárias à estruturação do fazer docente, inclusive no que se refere ao amparo entre colegas, eram, nas palavras da professora, “*uma bosta*”. Afinal, “não tinha uma construção de parceria, não” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

A isso somava-se o “sentimento muito de panelinhas”, que, ao contrário de um exercício de coletividade professoral, era mesmo a junção de um grupo já privilegiado de professores, o qual, mantendo-se a todo custo, não raro delineava o poderio quanto “as cabeças que iam rolar (...) Tinha sempre o ar ameaçador”. Um grupo que ao fim revelava “pessoas se dividindo ainda mais, era um tiro no pé” (E5, dados da entrevista, 06/2025). Alguns pés, entretanto, são atingidos primeiro, alvos sempre lembrados pela discrepância que denotam, tal qual denotavam os dela.

Longe da candura quista e típica de espaços dessa natureza, havia a esses pés um importante atravessamento que, cobrando seus altos custos, permeava seu universo e dele fazia lugar especialmente sôfrego. Atravessamento este compreendido e ecoado nas palavras do colega que, como ela, dizia do desconforto de haver “poucas pessoas pretas”, as 4 em toda a unidade que viviam “num sentimento de, tipo, olha, a gente já tá furando a cota e a qualquer momento o primeiro que vai ser escolhido pra rodar vai ser um de nós” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

Não sem surpresas, assim como não sem profunda dor advinda do horror ao longo da vida sentido e sempre esperado, ela disse “*fui sabotada por essa equipe*” (E5, dados da entrevista, 06/2025). A sabotagem, nada pontual, alcançou diferentes níveis, “recebeu muitas orientações erradas, várias orientações erradíssimas” (E5, dados da entrevista, 06/2025). Estas iam desde o aviso sobre não recorrer à coordenação, até sobre dicas nocivas acerca de como proceder com o sistema, quando ainda recém-chegada era. Certa vez, entretanto, algo pareceu especialmente perturbador: “um belo dia, a própria coordenadora achou que ela estava tentando fazer a caveira dela”. Foi a ação de “alguma outra ex-coordenadora que queria o lugar dela” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

Preso ao contexto desolador e entendendo os “jogos de poder”, tentou se explicar: “ela falou com a coordenadora, falou, ‘*olha, eu recebi orientações dessa e dessa pessoa*’, mas não adiantou”. Desculpando-se daquilo que sequer de si efetivamente dizia, afirmou

“Então, nunca mais vou escutar elas pra dicas, eu não escuto” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

Não havia um bom caminho. Não escutar era assumir o risco de defrontar-se com o grupo que tinha “o poder das cabeças”, ao mesmo tempo, escutá-lo era talvez não tê-la; mobilizando corte feito por terceiro de poder coordenador. Era “cobra comendo cobra, E acaba que se você não virar uma cobra, você é engolido” (E5, dados da entrevista, 06/2025). Não morrer engolido, contudo, traz consigo consequências “isso adoecia um pouco, porque a gente tinha que ser um pouco dessa cobra, assim, a gente tinha que aprender a ter veneno, porque senão... não sobrevivia” (E5, dados da entrevista, 06/2025). De fato, pode-se não sobreviver.

A sobrevida nesses contextos, entretanto, é lugar que tensiona, que apresenta o espaço como possibilidade de encontro, em que o reconhecimento e o afago também se dão entre pares e mesmo aqueles que chefia maior são: “nossa coordenadora, em específico, era legal. Não que a gente tivesse apoio, mas, assim, ela parece que abraçou ela do jeito que podia. A gente não tava ameaçado por ela e isso segurou a PROFESSORA 3, sabe? E isso, pra gente que é preto... nossa, é foda demais!” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

O atravessamento racial como lugar de desconforto entre pares foi, no entanto, atravessamento de coisas mais em relação aos discentes. Era atravessar de afago, de aproximação e respeito em pretume amor. Ali, compreendia o “grupo mais parecido com a gente, muitas pessoas pretas, indicando ali os seus pertencimentos territoriais também” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

A não pluralidade de corpos docentes parecia oposta àquela em sala de aula vista e que, em alguma medida, assumia um sentido de docência que, em muito, preenchia; possibilitando-lhe estada afeta, a mesma que significaria ainda mais “bagunça”, política e implicação.

Ela gostava “de acompanhar esse processo de transformação”, de ser presente e perceber na troca entre docente e discentes o valor dos acontecimentos possíveis. Era lugar de gostar declarado, “são turmas que eu gosto de ver, que eu gosto de lecionar, que eu gosto de me fazer presente, que eu gosto... a gente precisa, né?” (E5, dados da entrevista, 06/2025). Um gostar de também precisão. Estar para que possível fosse “ver essas

transformações acontecendo”. Afinal, é *‘o que me mantém na docência atualmente, nesses ditames, é um pouco o que me mantém viva nessa docência, senão ia virar um trabalho como qualquer outro’*” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

E se há vida, ainda que em pouco, há possibilidade de ser e construir o lugar de “abrir portas”, de efetivamente perceber e compreender “os corpos humanizados”, inclusive “mostrando que aquilo era nosso” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

Contrariando a ordem, desordenada que só, encontrava rotas de cores a saber, inclusive no que incolor a priori era. Ali, no “nosso” compreendido e “humanizado”, “abriam-se as portas” de pulsão vida, de intento prosseguir, mesmo quando dos menos amenos dias, por certo robustos e insistentes.

O “nosso”, compreendido e acolhido pelos discentes seus, se descrevia também através da “boa relação com os alunos que ela sempre teve. Eles mandavam *e-mails*, mensagens carinhosas, paravam no corredor” (E5, dados da entrevista, 06/2025). Nesta que parecia a única forma de parar, estava a parada em movimento prosseguir, ressignificando o próprio corredor, o espaço da empresa que, nos humanos pretos ares, universidade parecia a ela ser.

Era ela docente de surpresas e, enquanto pôde, o convite estendeu: “Você está perguntando como é que a gente deve construir a aula, o que a gente quer ver?” (E5, dados da entrevista, 06/2025). Construía-se com e não para, ao menos até quando pôde fazê-lo; ela os mirava, compreendia e, atravessando-se mutuamente, tecia a docência em relação encontro.

“ela olhava pra eles, sabe? Isso preocupava bastante, assim, porque a gente também via corpos muito parecidos com os nossos... e, caralho, por que essa pessoa investiu 5 anos de dinheiro ali? A pessoa tá ali, lutando contra o sono, lutando contra o metabolismo, pensando na van que vai partir daqui a tanto tempo pra levar ela pra, meia noite e tanto, ela chegar em casa, pra ainda ter que comer, pra ainda ter que arrumar a casa, pra ainda ter que dormir, pra acordar cedo pra trabalhar. Então, tipo assim, a pessoa tá investindo o dinheiro dela no quê, né? Ela sempre falava isso, *‘pra que que a gente tá aqui? A gente precisa entender isso’*” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

Ela falava desta “docência militante”. Esta em que intentava a “produção de sentido da vida, *‘aquilombada’*, como ela sempre falava, sabe?”. Trabalhava “aquilombando a

psicologia. Ela tinha visto algo assim nos estudos negros de aquilombar as relações, aquilombar ideias” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

Era nesse lugar que intentava sentidos, ainda que sob suas já dopadas percepções. A vida crua e difícil somente podia enfrentada ser em suas pretas tarjas, não mais escondidas do amigo que com ela partilhava os poucos segredos na sala de professores.

Ainda assim, resistente, ali estava ela e, mesmo que não soubesse, percebida na grandeza sua era: “eu a definiria como uma aquilombadora de ideias e de construção de conhecimento na psicologia” (E5, dados da entrevista, 06/2025). Em alguma medida, em sua insistência e na rua que sempre nela esteve, havia a saída planejada, o horizonte que parecia passível da concretude transformadora: a coletivização, a busca por estratégia de lutas coletivas.

Tal busca, no entanto, pareceu solitária. Ainda que as dores compartilhadas fossem, o coletivo, como dito, nada mais assemelhou-se que de um conjunto. Um dissabor a mais com que teve de se deparar e que tanto dizia das relações ali construídas no que se referia aos pares seus. Estes que, como ela, estavam exauridos e que, dela destonado, não pareciam tão dispostos ao aquilombamento; aquele “*pouco do que me mantém viva nessa docência*” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

O fazer, permeado por suas contradições e antagonismos, era em alguma medida recompensador, uma insistência pelo sentido e pela vida em sentido. Era tentativa de trabalho como lugar de criação e possibilidade trabalhadora, de luta resistente também quanto à autoria que lhe cabe e às relações que a partir desta fazem-se prolíficas; especialmente quando em diálogo com aqueles que maior sentido dão ao professorar, “é tão interessante quando você vê o aluno fazendo coisas que ele não se preocupava antes. Você vê o aluno te parar ali no corredor pra perguntar algo que ele não perguntaria antes desse aprendizado. Ela era muito parada” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

Naquela que parecia uma das poucas paradas possíveis, ainda que no rolar dos trilhos da “linha de montagem”, havia a almejada transformação, o contato com pedaços daquele sonho juvenil por tantas vezes vilipendiado e pelo qual se lutava. Isso, obviamente, não sem os árduos custos “era sempre um convite de ou você se mata de trabalhar e faz essa

docência ética maravilhosa, ou então você vai pra esse sucateamento normalizado, muito pobre, né?” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

As opções estavam dadas: mate-se de trabalhar, ou aceite o sucateamento. Matar-se como forma de alguma vida sentir, ou morrer mantendo-se sem vitalidade. “Escolha”, lembremo-nos, não sem a pesada culpa que sobre a docência recai quanto ao percurso dos estudantes (Paschoalino, 2007) com os quais nos relacionamos. A culpa é mediadora.

6.2.2 A Máquina de moer gente

“Era uma instituição assim muito precária também na época, ela até já fechou. Eu sei que estava chovendo de processo de aluno, assim. Os estudantes eram muito jogados ali”.

...

“Tentar sensibilizar eles para não serem engolidos por essa máquina de moer gente” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

Máquina de moer gente. É ali que, ao ritmo “*put to run*”, o cotidiano se processava. Sem tempos para algo mais que a tão comum e despreocupada “salada de fruta”, os processos lembravam as “esteiras de Chaplin⁴⁷”. Na engrenagem, estruturada para bem separar os trabalhadores entre si e de si mesmos, o cotidiano educativo de reificação de sujeitos e de seus fazeres se dava, e assim se forjavam os produtos prontos à distribuição em larga escala, sob a roupagem “instagramável”.

Tal lógica, adaptada aos tempos e formatos em que operava, abrangia as distintas esferas do fazer, presencial e à distância. Em ambas, os professores mesmos. As ferramentas, sempre que possível controladas, tinham um fim maior em termos de formação: “o foco de preparar os alunos para o Enade”. Prioridade para a qual, sempre que necessário, se remodelavam aulas, horários e mesmo “os cursinhos preparatórios. Tinha aulas pra isso. A gente olhava e falava assim, cara, daqui a um mês vai ser meu colega de profissão e não tem qualquer preparo, não tem” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

⁴⁷ Expressão utilizada pelo E5 em referência ao filme “Tempos Modernos” (1936), que, dirigido e estrelado por Charles Chaplin, propõe uma crítica às condições de vida e de trabalho na sociedade industrial capitalista.

Moía-se gente, alcançava-se metas. Junto a elas, a compreensão consolidada de que “se não estiver trabalhando, fazendo alguma função, não serve nem para encosto de porta, né?” (E5, dados da entrevista, 06/2025). Somente se é quando se produz. Não produzindo, morre-se. A produção, no entanto, parece levar a caminho mesmo.

No espaço de subjetividades cindidas (Silva, 2020), as relações tecidas são sob lógica que a isso favorecem. A universidade, adotando o que lhe parecia primordial, estampava o estandarte flagrantemente difundido entre os profissionais docentes: produzam, afinal estavam todos

“naquela coisa do tempo *versus* o dinheiro (...) era uma cultura organizacional e institucional mesmo, assim, que colocava os professores muito nessa ótica da quantidade, nessa ótica do... não é aquela qualidade que é qualidade de fato, mas é aquela qualidade que é pra aparecer. É a qualidade instagramável, nosso trabalho transformou muito nisso. Assim, ele não é bom se ele não for instagramável” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

As métricas acerca do que se é bom são sempre reajustadas, é a quantidade que dá lucro também em “likes”, e que a partir deles se estabelece para a venda do produto: a formação. Um dos tantos produtos, tal qual a própria universidade: “a universidade particular precisa se vender como um produto. Ser instagramável é você saber vender esse produto, né?” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

Nesse lugar de reificação, resta vida em disputa, a mesma que, rompendo com laços de solidariedade e coletividade, insta nos docentes apenas a vitalidade “vitrine”. É necessário destacar-se, estar em evidência, como produto que melhor gira às vistas da “clientela consumidora”, os estudantes:

“É o famoso *put to run*, né?! Você vai se vendendo, você tem que ser o melhor produto, tem que saber se postar na vitrine. Eu acho que é essa lógica colocada no trabalho que faz a gente também se colocar como produto. A gente meio que virava só um reflexo dessa organização. E aí, como produto, a gente vai brigar por ter o nosso lugarzinho ali na frente da vitrine, sabe?” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

Um reflexo inumano, aquele que, mirado, o faz apenas perceber aquilo que não se é (Schefer, 2017), que nos faz deparar com a imagem ausente de nós mesmos, tecida na superficialidade de um espaço de estranha comunicação. Um mirar que, em profundidade visto, ao chão pode nos levar; os elevadores já nos disseram.

É nesse espaço e sob essas lógicas que a esteira mostra a sua força “lá a gente se sentia muito assim, como se fosse naquele filme do Charlie Chaplin, ali falando da revolução industrial, né? Você tá numa esteira e aí você monta tantas pequenas peças assim que o produto final você não tem muito acesso” (E5, dados da entrevista, 06/2025). Sem acesso a si, sem acesso ao produto e, como não poderia deixar de ser, sem acesso aos colegas. Sem tempo e/ou espaço para que se possa de fato acessá-los, de modo a deles saber e com eles planejar contextos que não de isolada vitrine, mas talvez de formação: “às vezes, tinha uma conversa ali, mas a gente não se conhecia mesmo. Não conhecia como que eles davam aula, não conhecia a pedagogia deles, não conhecia o planejamento de aula deles. É isso, era uma fragmentação muito grande do trabalho, né?” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

Fragmentados, não há coletividade, ao menos não alguma que pareça capaz ser de superar o coletivo como mero conjunto, um conjunto de sujeitos que, explorados, caminham na esteira sob o ritmo “*put to run*”, ao passo que brigam pela luz da vitrine, em busca da aprovação em “*like*”. Ou que não se reduza ao coletivo de quem, nesses jogos todos, parecem os moderadores ser, definindo os “perigosos”, “as cotas”, “as cabeças em corte”, enfim, aqueles que, talvez e por tempo jamais sabido, possam definir um ou outro produto docente que deva estar ou não na vitrine, apontando os sujeitos que não foram “engolidos”.

Sob a métrica dos resultados em lucro, há um caminhar esperado, requerido e, para tal, necessário é o controle sobre cada passada do trabalho docente: do conteúdo a ser ministrado, do formato a ele possível, da avaliação imposta, enfim, da cátedra sem contornos elementares de liberdade: “Não existia liberdade de cátedra, o nosso trabalho era cada vez mais intenso e isso afetava, né, a vida toda, as outras esferas da vida” (E5, dados da entrevista, 06/2025). Afetava a vida toda.

Era lógica perpetrada nos diversos setores e para os mais simples requerimentos. Instalava-se certa burocracia vigilante, aquela que, detendo-se às grandes definições e regulamentações do trabalho, capaz também era de domar nos detalhes, no pouco a pouco que mina e violenta. Aquela que, ao corpo docente voltando-se, intenta inclusive o controle que abarca a pesquisa material sobre a aula sua: “A gente tinha que falar assim ‘não, não pode ter tal, tal coisa porque o conteúdo não é esse, eu não quero que eles

aprendam isso agora, ou não isso dessa maneira’. Mas tinha os catálogos” (E5, dados da entrevista, 06/2025). E não só os catálogos...

“Você tinha um setor pra dizer se você podia ou não reservar tal sala, em vez de ter uma agenda por exemplo. Um setor que dizia como você tem que fazer a prova, e se fosse de EaD era outro setor. Eram vários setores fragmentados. Você tinha que descobrir qual o setor resolvia seu problema, **como se resolvesse...** era uma cultura muito fragmentada. **Era uma empresa.** Isso enquanto você tem que dar aula, enquanto você tem que fazer prova. **Não tinha como não enlouquecer, ninguém tava bem**” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

Enquanto tem que dar aula, fazer prova, acertar o setor, não se importar com aquilo que não se resolve, perceber no mundo do fragmento a empresa em curso... enquanto se enlouquece, enquanto não se está bem, enquanto se sabe que nem mesmo seria possível estar, enquanto se sente a loucura como sina cotidiana e nela professora.

Com o tempo, a universidade passa por um processo de hibridização de ensino, fortalecendo a modalidade de oferta de cursos a distância e transportando a essa modalidade o contingente máximo possível de disciplinas dos cursos presenciais, inclusive o de Psicologia.

Tal movimento, recrudescer as dinâmicas de controle sobre o trabalho e, ainda, a qualidade da formação oferecida; especialmente pela restrição de material bibliográfico atrelado à plataforma contratada. Sagacidade mercadológica que nada tem de sagaz formação, “eles visam essa coisa do lucro mesmo, uma padronização ali, e padronização em ciências humanas é o nosso tiro na cabeça, não é nem um tiro no pé” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

Entre tiros em pés e cabeças, o controle se fazia ainda mais expressivo e menos suportável, “Uma vez ela tava bem angustiada. Eu lembro dela falando ‘*A gente vai se enganar até quando? O que vocês querem aqui? Como a gente tá se medindo, usando ferramentas de conhecimento de fato, ou gente está usando só ferramentas de mercado?*’” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

A pergunta, incômoda e em cansaço angústia construída, nada mais foi que partilha doída ao som de indagação retórica. Apesar de muito dizer, pouco ali significava. As ferramentas do mercado estavam em volume cada vez maior e visíveis, a loucura

cotidiana em ritmo frenético se dava e ditava os modos, os cortes, as exigências que tomavam as formas e acerca das quais não havia enganado profissional: “*“Eu preciso de alguém que fiscaliza o meu saber, pra saber se a minha prova tá boa? O meu saber não é o suficiente?”* Eles nem eram da psicologia, eles cortavam questão e diziam que não podia. Sem justificativa, só cortava” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

Foi em um desses contextos que, sob timbre de exaustão conhecida, a sôfrega e interrogativa confissão se deu: “*De que vale viver? Nossa, é isso mesmo que a vida tem pra me dar? Eu vou viver isso até quando? Não tenho mais corpo pra fazer”* (E5, dados da entrevista, 06/2025).

Entre dúvidas tantas, uma coisa pareceu certa: “não tenho mais corpo”. Se indagação há quanto à vida e seus sentidos, uma coisa coloca-se em precisão, seja qual for a resposta, não seria aquele vilipendiado corpo, pela vida de mórbidos tons, a dar conta de sustentá-la. Há vida que vale sustentação e pela qual o sustento do corpo nosso vem, um válido, existente, forte e desejoso de estar.

A capacidade de mirada de futuro, e mesmo do desejo de fazê-lo, é algo que se faz a partir do presente, do corpo que se tem e que passível de projeção é em pretense mundo vindouro. Acontece que, tal qual o corpo, o mundo futuro se rui, afinal é ele existência a partir do momento que pode habitado ser. Sem corpo, no entanto, não há possível mundo. O mundo, existente no agora e que a este corpo imputa seu presente, tão pouco capaz foi de desenhar horizontes de amanhã.

O sôfrego, ainda que sob distintos tons (amplas que são as múltiplas violências), deixa de ser individual segredo e revela-se estado que ao coletivo atravessa: “Hoje eu penso nisso porque dá uma perda de sentido da vida mesmo. Vai ser até quando?” (E5, dados da entrevista, 06/2025). Um coletivo que, sem sê-lo em efetividade enquanto par profissional, na dor partilhava a ansiedade de quem vive “sem conseguir respirar direito”.

O ar rarefeito é espécie de “clima” que a todos subjuga, de inquietação não necessariamente dita, mas compartilhada, como aquela que as casas tomam, fazendo do lar faculdade espriada: “então, a gente tinha que que gastar finais de semana, que é o nosso tempo de lazer. Mas a verdade é que o final de semana era feito só pra organizar o

que desse do conteúdo que já tava acumulado”. “Trabalhando e pensando em enfrentar a segunda. Que merda de domingo que é, sabe?” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

“Era muito complicado, porque lá em casa a gente tava acostumado com ela não poder fazer as coisas com a gente. Sempre tinha que trabalhar. E teve uma época que piorou, porque ela tinha que dar respostas no computador em até 24 horas. Quando ela não aguentava mais, ela descansava tipo 15 minutos. Pedia pra chamar. Eu chamava com dó. Mas ela só fazia isso quando não aguentava de jeito nenhum, tipo quando falava coisa sem nexó já (...) Uma vez eu vi ela chamando atenção da janela, por causa do barulho (...) Ela só parava mesmo com as crises de enxaqueca. Vomitava, não abria mais o olho, chegava a desmaiar. Ela tinha crise de enxaqueca de estresse que parava ela, deixava incapaz mesmo. Só assim” (E6, dados da entrevista, 06/2025).

Só assim. Somente quando não se para, mas quando parado se é.

Nesses contextos, parece haver o prenúncio de esgotamento. Aquele que, inicialmente silencioso, vai se acumulando sem visível alarde – tal qual fazem com seus limites os profissionais que necessitam trabalhar –, até que toma corpo e faz-se visível, ao passo que também visibiliza o corpo tomado, este que, “inexistente”, encontra as formas suas de gritar. E grita sem assepsia (Marquetti, 2014).

“A gente entra em parafuso. E ali não era difícil de entrar. Várias vezes eu me peguei pensando ‘tipo, tô trabalhando pra quê? Ah, pra ter uma vida melhor. Então ela é melhor em quê? Ela é melhor quando? Ela é melhor como?’” (E5, dados da entrevista, 06/2025). “Quando” e “como”, dimensões que, em modo parafuso, apenas se sorri no âmbito do imaginado. Um imaginado ainda capaz de vislumbre futuro, ainda assim, um imaginado, um futuro.

Um “como” que não se confunde com o trabalho em “domingo merda” e segunda a enfrentar, ou mesmo com o vazio que a todos toma em ar rarefeito, este que sequer sustenta corpos inexistentes, mesmo que aos montes os produza; as janelas são testemunhas. É nesse lugar que o quando, em teor urgência ontem, nada diz do hoje em desejo e tão pouco parece assinalar futuro. Fica o desespero que, mesclado à tentativa de resgate imaginativo, evoca o necessário tecer de estratégias: “às vezes, a gente tentava pensar em estratégias pra sair disso. Era muito difícil. Olhando assim, confesso que até hoje eu ainda não encontrei e isso às vezes me dá um certo desespero” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

De fato, não nos parece fácil encontrar estratégia palpável em contextos de desespero já certo. Achá-las leva tempo, às vezes, tempo mais que uma vida possa suportar. Seja como for, importa dizer: “ainda não encontrei”. No “ainda”, há muito. Há possibilidade, mesmo que não seja enredo que a todos encontra, é enredo que se espera chegar, em que se medita e se busca estratégias, a fim de que chegue a alguém, a alguns; é enredo que pode assumir feições de vida em lugares outros. Na dor demasiado forte imputada, há, pois, fomento de reflexões que, daqueles tempos, caminham no hoje que, dito doloroso, é também substrato à força que insiste pelo “quando agora”.

Na “máquina de moer gente”, a docência alcança esse sentido de “escolha”, de “dilema de não ir pra esse sucateamento, se manter ético com os nossos princípios e com os princípios da profissão ou esse lugar de fazer o que tem que fazer” (E5, dados da entrevista, 06/2025). Lugar este que “de alguma forma ela também tem alguma estratégia de sobrevivência ali. Aquela estratégia que as pessoas, ‘olha, ou eu faço isso, ou eu não vou ter a minha qualidade de vida’”. Até que, no súbito, se morre ali (E5, dados da entrevista, 06/2025).

6.2.3 Aquilombamentos e bagunças: docência e seus sentidos na máquina que continua a moer

“Primeiro porque era um sonho (...) Ela sempre quis dar aula”
(E5, dados da entrevista, 06/2025).

Em efeito, foi a mirada pela grandeza do outro que ensina que teria sido o despertar pela docência. Ainda adolescente, olhava como quem indaga-se sobre a possibilidade de colocar-se mundo como ser humano “que inspira outras pessoas inclusive por ser quem você é. Isso levou ela pra docência” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

Fez, graduação, mestrado e doutorado (interrompido), pensando sobre como o saber que detinha e sua busca por ele poderia “impulsionar outras buscas por saberes e isso sendo apropriado também para a luta social, que é um bichinho que mordeu ela no meio dessa trajetória” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

Antes de qualquer coisa, a docência era sonho cultivado. Lugar que, uma vez alcançado, significou o sonho que se habita, a realização de um percurso já anos antes vislumbrado

e para o qual intentava rumar – inclusive quando das vivências a ela precedentes; certamente base ao trabalho que no âmbito da Psicologia Social, área de interesse maior, professorava.

A despeito do especial interesse na “Psicologia Social”, sabia ter de operar com o que na docência a ela chegasse, ainda que “a toque de caixa”, saber este, não sem grande dor, aprendido ao longo do percurso em que o sonho se desfaz.

A paixão pelo referido campo muito veio em função da experiência com “juventudes em situação de vulnerabilidade social”, enquanto psicóloga atuando com jovens em situação de rua e que nela têm sua principal forma de sobrevivência. Uma área em que “ela produzia, tava empolgada com o doutorado, mas que...enfim, depois a gente vê que não dá pra produzir nada, né?! (...) simplesmente não dá!” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

Entre o que dá e o que não dá, foi tecendo seus possíveis e nele operando com aquilo que caro lhe era, como a certeza do imprescindível em sua docência: “*minha docência vai ser para os alunos*” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

Não poucas foram as vezes em que, voltando-se ao colega, estava a afirmação posta, “Ela falava ‘*eu vou tentar fazer a melhor docência pra formar alunos*’”. Um dizer recorrente que reforçava a prática professoral em que um dos anseios seria a possibilidade de “*virar e falar: olha, são meus colegas de profissão*’. Ela sempre pensava nisso, que iam ser colegas de profissão” (E5, dados da entrevista, 06/2025). Em verdade, “Ela se preocupava. Várias vezes era ‘*vou usar isso aqui como um aprendizado de poder conversar com esses alunos*’. Ela tentou desenvolver com eles algumas intervenções, mas não deu conta. Não tinha apoio mesmo” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

Era a partir deles e com eles que o trajeto em sonho ganhava significações de onírico realizado, mesmo que à tal realização se somassem paulatinamente os dissabores daquela realidade sem “apoio mesmo”. Ainda assim, estava ela posta em curso e isso sob também implicado viés, consciente que era da necessidade de uma formação não afastada das problemáticas conjunturais que a todos envolve.

Tal implicação foi também de modo recorrente assinalada, “Ela dormia e acordava pensando nisso, fazer docência que seja pedagógica e militante” (E5, dados da entrevista,

06/2025). E nela construiu os enredos que acreditava certos, sob olhares atentos à conjuntura, aos atravessamentos e às interseções por ela sempre lembradas e também ali sentidas.

Era um alguém “espetacular”, mas também “perigosa”, que “precisava dosar o que falava [porque], ela era sempre muito política” (E5, dados da entrevista, 06/2025). A rua nunca dela saiu, o que nela passava na psicóloga também passou e a fez professora engajada; atenta às necessidades de uma formação profissional que se desse a partir da luta pela justiça social. A docência significava, portanto, militância e, como tal, implicada.

À implicação, algumas vezes, chamou “bagunça”, aquela “sempre feita preparada pra isso” (E5, dados da entrevista, 06/2025). Até que foi, aos poucos, não podendo fazê-la, afinal “não é fácil, porque trabalhando num espaço particular, a galera quer quantidade, né?! Eles querem alunos que saibam fazer prova, não querem alunos que saibam atuar, que saibam pesquisar, que saibam ter um olhar crítico” (E5, dados da entrevista, 06/2025). Ela “Arrumava a casa, mas bagunçava também. Porque se você não faz o que querem, você está bagunçando” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

A bagunça, ao que parece, tinha miradas múltiplas: da docente, que bagunçava com vistas à construção crítica, implicada, e sob quê de conhecimento pulsante em luta; da instituição, acerca daquela que, arrumando a casa aos seus moldes, bagunçava a ordem, as hierarquias, a formação, a lógica organizacional da empresa.

Há de se considerar que, nesse encontro e nas relações que ali se estabeleciam, bem como na pesquisa que substrato é à docência enquanto ato formativo, havia prazer. Um prazer sabido, reconhecido, um lugar de pulsante vida. Nesse lugar, também aos discentes mirando, construía suas pesquisas, suas estratégias, buscava referenciais com os quais operar.

Ela da docência ocupava-se e o fazia como quem nesse trabalho encontrava lazer que sentido dava: “Ela se ocupava muito dela, ocupava demais dela, porque, às vezes, também ela é um lazer. Ela gostava de ler um livro, aprender coisas novas, descobrir o quanto que o pensamento e a forma de atuar estava desatualizado, enviezado e etc para fazer melhor” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

Com o tempo, entretanto, o sonho docente de reminiscências juvenis teve de “lidar com o real da docência, [que] é você entender que, pra você manter uma docência ética, você tem que se matar de trabalhar e você não vai ser remunerado por isso” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

Se matava de trabalhar e matava-se trabalhando. Ao que parece, a ética docente somente seria ali possível se em enredos de mortificação, estes de remuneração pouca que em face exaurida dá já sinais, “dava pra ver na cara dela que tava exausta e a gente sabia que ia ser muito pouco remunerado, né?” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

Tudo começa parecer ainda mais sem perspectivas, afinal “pra manter uma docência quantitativa de ganhar dinheiro, você vai sucatear o seu trabalho” (E5, dados da entrevista, 06/2025). Há, contudo, quem o recuse, até porque “esse sucateamento, ele te convida a abandonar certas questões éticas, sabe?” (E5, dados da entrevista, 06/2025). Não se sucatear, entretanto, longe está de não ser sucateado, ou de não estar em contexto que tem nele seu âmago.

Os novos tempos pedem novas ações, moldadas à realidade capital hodierna. É necessário estar e fazer-se percebido, é necessário garantir a venda, sob roupagem que alcança distintos contextos, em suma, é vital (ainda que sem vida) compreender que a “universidade particular precisa se vender como um produto, ser instagramável é você saber vender esse produto, né?” (E5, dados da entrevista, 06/2025). Em contextos de universidade instagramável, cabe à docência nesse espaço também sê-lo, um “reels” a mais de conteúdo devidamente embalado para ser compartilhado.

Nesse mundo de também *likes* (quem diria?), a docência assume teor distinto, o sonho convertido é em objeto qualquer, ainda que seja tal conversão lugar de morte àquela primeira sonhadora. Expropriada, cabe a ela lidar com a cultura da organização, faminta pela aprovação do público que, no imediatismo de cores e formato *reels*, sem sentido consome.

Em contrapartida, consumida era a professora. A sonhadora resistente, bagunçando, algumas vezes disse sobre sua indisposição em abandonar o percurso que acreditava mais ético, devido, para o qual, inclusive, havia se formado, afinal “é o mínimo que deveria ser feito para a docência” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

O mínimo, porém, não traz o máximo. Ao menos não o máximo de lucro esperado, desejado e requerido. E, caso este não venha, há culpado certo: o docente. A culpada, sem a música que vida em família lhe era, sem fim de semana que não se resume a antever a segunda horrorosa em meio ao mar de conteúdos, sente o que não apenas a ela toca, mas que diz daqueles que também com ela estiveram: “a gente se fodia em relação a isso, porque trabalhava muito mais do que deveria” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

Fodiam-se não sem os avisos, “amigos falavam, as pessoas queridas falavam: ‘faz mais do que deveria fazer’, mas mais o quê?” (E5, dados da entrevista, 06/2025). Em contextos de embrutecimento (Barreto e Venco, 2011), de naturalização da intensificação e precarização do trabalho, inclusive no espriar que notório em casa, aos amigos, aos queridos é, a culpa da sobrecarga recai ainda sobre aqueles que no “mais” professoram.

O “mais”, ironicamente e não ao acaso, era justamente o que sentido tinha àqueles implicados e resistentes em seu fazer professoral, era, enfim, a docência em sonho formação transformadora, socialmente referenciada. Atropelados pelo “menos” que, aos moldes fabris produtos, em mandos e desmandos a casa alcançava, só lhes restava o sentido que pudesse a esse menos sobrepor, ainda que sob o peso de mais trabalho. Um mais político, “bagunceiro”, de quem se recusa à imposta “rolagem” dos conteúdos na boa luz azul, ou à salada de fruta desmedida e expressa, inclusive, nos catálogos prontos e obrigatórios, mesmo que questionáveis em sua qualidade:

“O conteúdo era uma bosta. Não era nenhum conteúdo que a gente tinha que dar, era um conteúdo que tava pronto. Tinha que escolher no que tava ali, nesse tal catálogo da EMPRESA. Horrível, uma merda trabalhar com aquilo! (...) Pra você ter ideia, Psicologia Social não tinha uma unidade, algo que é fundamental para se entender aspectos históricos sociais dessa psicologia (...) A questão é que os alunos estavam aprendendo uma psicologia ali que era quase uma salada de fruta, né? Uma mistura de qualquer forma, sem fundamentação, sem o menor rigor. Essas misturas, elas até são possíveis, desde que elas já tenham sido instrumentalizadas ali cientificamente, né?” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

6.2.3.1 Da Educação Distanciada...

À nova modalidade somaram-se novas formas de exploração. O que, já em princípio, não pareceu algo oportuno, mostrou-se ainda mais perverso, “era insano porque essas disciplinas em EaD era coisa de constar mesmo. E o pior é que ainda tinha uns prazos

ridículos. Era quantidade, não tinha qualidade ali” (E5, dados da entrevista, 06/2025). O universo sob as configurações ali presentes permitia clara compreensão: “*eu nunca mais vou repetir isso na minha trajetória. Eu sinto um sucateamento gigantesco, tanto meu quanto dos alunos*” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

Acontece que ousar nunca mais repetir algo, pode ser nunca mais repetir coisa alguma, dadas as violentas configurações do espaço. Era preciso estar, ainda que sob os moldes do aviltante e desumano – aquele que sem constrangimento opera com as necessidades de primeira ordem do trabalhador: “a gente topava porque precisava do dinheiro, precisava se manter. Mas era desumano” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

O desumano posto em curso, nada de tão atípico quando tudo produto é, faz com que a prática já presente na educação presencial se torne especialmente ampliada no formato a distância: “a questão deles sempre juntarem turmas, todos os semestres. Turmas gigantes pra atuar, depois tudo virava uma merda” (E5, dados da entrevista, 06/2025). Os limites físicos eram agora barreiras já transponíveis quando no universo virtual, turmas de 100 estudantes se tornam realidade, a merda presencial assumia agora sua lucrativa face merda virtual.

Um universo desde sua inauguração já adaptado às “várias atividades avaliativas nos moldes deles, né? Que é prova, basicamente, principalmente prova pra reprovar aluno, pra gerar todo um capital ali de recuperação, segunda chamada, essa coisa que a faculdade particular adora⁴⁸” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

A justa indignação se impunha,

“eu faço questões que não são minhas. A gente faz e não é nosso. Tem um setor lá que determina quando eu posso usar as questões. Isso é um absurdo, porque é uma produção intelectual minha que vira propriedade intelectual de uma instituição. Eu tenho que fazer um tanto de questões todo semestre. Eu não sou remunerado. Erradíssimo isso. Eu faço a prova e ela não é minha mais. O professor sai e as questões ficam. Eles usam como quiser” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

⁴⁸ Nesses enredos, uma outra prática torna-se rotineira, a obrigatoriedade de elaborar 15 questões inéditas a cada etapa avaliativa, ainda que não passassem os estudantes por todas elas. Tais etapas, por sempre comporem 3 distintas avaliações (“oficial”, “segunda chamada” e “recuperação”), desencadeava a produção de 45 novas questões. Processo que se repetia 2 vezes ao longo do semestre.

O mínimo à docente, que aos galopes tentava ajustar-se, não era medida que estaria ela disposta a ofertar aos estudantes. Implicada, era a bagunceira que não prescindia da formação. Mas há que se considerar até que ponto existe possibilidade real de prescindir ou não de algo quando “eles dimensionavam o que podia ou não fazer e isso diz muito do controle sobre o trabalho” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

Controlar o trabalho é dizer de certo controle do trabalhador, ainda que haja a este sempre possibilidade de modulação. Esta, no entanto, demasiadamente restrita, restringe trabalho, trabalhador, até que pareça restringir a vida, ou ao menos o que dela se reconhece: “*que vida é essa? Eu tô buscando o que faz sentido, eu juro, mas... não tem. Simplesmente não tem*” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

Nesses lugares o sentido parece “simplesmente” não existir. De modo nada simples, e sob crescente violência, se retira sentido, sonho, vida, o “pouco” que mantinha. À indagação se somaram choros não mais tão passíveis de escondidos serem, medicamentos a vistas postos, a certeza latente: “*eu tô sem tempo pra poder viver minha vida*”. Estava certa: “A gente meio que sabia, ela começava a comer demais. Não conseguia dormir, ficava estressada com qualquer coisinha. O problema é que foi ficando frequente, não tinha vida” (E6, dados da entrevista, 06/2025).

Sem dúvida que possa pairar, a lógica estava bem estabelecida: lucro! E que se venda tudo e todos, mesmo aqueles que tentam “fazer diferente”, e que o façam por sua própria conta e risco. Afinal, ali não é sobre “transformação social e tal”, é sobre “se vender”. E, nessa corrida, cabe a busca pelo melhor lugarzinho na vitrine, onde os bons produtos são postos a vistas e assim se mantêm na loja. E que loja que não quer consumidores?

“A instituição via tudo como lucro. Eu não tenho dúvidas em relação a isso. Não via como um papel de transformação social e tal. É o lucro, é ser instagramável, é se vender. Nós professores que estávamos ali de alguma forma para tentar fazer diferente” (E5, dados da entrevista, 06/2025). Era tentativa não sem dor, sem avolumada e crescente dor; preciso seria atravessá-la sem se perder de si mesmo. Algo nem sempre possível, afinal “O capitalismo faz isso de várias formas. Quantas lutas sociais nossas hoje viraram produtos?!” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

Se os sentidos se esvaíam, era ainda na sala o lugar que se podia colhê-los. Era na relação com os discentes que o barco não estava à deriva. A bagunceira disse não daria conta e sabia que, dentro de sala, podia “ver os rostos dos alunos e escutar críticas, sugestões, agradecimentos, choros, abraços e etc, é ali que era o nosso campo de luta, o nosso campo de batalha” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

Não havia deriva a se sentir, mas sim rumo desejado e para o qual se remava nas conjuntas mãos. Era nos discentes que existia e era com eles que lutas também antigas eram travadas, até porque sabiam que “(...) quem fazia qualquer coisa era a gente, nós, professores, não a instituição. Tudo virava produto. E se a gente não tomasse um cuidado, continuava virando (...) Isso causa uma desilusão muito grande até hoje” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

Negando-se à reificação, em humanidade insistida, lutavam contra aquilo que se virava quando dos descuidos, tão comum no lugar de grandes desilusões. Estas, não presas a tempo específico, são sabidamente poderosas e ficam, no ontem, no agora, naquele amanhã que, mesmo não sabido, carregado é das marcas impostas.

No universo das tantas violências, uma inesperada pareceu especialmente demasiada: aquela advinda de estudante contrariada. A insatisfação se deu em relação ao conteúdo da aula, quando a charge (não prevista no material catalogado) pareceu política demais e precisou ser reportada à coordenação.

A aula, ainda nos tempos de não gravação, seguiu roteiro distinto. Os materiais catalogados eram referência a partir do qual trilhariam e fariam avaliação, conforme coletivamente também discutiram. Mas a eles se somaram materiais, com vistas à ampliação e enriquecimento do debate. Rico não para todos, ampliação perigosa a possíveis herdeiros da máquina de moer gente.

Na aula seguinte, no formato presencial e sem que esperasse, estudante e coordenadora estavam em sala e, publicamente, assinalaram a incorreção daquela professora que “de modo irresponsável e infeliz” teria conduzido a aula. Ali, de modo surpreendente, o pedido de retratação pública diante da sala, “ela morreu ali”.

“Até hoje tudo parece muito louco. Ela foi desqualificada publicamente, na sala, na frente de todo mundo, com a filha da diretora esperando o pedido de desculpas. Cara, a gente dava aula pra filha da diretora. **Ela morreu ali.** Ninguém acreditava no que tava acontecendo (...) Aquilo foi um golpe horrroso, sabe? Porque, assim, além tudo, a gente cresce se sentindo tão desvalorizado, né? A gente sempre acha que a gente tem que dar o nosso máximo, né? A gente tem padrões brancos, elitizados e enfim... a nossa autoestima é construída sobre esses pilares, né? A autoestima vai pra onde?” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

Ela morreu ali.

“Foi ali que ela entendeu que era nada. Ela disse isso, ‘*eu sou nada*’” Eu tentei falar que não era isso e tal, mas no fim era essa a sensação, sabe? A gente era nada, ou obedecia, ou tava fora” (E5, dados da entrevista, 06/2025). Há muitas formas de se estar fora, inclusive estando dentro.

“A nada”, que em nada pareceu a eles importar, por nada mais interessou-se. A professora incrível, dedicada, competente não é páreo para relações de clientela que se colocam no espaço de (des)formação. Nesse contexto, as relações de trabalho, especialmente com a chefia parecem deteriorar-se, “ela se sentiu muito traída. Ela acreditou que a coordenadora fosse fazer alguma coisa, mas não fez (...) foi até estranho, porque não existia essa sensação de segurança toda, de poder confiar... ali sempre foi cada um de olho no seu” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

De olho no seu, não parece haver tempo para de olho estar na coletividade, no processo, na formação que sentido faça e nos profissionais que a cabo a levam em lugar de implicação. Os que miram parecem mirar lugares mais estratégicos: número de matrículas, metas a se alcançar, demandas pontuais dos filhos estudantes (clientes?) e, vez ou outra, para o trabalhador; especialmente quando ele, por razão qualquer, coloca em xeque algumas dessas esferas que caras são à instituição.

Estavam em xeque (mate?), “ela não era mais a mesma”. Muitas vezes, ela só chegava no horário, dava as aulas dela e ia embora. Não tinha mais aquela festa na sala dos professores (E5, dados da entrevista, 06/2025). Afinal, “*Não faz sentido manter vivo o que já acabou*” (E5, dados da entrevista, 06/2025). A fala, ainda que precisa e destinada a algo muito próprio, parecia indicar coisas mais, acabamentos que diziam não apenas do trabalho e do universo que a encerrava, mas, talvez, da própria trabalhadora. Acreditar em algo não o torna verdadeiro. Acabou-se.

Os dias seguintes àquele foram especialmente densos. O colega, em alguns momentos, convidava-a à respirada “lembra das aulas que você dá e que todo mundo gosta”. “É isso, eu acho que eu tentei um pouco dessas estratégias. A gente fazia parte de uma dupla que se unia, trocava estratégia, choros e venenos e tal” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

Na troca, se cuidavam mutuamente, ao passo que tentavam não fazer parte do tudo que produto virava. Havia ali laços de solidariedade. Entre venenos e choros, na troca de dupla o coletivo se formava, ainda que pequeno fosse diante do conjunto que se engolia, cabeças cortava e que, submisso sendo, aos mandos de aprendizes de dono na esteira seguiam.

Nesses tempos, a conversa lembrada: “ela disse que ia se desligar do espaço, mesmo que custasse a qualidade do que ela ia ofertar. Mas eu entendo que era uma troca, a troca dessa qualidade do que ia ofertar pela qualidade de vida. Ela tinha que dar uma desligada, pra seguir o barco” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

Seguir o barco de modo desligado. Apenas assim, sem bem sentir e perceber o oceano, é que a travessia se faz possível. Não havia mais remos esperados, talvez nem mesmo terra a que se intentava chegar, apenas a constatação daquilo a que sempre recusou: “*eu me sinto meio que uma engrenagem disso. Então, isso me... tô tentando escolher quais batalhas eu vou lutar.* Ali, ela vai pro fundo do poço, numa depressão profunda” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

Por razões médicas afastada, volta apenas no mês seguinte. Pouco depois, recebe o agradecimento pelo “tempo de colaboração”, foi desligada da instituição. No último dia, a aula seguida de choro público daquela que se disse “cansada de ser forte”.

Ela morreu ali.

6.2.4 A fome de vida ordenada

Sem pausas, especialmente necessárias em contextos de “pouco ar”, é possível se perder de si. Cansados e desconectados com o que nos pode manter, acostumamo-nos (e acostumam-se) com a violenta desconexão. O corpo grita, como que demandando em desespero o que importa e mantém.

Nos impostos automatismos de esteiras, somos afastados de nós mesmos, ao passo que tentamos dar conta da vida que sem nós parece acontecer, embora apenas por meio de nós em sentido corra. Nos ruídos das rolagens, perde-se a bonita melodia, vive-se o trabalho que, longe de fonte de realização, coloca-se como lugar que suga, nos suga.

Sugados, tentamos algum controle, uma estratégia de ordenação por mais banal que seja: “ela arrumava a cozinha. Era uma arrumação meio louca assim, meio do nada, sabe?! Ela ficava calada, com a cara fechada e arrumando, arrumando. Aí soltava: *‘pelo menos a cozinha tá em ordem’*” (E6, dados da entrevista, 06/2025).

A cozinha parecia ser já resultado dos contextos de ansiedade, da exaustão que não se doma, da sensação de que tudo está fora de efetivo alcance; um fora mostrado logo ali, em cômodo vizinho e que pelas horas fora da universidade também em trabalho toma. Na cozinha, ao menos, algum controle direto havia. Nela podia dar os contornos e, em alguma medida, apontar para os fechamentos quistos. Parecia tentativa de assegurar a vida em algum curso de possível ordenação, segurar a sua vida, segurar-se em vida.

“Era meio louco porque parecia coisa de espairer. Ela levantava do nada, saía do quarto e ia limpar a cozinha. Não era a cozinha, né?!” (E6, dados da entrevista, 06/2025). Não era sobre a cozinha. Talvez sobre o quarto, ainda que sobre ele também não fosse, ou não devesse ser. No caminho da volta, “ela terminava, olhava da porta pra cozinha e suspirava. Aí voltava pro quarto pra trabalhar” (E6, dados da entrevista, 06/2025).

Ela suspirava. Suspiro de quem mirava aquilo que solucionado estava, que “estava em ordem”. Um resultado em meta passível de alcance. Um controle em quê de ilusão que leveza traz ao distanciar-nos, ainda que muito momentaneamente, do que pesado enfado é.

O cansaço constante, entretanto, somou-se à dor também habitual. Antes presente em momentos específicos, “ela sempre adoecia no fim de semestre” (E6, dados da entrevista, 06/2025), começou ela a tomar longos e ininterruptos períodos, como a crise em que esteve “por 45 dias. Foram 45 dias direto de dor, desespero puro” (E6, dados da entrevista, 06/2025).

A dor, o cansaço da dor, o cansaço do cansaço. Era “desespero puro”. Tudo isso reforçava o desgaste do corpo em alerta máximo, este já insone. Habitado a engolir os sentimentos, sentia pressa de resolver o possível, ao menos o possível do trabalho, “*eu preciso resolver isso, mas eu não tô conseguindo. Não aguento mais*. Ela chorou muito esse dia” (E6, dados da entrevista, 06/2025).

Não havia suficientes vasilhas. Não havia suspiro de alívio possível, por mais limpa que fosse a cozinha. Era choro incontido, inconsolável. Choro parável, ao que parece, em contextos de trabalho digno. Mas não eram estes os dela.

Tensionadas, as emoções se fizeram respiração curta, palpitação, dor desmedida. O corpo gritante traduzia como podia a dor, era mensageiro daquilo que em angústia sentia a professora. A “fadiga emocional” pelo médico dita era a tentativa de um corpo desacelerar-se, sair do modo sobrevivência; aquele modo possível ao trabalhador.

Medicou-se. A fadiga foi medicada. O modo sobrevivência não. O sintoma foi tratado, acostumados que somos às ações paliativas que pouco ou nada dizem do enfrentamento do problema. Talvez dopada pudesse corrigir sem dores, ou sem precisar lavar vasilhas. Quando a dor se fizesse novamente irrompida, apenas seria necessária a dosagem nova. Aquela que começou cavalgar não parecia tímida para aumentos mais. Dependeria dos cavalos em galope trabalho. Dopemos os montadores.

“Ansiedade”, “insônia”, “irritabilidade”, “*sensação de vazio*” destoam da propagada virtude do produzir, e muito e sempre. Aquela que, tão inumana, aos moldes do capital apontam para o do humano quisto, requerido e sinalizado como pressuposto. O sonho de docente realização, antes construído em lugar de vitalidade esperançosa, acostuma-se às fugas daquela que, acordada, sonha agora manter-se.

E assim vamos tecendo algumas pequenas doses de prazer imediato, “ela comia, comia muito. Comia até sem ver” (E6, dados da entrevista, 06/2025). Nublado a mente, a dor que insiste, comemos algo qualquer, como quem deglute também a dor que por dentro está a comer-nos. É saída em tentativa e, como tal, luta é.

A luta que se faz ao passo que se oscila o humor, amplia-se o vazio e o peso. Um dos poucos possíveis prazeres que, sem muito tardar, convertia-se em choro: “Ela chorava

com meu pai. Falava que tava cansada (...) Tinha vez que ela chorava comendo” (E6, dados da entrevista, 06/2025). E, comendo, comia a dor, ao passo que em choro também a regurgitava, às vezes concomitantemente.

Não há ordem certa naquilo que em desacerto nos toma a vida. No errático trabalho viver, a cronologia que impetuosa se impõe é a dos prazos, dos limites, da responsabilização e da punição. Estes, em muitos casos, nada têm que ver com a vida e com o viver que, sem angustiante choro, sonha construção.

Se não se podia sonhar acordada, tão pouco lhe pareceu possível fazê-lo dormindo. A insônia torna-se companheira frequente e, nela estando, outros enredos precisaram ser pensados.

Foram “muitas, mas muitas noites. Ela trabalhava de madrugada direto, vivia corrigindo coisas” (E6, dados da entrevista, 06/2025). Parecia não haver tempo possível, apenas com a madrugada seria factível a realização de todo o necessário que dos “prazos ridículos” dizia. O “esgotamento” contumaz tomava as horas de sono até que, tomando-a, dela o sono tirou.

Insone, começou a comer coisas mais, “primeiro foram umas coisas naturais. Ela era muito resistente à ideia de remédio. Depois, não teve jeito” (E6, dados da entrevista, 06/2025). Enquanto “jeito” havia, tentou: chás, óleos, músicas relaxantes, filmes. Algumas vezes, quando de inesperada presença, convidava a quem ali chegasse para juntos assistirem. Terminava só e sem dormir, vendo por horas aqueles filmes já vistos. Era enredo já sabido. A contragosto, a história se repetia.

Repetindo-se, por muitas vezes, foi interrompida em mesmo lugar; talvez sob mesma tela e diálogo. Tudo, como antes, terminaria em não inédito final: o convidado dormindo e ela em sua luta insone permanecendo. “Um dia ela me contou que tava há 3 dias direto sem dormir” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

Era hora de comer mais, “não teve jeito”. Começou comendo o já muito: as tarjas pretas que, antes de sono, produziam tombamento, “era coisa pra derrubar mesmo” (E6, dados da entrevista, 06/2025). Deles comida fazendo, foi somente assim que pôde, não sem

aumento gradual, derrubar-se. As quedas foram cada vez mais duras, possíveis à medida que aumentadas eram as doses.

“Vi ela tomando antes de ir dar aula. Nem era pra dormir mais, era pra dar conta” (E6, dados da entrevista, 06/2025). Comeu e muito. Comeu para acordada estar, comeu para dormir, comeu “pra dar aula mesmo”. Enquanto devorada fosse, ainda mais necessário seria comer. Afinal, somente assim, parte dos enredos talvez não se repetissem.

Se na esteira os ritmos das histórias eram os mesmos, frenética e ridicularmente impostos para também dentro das casas, ao menos em suas mãos estaria uma possível escolha acerca de enredo em ineditismo ocorrer: tombaria antes que aquele filme ou aquela comida fossem igualmente deglutidos.

Acontece que também essa escolha se tornou coisa já sabida, comida sem invenção, tentativa de face mesma. Um mesmo possível, o possível quando “não se tem mais corpo” para qualquer outra coisa fazer. Entre comidas, chás, óleos, vasilhas, músicas relaxantes e filmes, come-se a saída que se pode, que se tenta poder. Corre-se com as pernas que não se tem, rema-se em “barco desligado”, até que, tendo sido “desligada” e “ali morrido”, mesmo sem sono, em cama esteja.

6.2.4.1 Cama

Nesses momentos, já sem esperas mais, inclusive das mais vis, cabia apenas a inteireza da vulnerabilidade humana dopada sua, aquela dança sem molejo, o riso de tímido brilho, o filme já visto e repetido apenas para que se passassem as horas, a insegurança que não mais conseguia mirar qualquer seguro colo.

Os dias em casa, agora forçados pelo desligamento, era espécie de sem lugar, de tentativas que, aos poucos, foram escalonando para respostas mais sôfregas e acerca das quais não conseguia dizer. Tendo “lá morrido”, parecia morrer também ali: “foi tudo muito difícil. Minha mãe não estava ali” (E6, dados da entrevista, 06/2025). Ao que parece, a sensação por ela experienciada ganha os contornos de compreensão alheia. Não havia vida e, não havendo, ali não se está.

“Ela não largou mais a toalha” (E6, dados da entrevista, 06/2025).

Chorosa, e sem nada dizer, deitou-se na cama. A mesma onde ficaria por 7 dias, em choros e soluços que pareciam palavras sem forças para se fazerem compreendidas. Na expressão de angústia, sumia toda e qualquer certeza, à exceção de uma talvez: de que aquela estada não era mais lugar suportável.

Ali, na cama mundo, abraçava-se àquilo que à volta estava. Tomando molde de corpo em desespero, a tolha assumia certo quê de pedaço pano afago, espécie de amuleto protetor dos assombros em desesperos mais. Abraçando-a, chorava sem nada dizer, por vezes, copiosamente.

Aos amigos, mesmo os mais íntimos e poucos aos quais se voltaria em esforço contato, deixava o silêncio como resposta, a única no contexto possível. A única que tiveram. O telefone foi desligado. As visitas não foram também possíveis.

O choro desmedido foi pelo trocado sono induzido. Não havia como manter-se alerta diante das dosagens cada vez maiores de medicamentos, agora já em muitos combinados. A eles resistente, entregou-se em tentativa. O fez enquanto pôde.

Sem música, com a toalha, dormiu: “Uma das coisas que a gente mais amava era ver ela cantando. Ela sempre pegava o violão e cantava. Um dia a TIA chegou lá em casa chorando, falando que a música tinha acabado. Pra gente também já tinha” (E6, dados da entrevista, 06/2025).

Amante da música como lugar de estada em ajuste, tinha espécie de trilha sonora que, aos seus, soava como indicativo dos tempos mais difíceis. Era “assim que a gente sabia que ele tava triste. Ele cantava ‘Tente outra vez’, do Raul Seixas” (E6, dados da entrevista, 06/2025).

Ao timbre, já mais rouco e frágil, somava-se o contido choro. Às vezes, as palavras molhadas eram nada mais que balbucios, sons silabados captados em leitura labial. Era a tentativa sua, o dizer insistente acerca da canção que não estava perdida, ainda que assim se sentisse a cantora.

A voz sumida bailava na gira de silêncio ar. Ele queria, quis muito, desejou em sinceridade profunda. Contudo, não foi capaz de sacudir o mundo como queria, por tantas

e todas as vezes que tentou. De tanto tentar, cansou-se; até que não mais tentou. Ou, quem sabe, tentou coisas outras, dessas que não habitualmente se tenta.

Um dia, parece ter escolhido pouso outro. Desperta e sem nada dizer, apenas da cama foi-se. A família, atônita e sob angústia profunda, depois de busca de pouco mais que uma semana, informada é.

*“Caiu inteiramente e não vejo um começo sequer
de uma coisa nascendo”*

(Clarice Lispector a Fernando Sabino).

Sem nascimentos mais a esperar, ainda que de qualquer pueril sonho minguado, foi-se então ela. A forma, sob assinatura tão sua, teve na água a escolha. Após algumas horas assentada, parecendo, antes que a água, mirar a si em cabisbaixo movimento, ruma à lagoa e lá estando vai, quem sabe, dizendo da última espera que lhe restava: o findar da dor. Caiu inteiramente.

*“Nem um velório decente minha mãe deixou a
gente fazer... o caixão teve que ser todo
fechado”.*

(E6, dados da entrevista, 06/2025).

Na inteireza da queda, a mulher de 56 anos, mãe de três filhos. Docente capixaba, preta, heterossexual, evangélica, que se formou psicóloga. Foi por anos professora do ensino superior privado, ainda que tenha vivenciado a esfera pública na condição de contratada por duas vezes. Como professora viveu e assim também se foi. Uma ida, infelizmente, sem música, algo de que tanto gostava.

7 OS TRÊS SÃO MUITOS: zigzagueando coadjuvâncias em bosteiros.

O tempo da educação, da formação de futuros pesquisadores, dos processos educativos, da pesquisa e do conhecimento foi colonizado pelo tempo da economia neoliberal. A universidade regida pelo logos do desempenho produtivista sequestra a subjetividade de seus sujeitos (...) uma subjetividade adequada para o culto do desempenho propagado pela ideologia produtivista
(Maia, 2024)

E quem tem Lattes diga amém! Cultuemos!

Menos que parte de um todo, somos, efetiva e concomitantemente, seres sociais universais e particulares. Sujeitos que no vivermos, no realizarmo-nos, no ao outro vincularmo-nos determinados estamos pelo ser em sociedade.

Esta, conforme apontado, sob os ditames do capital em seus constantes rearranjos normativos (jurídico, institucional, valorativo, cultural etc), tem a violência como premissa (Lima e Navasconi, 2022; Araújo, 2022), levando-nos ao entendimento da inequívoca conexão entre a sociedade e o sofrer que no hoje expressa novas gramáticas (Lima, 2022; Maia, 2024; Safatle, 2023), dentre as quais, aquela que reverbera o suicídio como *ethos* neoliberal (Lima, Navasconi, 2022). Na verdade, “a conexão entre sofrimento e crítica social é fruto de um vínculo indissociável, já que os sintomas do mal-estar expresso pelos sujeitos sempre possuem necessariamente, e não em outra forma, raiz social” (Maia, 2024, p. 55). E raiz social que também no trabalho arraigada está.

Trabalho é base que nos diferencia e a partir da qual humanos também nos tornamos. Em nossa relação consciente e para além do vital com a natureza, somos capazes da produção livre de imediata carência, apontando para a liberdade que nos humaniza sob processos que forja a nós mesmos; é elemento ontológico. Um formar-se segundo as leis da beleza; uma beleza livre, consciente e humana (Marx, 2010).

No trabalhar, produzimos o trabalho e as nós mesmos. Por meio dele, reproduzimos e modificamos a própria natureza do mundo social, a sociedade. Nele, sob produção da humanidade nossa, experienciamos o potencial criativo que, belo, solo fecundo é para

reflexões acerca do próprio ser em sua existência. No mundo objetivo, comunicamos nosso genérico caráter. Duplicamo-nos como humanos “não apenas na consciência, intelectualmente, mas operativa, efetivamente, contemplando-se, por isso, a si mesmo num mundo criado por ele [nós]” (Marx, 2010, p.85).

Sem consciência e liberdade, no entanto, resta-nos o alienado trabalhar, viver, ser. Estranhados, deixamos de fazer parte, de identificar-nos, somos alheios, nos negamos em nosso próprio trabalho. O livre consciente trabalho faz-se atividade vital submetida ao capital. A atividade do trabalhador não se configura autoatividade. Ao contrário, “ela pertence a outro, é a perda de si mesmo (...) a externalidade do trabalho aparece para o trabalhador com se o trabalho não fosse seu próprio, mas de um outro, como se o trabalho não lhe pertencesse, como se ele no trabalho não pertencesse a si mesmo, mas a um outro” (Marx, 2010, p.83).

Perdidos, somos trabalhadores à medida que compram nosso tempo de vida. Necessitados do sobreviver, ali vendemos a força trabalhadora nossa que, precificada (e cada vez menos), revela o ser mercadoria, de modo que sorte nos parece alguém por nós se interessar (Marx, 2010). Mera “[...] mercadoria e é uma sorte para ele [sujeito trabalhador] conseguir chegar ao homem que se interessa por ele” (Marx, 2010, p.24). Os “produtos mesmo” estão a pedir “pelo amor de deus” por isso, por esse interesse; afinal, a horda é imensa e, sabidos que somos, nos fazemos miseravelmente afeitos “às luzes azuis”, ainda que isso signifique o “barco parando”. Humanos nas animaisca vivências, sem liberdade e consciência em enredo humanizado, vivem a atividade forçada a outro pertencente.

Produzimos um mundo do qual não sentimos fazer parte e tão pouco no qual podemos nos reconhecer, é produção em que nos desencontramos no próprio ato de produzir e nos resultados dele advindos (Marx, 2010). O todo contra nós se volta e o faz em miséria, castração, impotência.

Longe da genérica ação, vivemos o alienado trabalho que mais do mesmo produz, trabalho alienado. Produção de humanos-mercadoria, distantes das potencialidades vitais que em liberdade consciente efetivamente são. O mundo social, à sombra dos sujeitos vilipendiados que o produzem, é também estranhado. Reflexo de um capital mutante, de

ethos violentos tantos, os quais, imperativamente, requerem mais e mais produtos. O trabalho é mercadoria a gerar outras mercadorias,

É historização materialista (Netto, 2020) a indicar-nos a vida em miséria, sob dinâmica social a produzir alienados sujeitos. Vivemos miséria progressiva e esta, importa dizer, espalha-se como reflexo da não possível existência, inclusive daquela descrita pela ausência do tempo de em usufruto existir.

Nesse sentido, como sujeitos interpelativos (Maia, 2024; Safatle, Silva Junior, Dunker, 2023), sofrendo as determinações mais amplas que sobre nós se impõem, é que vamos tecendo o viver nosso e nossa forma de narrá-lo, suportá-lo, enfim, de emergirmos como sujeitos que somos, inclusive quando da face do assujeitamento professoral, um reflexo mais da subjugação do trabalhador em que a relação de indissociabilidade em tensa unidade dialética se revela. Marx (2013, 2006) já apontava que a sociedade solo é das histerias que as toma, tal qual o suicídio e as vítimas que nele engendradas são (Marx, 2006).

Cabe lembrar que, conforme postulam Marx e Engels (2007), produzimos em diálogo com os meios de vida já encontrados e os reproduzimos, fazendo-os, pois, como forma de exteriorização determinada desse mesmo fazer e da vida nossa; o que aponta para a vida trabalhadora determinada.

Esta que, repensada quanto aos impactos políticos seus no âmbito do trabalho, é, constantemente, considerada não apenas no que tange ao aumento da produtividade e da exploração a que está submetida, mas, ainda, no que diz respeito à produção de suas próprias subjetividades. Instrumentalizados e moldados são os trabalhadores em suas subjetividades, em diálogo com as demandas do capital e dos ritmos que a este descrevem.

Ritmos que no hoje, conforme assinala Maia (2024), podem ser compreendidos pelo avanço do neoliberalismo, dentre outras coisas: em sua destruição do social em prol da mercantilização de possíveis aparatos institucionais de solidariedade; na ausência de políticas de proteção que, em contextos de mercantilização que ao todo toma, faz do mercado provedor das necessidades somente àqueles que dinheiro detêm, fortalecendo cenários de precarização indiscriminada das relações de trabalho; crescente desemprego, precarização e miséria, que por sua vez impulsionam o trabalhador ao aceite de quaisquer

condições que lhe permitam sobreviver; aumento da concorrência, e ambiente constante de ansiedade e medo, estes afetos centrais no neoliberalismo em que a miséria ronda; e, por fim, a depressão, como sintoma psíquico do fracasso diante do individualizado sobreviver, espécie de gramática do sofrer que, até como forma de retroalimentar a vida no neoliberalismo, produz violentas cargas psíquicas sobre os sujeitos.⁴⁹

Aos trabalhadores, já nos disse Marx (2010), cabe, pois, a garantia da sobrevivência, a qual, construída em contextos de vilipêndio da saúde física e mental, produz esgotamento e morte prematuros. “O imperativo social de que é preciso trabalhar para viver nos submete de forma rígida aos moldes estabelecidos pela forma de vida no capitalismo” (Maia, 2024, p. 65). Nesse sentido, não importa o que sentem as pessoas, estas, vistas como objetos mantenedores da ordem constituída, são espécie de “reprodução automática dessa engrenagem”, a qual intenta a “neutralização do sujeito em máquina” (Maia, 2024, p. 68). A “máquina”, contudo, para.

A história do sofrimento e de suas formas o aponta como fato político, já diria Dunker (2023), ao voltar-se, por exemplo, à discussão acerca dos sintomas advindos das doenças mentais que, em seu turno, realizam possibilidades universais do sujeito. Este, como expressão da totalidade social, sinaliza formas do sofrer acerca de uma vida em coletividade partilhada. Partilha que no todo se dá, inclusive nos espaços que educam ao passo que morte ensinança engendram.

Nesse sentido, tais sofrimentos e suas consequências, como a própria morte de si, apontam para elementos da forma de vida que indicativos nos dá acerca da sociedade, da história, dos processos de continuidades e rupturas, das feições que na atualidade do

⁴⁹ Nesse contexto, mostra Safatle (2023), o econômico, que político é, alça-se à esfera operacional autônoma (tal qual o fez em relação ao sagrado em tempos pretéritos), de modo a justificar suas ações e a paralisar as críticas a ele advindas. Estas, por sua vez, são reduzidas à patologia, à falta de moral, dentre outros subterfúgios que apontam para “autonomia da economia em relação ao político e sua transmutação em psicologia moral” (p.20) e, ainda, para novas formas de sujeição psíquica e sofrimento social. É, pois, economia moral que afasta do político a compreensão de espaço efetivo de deliberação e decisão. Mundo em que o sujeito que a vida perde buscando da morte eminente escapar, arrisca-se. E que, sob moral e afetos no medo fundados (Safatle, 2023), motiva-se rumo ao trabalho compulsivo; inclusive em função da miséria notória e sempre propalada. Enfim, segundo o autor, vivendo estamos contexto de psicologização do campo econômico, a partir do qual elimina-se a contestação política acerca da racionalidade que a funda. Uma racionalidade dotada, dentre outras coisas, de familiarismos vários e sobreposições fantasmáticas que naturalizam sujeição. A política, portanto, mostra Safatle (2023), é feita em gramática de emoções, de modo que nos movamos pelo medo e o façamos, inclusive, na esperança de escapar da morte.

capitalismo assume, sob seus novos imperativos conjunturais e as mudanças que, em diálogo com estes, configuram remodulações econômicas, éticas, morais etc.

Os horizontes de possibilidades dos sujeitos e os modos de narrá-los e senti-los são também constituídos em outros termos: “o barulho dos neuróticos e os surtos histéricos deram lugar ao silêncio dos depressivos, dos esgotados e dos ansiosos (...) os depressivos também, ao seu modo, possuem em seu recolhimento algo a nos dizer” (Maia, 2004, p. 72). Tal qual o dizem aqueles que, “morrendo ali” e sob “depressão profunda” (E5, dados da entrevista, 07/2025) assinam o autoextermínio, afinal a vida em contextos de suicídio laboral (Sauaya e Cohen, 2011) é morte em demasia.

Novos traumas são instituídos e o são em diálogo com a realidade hodierna que insta no sujeito a capacidade de viver em uma sociedade de risco, incerta, transcendendo vínculos sociais estáveis, ao passo que revela a prisão que, em nome da liberdade apregoada, assina os contextos ardilosos do Neoliberalismo em seu novo *ethos* de faces tantas (Lima, 2022; Maia, 2024; Safatle, 2023).

São esses mesmos autores, Maia (2024) Safatle (2023), quem mostram que, nesse novo horizonte de produção de subjetividades que postos são em diálogo com o novo mundo do trabalho, o trabalhador é empreendedor de suas próprias tarefas, aquele que agregado pela empresa (conjunto agregador maior) terá os meios performativos do ganho; ainda que como prêmio o ganho seja a vida em perda. A perda da vida.

A racionalidade destruidora do neoliberalismo está imposta. Ao destruir regras, instituições e direitos, concomitantemente, produz tipos de relações sociais e modos de viver; define subjetividades e a maneira a partir da qual o existir se pode dar: em universo de competição generalizada, aos moldes do mercado.

As relações de troca mercantil, a racionalidade do mercado, é substrato da vida social. É fato naturalizado contra o qual somente se está quando se é louco (não por acaso patologizamos e temos formas/métodos de fazê-lo, Dunker, 2023), infantil, ou um utópico sem senso de realidade. Não nos esqueçamos de que as ideias que dominam em nosso tempo, assim como em tempos outros, são aquelas que expressam o ideário da classe dominante (Marx, 2007). A lógica produtiva, nos informa Maia (2024), é solo ontológico de subjetivação, é a realidade expressa que está a nos fundar.

O sujeito, concebendo-se e comportando-se como empresa, expressa-se na subjetivação capitalista; aquela que, propondo-se como capital humano a ser sempre crescente e cada vez mais valorizado, aponta para a “subjetivação contábil e financeira”, a qual, segundo Dardot e Laval (2016, p. 28), pode ser compreendida como produção de

(...) uma relação do sujeito individual com ele mesmo que seja homóloga à relação do capital com ele mesmo ou, mais precisamente, uma relação do sujeito com ele mesmo como um “capital humano” que deve crescer indefinidamente, isto é, um valor que deve valorizar-se cada vez mais. Como podemos ver, não são tanto as teorias falsas que devem ser combatidas, ou as condutas imorais que devem ser denunciadas, mas é todo um quadro normativo que deve ser desmantelado e substituído por outra “razão do mundo”.

Por sua vez, as relações sociais, inclusive e aqui destacadamente as de trabalho, diluídas estão em referencial de ideal empresarial, reduzindo-se a formas de equacionar a posição pessoal na concorrência. É mundo onde o “eu” aparece como empresa ou marca a ser gerida e onde os outros estão competidores. Nesse mundo, importa que sejam capitalizadas as oportunidades (Maia, 2024; Safatle, Silva Junior, Dunker, 2023).

A coerção ao trabalhador é redirecionada, este moldado é sob os contornos do *ethos* empresarial, no qual, afirma Maia (2024, p. 82-83), “é o desempenho individual, enquanto capital humano, do sujeito enquanto uma empresa de si mesmo, que se torna o código de conduta que norteia o reconhecimento social (...) no mundo guiado pelo desempenho”. Enfim, “somos uma empresa e a sociedade uma bolsa de valores” (Maia, 2024, p.129).

Gestor de si mesmo, responsável solitário por si, o trabalhador nesse processo é alguém que internalizou as normas empresariais e por meio delas gerencia seu ser, algo que faz sob uma lógica em que a empresa fornece as normas da relação que consigo mesmo internamente estabelece (Dardot, Laval, 2016).

Em todos os campos da vida, a lógica neoliberal se impõe em regras de competição absoluta, normatizando o assujeitamento e reconhecimento. Acontece que “uma vez que o sujeito aceita ser julgado com base nessas avaliações e sofrer as consequências, ele se torna constantemente avaliável, isto é, um sujeito que sabe que depende de um avaliador e das ferramentas empregadas por ele” (Dardot e Laval, 2016, p. 343).

E o sabe porque, nessas relações, está já inclusive inculcada a aprendizagem que de antemão reconhece e valida a competência que detém esse avaliador, bem como as ferramentas das quais se utiliza para a sanha medidora (Dardot e Laval, 2016).

O produto será por produto outro avaliado e, caso não bem responda aos índices de medição, a cabeça deve rolar. É processo descrito, informam estes mesmos autores (p. 343), pelo emprego de “(...) instrumentos muito mais próximos do indivíduo (superior imediato), mais constantes (resultados contínuos da atividade) e mais objetiváveis (medidas quantitativas levantadas por registro informatizado).

Na gestão do capital pessoal, concorrem, investem, calculam, capitalizam, vivem o *ethos* que, diariamente, os mata⁵⁰. Nesses enredos de competição, investir em si importa para competir e a educação, quando muito, é *upgrade* e *upgrade*, inclusive, de luzes azuis instagramáveis. Vale lembrar o campo da vida que no “*like* instagramável” se expressa. Produtos!

Diante estamos de uma sociedade em que a crise é fundamento padrão e que a lógica que a sustenta é a da concorrência generalizada. Nesta nos cabe a luta por sobreviver ou sucumbir e para isso, ainda que sob mortificação, posta é a sempre requerida adaptação, a flexibilidade, a resiliência. Aguentemos, é cultura! Cultura do agente (Sauaya e Cohen, 2011), vivamos em presenteísmo (Pacholano, 2007).

Ser bom e valioso é ser cada vez mais, e sempre, competitivo. É o que o mantém e o mantém vivo, ao menos no mercado, e mercado educativo. O capital humano precisa revelar-se crescente e, caso não o seja, a culpa é somente daquele que “fracassado” não se susteve na corrida, um fraco. Nos ritmos de aceleramentos vorazes, não cabe a tentativa de desacelerar o corpo que no modo sobrevivência existe.

Corpo este possível pelo processo de despolitização da sociedade, e despolitização capaz do bloqueio da gramática de regulação da vida social. Os sujeitos, nessa perspectiva,

⁵⁰ Uma mudança em corações e mentes⁵⁰, conforme Safatle (2023, p. 24), feita “através de doses maciças de intervenção e reeducação” (...) “até o momento em que os indivíduos começassem a ver a si mesmo como “empreendedores de si” (...) até o momento em que eles internalizassem a racionalidade econômica como única forma de racionalidade possível”. Intervenções das mais afinadas, aquelas que tocam conflitos sociais e estrutura psíquica dos indivíduos, enfim, “uma engenharia social”.

longe de portadores e mobilizadores de conflitos sociais serem, colocam-se como operadores de *performance*, otimizadores de marcadores que não se problematiza. A gramática do conflito e da contradição objetiva, informa Safatle (2023), é destituída, tal qual a pressão de instâncias representativas quaisquer que pudessem a essa mesma realidade questionar em diálogo com a consciência advinda da luta de classes.

A economia neoliberal é autoritária e o Estado, que a mantém e dela/nela se alimenta, regula as dimensões do conflito social, elimina forças de sedição, garante a intervenção nefasta e permanece como estrutura da vida social e dos modos de subjetivação. Há um design psicológico que internaliza predisposições voltadas à relação com outro e consigo: generalizamos princípios empresariais de *performance*, de rentabilidade, de posicionamento para todas as esferas da vida. A empresa nasce no coração e nas mentes, generaliza-se a forma-empresa no corpo social, através da qual, inclusive, somos empresários de nós mesmos. Internalizamos “(...) um trabalho de vigilância e controle baseado na autoavaliação constante de si a partir de critérios derivados do mundo da administração de empresas” (Safatle, 2023, p. 31).

O conflito desaparece, na constituição psíquica importa o emergir do “esportista performático”; a intervenção neoliberal disso cuidaria sob suas ingerências social e psíquica. Em sanha violenta, silencia-se qualquer objeção da sociedade para, assim, implementar o neoliberalismo e suas gramáticas que, ao fim, revelam o estado triunfante, longe do mínimo que apregoa ser (Safatle, 2023). É submissão à racionalidade que se dá por, e somente através, da despolitização da sociedade.

Humaniza-se a empresa capitalista, de modo tal a enredarmo-nos em espécie de mobilização afetiva no interior do mundo do trabalho. O econômico é saturado de afeto, repertórios de mercado e linguagem do eu se confundem; há nova definição de normalidade psicológica quando organização social está impregnada de sujeitos empresários de si mesmos. E se é normalidade esse ser pessoa, aquilo que não o é doente está. A forma-empresa é violência hegemônica posta e criticá-la é patologia indubitável.

O sujeito, então, já proporia Sennet (2013), está entregue a si e somente a si pode recorrer. É processo perverso que calcado no medo do fracasso sob a forma de culpa, destaca o percurso “violento de ultrarresponsabilização individual do sujeito ou de privatização do sofrimento” (Maia, 2024, p. 84). Ao que parece, ainda que construam todos os enredos

do sofrer e toda mortificação que no diário se dá, a culpa pelo ser sofrido é sua. A propósito, caso não dê conta, basta medicar-se, indicariam muitos.

Entre o potencial e o fracasso está, desse modo, o sujeito trabalhador. Aquele que apenas existe em um dos polos, no antagonismo que dele faz alguém ou apenas o nada. E assim, sob enredos de nadificação (Sauaya e Cohen, 2011), se desenha a gramática social a partir da qual nos objetivamos, não sem os custos altíssimos à psique, conforme revelam aos montes aqueles docentes que hoje são os depressivos, ansiosos, esgotados (Leite, 2017).

A concorrência desenfreada desse mundo “criou um ambiente completamente instável que dá à luz a vínculos sociais frágeis” (Maia, 2024, p. 85). É concorrência circunscrita em contextos de empresas que “somos” e em empresas a que nos submetemos, assinalando espécie de competição empresarial fundada em ausência de solidariedade. Vivemos, pois, competição cínica que aos moldes de “exploração colonial dos desfavorecidos” se dá. Nela, na vida, e na vida em trabalho, toda e qualquer figura de solidariedade é destruída, afinal importa que “o medo do outro como invasor potencial seja elevado a afeto central (...)” a fim de que “(...) a exploração colonial seja a regra” (Safatle, 2023, p. 32). Os vínculos frágeis, por sua vez, “privam o sujeito dos elementos que lhe oferecem sentido narrativo” (Maia, 2024, p. 85), inclusive quando o narrar refere-se a eles mesmos. A determinação normativa de si está calcada na lógica do mercado.

Nessa perspectiva, o desempenho, portanto, é o eixo social central na sociedade neoliberal hodierna e nele cabe apenas o “eu” em seu “imperativo da positividade” (Maia, 2024), aquele que que tudo pode. É nessa armadilha que, não podendo, a sociedade do desmedido e incessante realizar produz o depressivo, o fracassado, o impotente diante da vida, tal qual professores 1, 2, 3, 4, 28, 109... O sujeito que não detém o controle diante dos percalços que lhe chegam é perdedor, é impotente, “não serve nem pra encosto de porta” (E5, dados da entrevista, 06/2025). Quiçá, seja ele o professor chorão da vez a quem ofertaremos 10 minutos.

No mundo de desempenho irrestrito, a produtividade e resultado constantes por parte do indivíduo é regra. Este, em posição de autoexploração, permeado pela pressão angustiante e medo, sente a crise que o esvazia em significado. Ainda que vazio o seja, não há tempo a perder e de modo hiperestimulado vive a liberdade, esta que, ao fim, não o emancipa posto que falseada é; nada mais expressa que coação ao sucesso constante. Uma liberdade

cínica, já que esconde seu conteúdo ligado à lei do mercado e que esvaziada está de conteúdo ético-social (Dardot e Laval, 2016).

À sombra, pois, do amedrontador inalcançável, que em um não sujeito o pode transformar, vive a constância da produtividade incessante e avolumada. Há que desempenhar e em constante movimento, é coação que dita os afetos do neoliberalismo, em que a ansiedade pelo sucesso se mescla ao medo pelo fracasso; ambos de modo constante compondo a economia psíquica demarcada pela intensidade. Vive-se “uma subjetividade do desempenho, regida pela lógica empresarial de si mesmo, que transformou a empresa no modelo de ação subjetivo de cada pessoa” (Maia, 2024, p.86).

Conformados, pois, aos moldes psíquicos da forma-empresa, assumimos nova gramática do sofrimento psíquico, reconfiguramos formas de compreender e mesmo de classificar o sofrimento. O fazemos sob novos padrões normativos de conduta, de produção de afetos e de formas de sofrer, em revelar de modelo econômico que governa e gesta a subjetividade social. Há psicologia que ao modelo é inerente, de modo que nele se sofre como fora dele não seria possível.

“(...) não se sofre da mesma forma dentro e fora do neoliberalismo (...) o sofrimento psíquico guarda uma dimensão de recusa e de revolta contra o sistema social de normas” (Safatle, 2023, p.33).

*“Porque o remédio é minha nova religião”⁵¹
Música: “Tengo TDH” – Turista Sueca*

O sujeito precisa superar a si mesmo e sempre, até que sucumba, e nisso expressa o coincidir entre o realizar-se e autodestruir-se (Han, 2017). Realizamo-nos na autodestruição. Por isso somos premiados, valorados, avaliados, qualificados. Morre-se em vida. Alguns, entretanto, se recusam.

Produz-se e sempre, ainda que se sofra, afinal o sofrimento é grande fonte de lucro e este, sabemos, pauta o (des)formar em espaços tantos. Clientes nunca saem de moda, ainda que a custos dos “produtos” docentes; outros que “aos montes e pelo amor de deus” se pode comprar, como apontava a diretora de ensino do “caramba a 4”.

⁵¹ Originalmente: Porque la pastilha é mi nueva religion.

E na corrida por comprados ser, transformados que somos em máquinas solipsistas, negamos a interação social com o outro; este elevado à condição de oponente, alteridade que obstáculo é, sob as lógicas de hostilidade competitiva que nos fundem, “as relações são uma bosta” (E5, dados da entrevista, 07/2025). O comum é esvaziado e, assim, vemos e vivemos (e talvez morramos) a produção e reprodução do *ethos* neoliberal, em que

a subjetividade dos trabalhadores precisa ser capturada e reconfigurada a partir de um padrão de individualismo no qual a luta de classes deve ser obscurecida, dando lugar a um estranhamento interclasse. Para tanto, um dos caminhos mais eficazes é a reconfiguração do mundo do trabalho por meio de reformas no sistema de educação (Leite, 2017, p.211).

Reforma que, segundo ainda esta mesma autora, afeta não apenas o currículo e o ensino, mas “também aqueles que trabalham na área da educação, causando-lhes transtornos físicos e mentais” (p. 211). Nessas condições, reificados, como produtos de mostra desejosos, nos colocamos: “a gente vai brigar por ter o nosso lugarzinho ali na frente da vitrine, sabe?”. Afinal, “você tem que ser o melhor produto, tem que saber se postar na vitrine (...) A gente meio que virava só um reflexo dessa organização” (E3, dados da entrevista, 05/2025). Reflexos que somos, refletimos, muitas vezes sem tanto refletir, afinal sequer há tempo para fazê-lo.

Incapazes da pausa, da conclusão, de ponto que nos permita lugar gratificado, vivemos a retirada do bem-estar humano como horizonte efetivo. O poder do capital, devidamente infiltrado na subjetividade nossa, nos impossibilita, inclusive de identificar a opressão externa em sua inteireza. Autoafirmando-nos no produzir, somos nele e somente assim vencedores, a lógica do desempenho toma-nos no cotidiano, nos gestos e afetos nossos: “a agência humana é mergulhada no frio cálculo utilitário econômico” e nesta “vida boa é atrelada à lógica da acumulação do capital, afinal o ‘eu’ passa a ser vivenciado como uma empresa, não havendo mais diferenciação entre pessoa física e pessoa jurídica” (Maia, 2024, p.91).

No jogo em que só cabe vencedores, o fracassado é excluído, sequer reconhecido entre pares, e por isso paga preço alto. Nem todos podem e têm condições de vencer, e não há tempo que possa ser gasto com perdedores. Estes, imersos no tempo que sempre deles requer e sobre o qual não possuem controle, vivem a frustração, “estão na esteira além Chaplin” (E3, dados da entrevista, 05/2025). São os frustrados, depressivos, perdedores

no contexto de vida em que a liberdade de escolha funciona como mero gesto de consentir sobre a nossa própria exploração e opressão (Zizek, citado por Maia 2024).

Conforme este mesmo autor, sob o peso do débito constante, vivemos a sociedade da desmesura: a conquista do ontem já se foi, importa o adiante, o além. Acontece que, a despeito dos resultados, pode-se sempre mais, o além nunca chega. A ansiedade também se torna afeto vital central, já que o ponto nevrálgico do capitalismo neoliberal reside na instrumentalização constante do desejo, o inexistente a ser conquistado, o mais a ser acumulado: como capital pessoal acumulado, como realização, como afeto... o mais. E nela o sujeito depressivo, produzido aos montes, é figura social do fracassado desajustado, o inadequado⁵² sem controle qualquer, em suma, um perdedor; afinal, é doente-inapto-improdutivo (Pereira, 2011), um exaurido professor já sem “*corpo pra fazer*” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

E mesmo que “livre” de domínio exterior quanto à obrigação do trabalho, o trabalhador está, pois, sujeito a si, sob as estruturas de coação que o moldam e que dele faz explorador e explorado concomitantemente, a vítima é vitimária (Sauaya e Cohen, 2011). Submetido em seu todo à linguagem do capital, sente a queda no vazio. O fluxo contínuo de autovalorização o engole; o cansaço extremado diante dos imperativos de produção, de flexibilidade, de resiliência, de destaque o esgota, e o faz escalonando “a milhares” (E3, dados da entrevista, 05/2025), é professor que “come saídas”. Deprime-se.

O mundo, entretanto, que faz da depressão lugar de estada, demoniza o sujeito que a ela lança. Agravando, pois, a dor deste endemoninhado, o faz sofrer, duvidar, culpar-se; justo este que denunciante é da perversa liberdade-coercitiva; este que, refletindo regra de conduta neoliberal, é “um ser vazio de humanidade, projetado para jogar o jogo sem questionar as regras, sempre calculando chances e riscos, lucros e dividendos, custos e

⁵² Safatle (2023) informa-nos de que é assemelhando-nos à totalidade insana que bem estamos. O ser saudável e mesmo o ser livre pressupõe, segundo Safatle (2023, p.40), “padrões clinicamente observáveis de regulação emocional, de cognição e de desenvolvimento”. Nesse sentido, talvez nos caiba, sempre, perguntar sobre “a natureza disciplinar” disso advinda. Até porque, como demonstra o autor, há dimensão de revolta no sofrimento psíquico e esta deve ser pelo capital anulada; não por acaso, inclusive, se alterou a forma de se descrever e caracterizar o sofrimento psíquico – importava retirar qualquer traço de dimensão conflitual advindo de processos de socialização próprios do capital. Safatle (2023) exemplifica esse processo, inclusive, a partir da ruptura expressa em manuais diagnósticos, como aquele referente ao campo da psiquiatria no tocante aos transtornos mentais que, já em fins de 1970, em franca ascensão do neoliberalismo, aponta para a nova gramática do sofrimento e suas influências diretas no âmbito da farmacologia.

benefícios” (Maia, 2024, p. 97). Aquele que, existe no renunciar a si, no autodestruir-se de incessante produção, assume o reflexo da “teleologia sem *telos*” (Maia, 2024).

Acontece que, colonizados que somos por essa racionalidade, golpeamos medicamentosamente o cenário e com ele o endemoninhado de face patologizada. Se é ele incapaz de narrar a si mesmo, não o é pela existência humana de constante autovalorização contábil e financeira (Dardot e Laval, 2016) e da exploração coercitiva desmedida que nos contextos de trabalho sofre, mas, quase que seguramente, por sua dimensão orgânico-cerebral, uma compreensão neuroquímica amplamente validada (Almeida, 2021; Dunker, 2023).

E, como mostra Safatle (2023), as patologias mentais não se resumem à espécie de moléstia natural como aquelas de teor orgânico. Ao contrário, se dão no interior de sistema de circulação de valores que fundam a vida social em suas várias esferas. É sistema de implicação constante que, ao apontar categorias clínicas, dizem de tecnologias valoradas por meio das quais se intervém na estrutura psíquica. As categorias clínicas que nos rondam (e valoram, definem, subjugam etc) são, ao fim, não estruturas descritivas, mas, sim, processos performativos. Inventam-se pessoas, ao passo que inventadas são categorias clínicas.

Uma invenção que, em conluio, bem sabe intervir, afinal, “a configuração das categorias tenderá a ter a conformação do espectro de atuação do fármaco em questão” (Safatle, 2023, p.40). Somos, ao que parece, tarjas. E não raro tarjas pretas. Vivemos sob os custos de nosso processo civilizacional, dos problemas que dizem das formas que assumem a vida nossa no capitalismo hodierno.

Nesse sentido, necessária é a compreensão de um sofrimento, destacadamente o psíquico, que se dê sob atenta análise da estrutura relacional no tocante ao meio e suas injunções normativas. Tal relação, a propósito, nos permite indagar os lugares sociais, por exemplo, acerca da normalidade e da loucura, da vida e da morte, dos modos de tratamento, enfim, dos processos sociais diversos que, não despropositadamente, nos levam ao discurso de pseudoneutralidade calcada em respostas padrão no tocante à interpretação e classificação de medicalizado, farmacológico e orgânico saber; inclusive e principalmente quando aos “fracassados” suicidados se volta.

A recusa quanto à forma de vida estabelecida, eminentemente política, não pode ser desta desvinculada, como que aceitando o cooptar advindo de um Estado gerencialista que, máximo, mínimo intenta apresentar-se aos sujeitos; os quais, recusando-o e sofrendo disso as consequências, maculados em loucura infantil estão. Fracassados depressivos – ainda que seja a depressão centralidade oriunda de normas incitadoras da iniciativa pessoal, da obrigação e responsabilização de si.

No mundo de *performances*, existe-se em diálogo com a “patologia da insuficiência e da disfuncionalidade da ação” (Safatle, 2023, p. 42). Vive-se o drama da culpa, mundo em que as ações estão sob crivo individual do desempenho, da força que se reflete e mostra na capacidade (insustentável) de sustentar demandas de satisfação irrestrita.

A tragédia, advinda da generalização da racionalidade econômica, revela seus depressivos modos de viver, a partir da qual a gramática da experiência existencial se resvala a todas as esferas humanas “o neoliberalismo nos levou a sofrer de outra forma, procurando retirar de nosso sofrimento psíquico a consciência potencial da violência social” (Safatle, 2023, p. 44).

Nota-se, portanto, não se tratar apenas de um ingrediente químico menos no cérebro ou gatilho, é psicologia social, reflexo de uma forma de vida (Dunker, 2023) e, como dela também parte, de caminho morte. Um sofrer que, administrado, pode forte impulso ser ao aumento da produtividade, afinal, é o que importa, produzir e produzir sempre.

Sob a cúspide da síndrome depressiva, insere-se na gramática do sofrer neoliberal hodierna não apenas a forma do sofrimento nosso, que metodicamente produzido é, mas, ainda, sua administração; de modo que se possa assim garantir aumento do desempenho. São enredos neoliberais em contextos de “políticas do sofrimento”, descritos por individualização, intensificação e instrumentalização.

Da hipótese repressiva, migramos então à hipótese depressiva (Dunker, 2023, p. 182), fruto das transformações econômico-discursivas que em que há: “redescrição de nossas formas de vida de modo a evitar a hermenêutica do conflito e substituí-la por uma retórica da intensificação ou da desintensificação, da impotência e da impotência, em torno das funções do eu”. Incorporamos ciclo de insatisfação, declina-se o amanhã, não há esforço hermenêutico compreensivo quanto à história.

É forma de sofrimento globalizada, induzidos que somos a interpretar nossos conflitos sob termos que unem nossa linguagem, nossos desejos, nosso trabalho. No universo trabalhista nosso, é transição que ganha contornos ao deslocar-se do conflito entre empregados e empregadores rumo ao trabalho por projetos, aos contratos provisórios, à fundamentação da cultura de mudança e atualização permanentes, de flexibilização e adaptabilidade (Dunker, 2023). Adaptamo-nos e flexibilizamos, aguentamos “na beira”, choramos pública e imovelmente, até que, sabendo nadar, afoguemo-nos.

Antes, entretanto, mediquemos. Enquanto se pode, se lucra. O sofrer, “puramente orgânico”, é administrável e quando não mais houver administração possível ao paciente já afogado, recolhamos outro na horda neofamélica (Leite, 2017). Até lá, sob inversão lógica, apliquemos o medicamento que dita o que tem o paciente. É fonte de renda certa à indústria farmacêutica.

O desvalido, fracassado, detentor da culpa por seu próprio mal gerenciamento, que lute. Que lave vasilhas, corra, escreva (ou não), que tombe! Não há coerência histórica no sofrer, é apenas fuga daquele que deficitário funcionalmente está. Resolvendo isso medicamentosamente, logo ele produz mais. Estará apto às engrenagens e “Chaplin” (E5, dados da entrevista, 06/2025) vibrará nas esteiras.

O cérebro, notoriamente desviado, impede o fracassado inadequado de ajustar-se às normas e regras. E este, com o tempo em alguma possibilidade reflexiva que lhe resta, se autoavaliará, observando-se e julgando-se comparativamente, minando sua energia psíquica ao pensar na “vitrine” em que ele não é o produto que roda (E5, dados da entrevista, 06/2025).

O fracasso, sob as novas narrativas do sofrer, é interiorizado como culpa individualizada. Internaliza-se sem a dimensão do conflito, isolando “completamente a dimensão política, as determinações objetivas que atacam nossas formas de vida, redimensionando trabalho, linguagem e desejo, do sofrimento psíquico” (Dunker, 2023, p. 190). O “tumor” é ele! (E2, dados da entrevista, 07/2024). Um ele que professora. A depressão, e não apenas, é sintoma necessário ao sistema neoliberal. Mas, lembremos, sintomas são também forma de resistência (Dunker, 2023).

Inventamos novos figurinos, novas racionalidades diagnósticas, fizemos a “selva de quadro”, como quem produz uma “carta de vinhos”. A neuropsiquiatria neoliberal marca autos graus de comorbidade de toda medicina que atualmente move-se mais ao rigor do discurso farmacêutico que, não raro, inventa categorias em laboratórios e vê o cessar de certos funcionamentos medicamentosos, concidentemente “quando as patentes vão sendo liberadas e os preços caem” (Dunker, 2023, p.204). Há método.

O método, realista que só, não mais promete cura da depressão, por exemplo, “mas o alívio das versões corporais” (Dunker, 2023, p.204). Capturada em distintas esferas⁵³, é ela, ao fim, tradução narrativa do neoliberalismo em seu discurso econômico. Os discursos todos, longe de apontarem para conflitos de interpretação da realidade, destacam apenas a “patologização daqueles que duvidam das coisas como elas realmente são” (p.208). Coisas, diria um docente, a destacar “*um homem sem vida. Isso não é o que eu deveria ser*” (E3, dados da entrevista, 05/2025). Ele, eu, nós. Um nós que ainda (r)existe, ainda que o faça apenas nos “muitos planos de trabalho para mim, mas nunca para si, entende?” (E3, dados da entrevista, 05/2025). Entendemos?

O “teatro das estrelas no qual há prazer em representar” (Dunker, 2023, p. 209) não é usufruído pelo depressivo fracassado. Ainda que seja ele ator e dos bons, desse que inventa máscaras, risos e o faz mesmo que sob tédio que vida toma. Mesmo que seja ele o depressivo e a depressão, em verdade, expresse “também um reinado crítico contra a era do capital humano, do prazer dócil e flexível no trabalho e na narrativa do talento, do propósito e da autorrealização que sobrecarrega a produção com métricas de desempenho e resultado” (*ibid*).

Há nesse depressivo docente, este de “fundo do poço, numa depressão profunda” (E5, dados da entrevista, 06/2025), fragmentos de verdade acerca de como não estamos a perceber o que se passa (Dunker, 2023), acerca da resposta sua que:

(...) insiste na coerência, na unidade e na síntese em um universo no qual a produção se torna deslocalizada, em que os manuais de gerenciamento nos ensinam como criar mais sofrimento para incitar mais produção, assim como fragmentam a narrativa do trabalho e do estudo em blocos de potencialidades e listas de traços funcionalmente adequados (...) O outro da depressão é composto por uma lei consistente e soberana em relação à qual só podemos nos apresentar como corpos-mercadoria (p.209).

⁵³ Dunker (2023) diz-nos de ao menos 4 figuras presentes quanto à forma de se compreender a depressão: a infantil, a narcísica, a corporal e a do luto.

Corpos-mercadoria sob a luz azul, girando. Até que sejam mercadorias de prazo vencido; aquela que, já descartada, não mais gira e não se ilumina. Sequer dela se fala. É unânime.

Iluminadas mercadorias que são, vivem no professorar universitário, e nas condições que o enredam, os tantos elementos estressores, as violências que, múltiplas e multiplicando-se, desumanizam-nos enquanto sujeitos que nada são: “foi ali que ele entendeu que era nada. Ele disse isso, ‘*eu sou nada*’” (E5, dados da entrevista, 06/2025). Nadificados (Sauaya e Cohen, 2011).

São profissionais que devem, sob a Lei Áurea do Capital (Sauaya e Cohen, 2011), viver o trabalho que, na universidade e tocando à comunidade sua, assume quês de flexível, produtivo, intenso, precário e heterônimo (Silva, Reis, 2024) e, a despeito de tanto requerer e tomar, como resultado deságua costumeiramente em seu não reconhecimento; por mais intensas, precárias e paradoxais que sejam suas injunções. Estas, afirmam este autor e autora, a refletir as exigências incompatíveis entre produtividade, qualidade e condições reais de trabalho. Condições em que depois, por exemplo, de “horas, corrigindo as coisas”, se respira fundo e conclui “*não faz sentido*” (E3, dados da entrevista, 05/2025). Sente-se “*um sucateamento gigantesco, tanto meu quanto dos alunos*” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

É, pois, sob suas injunções paradoxais que a vida professoral trabalhadora também em “tamponamento de déficits” (Silva, Reis, 2024) se faz, revelando a universidade que se assinala enquanto microcosmo da precarização social do trabalho contemporâneo, afetando subjetividades e a saúde mental de seus trabalhadores.

“Teve uma vez que duas demissões coincidiram com várias defesas da pós lá. E tudo ia ser defendido no mesmo dia, uma loucura, enfim, além do monte de coisa que ela já tava fazendo, ela teve que ler um monte de trabalho de um dia pro outro. Vários mesmo. Lembro dela com crise enorme de enxaqueca, começando a vomitar e falando que precisava dar conta. Eu peguei ela desmaiada no banheiro” (E6, dados da entrevista, 05/2025).

Tamponando déficits, entre vômitos e desmaios, vivemos o microcosmo em que as atividades acadêmicas perdem-se no que se refere ao caráter formativo, político e socialmente implicado, em favor da “coisa do lucro mesmo (...) ‘*só ferramentas de mercado*’” (E5, dados da entrevista, 06/2025). Assume-se, dentre outras coisas, a universidade como locus de pressões produtivistas e cobrança de resultados, não raro sob longas jornadas de trabalho e sem devido reconhecimento, material e/ou simbólico;

espécie de “companhia de mineração”, informam-nos alguns de seus pesquisadores, composta por exauridos mineiros, explorados, sobrecarregados e invisíveis (Silva, Reis, 2024).

É nessa universidade que, assemelhando-se ao vivido pelos discentes pesquisadores retratados por Silva e Reis (2024), professores vivem a desvalorização e a impotência, o assédio moral e a discriminação de ordens distintas. A professora, sem candura sempre desejável, sabia-se dentro da universidade racista que, não raro, revela à docente o ser “a cota”, aquele sujeito que “a qualquer momento” sabe: “o primeiro que vai ser escolhido pra rodar vai ser um de nós” (E5, dados da entrevista, 06/2025). A cota “*sabotada por essa equipe*” (E5, dados da entrevista, 06/2025), time, que veste a camisa e que veneno injeta.

Sabotada, é quebrada, até porque parece não haver na universidade “ninguém que não tenha quebrado em algum momento” (Santos, Reis, 2024, p.15). É lugar de banalização do sofrimento. Prazer fica como espécie de pedaço residual que incapaz se revela de o extremado desgaste compensar. É exaustão que “dava pra ver na cara”, esta que nos faz de fato indagar “*Eu vou viver isso até quando?*” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

É processo amplo de degradação do trabalho no capitalismo contemporâneo a enredar-se na universidade que mata. É mundo onde filhas e esposas em mando estão, então “aí faz foto, finge que tá gostando, posta no *site* da faculdade” (E1, dados da entrevista, 03/2024). Importante demonstrar, sempre, “otimismo oba-oba” (Pereira, 2011), inclusive e quando das extenuantes demandas por sempre mais⁵⁴, assim o “ESTÁDIO DE FUTEBOL” grita satisfeito, é “aquela putaria” (E1, dados da entrevista, 03/2024).

Não reconhecidos quanto ao trabalho que para além do visível quantificável se dá, experienciam a “malversação do reconhecimento” (Silva, Ruza, 2018). Esforço, intensão e significados nada parecem ser diante daquilo que centralidade toma: os índices de

⁵⁴ Em sentido similar (Dardot e Laval, 2016) informam-nos acerca destes tempos nossos em que “Não se pede mais do sujeito que seja simplesmente “conformado”, que vista sem reclamar a indumentária ordinária dos agentes da produção econômica e da reprodução social” (p.348). O conformismo puro e simples é, nestes nossos tempos, algo suspeito, afinal a requisição hodierna que o sujeito sempre transcenda, que ultrapasse os limites conhecidos, levando-os além. Enfim, é contexto em que “A máquina econômica, mais do que nunca, não pode funcionar em equilíbrio e, menos ainda, com perda. Ela tem de mirar um “além”, um ‘mais’” (p.348).

produtividade e resultados avaliativos, apontando para as lógicas produtivistas e meritocráticas que reconfiguram os sentidos do trabalho do professor sob distorção que mortificante se faz. O trabalho docente, então, longe está do fazer formativo e social, antes, enlaça-se à teia da precarização e intensificação, da qual a malversação é já uma de suas consequências (Silva, Ruza, 2018).

Cátedra, por exemplo, é algo que não se combina com liberdade: “eu não quero que eles aprendam isso agora, ou não isso dessa maneira. Mas tinha os catálogos” (E5, dados da entrevista, 06/2025). É docência “tensionada por exigências que extrapolam suas condições materiais e simbólicas de exercício” (Silva, Ruza, 2018, p. 3). Nos contextos de malversação do reconhecimento, solidariedade e respeito são dimensões instrumentalizadas e/ou negadas e ao professor resta o trabalho sem reconhecimento, dimensão fundamental à realização sua, algo que “afetava, né, a vida toda, as outras esferas da vida” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

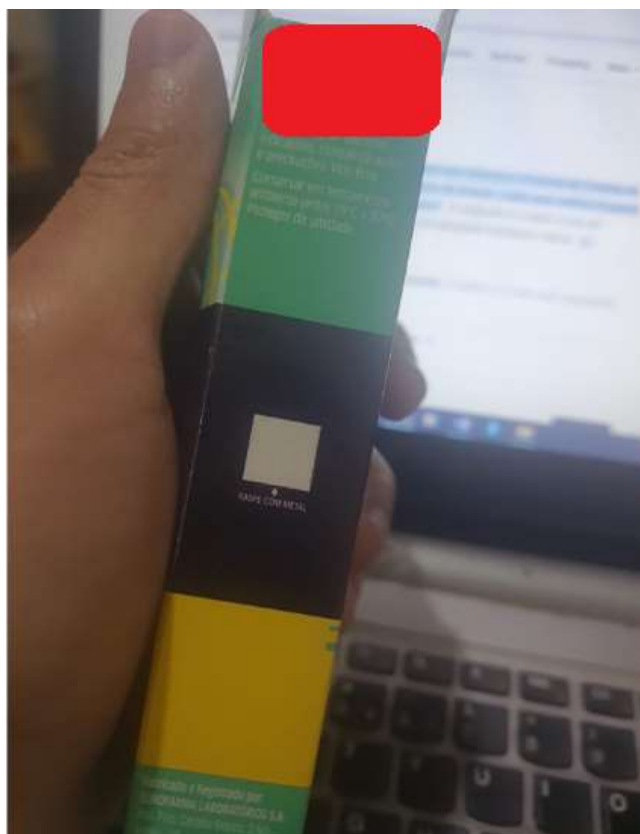
Vale-se o quanto se desempenha, por isso se é reconhecido. Um reconhecer nos aviltantes contextos de intensificado trabalho, com demandas extenuantes, sobrecarga emocional e enfraquecimento dos laços coletivos. A universidade acaba por tornar-se espaço de corrosão do reconhecimento intersubjetivo, um lugar produtor de experiências de invisibilidade e frustração profissional.

Nele, informam esses mesmos autores, instaura-se a permanente tensão entre a “vocação ética e a lógica produtivista”: “ela disse que ia se desligar do espaço, mesmo que custasse a qualidade do que ela ia ofertar. Mas eu entendo que era uma troca, a troca dessa qualidade do que ia ofertar pela qualidade de vida (E5, dados da entrevista, 06/2025).

Há que se entender e reconhecer os contextos de sobrevida, em que o reconhecimento nada mais é que retórico, dispositivo legitimador de políticas de controle e avaliação e que se dá “por meio de mecanismos que, em última instância, o [professor] desumanizam” (Silva, Ruza, 2018, p. 11). Um reconhecimento “malversado” à medida que reduzido é à lógica instrumental e performática, ignorando o valor humano e social da docência; dado na manifesta contradição entre o reconhecimento simbólico e a negação material das condições de trabalho.

Desumanizado, o docente vive o sofrimento ético e subjetivo, afinal tem de corresponder a expectativas institucionais, até para que não seja a cabeça que rola, ou o primeiro que como “cota” é atingido. Vê-se privado da reciprocidade e estima que sustentam o seu ser professoral, ao passo que, diante das “cobras”, percebe a fragmentação da coletividade docente, vítima que é da competitividade e do isolamento (Silva, Ruza, 2018).

O professor adoece, padece e, sem que apregoemos como indevida a análise de compreensão neuroquímica desse adoecimento, ressaltamos caber a compreensão da causalidade de determinados sintomas doentios, de modo a impedir o sequestro discursivo acerca dos distúrbios vivenciais, tal qual o suicídio. Do contrário, seguiremos correndo, num correr-se para “expulsar demônios”. *Nossa, é isso mesmo que a vida tem pra me dar?* (E5, dados da entrevista, 06/2025).



“Somos Tarjas, pretas” (Foto acervo pessoal, 2025)

O colapso do futuro, tal qual o do passado, se dá nesses enredos, pois não há sociedade e sem ela não há sofrer que político seja; tão pouco solidariedade que possa restar, que se resolva com a reprodução irrefletida de si. É mesmo um perdedor. Perdeu, dentre outras coisas, a possibilidade do “nós”.

O impossível e inalcançável em desmesura constante e que à casa chega, até que “desistamos dela” (E3, dados da entrevista, 05/2025), aponta para o “imperativo de intensidade infinita” (Maia, 2024), o qual impregna nossas relações educativas e os espaços em que essas se dão, tal qual a universidade. A intensidade infinita impera e nela cabe a “máscara” que disfarça o tédio, afinal não se pode esquecer do descarte acelerado (Pereira, 2011). É enredo formar em que a coloração sob tons de medo, fobia e pânico imprime a amplitude do submeter-se e acatar (Sauaya e Cohen, 2011) daqueles que nela professoram.

E professoram sob a ética do empreendedorismo que coloniza todas as esferas, arraiga-se na subjetividade, demonstra as mudanças sociais na estrutura do capitalismo contemporâneo, as mesmas que força motriz são à reestruturação do nosso sofrer. É expansão do modo de vida neoliberal que “gesta, gerencia e instrumentaliza graves danos psíquicos (...) impondo aos sujeitos uma nova forma de sofrer” (Maia, 2024, p. 101), ao passo que estabelece a guerra de todos contra todos.

Guerra que sintoma é de uma sociedade também mentalmente adoecida, a qual forja contextos de trabalho em que “cada vacilo é vivenciado sob a perspectiva da punição e da exclusão social, sem direito à solidariedade ou a qualquer espaço de comunhão e acolhimento, fazendo com que os sujeitos ignorem sem questionamento crítico e político a realidade em que vivem” (Maia, 2024, p. 103-104). As “cobras” estão a se engolir, é necessário “envenenar-se” um pouco, do contrário, a morte será pública e publicizada, “ela morreu ali” (E4, dados da entrevista, 05/2025).

Acontece que, no espaço de ensinância dita superior, a morte assume feições várias, afinal dispostos e constantemente estão, como dito, os elementos estressores, violentos e múltiplos do trabalho que ali se processa, o qual exacerbado

é a fonte primordial das atuais doenças e manifestações patológicas que acometem os docentes. Em sua manifestação, em geral, encontram-se três dimensões (...) Esgotamento Emocional: ausência ou carência de energia, acompanhada de um sentimento de esgotamento emocional; – Falta de Realização Profissional: sentimento de inadequação pessoal e profissional. Há uma tendência de o trabalhador se autoavaliar de forma negativa; – Despersonalização: endurecimento afetivo ou insensibilidade emocional. Tratar alunos e colegas como objetos, “coisificar” a relação (Leite 2017, p. 212).

Endurecidos, experienciamos o trabalho docente que, em diálogo com a realidade mais ampla, repleto está de disparadores mortificantes que a todos subjuga, fazendo-nos “morrer ali”, fazendo com que todos e crescentemente sigam ali morrendo, até porque “o suicídio é considerado a segunda causa de morte entre o público universitário (Santos *et al.*, 2017) e, ao que parece, segue em franca ascensão no mundo inteiro” (ANDIFES, 2018, p.206).

A competição de mercado concorrencial, suas formas de gestão e avaliação, as próprias redefinições acerca do que significa a função formadora universitária e a que fins se volta sinalizam a mortandade diária a que nominamos academia. Os parâmetros são mercadológicos e empresariais, pautados em critérios de custo-benefício, produtividade incessante, metas que não se pode alcançar e que sempre, sempre, apontarão para o além a ser buscado; somos máquinas imparáveis; quando não, somos o resultado do fracasso que culpa nossa é. A moral social do sucesso nos ronda, nos funda, e caminho único parece ser. Ela divide os aptos mantidos dos inaptos que se descarta (Pereira, 2011; Maia, 2024; Sauaya e Cohen, 2011).

Sob precarização, intensificação e extensificação do trabalho (Silva, 2020), vivemos um ambiente universitário sufocante que nos pressiona física e mentalmente, a ponto de nos deixar “sem conseguir respirar direito” (E4, dados da entrevista, 05/2025). A cultura acadêmica, redesenhada e avançando às casas na “merda de domingo” (E4, dados da entrevista, 05/2025), aponta para o capitalismo em seu novo *ethos*, este em que, desempenhando de modo constante, diz da competição, da *performance*, do capital humano, da gramática em morte nas lógicas de quantificação.

Sob a lógica quantitativa do desempenho, tem-se a cultura do resultado (Dardot e Laval, 2016) que não raro em morte resulta, a propósito, resulta de modo crescente e no mundo todo (AANDIFES, 2018). Cabe gestar o desempenho, e nós, como gerentes de nós mesmos, autogovernando-nos na autonomia que nos resta, aquela que como dito meramente escolhe o consentir da exploração e opressão impostas, vamos “educando”, ao passo que nos adequamos de modo desenfreado às metas. É preciso correr, sabido que somos de nosso reconhecimento social advindo da vida sem ar.

Como avaliados, produzimos e fortalecemos concomitantemente as regras; as mesmas que nos julgarão, classificando-nos como aptos ou inaptos, dignos de valoração social ou

de desprezo, vencedores ou perdedores fracassados. E isso, sentimos, é passível de verificação, quantificada e publicizada por meio de modelos criados para incentivar e amplificar as relações de concorrência, avaliação, comparação, somos professores e, como tais, um “você S/A” (Maia, 2024).

Entre pessoas, programas, linhas, recomendações e notas, vamos nos tecendo aos moldes quantitativos e ampliando nossas produções sob inequívoco foco da quantidade, ao passo que ampliamos também nossos enredos de mortificação autodestruidora. De fato, enredados estamos por uma universidade em que o ambiente descrito é aquele de “reconhecimento baseado nas leis de mercado [que] tem consequências drásticas nas relações humanas” (Maia, 2024, p. 121).

Os dados empíricos dizem de nós, de nosso acúmulo de capital humano. Calculados, instrumentalizados, numericamente postos e (in)dispostos, ávidos pelo Lattes que, interminável, fim nosso expressa. Aumentamos a competição, ficamos vistosos em luzes azuis, formamos para nossos cursinhos no “ENADE”, uma forma mais de quantificação e ranqueamento que importa e dita o professorar; ainda que nisso forjemos nosso “colega de profissão [qu]e não tem qualquer preparo, não tem” (E4, dados da entrevista, 05/2025).

Os métodos de controle e mensuração se sobrepõem à formação crítica, ética, voltada à justiça social, esta que talvez sentido tenha sido a quem com o professorar sonhou e que, não podendo o sonho manter, precisou fazer a educação distanciada “*put to run*”, mascarada, de sorriso amarelo em putaria, “metastaseada”, aquela que faz o barco parar e, junto a ele, seu timoneiro.

Cabe mesmo o docente que, já farto, ofidicamente precisando existir, priorizará (até porque será por isso priorizado) atividades de produção que retornem como finança, bonificação (precisa ser o melhor “produto”), financiamento e, nada raro, permanência no emprego. Algo essencial em crescentes contextos da horda de neofamélicos e neomiseráveis (Leite, 2017) e de existência apenas a partir daquilo que se faz e quantitativamente se observa.

A solidão, instaurada e fortalecida pela hostilidade que na alteridade vê competidor, a todos abarca e torna-se especialmente poderosa pelo descabido avolumar de clientes, digo estudantes, que na graduação vivenciam a negligência em “salada de fruta”, afinal “era

insano”, “era coisa de constar mesmo” (E4, dados da entrevista, 05/2025). Soma-se a isso o fato de que aula não se computa de modo vigoroso, não é publicação que o coloca no rol da fama enlatado.

Submetemo-nos ativamente, sob espécie de servidão voluntária ou, melhor, consentida. É submissão reiterada, demonstrada, propalada e posta à altura do desafio de sempre mais, aquele que, mesmo inalcançável, dita o horizonte. Provamos o tempo todo nossa competência quantificada e o fazemos como quem ressalta autonomia, até porque estamos nos gestando. É trabalho sem o belo (Marx, 2010), mas de uma beleza “instagramável”, ou mesmo “lattesmável”, o que importa é que todas as plataformas funcionam nesse sentido.

Como aponta Maia (2024, p. 125), estamos em um ambiente universitário “permeado e capturado pela temporalidade do desempenho, que é muito distinto do tempo do conhecimento (...) reino da ideologia do produtivismo”, a síntese é que se trata de processo subjetivado que

transforma-se na própria forma de ser de todos e todas que vivem o ambiente acadêmico, e esse modo de relação intersubjetiva leva à exaustão por produtividade e, o pior, por vontade própria, afinal todos precisam produzir para se inserirem na sociedade e serem por ela reconhecidos. Na universidade mercantilizada predomina o adoecer [e este] torna-se [...] a única forma de resistência às suas novas funções (Maia, 2024, p. 125).

Há muitos resistentes, “Ali, ela vai pro fundo do poço, numa depressão profunda” (E5, dados da entrevista, 06/2025). Acontece que resistir é ser fracasso que não se considera. Pode-se morrer. E morre... talvez o adoecimento não seja a resistência única.

Na resistência, sinalizamos, às vezes mais ou menos silenciosamente. É choro que se torna público, morte vista enquanto de nós requerem as desculpas pelo morrer. É música que acaba e que não aguenta tentar, um horror imperdoável na cultura do agente (Sauaya e Cohen (2011). Os depressivos, esgotados, ansiosos, mesmo quando e (talvez destacadamente) em nível A1, há tempos se avolumam (De Mei *et al*, 2003). A reclusão do silêncio mostra sua força.

Valorados que somos pela forma empresa assumida, ainda que reclusos no silêncio que grita dentro, nos grita por dentro, pagamos o depressivo preço. Então, performamos,

sorrimos mascarados o que em casa à vista pomos; “o nosso trabalho era cada vez mais intenso e isso afetava, né, a vida toda, as outras esferas da vida” (E5, dados da entrevista, 06/2025). As vasilhas nunca foram tão limpas e nem tão grandes as nossas bibliotecas. Canta Raul!

Tudo assume o tamanho do horror, inclusive a mortificação nossa. Intensivamente estimulados, vivemos o imperativo de gozar, de desempenhar, de competir, dentre os imperativos tantos que sobre nós imperam, como destacam Dardot e Laval (2016). Enredados pelas novas formas de fabricação e gestão do sujeito, seguem informando-nos esses autores, trabalhamos para a empresa como se para nós fosse; é a “minha camisa” que estou a vestir (nunca pareceu tão oportuno descamisado ser). Não há que se permitir o sentimento de alienação e de distância qualquer que seja entre indivíduo e a empresa empregadora, não raro e aqui especialmente, uma faculdade. O comando interno é e o vivemos sob imperiosa ordem do desejo; este para nós irresistível, produzamos, vamos ao máximo!

Os horizontes de expectativas são sempre altíssimos, em exigência contínua e comparações constantes, há que se saber que “cabeças cortar”. Concorrendo, competimos sob a racionalidade do empresariamento, sentindo o sistema que nos avalia hermeticamente, interna e externamente e o faz sob “prazos ridículos”, afinal “Era quantidade, não tinha qualidade ali” (E5, dados da entrevista, 06/2025). Cabe apenas, na forma adoecida resistente (Maia, 2024), aquele sentir: “*sinto um sucateamento gigantesco, tanto meu quanto dos alunos*” (E5, dados da entrevista, 06/2025). Talvez caiba outro mais, como aquele acerca de ser “*um homem sem vida. Isso não é o que eu deveria ser*” (E3, dados da entrevista, 05/2025).

Mas é necessário adaptar-se, flexibilizar-se, desculpar-se, ainda que sob o ritmo insano de atuação em mais cursos e turmas gigantescas, a partir de material também já definido e de questões que, sempre feitas, são suas sem ser! “Erradíssimo isso”, já nos disseram, afinal “O professor sai e as questões ficam. Eles usam como quiser” (E5, dados da entrevista, 06/2025), como quiser. E, vale destacar, o professor que sai nem sempre o faz em habitual método, por mais que estejam cada vez menos inabituais saídas tabu.

Flexibilizando-nos, vivemos o inflexível posto. Sentimos a redução do ensino àquilo que parece se resumir em metas a serem alcançadas, por díspares que sejam elas do ético

educativo, implicado e político. Isso seria “bagunça”, e aqui não cabem aquilombamentos! Ensinar e aprender, pesquisar, estudar sistematicamente é reformulação adequada à racionalidade neoliberal de desenfreado desempenho (Safatle, 2023) e isso, como um dos resultados, consigo traz a alteração na subjetividade professoral que forjada no diálogo com a objetividade se constitui, apontando a esfera do subjetivo-intersubjetivo, a qual delimitada e produzida pela objetividade histórica é (Mancebo, 2010) e que, como antes apontado, diz das alterações das subjetividades discentes, muitos dos quais ainda pretensos sonhadores professores.

Colhemos nosso estresse e o fazemos em lágrimas recolhidas, em escritas encerradas, em noites que não se dorme. E, se nestas acordados estivermos, que seja para doparmo-nos e tentar nesse contexto tecer qualquer conversa em amorosidade com aqueles que conosco estão, choram e que veem repetidos filmes. Até que, enfim, tombemos, que tenhamos tomado aquilo para “derrubar mesmo” (E6, dados da entrevista, 06/2025).

Trata-se do viver sob tempos de ponteiros que se mesclam em redesenho de exasperado horror, quando o tempo da economia ritma e determina o da universidade, a qual tem sua prática cotidiana transformada. Nesta transmutação, outra reconfiguração se dá: tempo-espaco entre vida acadêmica e vida pessoal são condensados em um só, isso porque a “rotina desborda largamente a carga horária diária/semanal de trabalho e invade a residência dos docentes, tomando-lhes os dias de descanso e as férias” (Leite, 2017, p. 211).

Toma-se ainda a música, a libido de quem mais se deseja, o riso da irmã que com a professora antes em canto contava: “chegou lá em casa chorando, falando que a música tinha acabado” (E6, dados da entrevista, 06/2025). Toma-se o quarto, transformado lugar para “trabalhar mais. Sempre tinha que trabalhar mais e depois potencializou à escala de milhares” (E3, dados da entrevista, 05/2025). A verdade é que ficam as indagações “como é que você consegue trabalhar assim? Ou como é que você volta do trabalho assim”? (E3, dados da entrevista, 05/2025). Apenas estando “mais mórbido”, sabendo-se desistente de “algum futuro” (E3, dados da entrevista, 05/2025).

Na intensificação desmesurada, vive-se o que Sguissard e Silva Júnior, citados por Leite (2017), destacam como “indissociação tempo-espaco da vida acadêmica e familiar e pessoal” e assim se vive porque as instituições educacionais e o professorar nelas – em

diálogo com o que socialmente se estabelece como trabalho e vida face à “crise cronificada, que se manifesta através de um pico de exasperação” (Leite, 2017, p. 208) – reproduzem em microescala as tendências sociais do controle.

É intensificação e precarização que perscruta todo o trabalho acadêmico e que, violento, é já reconhecido pelos próprios docentes como fonte de agravos à saúde física e mental; não por acaso da utilização crescente dos ansiolíticos, antidepressivos, dos medicamentos que “tombam”. Estes que apontam para implosão do trabalhador, tendo em vista os contextos de parametrização mercadológica e empresarial que nos critérios de racionalização, custo-benefício e produtividade demonstram as metamorfoses operadas no mundo do trabalho (Leite, 2017). Nesse lugar gerencialista, a cédula que nos valida é o desempenho e, assim, ali fracassar é fracassar na vida, fracassar como sujeito.

Uma validação acompanhada de adoecimento, inclusive crônico, de depressão e da busca por saídas de seus domínios que, não raro, encontram no álcool, drogas e tabaco, bem como no uso abusivo de ansiolíticos, seus as respostas (De Mei *et al*, 2003). É percurso, informa-nos Leite (2017, p.211), que traz consigo “sequelas de uma intensificação brutal do trabalho, com a sua desumanização paulatina”, as quais muitas vezes tratam-se de “manifestações silenciosas derivadas das condições de trabalho” e que nos informa de “prolongado processo de tentativas de lidar com determinadas condições de estresse, sem sucesso”, desencadeando, inclusive, “suicídio”. É trabalho que mata.

Mata, inclusive, porque faz-se a partir do mundo academia em que a resiliência é qualificativo superior, enredados que estamos em discursos de precarização que a vida subtraem e “é necessário sinalizar que estas manifestações patológicas, derivadas das condições de trabalho, só aparecem como tal ou como doenças ocupacionais após o advento da reestruturação produtiva”. Isto é, “trata-se de novas doenças, mesmo que tragam em si sintomas de antigas” (Leite, 2017, p. 208).

Vivemos espécie de “epidemia” entre docentes, diz-nos Leite (2017, p. 212), reveladora da condição de exacerbação do trabalho como “fonte primordial das atuais doenças e manifestações patológicas que acometem os docentes”. Uma epidemia crescente e que, espalhando-se, mata à medida que testa os níveis vitais da resiliência a que podemos nos expor.

Somos o “incansável Sísifo moderno” (Leite, 2017, p. 212), professores acostumados a suportar o fardo do cansaço, em dias superdimensionados, enquanto “o ataque psicológico reiterado e sistemático também se tornou frequente no trabalho docente” e, quanto a isso, cabe muitas vezes apenas o desculpar-se inadvertido e, também não raro, público: “Ela foi desqualificada publicamente, na sala, na frente de todo mundo, com a filha da diretora esperando o pedido de desculpas” (E5, dados da entrevista, 06/2025). Constatou: “*eu sou nada*” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

Fato é que não somos mitológicos seres incansáveis, ao contrário, em nossa humanidade tamanha só cabe o desespero de perceber o mito da liberdade que nos ronda. Esta que, gerencializada, se faz em vias de consentimento da exploração em troca de sobrevida e “status” acadêmico qualquer; mesmo que basicamente valide um professorar atrelado à humilhação, degradação e desvalorização na concretude do ambiente de trabalho: “é o nosso tiro na cabeça, não é nem um tiro no pé” (E5, dados da entrevista, 06/2025), a “filha da diretora” bem mostra isso.

Professorando, sentimos a perda de identidade com o que realizamos (Shefer, 2011; Leite, 2017; Paschoalino, 2007), ao passo que introjetamos os desmesurados ritmos (Safatle, Silva Júnior e Dunker, 2023) e culpabilizamo-nos por com eles não saber lidar. Em suma, exauridos, dizendo estamos das docências nossas e de docentes que “não vislumbram outra forma de trabalhar” (Leite 2017, p. 214), uma que tem como um de seus observáveis resultados o suicídio (Leite 2017).

Vivemos, dentre outras coisas, espécie de “distorção cultural em que aspectos quantitativos da ciência e da produção científica prevalecem sobre o conhecimento”, contextos em que mesmo a falta de recursos básicos a nosso trabalho se paga com sofrimento mental: “o sofrimento mental compensa a falta de recursos”⁵⁵ (De Mei, *et al*, 2003, p. 1141).

Pagamos com sofrimento mental (De Mei, 2003; Leite, 2017; Veras, Monteiro e Henriques, 2024), inclusive sob enredos de não reconhecimento pelo bom trabalho, e duras críticas quando algo “sai errado”. Lembremo-nos, contudo, de que sair errado pode significar sair daquilo que de fato importa: “essa coisa do lucro mesmo”, “A instituição

⁵⁵ Originalmente: *a cultural distortion where scientometrics prevails over knowledge and where mental suffering is making up for the lack of funds.*

via tudo como lucro” (E5, dados da entrevista, 06/2025). Somos a empresa na também empresa, nossas relações são contratuais, e o martelo da bolsa de valores bate diária e contundentemente.

Ainda assim, vivemos intensa psicologização das patologias que acometem o professorado (Leite, 2017) e, mais, como sujeitos, a psicopatologização destes (Lima e Navasconi, 2022; Barreto, Berenchtein Netto e Batista, 2011; Marquetti, 2018; Almeida, 2021). Acontece que, como posto, em sua individualidade, os sujeitos apresentam-se como expressões da totalidade social e, buscando vida que não na horda neomiserável (Leite, 2017; Maia, 2024), a miséria laboral vivem, sob os modelos hodiernos de assujeitamento (Safatle, Silva Júnior e Dunker, 2023), e também do hoje morrer que da vida nos tempos nossos diz.

Morre-se, morto se é também em ritmos de obsessivos indicadores do produzir, no qual o desempenhar impera sob a lógica de limites sempre redesenhados. Afinal, há incessante busca pela superação contínua de seus contornos, mesmo e inclusive quando das feições “questões absurdas” “da prova oficial”, “segunda chamada” e “recuperação”. (E5, dados da entrevista, 06/2025). A demanda do e por mais é eterna, é choque dado pela “fábrica de resultados” (Dardot e Laval, 2016), esta que nos obriga a “entrar no jogo” de produção numérica; esta que sendo também “máquina depressiva” (Maia, 2024) produz colapsos mentais aos montes.

Em suma, é demanda da universidade em seu ambiente “panela de pressão que potencializa o surgimento de sujeitos em colapso mental” (Maia, 2024, p. 139). Colapsados! Em verdade, ali “Não tinha como não enlouquecer, ninguém tava bem” (E5, dados da entrevista, 06/2025). A satisfação é promessa a que não se chega, posto que nada mais é que ilusão à frente jogada e jogada àqueles calculadamente forjados como eternos insatisfeitos.

Autogerenciando-nos, pois, vivemos como centros de nossos próprios planos e resultados, e como pessoas jurídicas estabelecemos as relações em um viver em que a centralidade descrita é como compromisso individualizado e, assim, precisamos vencer. Vencer o outro, a nós, a todos, vencer para não ser fracassado vencido, até que talvez a morte nos vença em antecipado modo. Talvez não seja este um problema, até porque o exército de mão de obra qualificada concorrente e neofamélica (Leite, 2017) é grande e à

porta está para na panela colapsar-se. Basta que role uma cabeça, enfim, é necessário ser “*uma engrenagem disso*” e engrenagem que bem roda as “esteiras de Chaplin” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

No vazio sem sutileza qualquer, vivemos a vida em interminável *checklist*, administramos o tempo sem que efetivamente o habitemos. Fazemos, entregamos, reagimos, repetimos sob tonalidade nada inédita do que não se deveria ser, um ser “*sem vida*” (E3, dados da entrevista, 05/2025), uma pessoa “*cansada de estar cansada*” (E5, dados da entrevista, 07/2025).

O viver parece em última instância significar gerenciamento. Entre prazos (“ridículos!”), metas, cronogramas, doenças e mortes, vivemos o propósito despropositado em vida significativa. Descansar é culpa, quando muito é lazer com quê de obrigação a cumprir pelo papel performático que nos cabe, às vezes “nas quintas pela noite”; até que também elas sucumbam sem tanto conseguirem resistir: “na terceira, ele só olhou pra mim, e apontou um bloco de folhas no escritório” (...) “‘tinha’ que voltar, e voltava”. (E3, dados da entrevista, 05/2025). Voltava chorando o sofrer seu que de tantos é.

Antes que presentes, vivemos ocupados. Ocupando um tempo sem preenchimento de sentido, vivemos o presenteísmo (Paschoalino, 2007) que nos mantém doentes e mórbidos, até que não mais nem assim estejamos; reféns que somos da política da saúde perfeita (Pereira, 2011). Perfeita a amarra de morte na panela que não para de pressionar.

Escravizados pelo sucesso, ou pelo que aprendemos ele ser, comercializamos o viver em suas esferas todas e assim vivemos a universidade e as relações ali estabelecidas. Tornamo-nos, mestres e aprendizes, entregadores de resultados, sob diluição ética e moral dos compromissos da educação, afinal a moral máxima pode ser, por exemplo, o publicar.

Um publicar irrefletido, em que “se observa raros traços de criatividade, originalidade (...) onde reina a repetição do mesmo” (Maia, 2024, p. 136). E, se criativo for, punamos! As métricas estão já dadas! O pensamento, segue apontando este autor, é assim cálculo repetido, fruto de hiperatividade requerida que, paradoxalmente, expõe a paralisia nossa, o fazer passivo que nega a necessária e paciente pausa contemplativa a partir da qual a atividade intelectual se dá. Uma pausa, enfim, ativa. É apenas pausando. Mas não se pausa

no “*put to run*”. Pedagogias neoliberais são quantitativas, e não em termos de vida, mas de produtos.

É correr, correr-se, sabendo que cada passo dado se faz à sombra do fracasso e da exclusão social, sempre iminentes. É fazer em frenético movimento, tudo e sempre, e segurar a implosão, e as patologias desta advindas. É existir nos contextos de medonho presente sabendo-se fugitivo do futuro que ao medo também embala. Até que o medo não mais nos assombre, frente ao cansaço mortificante que mais assombroso e insustentável é.

É corrida solo, no ambiente cada vez mais solitário, sem relações sociais concretas, mediadas que estão pela racionalidade imposta. Não há comunidade no espaço, que tão pouco lugar pode ser (Augé, 1994). As relações, aos seus moldes contornadas, desprovidas estão de pertencimento e de acolhimento solidário (Veras, Monteiro e Henriques, 2024), “Tinha sempre o ar ameaçador” (E5, dados da entrevista, 06/2025). Um grupo que ao fim revelava “pessoas se dividindo ainda mais, era um tiro no pé” (E5, dados da entrevista, 06/2025). De fato, “(...) não tinha uma rede de apoio mesmo não (...) ele era uma pessoa muito autossuficiente. Mas isso pra mim é qualidade” (E4, dados da entrevista, 05/2025). De que tipo de qualidade precisamos para existir? Qualidades de existência em sobrevida, subvida.

Por vezes, não há futuro em perspectiva, a crise nos toma em “todo tempo e o tempo todo” (E3, dados da entrevista, 05/2025). Depressivos, e não apenas, assinalamos a bússola que denuncia nossos limites nos contextos de desumanização neoliberal. O colapso tem vários tons, inclusive a não estada (De Meis, 2003; Leite, 2017). Ensino voraz, histórica, contextual, universitária, docente.

Ideações de morte e pensamentos suicidas se tornam crescentes no contexto universitário global, tal qual o estágio seguinte, o suicídio em si (ANDIFES, 2018). Suicidados, assinalam os enredos que, matando-os, permitem o cessar produtivo apenas quando não mais se é, algo que, antes da concretude carne, estava já dado sob máscaras, risos ziguezagueantes em putarias, e barcos sem timoneiro. “Ali, ela vai pro fundo do poço” (E4, dados da entrevista, 05/2025). Ali, na universidade, ela vai para o fundo do poço.

O poço, em que o fundo se experimenta, forma. Forma aos moldes da eclosão social sôfrega. A cartilha empresarial institucional é seu sistema, forjando cultura acadêmica

adepta ao produtivismo. O cruel mundo de colapsos, panelas e “salada de fruta” (E4, dados da entrevista, 05/2025) sem sagacidade qualquer. São réplicas localizadas da competição do capitalismo neoliberal e nele, mortificante que é, se morre à exaustão.

Suicidados. Afinal, informa-nos Araújo (2024), é ato sob tensionamento dialético entre as determinações subjetivas e objetivas do indivíduo e do sofrimento seu que em suicídio resulta. Um ato determinado pelo medo e desespero objetivos de mal-estar da cultura advindos, o qual impõe ao sujeito o sacrifício enquanto condição formativa do indivíduo no processo civilizatório. Professorado civilizado.

É, portanto, fenômeno histórico e universal, assim como expressão da particularidade humana; um fenômeno “em que forças universais se desenvolvem na particularidade de um ato momentâneo do indivíduo” (Araújo, 2024, p.64) e que em sentido oposto à suicidologia tradicional, que ao sujeito medicaliza, importa ser compreendido.

Resultante de processo patológico de poder, em que os sujeitos submetidos são a relações coloniais que os marginalizam, excluem e deformam, inclusive em função das novas racionalidades do mundo do alienado trabalho, o suicídio – assim como a desesperança que a ele funda – fruto é de violência estrutural passível de captura quando da análise histórica e dialética.

É fugindo, pois, de um raciocínio clínico que não raro em demasia se aproxima do moral, que a realidade histórico-concreta do sujeito (Araújo, 2024), aqui indivíduo professor suicidado, pensada é em diálogo com a sociedade; e, mais especificamente, com a universidade que microcosmo dessa mesma sociedade é, inclusive, no que tange à precarização social do trabalho (Silva, Reis, 2024) e de seus mortificantes contextos (Veras; Monteiro; Henriques, 2024).

Mutilados enquanto sujeitos, nesses contextos trabalhamos em enredos de banalização da brutalidade. Já naturalizada, é ela exigência para nesse trabalho sobreviver, como nos mostra Araújo (2024) ao apoiar-se em Gomide (2013). Um sobreviver em que a autoconservação não raro se confunde com dispositivo de morte. É trabalho que, em nome da supervalorização do capital, destrói humanos, nessa racionalidade compreendidos como nada mais que “mera peça da maquinaria social” (Araújo, 2024, p. 62).

É o mundo real do trabalho construído em engrenagens de humilhação sistemática e cotidiana, apontando para poder que instrumento é de desestruturação e submissão dos trabalhadores professores. Isso, importante, não se coloca em vitrines, porque não dá “like”. Enfartemos, afinal, sabidos somos que todo mundo é “unânime disso. Não pode falar, não pode falar” (E3, dados da entrevista, 05/2025).

Não pode, e talvez em nenhum lugar, nem mesmo naqueles que antes já algo nos disseram quanto à esperança assassinada:



“A porta 2” (Foto acervo pessoal, 2025)

Foi apenas outra ida ao banheiro. Nem mesmo a porta é mais a mesma. Nem mesmo ela pode indagar-nos. Seguimos e o fazemos coloridos, com plantas ou não, e, sempre que possível, falando apenas da parte mais cheia do copo, sempre meio cheio. Talvez um dia, sempre meio cheios dessa felicidade que não se sustenta, sejamos capazes de retomá-la

em outro lugar, de rever a porta e, descascando-a, perceber que a angústia ainda ali está, por baixo das finas camadas às vistas mais aceitáveis. Somente às vistas.

7.1 Na falsa terra de plástico, o gosto de coisa real: ele, ele e ela, nós, com a cornucópia em mãos.

*Seu regador de plástico verde
Para sua falsa seringueira chinesa
Na falsa terra de plástico
(...) Em uma cidade cheia de planos de borracha
Isso a desgasta
Isso a desgasta
Isso a desgasta
(...) Ela parece real
Ela tem gosto de coisa real*
- Música: “Fake Plastic Trees” – Radiohead⁵⁶

“Nas mãos da vida ameaçada podemos
encontrar uma cornucópia”
- (Seldes)

Sem esperança, o temor também se vai (Lacan, citado por Seldes, 2021), ou, quem sabe dito de outro modo, a coragem faz-se ainda mais vigorosa, e aceita que os “róseos amanhã”, esperança em nome outro, como aponta o referido autor, leve também ao suicídio; o ato “capaz de ter êxito” (Seldes, 2024, p.44).

Isso não quer dizer que as manhãs não sejam mais capazes do canto, de modo algum, mas, sim, que algumas mãos, já destemidas e despossuídas da cantoria, em ameaçada vida que cornucópia traz, podem a ela mirar, amar e possuir sempre como em última vez. Até que de fato seja. São sujeitos que, despertados, e socialmente condenados, assinalam a “beleza horrenda” e também nesse lugar tornam-se o “signo eterno” (Seldes, 2024).

Estes que admitem a objeção do “princípio da vida”, quando a vida se mostra em dignidade desfeita, em vergonha diária, em escalas de não vida que, por exemplo, se sobrepõem a milhares. A vida mudada no sentido seu consigo traz a mudança daquilo que como morte também se compreende (Seldes, 2024). São contextos que, naquilo que de

⁵⁶ Originalmente: *Her green plastic watering can/For her fake Chinese rubber plant/In the fake plastic earth/(...) In a town full of rubber plans/It wears her out/It wears her out/It wears her out/(...) She looks like the real thing/She tastes like the real thing.*

tanto comum trazem, especificidades várias assinam, tal qual o ato, afinal “os suicídios bem-sucedidos, atos que chegam ao real, têm tantos matizes quanto os sujeitos que os praticam” (Seldes, 2024 p.46).

Nos matizes muitos, há cores que se apresentam bastante similares, cores em teor categoria e em espaço trabalho, o já referido “colorido de classe” a expressar o caráter social do adoecer e morrer (Pereira, 2011). É nesse lugar estando que talvez nos seja possível pensar que alguns, sem teor plástico, têm “gosto de coisa real”. No plástico mundo que os intenta infantilizar e ditar gramáticas do sofrer e do sarar que, sob calculado método, o produzir mais expressa (Dunker; Silva Júnior; Safatle, 2023), estão eles a matizar as resistências.

E o fazem também porque, afeito à lógica do trabalho mortificante, o ambiente acadêmico não raro pode se descrever por uma “experiência paralisante”, inclusive, e aqui destacadamente, ao docente; profissional a sentir que “as demandas oriundas deste podem gerar angústia profunda, com a qual o sujeito muitas vezes, não consegue lidar” (Matias e Montovaneli, 2024, p. 245).

É nesse ambiente que se experimenta a “depressão profunda” – esta que, longe de especificidade qualquer, constitui-se como patologia a denunciar “nova formatação de vínculo social” (Maia, 2024, 101) – o “morrer ali”. Há uma “perturbação do trabalho que afasta o indivíduo continuamente dele” (Matias e Montovaneli, 2024, p. 246). A alguns sujeitos, a existência parece “incompatível com a realização do trabalho” (*ibid*). Na verdade, o trabalho parece incompatível com o existir, com a vida, com a possibilidade do criar e nisso sentido ter (Marx, 2010). Ali o sujeito faz-se imobilizado “em função da angústia que se apresenta” (Matias e Montovaneli, 2024, p. 246).

Como espaço angustiante, o encanto desejo de habitar a universidade pode converter-se em frustração (Veras; Monteiro; Henriques, 2024). Algo que, também experienciado por discentes, aponta para o “sonho que foi frustrado pela universidade” (Fattore, 2024, p. 290). Esta que, antes, sinônimo foi de projeto de vida – assinalando a imbricada relação entre universidade e sonho, e remetendo a futuro em realizações – apresenta-se em um agora sob enredos de estertor, isso também porque “é inegável que ela é atravessada pela dinâmica presente, que transforma a educação e os sonhos em mercadoria” (Fattore, 2024, p. 290). Nem mesmo os sonhos escapam. Produtos sonham com vitrines.

Se não escapam os sonhos, tão pouco o fazem os sonhadores. É labuta em que o ritmo se faz na rolagem, em que “elimina-se o tempo de dedicação ao estudo, da elaboração e maturação de pesquisas e ideias, de projetos e práticas de intervenção” (Fattore, 2024, p. 291). Para isso, a propósito, há catálogo comprado; ainda que “horrrível” e que seja “uma merda trabalhar com aquilo!” (E5, dados da entrevista, 06/2025). E quanto à formação, o que importa é o retorno que obtido é pelos “cursinhos”, aqueles com “o foco de preparar os alunos para o ENADE” (E5, dados da entrevista, 06/2025) e que fazem a instituição pontuar, algo bonito de se colocar sob a “luz azul”.

Na universidade, “o trabalho intensivo de pesquisa e ensino, contínuo, lento, diário, frequentemente sem resultados inéditos (...) mas que ainda assim colaboram para o progresso da sociedade e daqueles que nela ingressam” (Fattore, 2024, p. 291) se perde. Nada se pode em nada combinar com o lento, é “*put to run*” (E5, dados da entrevista, 06/2025).

Nesse contexto, “é delicado sentir-se no direito de reconstruir a própria vida, de dar a ela o rumo a que deseja sobre um ambiente (...) perverso, desigual, com tantas cobranças, exigências, avaliações constantes” (Sobral, 2024, p.293). Um ambiente que se espraia e faz com que delicado seja pensar em contexto casa que não seja por aquele, perverso e aviltante, invadido, reconfigurando as dinâmicas de também lar e dos sujeitos que nele partilham a vida com os já intentos de “reconstruir a própria vida”. Não há esperança e nem temor (Lacan, citado por Seldes, 2021).

A angústia, como “sinal do real” (Sobral, 2024, p.295), apresenta-se e nela, desenganados, vivemos a hegemonia neoliberal mobilizada para, dentre outras coisas, justificar o mortificante. Este que, sob decisão política violenta extensa e crescente, reflete a tendência que se serve de termos psicológicos para falar do econômico; enredando psicologia moral que coloniza as esferas múltiplas da vida, subjetivamos (Safatle, 2023).

O campo da universidade é permeado por apostas, apostas dos mais variados sujeitos que, vislumbrando-a, se inserem no futuro, um futuro em sonho, em desejo (Veras; Monteiro; Henriques, 2024). Contudo, não raro, tais apostas se redesenham em antagônico horror “(...) ganhamos mais TRABALHO e temos menos VIDA. Meu tempo está acabando...

O dia é muito curto e as 24 horas já não me são mais suficientes”⁵⁷. (UFPA, 2010, sem página). É na insuficiência que, então, se pode constatar: “AQUI JAZ um EX-PROFESSOR que um dia sonhou ser PESQUISADOR” (UFPA, 2010, sem página).

Sonhou. Como ele, ele e ela. Como tantos e avolumados: “com certeza influenciou muito. Tirou a saúde, a vida dele. No fim, tirou tudo” (E3, dados da entrevista, 05/2025). No fim, tirou tudo. Com certeza. “Ela se tornou outra pessoa. Foi morrendo, até que... ele [trabalho] matou ela” (E6, dados da entrevista, 06/2025). Matou ela.

E se mata, mata porque há no suicídio fundamento a apontar para aquilo que se vive no trabalho e nesse sentido, apontam Barreto e Venco (2011), denuncia o ambiente no qual de diferentes maneiras a violência se expressa, como aquelas advindas de constantes pressões, assédios, da competitividade exacerbada, dos sistemas de humilhação e ameaças que, inclusive, incorporadas são como formas estratégicas de gestar e ainda mais produção garantir. Sentindo-se só, em medo e sofrimento, denuncia. São “suicídios-denúncia” (Barreto e Venco, 2011, p. 229).

Um suicídio-denúncia que denuncia “última vontade” (Barreto e Venco, 2011), mas que, antes, tantas vezes aponta para certas esferas do dizer: dizer de quem canta, lava, corre, transa, tomba e morre.

“O sistema capitalista contemporâneo abarca com seus tentáculos todos os espaços de sociabilidade e o mundo do trabalho não está isento, ao contrário. Aqui, ele se manifesta em toda sua potência (...)” (Barreto e Venco, 2011, p. 226) e esta se revela, inclusive, nos processos de vulgarização da violência no cotidiano do trabalho, culpando o sofredor e, em mesmo sentido, tentando liquidar a historicidade que carrega.

O uso deliberado do poder se revela, pois, não apenas no atravessamento exercido nos dominados, é tentáculo posto também no aprisionamento destes já humilhados trabalhadores em apreciações classificatórias tão comuns no biologicismo; as quais

⁵⁷ A carta aqui reportada pode ser acessada na íntegra neste endereço: <https://fauufpa.org/2010/10/17/divulgacao-6/>

solapam a historicidade do assédio e das relações laborais (Barreto e Venco, 2011). As cartas dos desgraçados também isso nos mostram, “*Me desculpa*”. (E2, dados da entrevista, 07/2024).

É terror social que, originariamente articulando-se com o Estado (Barreto e Venco, 2011), diz da configuração que norma se fez em todos os setores e que, por isso, não se descreve como traço pontual, antes, assinala a violência no trabalho como eminentemente organizacional. Esta, por sua vez, resulta em adoecimentos e mortes, afinal diz dos contextos permeados por conflitos, crises, violações aos direitos humanos, “privando frequentemente o trabalhador de seu trabalho e forçando-o à desistência” (Barreto e Venco, 2011, p. 228). Desiste.

O vivido ali, informam estas autoras, desestrutura nossas identidades, é autonegação que mortifica e causa danos irreversíveis, explicitando desespero, desesperança, agonia. Falta liberdade, sobra desprazer, assim como o “sentimento de nulidade e inutilidade, ideações suicidas e posterior morte por suicídio” (Barreto e Venco, 2011, p. 228). O trabalho gera morte. Suicidados.

A despeito disso, e dos estudos que consigo trazem discursos acerca de doenças e mortes no/do trabalho, ainda recai em silêncio estudos que tenham o suicídio em seu nexos causal com o trabalho. Acontece que “ao excluir o mundo do trabalho de nossas análises, não criamos novas possibilidades causais e não compreendemos as novas expressões de dor e sofrimento que nos têm sido impostas neste estágio atual da produção capitalista e que se mostram destrutivas (...)” (Barreto e Venco, 2011, p. 231). Mantemo-nos nos discursos acerca de transtornos mentais e status de patologia a ser tratada.

São muitos, e crescentes, os discursos (inclusive explícitos por aqueles que suicidados foram) acerca do suicídio como fruto direto do sofrimento e estresse vividos no trabalho (Barreto e Venco, 2011). Denunciando pressões e humilhações, em suas mortes dizem-nos acerca das consequências do assédio moral e psicológico assumidos como políticas de gestão que mais pressiona. “Suicido-me por causa da EMPRESA. É a única causa de minha morte voluntária. Não posso mais com as urgências permanentes, o trabalho excessivo” (...), “serei a 20ª vítima assalariada” (Barreto e Venco, 2011, p. 235). A horda é grande, algumas de docentes são: “se meu destino é sofrer, dando aulas (...) a única

solução apaziguadora será o suicídio”. “Não consigo mais ser um bom professor” (*ibdi.*, p. 236). A depressão é conjuntural. É a sociedade da urgência (Mancebo, 2010)!

As mudanças tocam o mundo real da educação, inclusive “nas exigências sobre-humanas de tarefas na Universidade, dos prazos curtos para cumpri-las e da avaliação individual de desempenho docente, que desqualificava o trabalho realizado” (Barreto e Venco, 2011, p. 236-237).

As matrizes dos suicídios docentes, não raro, assumem feições de pressões para produzir, aumento de carga de trabalho, estresse laboral, assédio moral, competitividade, falta de tempo e uma infinidade de tantas outras violências que postas são como forma de gerenciamento e administração do trabalho, estamos no “bosteiro” que, enquanto espaço de trabalho, é “causa de dor, sofrimento imposto, doenças, acidentes e morte por suicídio” (*ibdi.*, p. 241) e que, como tal, mata.

Um bosteiro em que o vazio produtivo, que infla egos e reputações em cenários de competitividade extremada (umas das tantas violências que de cotidiano denominamos), a qualquer momento nos joga do 11º andar: “Na academia, o lema é publicar ou perecer (...) irracionalmente continuo produzindo textos vazios como estes” (Dedalus, 2010, sem página).⁵⁸ Pereceu. “É hora de fechar este blog: eu não sei mais escrever” (*ibdi.*, sem página). Escrevendo-nos, fechou o blog e não apenas.

Ele tem gosto de coisa real.

⁵⁸ Os textos deste que não mais escreve, mas que tanto ainda ensina, podem ser acessados neste endereço: <https://dedalus-atlas.blogspot.com/>.

8 CONSIDERAÇÕES EM QUÊS DE ANÁFORAS E APOSTOS MENOS: um pré à forma vindoura e que sempre tomou

O trabalho é inerente à condição humana, é elemento central na produção do humano existir. O é de tal modo que “conforme se modifica o modo de produção da existência humana, portanto o modo como o ser humano trabalha, mudam as formas pelas quais os homens existem” (Saviani, 2003, p. 133).

Como destacado ao longo desta investigação, foram essas tantas mudanças e ressignificações (que apontam para a realidade objetiva em seu caráter histórico-dialético) que produziram o atual viver e, nele, também o morrer, o trabalhar e trabalhar na universidade na condição de professor. Condição essa aqui explanada a partir de três distintos sujeitos, ofertado-nos sob as miradas de seis outros atores/atrizes que, do universo deles sendo, o universo daqueles nos deixou.

Tal oferta, assinalando a universidade dos dias nossos em diálogo com a realidade neoliberal também hodierna, apontou para os intentos desses professores quanto à produção de formas de viver na universidade, muito embora tenha sido ela (e nos seja) lugar de mortificante vida, de *ethos* violento, de empresariamento e vulneração do eu, de suicídio laboral (Sauaya e Cohen, 2011) em quê de também volitiva ação. Espaço onde se coloca em questão o fazer professoral em sua relação com a objetividade social, os sentidos do trabalho e a sua não realização (Silva e Ruza, 2018).

Em seu fazer docente universitário, os sujeitos de pesquisa suicidados aqui trazidos viveram espaços de gramática horror, em que professores trabalhadores, subjetivos-intersubjetivos que são (Mancebo, 2010), experienciam a precariedade que, antes de passageira, fez-se modelo de relacionamento laboral e social implementados. Enredos a apontar para as violências que, em seu labor docente e nas condições de seu enquadramento, destacavam elementos estressores, violentos e múltiplos que ao autoextermínio conduzem, como conduziram. Uma condução processual, violenta, de choros e depressões, tombamentos e mortes.

Trabalharam eles contínua e exaustivamente ao passo que lubrificavam as engrenagens da sua própria máquina de exploração e morte (Maia, 2024; Leite, 2017). Máquina em que, conforme os dizeres em entrevistas, “rodam as esteiras de Chaplin”, aparecem

“cobras”, a “putaria” se instaura, e se assenta em “choro paralisante”, sem qualquer solidariedade dos colegas que isso observam, já “envenenados” e sem tempo que são.

Seus contextos destacaram as universidades que, nas paradoxais injunções, demonstram as exigências incompatíveis com o viver (Reis, Silva, 2024), revelando *ethos* universitário acoplado ao valor mercantil que, do mercado empresarial aproximando-se, instaurou a moral do assédio. Tal moral, espécie de cultura diária (Silva, 2013) e multifacética (Sauaya e Cohen, 2011), disse-nos do cotidiano enquanto decurso mortal no qual, desidentificando-se, o professor submetido é ao poder que vigora e à identificação forçosa com espaços catalisadores de fobias, pânico e temores, inclusive via controle persecutório que colore a magnitude da submissão/acatamento (Pereira, 2011) e também nisso assinalam a tríade fenomenológica do suicídio laboral (Sauaya e Cohen, 2011).

Eram espaços de desumanização, de penúria moral e intelectual, de assédio diário (Barreto e Venco, 2011; Sauaya e Cohen, 2011), e certa humilhação; não raro pública e a mandos parentais (filhas e esposas ditam regras do produzir docência). Um espaço em que se morre, um espaço que mata. Mata-os, mata-nos (Barreto e Venco, 2011; Sauaya e Cohen, 2011).

A produção de conhecimento era nelas indústria e os crivos de seu critério pautados estavam na quantidade, a qual, em formatos e plataformas diversas, assumiu *sites* e redes sociais. Os “produtos”, nome também dado aos docentes, na “vitrine” giravam incessantemente, correndo da obsolescência que os poderia extirpar do jogo; afinal os “tiros” em cabeças ou pés estavam sempre dispostos e as armas múltiplas sempre empunhadas, disseram-nos os colegas e familiares seus.

Nesses termos, medicando-se de modo crescente, viveram os preceitos da universidade neoliberal em que a condição do sobreviver se fez às custas da própria vida destes professores que não mais vivos estão; ainda que tenham buscado saídas distintas e que ao saírem em definitivo, mesmo ali, professorassem. Em todas essas saídas construíram ensinanças e sob seu caráter intersubjetivo (Marquetti, 2013) expressaram o humano professor, longe da assepsia de costume (Marquetti, 2013, 2014) e, por isso, também reféns do discurso de avaliações individualistas, deterministas e psicopatologizantes (Lima e Navasconi, 2022; Barreto, Berencheim Netto e Batista, 2011; Marquetti, 2018;

Almeida 2021), fundados em epicentro de moralidade condenatória (Reis, 2020) e sob palavrório hipócrita e estéril (Marx, 2006).

Nos finais atos seus de saída, que em sua realidade expressa também este humano professor sob as forças universais com as quais dialeticamente vive no processo civilizatório (Araújo, 2024), disseram-nos dos sentidos da docência. Aquela que, antes, tendo sido a esses professores universitários sonho almejado desde tenra idade ou mesmo aquele construído em intentos de mudança mundo, se tornou sentido de vilipêndio, de insustentável viver, de esvaziamento contra o qual lutaram de formas muitas; fossem “mascarando”, “sorrindo”, ou mesmo “aquilombando” em “barco” que navega sobre águas revoltas. Era teatro de estrelas sem prazer de representação (Dunker, 2023), posto que eram atores de enredo realidade implicada, contestatória e “bagunceira”.

Viveram a peça, navegaram as águas e, ao fazê-lo, compartilharam. Também nisto pareceram apontar enredos distintos daqueles por eles vividos, já que o coletivo professoral nas universidades em que atuavam parecia inexistir, era vida que se fazia em corrida solo. O outro, ainda que docente fosse, soava mais como o hostil competidor em ganas de destacar-se para assim viver no mundo ranqueamentos vulnerabilizantes, aquele propenso ao existismo (Cohen, 2011) e no qual, cindidamente, sorriam a categorização de sadios-aptos-produtivos (Pereira, 2011).

Os “fracassados”, entretanto, expressaram o cercear do desejo, o adoecimento robustecido, a morte explícita (ainda que não dita) no espaço universitário em que o valor de troca, a subjetividade refratada, e o instituído reificador (Silva, 2020) eram roteiro do teatro em desgraça trabalho. Aquele mórbido que, em casa, insta por ordem de invenção qualquer, seja ela do “cozer”, do “lavar”, do construir “estantes” para livros que não serão lidos.

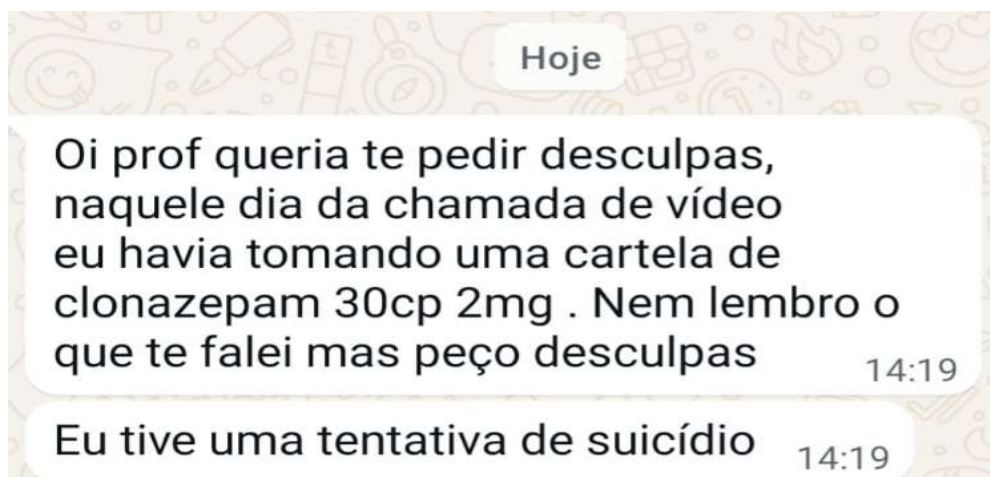
Enfim, foram eles sujeitos que, professorando lá e aqui, apontaram para a docência universitária sob a instabilidade de ordens várias, a depressão advinda dos sôfregos contextos formar em que a cátedra em liberdade e qualidade não são premissas. Horror que adentrou às casas suas e as relações com aqueles que de si tanto diziam. A morada foi também tomada, invadida. Era docência sem separação de tempo, espaço (Cohen, 2011; Leite, 2017). Sequer havia tempo, era rarefeito o ar e sem ele a vida inexistia.

O horizonte de realização jamais chegaria, ao menos não naquela forma de vida que habitavam. Diante estavam do sempre mais, o inalcançável (Safatle, 2023; Maia, 2024; Dardot e Laval, 2016). Foi contexto passível do viver em zumbi forma, talvez pela dor anestesiado; este acerca do qual exatamente se sabe. Talvez saibamos (os três são muitos, dissemos antes).



“Exatamente” (Imagem acervo pessoal, 2025)

E sabe até para aqueles que, discentes, sonham docentes ser:



“Desculpas, prof” (Imagem acervo pessoal, 2025)

Foi a lógica por eles sabida, esta mesma que se enreda também pela culpa, pela responsabilização, pelo fracasso em um mundo no qual empresa se é. As engrenagens, no entanto, pararam.

Antes, contudo, rodaram também em lugares de amorosidade e até mesmo de coletivo que reflete quilombo, algo possível naquilo que junto aos discentes seus construíram. Estudantes que, sentido sendo, a eles sentido davam e, em alguma medida, eram também saída. Saída especialmente potente no contexto de aprisionamento que não raro tomava mais de um turno e endereçava-se a tantas turmas, cursos e modalidades. Parecia estádio.

Foi docência explicitada em dizeres de amores parentais e de colegas professores que, por suporte serem no trabalho com eles partilhado, destoavam daqueles que um coletivo não formavam. Dizeres a apontar categorias que sinalizaram as relações estabelecidas entre os docentes e os sujeitos com quem no trabalho se relacionavam; os sentidos da docência nesse universo professorar; as saídas buscadas, nos formatos vários que assumiram; os espaços laborais em que todo o anterior se deu e que, mais, fez-se casa, vida, um tudo abarcado.

Foi isso vivendo que, sem esperança, o temor também se foi (Lacan, citado por Seldes, 2021), e exitosos (Seldes, 2024) se fizeram sem os “róseos amanhã”; talvez nos indicando a importância desses amanheceres, a denúncia em vontade última (Barreto e Venco, 2011), o ato como resgate de vida (Sauaya e Cohen, 2011) e a “luta social geral” (Marx, 2006) que o ato representa. E representa a nós, o imenso exército de reserva, sempre pronto a responder às necessidades e aos caprichos desses espaços universitários

sob lógicas mortificantes que dizem do neoliberalismo hodierno e das lógicas de trabalho nele empreendidas; um modelo cujo horizonte é nossa própria desqualificação e morte (Maia, 2024; Leite, 2017). É necessária a luta.

E aqui parece-nos especialmente oportuno dela dizer. Infelizmente, não como roteiro aos sujeitos que nesta pesquisa tanto ensinaram e ensinam, mas àqueles que, neles também aprendendo, enredam suas docências em que o futuro ainda cabe.

Sob o entendimento de luta, talvez algumas possibilidades se apresentem. Como aquela advinda do lugar em que, como professores, assinamos organização intersubjetiva (Mancebo, 2010), a qual, a despeito dos vilipêndios tantos, é também expressão da possibilidade do criar. O criar que, poderoso, suspende a cotidiana vida ao criticamente apropriá-la em sua realidade objetiva.

É no criar suspenso e crítico que o desmanche do sólido se dá (Engels, Marx 1999), indicando-nos o caminho em contramão, as brechas pelas quais o escape se forja ao docente quando da organização coletiva. Esta que, na crítica fundada ao prescrito, ruma à ousadia do prazer e da solidariedade (Mancebo, 2010) que emanam vida e vida requerem.

Vida requerida sob dialetização do conflito (Silva, 2023) que mobiliza práxis alternativas e potencialidades políticas (Silva, 2013). Vida a refletir a imortal ciência imaginativa que, como proletários, e como proletários educadores, nos funda (Marx, 2007) e pela qual imaginamos mundo melhor enquanto sujeitos histórico-desejantes (Silva, 2023). Um mundo longe do normativo mortificante, que avança em razão outra (Dardot e Laval, 2016).

Tal consciência em luta coletiva, sob o ecoar das vozes de tantos outros autores, encontra também força nos dizeres de Silva e Ruza (2018), que nesse lugar crítico apostam na necessária defesa quanto à abertura de caminhos referentes à revalorização solidária e coletiva da profissão docente; processo que junto se dá à reconstrução do reconhecimento do professor e de seu professorar.

Esse processo, avisam-nos, implica no resgate das dimensões éticas, afetivas e comunitárias do trabalho educacional, contrapondo-o à racionalidade neoliberal que

transforma o professor, dentre outras coisas, em gestor de resultados: “é preciso restituir à docência o direito de ser reconhecida não pelo que produz, mas pelo que representa como prática social de formação humana” (Silva & Ruza, 2018, p. 14).

É luta pelo reconhecer que, retomando as dimensões postas, assinala também a retomada do trabalho em si e, tão logo, do espaço e das formas pelas quais este se dá. Formas que, ao dizerem de vida, apontam para o não ali e em função dele morrer. É anseio que se recusa ao fatalismo, que luta não de modo ingênuo para o referido desmanche, possível no e através do coletivo. Este, de fato sendo-o, poderá reafirmar a urgência de políticas e práticas institucionais capazes do reestabelecimento do vínculo entre reconhecimento, dignidade e trabalho docente (Silva, Ruza, 2018); condição indispensável quando da ousadia de educar em seu sentido de resgate democrático.

Educar que resgata longe do fatídico herói. O faz, ao contrário, sob o lugar histórico da luta trabalhadora organizada, essa que desmancha o sólido e que nisso pode do professorar fazer espaço de habitação em vida.

O professorar vital na vida possível! Possível...

Esta investigação, sabemos, é apenas uma de tantas distintas formas de compreender o fenômeno aqui trazido. Tantas. E, mais, uma das tantas possíveis formas de dizer dessas compreensões, de um fazer pesquisa que, como tal, é incompleto, aberto, afeito à continuidade. Uma pesquisa que, espero, a muitas outras se some, afinal delas precisamos. Certamente, sob maior amostragem, sob distinta abordagem (por exemplo, quantitativa), sob distinto objetivo (documental), sob tantos distintos possíveis, outras zonas de sentido (González Rey, 2005) se poderão mostrar; em tear de costureiro outro, mais ou menos retilíneo, acadêmico, professor, adoecido. Outro.

E que o seja a fim de que também os espaços do inteligível inesgotável da ciência sigam em diálogos de abertura, aprofundamentos, continuidades, inclusive em seu lugar transversalizado no que tange ao próprio ato da investigação. Ato que, dentre outras coisas, é expressão do contraditório no humano fluxo do viver (Gonzalez Rey, 2002).

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Havia uma moça em meu bairro que sempre me parava para falar da vida dela: dos amores; da vez em que o namorado, para buscá-la, foi com helicóptero na escola onde ela trabalhava; da sua expertise na sala de aula, inclusive quando dos inesperados tiroteios. Ficávamos, às vezes hora, falando desses amores, dos casos, dos desafios da matemática (contadora licenciada que era), de tudo naqueles enredos de “professora designada” em cidade empobrecida da região metropolitana de Belo Horizonte. Me lembro de com ela, ainda adolescente, entender o que era a realidade possível. Ela era vista como louca e, sinceramente, eu olhava a poesia dos enredos dela, como eram eles o horizonte de estada humanizada. Uma professora só e solitária, à espera na esquina de ouvido qualquer, ainda que fosse ele o mais inapto e juvenil. Em alguma medida, me alegra que, a despeito do bairro que a rechaçava, ela tenha ido deste modo. Com seus enredos, com suas histórias, seu helicóptero, com a potência do mundo que construiu para si, "imunizando-a dos ataques do bairro são", da loucura desmedida (e já naqueles dias não mais vivenciada) da sala de aula. Foi-se a seu modo.

Continuou mestra, nas esquinas e no agora.

(Relato sobre uma professora que tanto ensinou)

Quando se vai o sentido, restam as lágrimas que, rememorando aquele tempo de sonho, deparam-se agora com a dureza visceral da realidade. Aquela em que a solidez é ruína onde mal podem apoiar-se os pés, tentando equilíbrio em qualquer pedregulho, em qualquer caco que permita ainda estar de pé.

Nesse choroso caminho, resta-nos, se ainda força há, mirar cada pedregulho e tentar, esperando e coletivamente, a coleta de cada um desse restolhos para deles fazer rua estruturada, onde podem caminhar os pés e inventar, sob a lucidez crítica (Freire, 2004), enredos em que a vida habite, em que o riso dite os ritmos, em que professorar seja sinônimo de mudanças e mudanças em coletividade trabalhadora.

É necessária a gramática de resposta aos tempos nossos, tão incertos e, ao mesmo tempo, certos quanto às mazelas que podem construir e que tanto destroem, desumanizam, naturalizam o horror morte do trabalhador. Nos fazeres ensinantes nossos, caberão versos

da resistência, nossas lutas de onírica realidade, a capacidade imaginativa que maior é que o anunciado e posto péfido presente (Willians, 2015).

*“Era o único modo de sentir a vida,
a única cor, a única forma: agora acabou.
Sobrevivemos: e é a confusão
de uma vida renascida fora da razão.
Te suplico, ah, te suplico: não queiras morrer”.*
- P. P. Pasolini (Súplica à minha mãe, 1962,
Sobrevivência dos vaga-lumes)

*“É somente no momento da morte que nossa
vida, até então ambígua, indecifrável, suspensa,
adquire um sentido”.*
- Pasolini (Empirismo Herege, 1982)

Um péfido presente em que os vaga-lumes, inumanos, desprovidos de suas vidas, vivem as experiências possíveis no mundo contemporâneo que os encerra, como “molde” e como fim. Porque há fim.

Aqui remonto às palavras de Furtado (2017) ao dizer da morte que, objeto desconhecido, tem na sua própria impalpabilidade uma possível resposta. Longe de querer capturá-la na concretude palpável, cabe o ofício de localizá-la, historicizá-la quando vida era e, tal qual circunspecto historiador, compor com as pistas que se mostram, a fim de a morte encarar em sua crueza reveladora. Revela-nos.

Revela-nos o que damos conta de ver e aquilo que também despercebido nos passa, talvez inclusive como proteção necessária ao horror que, nos assombrando, demasiado nos poderia ser ter de facear. Acontece que, entre recusas e aceites, ela se revela.

E se revela entre historiadores, psicólogos, médicos, num sem número de vidas docentes universitárias que, ao morrerem, quase que apenas números são, dependendo do encaixe que a elas se deseja dar, afinal o tabu permanece. É necessária a arte e a arte de também desmascarar.

No dialogismo de textos-vida, o encontro de todos em um lugar: o suicídio. Fulminando pretensas respostas, é ele indicativo de coisas várias; inclusive daquelas acerca das quais nos recusamos a dizer.

Não há martelo a ser batido, ao menos não nesse sentido, muito embora nos pareçam bastante possíveis sentenças sobre a precariedade da vida em trabalho, sobre as ensinanças daqueles que tiveram coragem de dizer o que intentamos afastar, sobre os choros por nós presenciados – ainda que tenhamos a eles destinado nossas reflexões de 10 minutos, anteriores aos sinais de início de aula.

De algum modo, ao partirem eles, partem-nos. E o fazem à medida que quebram nossas compreensões acerca da vida, dos sonhos, do seguir como movimento de quem insiste, como se a parada também não o fosse. Partidos, balbuciamos impressões, intentos de boniteza, vagas conjecturas e também a esterilidade do inútil palavrear, como disse-nos Marx (2006).

No cuidado, nos impedimos aos abruptos movimentos. Algo que, salutar, por vezes, perde-se em demasiado silêncio, impedindo-nos, inclusive, da coragem de assinalar fato que na obviedade nos toma: o trabalho nos mata e tem matado. Mas parece que, boa parte de nós, aceita o matar até que haja vida para dele dizer, quando o matar(se) assume feição morte, é fronteira de assombro a afirmação.

Assombrados, nos fortalecemos em acadêmico cuidado, o mesmo que por vezes nos faltou em relação aos acadêmicos sujeitos, o que diz inclusive de nós. Talvez nos restem aqueles “fósforos riscados inesperadamente na escuridão da noite” (Wolf, p.173), aqueles nos quais, ainda que sob o vacilar dos já frágeis e fartos dedos, pode haver gota alguma de pequeno milagre qualquer, tal qual nos diria Woolf; querida pela quase literata docente que não mais pode dela falar.

São apenas pequenos lampejos de luz, os poucos e mantenedores da certeza de que a escuridão, que toma e assombra, não é certa e infinita (a solidez se desmancha, sabemos). Mas, ressalto, toma assombrosamente e os dedos estão já frágeis.

O viver em vilipêndio não os permite, nessas madrugadas, muito acender. Precisam de foco: há provas a corrigir, aulas a preparar, projetos a executar, baremas a atingir, e, quiçá em meio a tudo, sonhos a tentar cultivar sem atropelo que vida leva. Também ressalto, não é certa e infinita.

Há vidas possíveis no coletivo organizado em crítica luta; há frestas que se colocam em contornos quilombo (a mesma quase literata mostrou), que, reavivando os ousados prazeres, a solidariedade, os elementos que vida emanam, nessa mesma vida nos faz viventes em trabalho. São necessárias as retomadas em sentido, são vitais!

Importa dizer que, se o trabalho não mata, ele tira a vida. E o faz mortificando-a paulatinamente. Como sujeitos complexos que somos, sob os tantos atravessamentos que temos, tais quais dos sujeitos aqui trazidos, muitos são os elementos que, ferindo-nos, tocam as dinâmicas da vida nossa impactando-a em sua totalidade. De modo honesto, não deles nos furtamos, ainda que não sejam postos em primeira tela. Contudo, também honestamente, há que se considerar que, existindo, são eles atravessados por contextos de trabalhos que, antes de seguridade ofertar, funcionam como espaço estranhado, afeito às dinâmicas mortificantes.

Na incansável busca pela felicidade, o paradoxo se instala: quanto mais se tenta feliz estar, mais cansado se fica. Não há felicidade que em todo tempo se sustente, especialmente quando de mundos que têm na violência seu elemento fundante; estes de precarização que a todos se volta como lugar do existir, do viver e estar. É na reificação que se ordenam e, como tal, na desumanização que sustentam a máquina que gira e maquinário nos quer fazer. O sorrir forçado é apenas mais uma de suas formas de rotação. Existismo nadificado.

Negar a difícil vida e suas contradições, negá-la em seus trabalhos de desenho morte, é também negar a possibilidade de transformar aquilo que cotidianamente nos mata. Empurrar as verdades menos quistas diz do empurrão que damos em nós mesmos rumo ao abismo que tão vorazmente construído é para que destino nosso seja. O buraco engole. Na inadequação do sorriso não dado, está a revolta em justa ira (Freire, 2006), aquela que, consciente, recusa-se à culpabilização, à ideia de “aguentar”, ao passo que a ansiedade nos engole.

Mais que uma tristeza medicada, sob metódico enredo em gramáticas do sofrer e classificar, precisamos dos contextos que aura medicamentosa não exijam e não nos inventem. Carecemos de humanização pela qual vale a parada, a greve, a luta, a “rede de apoio” que se recusa à “qualidade” expressa em autossuficiência. Vale a parada! Parar é seguir...



“Súbito” (Acervo pessoal, 2025)

Às vezes, de modo choroso seguimos. É apenas esse o seguir possível. Como se percebêssemos um desmanchar que se anuncia, mesmo nos pequenos e inimaginados detalhes. Do íntimo ao súbito, parece haver certo despedaçar.

Sentir esse movimento é difícil, um custo que, compartilhado com docentes tantos, parece levar a um tudo que se perde, do sentido ao eu mesmo. Em mundos de desmanche e vazio há, entretanto, encontros; estes que, mesmo não inteiros, dizem da inteireza em pedaços. Cansada, vilipendiada, chorosa, mas ainda insistente e, também por isso, caminhante e viva. No espaço vazio em nós aberto, há, pois, espaço à criação. À possibilidade de melhor olhar a suspensa vida, entendendo-a como vida de enredo em permanência outra, inclusive e principalmente no traçado professoral que em si sustenta.

Durante um tempo, tive uma aposta. Um discurso a partir de lugar muito localizado, de referencial que, a despeito de coração ser, não necessariamente coadunava com o coração

que nele estando precisa também em fontes outras buscar para dizer. É apenas assim que a palavra sai, ainda que tímida e de vozeado cambaleante; pelo cansaço e pelos cambaleios enfrentados e a enfrentar durante processo cheio de rompantes, cheio.

A aposta nas encruzilhadas epistemológicas aqui já ditas, aponta para certa hibridização/encontros dos diálogos, não como forma de desrespeito ou fuga de debate qualquer (ao menos não como intento), mas sob processo de aliança entre linguagens que podem mirar lugar mesmo, dizendo-nos do tom multifacetado. É recurso de quem, também em agonia, risca os fósforos com dedos frágeis, e intenta fala de respiração sobrevivente. Afinal, sou um alguém docente, um ser do subjetivo-intersubjetivo, delimitado e produzido pela objetividade histórica.

*Tenho morrido muitas vezes.
Depois, respiro fundo,
Lavo o rosto, sigo em frente.
(...) Eu sigo renascendo
- Morrer - Pedro Munhoz*

A poesia é meu mundo, e é apenas faceando-a, ainda que sob a vulgaridade lacunar minha, que eu poderia me propor a um honesto diálogo. Este que, de também professor, é denso, difícil e mesmo vulgar, já que é filho de pai igual.

É um dizer possível dentro dos contextos sem possibilidades tantas, aquele que sempre me coloca em diálogo com o que poderia ter sido e não foi (Bandeira, 1998). O que nascido nas madrugadas chorosas, termina em mesmo lugar.

Aquele que, sob nome tese, em mim joga o peso do acadêmico, da avaliação terceira, do meu medo sempre presente da insuficiência. O insuficiente e visceralmente honesto, fruto do já dito “cavucar”, artimanha de quem procura saídas na limitada vida e que, por assim ser, dialoga com a vida de proletários tantos, dentre os quais docentes e docentes universitários. Unamo-nos. E o façamos porque o amanhã aqui se anuncia...



“Amanhã” (Acervo pessoal, 2025)

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, G. S. C; TOSTES, M. V.; SILVA, M. J. S.; HAUER JUNIOR, A. Sofrimento mental de professores do ensino público. **Saúde em Debate**, v. 42, p. 87-99, 2018.

ALMEIDA, Flávia Andrade. **Suicídio e Medicalização da vida** – reflexões a partir de Foucault. 1. ed. Curitiba: CRV, 2021.

ANDRÉ, M. E. D. A. **Estudo de Caso em Pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

ANDIFES. **Perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das universidades federais brasileiras**. Brasília-DF: Fórum Nacional de Pró-reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis, 2018. Disponível em: <https://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-Nacional-de-Perfil-Socioeconomico-e-Cultural-dos-as-Graduandos-as-das-IFES-2018.pdf>

ARAÚJO, T. B. **Do desespero ao sacrifício**: uma compreensão do suicídio a partir de Theodor Adorno e Max Horkheimer. 20247. Tese (Doutorado em Educação e Saúde na Infância e Adolescência) – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos-SP, 2024.

ARAÚJO, T. B. Suicídio, política e sociedade: elementos para uma Suicidologia Crítica. In: LIMA, Luana (Org.); Navasconi, Paulo Vitor Palma (Org.). **(Re)pensando o suicídio**: subjetividades, interseccionalidade e saberes pluriépistêmicos. 1. ed. Salvador: Edufba, 2022.

ARONSSON, G; GUSTAFSSON, K & DALLNER, M. Sick but et ay work. An empirical study of sickness presenteeism. In: **Journal of Epidemiolog and Comumunity Health**, 54 70, 502-509. Disponível em: <http://jech.bmj.com/cgi/content/abstract/54/7/502>, 2000.

ARTAUD, A. **Escritos de Antonin Artaud**. Organização, Tradução e Notas de Claudio Willer. 2ªed. Porto Alegre: L&PM, 2019.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papirus, 1994.

AYOUB, C. N. A.. Agostinho contra Tito Lívio: pudor, estupro e suicídio feminino. **Dissertatio** (UFPEL), v. 10, p. 351-370, 2020.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BANDEIRA, Manuel. **Libertinagem**; Estrela da Manhã. Ed.crítica. São Paulo: ALLCA XX, Scipione, 1998.

BARRETO, M. M. S. (Org.); BERENCHTEIN NETTO, N. (Org.); BATISTA, L. (Org.). **Do Assédio Moral à Morte de Si**. Significados sociais do Suicídio no trabalho. 1. ed. São Paulo: Matsunaga / SindQuim-SP, 2011.

BARRETO, M; VENCO, S. Da Violência ao Suicídio no Trabalho. *In*: BARRETO, M. M. S. (Org.); BERENCHTEIN NETTO, N. (Org.); BATISTA, L. (Org.). **Do Assédio Moral à Morte de Si**. Significados sociais do Suicídio no trabalho. 1. ed. São Paulo: Matsunaga / SindQuim-SP, 2011.

BERENCHTEIN NETTO, N. A morte proibida do trabalhador. Análise histórico-social das relações entre suicídio e trabalho. *In*: BARRETO, M. M. S; BERENCHTEIN NETTO, N.; BATISTA, L. (Orgs.). A morte proibida do trabalhador. Análise histórico-social das relações entre suicídio e trabalho. 1ed.São Paulo: Matsunaga / SindQuim-SP, 2011.

BERENCHTEIN NETTO, N. (Org.); BATISTA, L. (Org.). **Do Assédio Moral à Morte de Si**. Significados sociais do Suicídio no trabalho. 1. ed. São Paulo: Matsunaga / SindQuim-SP, 2011.

BERENCHTEIN NETTO, N.; CARVALHO, B.P. Contribuições da Psicologia Histórico Cultural para a compreensão da morte de si. *In*: MARQUETTI, F. (Org.). **Suicídio**: escutas do silêncio. 1ed.São Paulo: Unifesp, 2018, v. 1, p. 23-62.

BERENCHTEIN NETTO, N.; CARVALHO, B. P.; ANTUNES, M. A. M. Da morte voluntária ao suicídio: construção social e histórica de um conceito. *In*: LIMA, L. (Org.); Navasconi, P. V. P. (Org.). **(Re)pensando o suicídio**: subjetividades, interseccionalidade e saberes pluriépistêmicos. 1. ed. Salvador: Edufba, 2022.

BERENCHTEIN NETTO, N. Trabalho, universidade e suicídio: uma análise da precarização/intensificação do trabalho docente desde o materialismo histórico-dialético. *Advir* (ASDUERJ), v. 33, p. 67-85, 2015.

BEZERRA FURTADO, SYLVIA BEATRIZ. Pasolini. Das modulações das formas fílmicas. **Rev Famecos (Online)**. Porto Alegre, v. 24, n. 2, maio, junho, julho e agosto de 2017.

BRAGA, C.; CHEVITARESE, L.P.. Considerações sobre a Sociedade do Desempenho e o problema da alteridade em Byung-Chul Han. **Revista Sísifo**, v. 14, p. 78-100, 2021.

BRAGA, R. **A política do precariado**: do populismo à hegemonia lulista. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2012.

CAMPOS, L. J.; ALQUATTI, R.; GARBIN, S. R.; PEREIRA, I. Trabalho e suicídio: gesto de resistência final. **Estudos e Pesquisas em Psicologia (Online)**, v. 16, p. 86-103, 2016.

COHEN, E. Conceito de natureza humana, trabalho e subjetividade: um aporte para pensar a problemática do suicídio no mundo do trabalho. *In*: BARRETO, M. M. S. (Org.); BERENCHTEIN NETTO, N. (Org.); BATISTA, L. (Org.). **Do Assédio Moral à Morte de Si**. Significados sociais do Suicídio no trabalho. 1. ed. São Paulo: Matsunaga / SindQuim-SP, 2011.

CORTELLA, Mário Sérgio. **A Escola e o Conhecimento**: fundamentos epistemológicos e políticos. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2019.

DANTAS, O. M. A. N. A.; FRANCO, M. V. A. **Pesquisa Exploratória**: aplicando instrumentos de geração de dados – observação, questionário e entrevista. *In*: XIII Congresso Nacional de Educação (XIII EDUCERE), 2017, Curitiba, PR. Anais do XIII EDUCERE. Curitiba, PR: PUC-PR, 2017.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

DEJOURS, C. Sofrimento e prazer no trabalho: a abordagem pela psicopatologia do trabalho. *In*: LANCMAN, S., SZNELWAR, L. (orgs.). **Christophe Dejours**: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, parte I, cap.4, p.141-156, 2004.

DE MEIS, L.; VELLOSO, A.; LANNES, D. R. C.; CARMO, M. S. do; MEIS, C. de. The growing competition in Brazilian science: rites of passage, stress and burnout. **Brazilian Journal of Medical and Biological Research**, Brazil, v. 36, p. 1135-1141, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bjmb/a/X9Fby6spKPD7B9mt4PcSHsF/?lang=en>

DUNKER, C. I. L. A hipótese depressiva. *In*: SFATLE, V.; SILVA JUNIOR, N.; DUNKER, C. I. L (Orgs). **Neoliberalismo como Gestão do Sofrimento Psíquico** (Primeira Edição Portuguesa). 1. ed. Setúbal: Daruê, 2023.

EAGLETON, T.. **Ideologia**: uma introdução. Boitempo: Ed. UNESP, 1997.

ENGELS, F.. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 2010.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **O manifesto comunista**. 5.ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1999. 65 p. Disponível em: <https://bds.unb.br/handle/123456789/235?mode=full>

EVARISTO, C.. **Olhos d'água**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

FATTORE, A. A universidade é a realização de um desejo? *In*: VERAS, M. F. A. S.; MONTEIRO, L. F.; HENRIQUES, R. P. (Orgs.). **Escutas do indizível**: a urgência subjetiva dos universitários. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2024.

FREIRE, A. M. A. Utopia e democracia: os inéditos-viáveis na educação cidadã. *In*: AZEVEDO, José Clóvis de *et al.* (Orgs.). **Utopia e democracia na educação cidadã**. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS), 2000. p. 13-21.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004. 148p.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

FUKUMITSU, K. O.. Suicídio: do desalojamento do ser ao desertor de si mesmo. **Revista USP Direitos Humanos**, p. 103-114, 03 set. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/re>. Acesso em: 19/11/2023.

FUKUMITSU, K. O.. A busca de sentido no processo de luto: escuta Zé Alguém. **Revista de Gestalt**, v. 19, pp. 59-61, 2014.

GIL, A. C. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMIDE, A. P. A.. Notas sobre suicídio no trabalho à luz da teoria crítica da sociedade. **Psicologia: Ciência e Profissão [online]**. 2013, v. 33, n. 2, pp. 380-395. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-98932013000200010>>. Epub 05 Ago 2013. ISSN 1982-3703. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932013000200010>.

GONÇALVES-FILHO, J. M. Humilhação social – um problema político em psicologia. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 9, n.2, p. 11-67, 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psusp/a/s63y4NmBfsHYpwm3gtw4wFD/>

GONZÁLEZ REY, F. L. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: Os processos de construção da informação. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

GONZALEZ REY, F. L.. **Pesquisa qualitativa em psicologia**: caminhos e desafios. São Paulo: Thomson, 2002.

GONZÁLEZ REY, F. L. A pesquisa e o tema da subjetividade em educação. *In: Anais da 24ª. Reunião Anual da ANPED*. Outubro 2001.

HAN, B-C. **Capitalismo e impulso de morte**: ensaios e entrevistas. Petrópolis: Vozes, 2021.

HAN, B-C. **Rostos da Morte**. Lisboa: Relógio D'Água, 2021.

KAWAHALA, E.. **A encruzilhada tem muitos caminhos...** teoria descolonial e epistemologia de Exu na canção de Martinho da Vila. 2014. Tese (Doutorado em Literatura) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014.

LAFARGUE, P. **O Direito à preguiça**. São Paulo: Editora Unesp, 1883/1999.

LEITE, J. L.. Publicar ou perecer: a esfinge do produtivismo acadêmico. **Revista Katálysis** (impresso), Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 207-215, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/rTNwzBPvRFcBNchvNg6yczB/?format=pdf&lang=pt>

LIMA, L. (Org.); NAVASCONI, P. V. P. (Org.). **(Re)pensando o suicídio**: subjetividades, interseccionalidade e saberes pluriepistêmicos. 1. ed. Salvador: Edufba, 2022.

LIMA, L.. Suicídio como um ethos do neoliberalismo? *In: LIMA, L. (Org.); Navasconi, P. V. P. (Org.). (Re)pensando o suicídio*: subjetividades, interseccionalidade e saberes pluriepistêmicos. 1. ed. Salvador: Edufba, 2022.

LÜDKE, M. ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LUKÁCS, G. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social**. São Paulo, Boitempo, 2010.

LUKÁCS, G. **História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MAIA, Heribaldo. **Neoliberalismo e sofrimento psíquico: o mal-estar nas universidades**. 2. ed. Recife: Ruptura, 2024.

MANCEBO, D. Subjetividade docente. *In*: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. M. C.; VIEIRA, L. M. F. **DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. **Didática**, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MARQUETTI, F. C. **O suicídio como espetáculo na metrópole**. São Paulo, SP: Fap-Unifesp, 2013.

MARQUETTI, F. C. O suicídio e sua essência transgressora. **Psicol. USP** [online]. 2014, vol.25, n.3, pp.237-245.

MARQUETTI, F. C. **Suicídio**, escutas do silêncio. 1. ed. São Paulo: Editora Fap-Unifesp, 2018.

MARX, K.. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARX, K.. **Sobre o suicídio**. São Paulo: Boitempo, 2006.

MARX, K.. **Manuscritos Económico-Filosóficos**. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, K.. **O 18 brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, K.. **O Capital - Livro I – crítica da economia política: O processo de produção do capital**. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2017.

MARX, K.; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MATIAS, R.; MONTOVANELI, F. Sobre inibição no contexto acadêmico: de paralisada a destacada! *In*: VERAS, M. F. A. S.; MONTEIRO, L. F.; HENRIQUES, R. P. (Orgs.). **Escutas do indizível: a urgência subjetiva dos universitários**. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2024.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

- NEGRI, A.; HARDT, M. **El trabajo de Dionisios**. Ediciones Madrid: Akal, 2003.
- NETTO, J. P.. **Karl Marx: uma biografia**. São Paulo: Boitempo, 2020.
- NÓVOA, A.. **Pedagogia: a terceira margem do rio**. Conferência "Que currículo para o século XXI?", São Paulo, Brasil, 2010. Disponível em: www.iea.usp.br/textos - Acesso em 25/10/2020.
- NÓVOA, A. (org.). Cap. I Os professores: Um “novos” objeto da investigação educacional?. *In: Vidas de professores*. Parte I: Os professores e as histórias da sua vida. Coleção Ciências da Educação. 2ª ed. Porto: Porto Editora, 1992.
- PASCHOALINO, J. B. Q. **O Professor Desencantado: matizes do trabalho docente**. Belo Horizonte: Armazém de Ideias, 2009.
- PASCHOALINO, J. B. Q. **Síndrome de Burnout: uma realidade na Escola Pública?** *In: II Simpósio NETE*. Belo Horizonte: NETE/FaE/ UFMG, 2004.
- PASCHOALINO, J. B. Q. **Matizes do mal-estar dos professores: um estudo de caso de uma escola pública do ensino médio**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- PEREIRA, L. B. O mundo do trabalho e as questões éticas que envolvem o adoecer e o morrer dos trabalhadores. *In: BARRETO, M. M. S. (Org.); BERENCHTEIN NETTO, N. (Org.); BATISTA, L. (Org.). Do Assédio Moral à Morte de Si*. Significados sociais do Suicídio no trabalho. 1. ed. São Paulo: Matsunaga / SindQuim-SP, 2011.
- PROST, A.; VINCENT, G. **História da vida privada**. 5. ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2009.
- REIS, A. C.; SILVA, Eduardo Pinto e. Como se fosse uma Companhia de Mineração e nós fôssemos os mineiros: o estudo do pós-graduando como trabalho precarizado e não-reconhecido. **Trabalho (En)Cena**, v. 1, p. 1-27, 2024.
- REIS, A. H.. **História do Suicídio – Livro 1 – Variações Antigas e o Domínio do Cristianismo**. 1. ed. Belo Horizonte: Páginas Editora, 2020.
- SFATLE, V. A economia moral neoliberal e seus descontentes. *In: SFATLE, V.; SILVA JUNIOR, N.; DUNKER, C. I. L (Orgs). Neoliberalismo como Gestão do Sofrimento Psíquico* (Primeira Edição Portuguesa). 1. ed. Setúbal: Daruê, 2023.
- SFATLE, V.; SILVA JUNIOR, N.; DUNKER, C. I. L. **Neoliberalismo como Gestão do Sofrimento Psíquico** (Primeira Edição Portuguesa). 1. ed. Setúbal: Daruê, 2023.
- SANTOS, W.B.; SANT'ANA, T. F.; MOTA, M. C. C.; FALEIRO, W. **Suicídio Universitário: uma questão de identidade ou de profissionalização**. Goiânia: kelps, 2019. (Edição Kindle).
- SAUAYA, D.; COHEN, E.. O enigma do suicídio no mundo do trabalho. *In: BARRETO, M. M. S. (Org.); BERENCHTEIN NETTO, N. (Org.); BATISTA, L.*

(Org.). **Do Assédio Moral à Morte de Si**. Significados sociais do Suicídio no trabalho. 1. ed. São Paulo: Matsunaga / SindQuim-SP, 2011.

SAVIANI, D. O choque teórico da Politecnia. Educação, Trabalho e Saúde. Rio de Janeiro: **EPSJV/FIOCRUZ**, v. 1, p. 131-152, 2003.

SAWAIA, B. S. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. *In*: SAWAIA, B. S. **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis, Vozes, 2017. p. 97-118.

SCHEFER, M. C. **Pedagogia do Destino**: um estudo etnográfico. 1. ed. Curitiba: CRV, 2017.

SENNETT, R. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. 4. ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1995.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SHNEIDMAN, E. **Suicide as Psychache: A clinical approach to self-destructive behavior**. London: Jason Aronson, 1993.

SILVA, E. P. e. Subjetividade e sociabilidade: reflexões sobre o trabalho e saúde do professor universitário sob uma perspectiva freudo-marxista. **Advir (ASDUERJ)**, v. 30, p. 19-31, 2013.

SILVA, E. P. e. Trabalho e subjetividade na universidade: por uma visão global e multifacetada dos processos de sofrimento e adoecimento. **Archivos Analíticos de Políticas Educativas / Education Policy Analysis Archives**, v. 28, p. 1-30, 2020.

SILVA, Eduardo Pinto e; RUZA, F. M. . A malversação do reconhecimento no trabalho docente precarizado e intensificado. **Trabalho (En) Cena**, v. 3, p. 03-16, 2018.

SOBRAL, E. Angústias frente a experiência da Universidade Pública. *In*: VERAS, M. F. A. S.; MONTEIRO, L. F.; HENRIQUES, R. P. (Orgs.). **Escutas do indizível**: a urgência subjetiva dos universitários. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2024.

TARDIF M.; LESSARD, C.. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

TARDIF, M.. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2014.

TELES, M. A. A. Reflexões sobre a violência. Significados historicamente construídos. *In*: BARRETO, M. M. S. (Org.); BERENCHTEIN NETTO, N. (Org.); BATISTA, L. (Org.). **Do Assédio Moral à Morte de Si**. Significados sociais do Suicídio no trabalho. 1. ed. São Paulo: Matsunaga / SindQuim-SP, 2011.

VERAS, M. F. A. S; MONTEIRO, L. F.; HENRIQUES, R. P. (Orgs.). **Escutas do indizível**: a urgência subjetiva dos universitários. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2024.

VORSATZ, I. **Antígona e a ética trágica da psicanálise**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/FAPERJ, 2013.

WILLIAMS, R. **Recursos da esperança: cultura, democracia, socialismo**. São Paulo, SP: Editora Unesp, 2015.

REPORTAGENS:

Bahia no ar.com. **Sepultado nesta terça-feira 30, professor da UESB que se suicidou**. 30 de março de 2015. Disponível em: <<https://bahianoar.com/sera-sepultado-nesta-terca-feira-31-professor-da-uesb-que-se-suicidou/>> Acesso em 20/10/2020.

GAZETA CENTRAL; **Professor de Educação Física comete suicídio em Ouro Preto do Oeste**; Ouro Preto do Oeste/RO; 16/05/2020. Disponível em: <<https://www.gazetacentral.com.br/MateriasDetalhes.php?Codigo=23174&Titulo=professor-de-educacao-fisica-comete-suicidio-em-ouro-preto-do-oeste>> Acesso em: 26/10/2020.

Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior - ANDES-SN. **Produtivismo docente pode adoecer, matar e até levar ao suicídio**. Portal ANDES. 08/11/2017. Disponível em: <<http://portal.andes.org.br/andes/print-ultimas-noticias.andes?id=9149>> Acesso em: 20/10/2020.

Sindicato dos trabalhadores em Educação pública do Paraná/ APPSINDICATO. **Suicídio de Professores no Paraná aumenta 15 vezes em cinco anos**. Boletim da APP-Sindicato. 14 de outubro de 2019. Disponível em: <<https://appsindicato.org.br/suicidio-de-professoras-no-parana-aumenta-15-vezes-em-cinco-anos/>> Acesso em: 15/10/2020.